## UNEMAT – UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO PRÓ REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS – PPGEL

### LEANDRO RODOLFO RESENDE

## O POÉTICO EM NARRATIVAS ORAIS DE VELHOS DE ALTO ARAGUAIA-MT

### UNEMAT – UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO PRÓ REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS – PPGEL

#### LEANDRO RODOLFO RESENDE

### O POÉTICO EM NARRATIVAS ORAIS DE VELHOS DE ALTO ARAGUAIA-MT

Dissertação apresentada ao programa de pósgraduação *stricto sensu* em Estudos Literários – PPGEL, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Estudos Literários, na área de Letras, sob a orientação da Profa. Dra. Tieko Yamaguchi Miyazaki.

## BANCA EXAMINADORA

# O POÉTICO EM NARRATIVAS ORAIS DE VELHOS DE ALTO ARAGUAIA-MT

BANCA:	
	Profa. Dra. Tieko Yamaguchi Miyazaki (Orientadora) (UNEMAT)
	Prof <sup>a</sup> . Dr <sup>a</sup> . Milena Cláudia Magalhães Santos Guidio (UNIR)
	Profa. Dra. Walnice Aparecida Matos Vilalva (UNEMAT)

### Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

RESENDE, Leandro Rodolfo.

O poético em narrativas orais de velhos de Alto Araguaia-MT. Tangará da Serra - MT / Leandro Rodolfo Resende. – 2013. \_\_\_\_ f.

Orientadora: Profa. Dra. Tieko Yamaguchi Miyazaki.

Universidade do Estado de Mato Grosso de Tangará da Serra. Pró Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Programa de Pós Graduação em Estudos Literários, 2013.

1. Poética Oral. 2. Memórias. 3. Narrativas Orais. 4. Poesia Narrativa. 5. Literatura popular. I. Título.

CDU:

Bibliotecária:

Aos meus guias desde os tempos idos de menino: Irene, Laís e Salvy.

Qual é o homem que nesse mundo viveu, porém nunca foi menino? Existiu e não nasceu? A mãe dele se conservou virgem até quando o neto morreu? Não sabe?

O homem que aqui viveu e nunca existiu foi Adão.

Adão era um boneco de pau, que Deus soprou no nariz dele, pra fazer um marido pra Eva, e ele virou o Adão, que da terra se gerou. Foi feito já homem grande. Não nasceu, Deus o formou. A terra era a mãe dele e nela se sepultou. Existiu e não nasceu essa nobre criatura. A terra era mãe dele e serviu-lhe de sepultura, para Abel o neto dela fez-se a primeira abertura. Um cara falou:

"Cara, Adão foi feito de barro, colega me dá um cigarro." Ele falou: "Ah! Rapaz, do barro foi feito Adão, acho que não vou dar não".

#### **AGRADECIMENTOS**

Como essa dissertação não foi construída apenas por mim, gostaria de agradecer às pessoas que a tornaram possível;

Agradeço ao corpo docente do PPGEL por tornar possíveis todas as dissertações desse ano e dos anos passados;

Agradeço à minha orientadora Professora Tieko pelo incentivo, simpatia, pelas sugestões sempre pontuais, pela atenção dispensada em todo o tempo do curso e pelo auxílio nas atividades que culminaram na realização desta dissertação. Agradeço, sobretudo, por ter confiado em mim e em meu comprometimento desde os primeiros contatos, como também pela amizade que surgiu, a qual almejo que perdure e cresça pela vida toda;

A todos os professores convidados, pelas aulas ministradas, pelo carinho e dedicação demonstrados ao longo do curso;

À CAPES pelo suporte financeiro concedendo-me uma bolsa;

Ao professor Frederico Fernandes pelas dicas e pelos apontamentos pertinentes.

À coordenadora do PPGEL Walnice Vilalva, colega de tempos idos, pela luta incansável na consolidação e implementação do programa;

Ao professor Dante Gatto pela atenção que sempre me dispensou, em todos os momentos da minha formação;

Aos colegas de classe, pela coragem, espontaneidade e alegria na difícil tarefa de nos locomover por quilômetros;

Sobretudo agradeço à minha mãe, à minha irmã e ao meu pai por fazerem com que meu existir tenha significado e também à Teluíra pela presença em momentos difíceis, compartilhando inquietações, ouvindo minhas angústias e sabendo compreender minhas ausências durante todo o trabalho da pesquisa.

**RESUMO:** Esse trabalho analisa o poético contido em narrativas orais recolhidas em Alto Araguaia e Santa Rita do Araguaia, localizadas na região sul do estado de Mato Grosso. Foram coletadas trinta e quatro narrativas que contêm experiências de vida e estão aqui em anexo. Foram selecionados relatos que apresentam certa competência narrativa e que são marcados por uma forte carga de poesia. A dissertação foi dividida em duas partes: a primeira examina conceitos, concepções e perspectivas que envolvem a poesia oral, o que a diferencia da literatura escrita e perspectivas e práticas relativas a métodos de abordagem; e a segunda se compõe de análise de narrativas. Contribuíram para essa pesquisa, os estudos de Paul Zumthor, Ecléa Bosi, Frederico Augusto Garcia Fernandes, entre outros.

Palavras-chave: Narrativas orais. Literatura oral. Poesia narrativa. Poética oral. Poético.

ABSTRACT: This work analyzes the poetic that have in oral narratives collected in Alto Araguaia and Santa Rita do Araguaia, located in the southern of the state of Mato Grosso. Were collected thirty four narratives that have life experiences and that are in here in annex. We selected narratives that present certain competence and that are marked by a strong charge of poetry. The dissertation is divided in two parts: the first examines concepts, conceptions and perspectives that involve oral poetry, what distinct they from written literature and perspectives and practices relating to methods of approach; and the second part consists of analysis of the narratives. Contributed to this research, the studies of Paul Zumthor, Ecléa Bosi, Augusto Frederico Garcia Fernandes, and others.

**Keyword:** Oral poetry, Oral narratives, Oral literature, Poetry narrative, Poetry.

# Sumário

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	14
CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE ESTUDADA	
1.1 Alto Araguaia – Porta de entrada para Mato Grosso	16
1.2A Revolução Morbeck X Carvalhinho	17
1.3 A cultura araguaiense	20
CAPÍTULO II	22
ESTUDOS EM ORALIDADE – NARRATIVAS DE SAUDADE	22
2.2 A linguagem poética oral	29
CAPÍTULO III	34
NARRATIVAS EM FOCO	
3.1 O poético nas narrativas orais da região de alto Araguaia e Santa Rita do Araguaia	
3.2 A memória e a forma de expressar dos narradores	48
3.3 O poético da prosa	52
3.4 A memória e a forma de expressar dos narradores	57
3.5 O sobrenatural e o mítico que povoam a fantasia de muitos contadores/narradores e a <i>performance</i> que lhes quer dar vida	62
3.6 O mito e os fantasmas na literatura oral	64
3.7 A escrita como fator externo	71
3.8 As onomatopeias das narrativas orais	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
BIBLIOGRAFIA	
VIDEOGRAFIA	90
WEBGRAFIA	90
FONTES – ORAIS	91
ANEXOS	93
NARRATIVAS ORAIS POÉTICAS	93

## INTRODUÇÃO

Estou lendo com extremo interesse o livro Lembranças de velhos, de Ecléa Bosi que me toca por muitas razões, a principal delas é que o tema envolve para mim uma carga enorme de poesia. Obrigado pela sensação forte que o seu livro admirável vem me proporcionando!

Carlos Drummond de Andrade

Essa dissertação, na realidade, teve início há quatro anos. Em visitas a um grupo de velhos no Sul de Mato Grosso, Alto Araguaia, quando percebemos que muitas histórias de vida, lições de vida, experiências estavam disponíveis ali e respaldados nos dizeres de Amadou Hampâté Ba: "Todo velho que morre é uma biblioteca inteira que arde" (COUTO, 1987, p. 26) decidimos coletar narrativas desse grupo para que esses registros e histórias não "ardessem" e para que pudessem servir às gerações presentes e futuras de um legado importante para a região estudada.

Assim, essa dissertação analisa e observa o poético existente nessas narrativas orais. A primeira etapa dessa pesquisa consistiu em dois anos e meio de coleta totalizando mais de 60 horas de gravação. Na área da literatura esse tipo de pesquisa requer um pouco mais de trabalho, porque, além de inverter o foco da análise, de uma obra encontrada em estantes de bibliotecas, pela ida a campo atrás de narrativas, tivemos que dialogar com diversas áreas do conhecimento. Um dos nossos focos é justamente o literário, o "porvir" poético dessas narrativas, isto é, demonstrar que nessas narrativas há uma poética. Outra intenção é a de demonstrar que as narrativas servem como marco sócio-histórico-cultural da região da cidade de Alto Araguaia e Santa Rita do Araguaia.

A pesquisa teve como ponto de partida narradores idosos, com mais de sessenta anos, e procurou perceber o poético existente nos discursos de cada narrador. A metodologia consistiu, basicamente, de levantamento e análise bibliográfica de publicações referentes às pesquisas no campo da oralidade. Na primeira parte refletimos acerca de alguns dados da cultura araguaiense para caracterizar a comunidade estudada e na segunda parte, elencamos pressupostos da literatura oral: memória e oralidade, papel do narrador e do ouvinte. Na terceira parte apresentamos análises das histórias recolhidas.

Esses estudos apresentam relevância na análise de pesquisa em oralidade e para verificar práticas de abordagem da poética oral. Para tanto essa dissertação analisa trinta e quatro narrativas que se encontram em anexo. Entre os narradores há jogadores de futebol, donas de casa, engenheiros, advogados, caseiros, peões, entre outros. Entre os entrevistados estão narradores que tinham a fama de serem bons contadores de histórias e causos.

O fator preponderante na escolha do tema foi perceber que o Brasil é caracterizado por um processo tardio de escolarização e somente no século XX, e em muitas regiões, somente na segunda metade desse século, que a escola passou a ocupar espaço central nos processos de transmissão dos saberes. Também é tardia e real a difusão de material escrito pelo país, assim, nesse contexto, ganham destaque estudos que se ocupam em investigar outras instâncias que possibilitaram a indivíduos e a grupos de indivíduos se alfabetizarem e ampliarem suas habilidades de leitura e escrita, e é aí que entram os estudos em oralidade.

Para a realização desse trabalho, apesar de focalizar uma determinada região, percorremos diferentes culturas. Muito ouvimos e muito lemos e estivemos em contato com diversos narradores; Franciscos, Silvas, Josés, Morbecks e nos sentimos entre poetas ouvindo essa voz poética de araguaienses e santa ritenses que pertencem a uma região com histórias de guerras, de glórias e de formação da cidade. Analisamos essa voz poética e os traços que diferenciam a poesia oral dessa região da textualidade convencional, a escrita. E temos a certeza de que a voz araguaiense é uma voz poética.

Flávio Rangel comenta no livro de Ecléa Bosi sobre a importância de livros que abordam narrativas orais:

Um admirável estudo sobre a memória, partindo de Lembranças de velhos. Acho que a autora inaugurou a sociologia da emoção: seu livro tem momentos de pura poesia, e todo ele é de uma rara sensibilidade em relação aos seres humanos sobre os quais se debruça. (BOSI, 1994, p. 5)

Assim como Rangel, Sílvio Romero também comenta: "se vocês querem poesia, mas poesia de verdade, entrem no povo, metam-se por esses rincões, passem uma noite no rancho, à beira do fogo, entre violeiros, ouvindo trovas ao desafio" (AMARAL, 1925, p. 5). Assim, o fizemos, nos metemos em meio aos araguaienses e santa ritenses e convivemos com os poetas populares, ouvimos trovas, cantigas, observamos as prosas poéticas das narrativas orais que nos eram contadas, vivenciamos momentos de "pura poesia". E nessa dissertação desejamos mostrar como esse poético se constitui e de que forma esses textos, esse conjunto de vozes, dialogam.

É nesse contexto que essa pesquisa se insere e as opções teóricas e metodológicas foram feitas para tentar responder a essas questões e outras como: de que maneira esse trabalho se desvincula de sua aparência de encontros de saberes antropológicos e sociológicos para se tornar um trabalho com foco nos Estudos Literários? Como trazer o suporte oral, essas vozes poéticas orais, para o centro dos Estudos Literários, uma vez que a oralidade é um suporte caracteristicamente desprivilegiado, mesmo por nós que trabalhamos com literaturas que têm uma base, ou uma origem oral e que foram orais em sua essência? Que bibliografias vão pensar essa categorização da experiência oral, onde a própria literatura, tal como se a conhece, é um objeto que prioriza e que valoriza essa experiência? Perguntas que esta dissertação se propõe a responder.

Como metodologia para buscar respostas para todas essas perguntas, não elaboramos um questionário específico, já que priorizamos a liberdade do contar, o que, metodologicamente, permitiu àquele que contava sua história, o recordar de lembranças e de causos. Com essa maneira livre de narrar, por diversas vezes, surgiam várias histórias de temas variados, que serviam de estímulos para que o narrador pudesse se soltar e se aprofundar naquilo que lembrava e contava.

Dessa forma, procuramos despertar a memória do narrador, buscando não interrompêlo nem questioná-lo de forma que ele não tivesse suspensa a sua narrativa, e a interferência se limitou a somente ficar como estímulo às lembranças do narrador, sem direcioná-lo para alguma coisa que desejássemos ouvir.

Já nas transcrições buscamos manter fidelidade à narrativa preservando o vocabulário regional e algumas marcas da oralidade do narrador. E por não se tratar de um estudo linguístico, mantivemos a maneira e os traços da fala de cada narrador, eternizando não somente a história, mas a forma e a maneira peculiar que cada um "cantou" sua vida e, dessa forma, garantimos as identidades linguísticas e a individualidade de cada depoente.

Nas transcrições, procuramos também manter as lembranças do narrador, tais quais como foram descritas, evitando impor a elas outros valores; buscamos referirmo-nos aos narradores com linguagem clara e com muito respeito. Procuramos, sobretudo, esclarecer a eles, qual o objetivo da entrevista e os fins para os quais ela seria empregada, ou seja, foi feito junto aos narradores, o pedido de cessão dos direitos de uso das narrativas, tanto para a publicação em livro, quanto para esse estudo, e eles nos concederam o direito de análise.

### **CAPÍTULO I**

## CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE ESTUDADA

Adoro as coisas simples. Elas são o último refúgio de um espírito complexo.

Oscar Wilde

É impossível não fazer menção a dados relevantes sobre o *locus* onde se deu nossa pesquisa, a não ser que quiséssemos incorrer em erros banais de metodologia de pesquisa. Por isso, nesse primeiro capítulo, tratamos de elencar dados do município de Alto Araguaia e de Santa Rita do Araguaia, os dois municípios onde a pesquisa ocorreu.

Consideramos relevante lembrar que Alto Araguaia foi inicialmente chamada de Santa Rita do Araguaya, denominação em referência à santa de devoção e ao Rio Araguaia, que margeia a sede municipal e ao mesmo tempo serve de marco divisório com o Estado de Goiás. As duas povoações, na margem direita goiana e outra mato-grossense na margem esquerda, formavam como que uma só unidade física.



Salientamos que não existe uma bibliografia extensa sobre os dois municípios, o que constitui grande dificuldade para o levantamento de dados sobre a região, por isso nos servimos das pesquisas de estudiosos, como os de Salvy Rezende (2009, p. 150) que afirma que Alto Araguaia está situada no Sudeste de Mato Grosso. Possui em torno de 15.670

habitantes, de acordo com o senso realizado pelo IBGE em 2010. Além disso, segundo o estudioso, a cidade possui um clima que varia, em média de 22º graus C - a 5º graus C, ao ano. A distância de Alto Araguaia à Capital do estado de Mato Grosso, Cuiabá, é de 426 km e fica a 500 km de Goiânia.

Ainda de acordo com Salvy Resende, o município conta ainda com um significativo Polo Industrial que possibilitou um avanço relevante na educação, economia, no turismo, pecuária, agricultura, cultura, no esporte, mas também, com isso, fez com que se aumentasse o índice de criminalidade. É um dos maiores produtoras de soja, arroz, feijão, milho e algodão da região. Em 1911, foi criada em Santa Rita do Araguaya, a primeira escola mista da povoação. Já a primeira escola primária só foi montada em 1915, mas a resolução que criou o município de Santa Rita do Araguaya só aconteceu em 1921.

Em 1933, transferiram a sede e a comarca do município de Santa Rita do Araguaya para o de Lageado (atualmente Guiratinga). A seguir, Santa Rita do Araguaya foi encampado por Lageado. Extinguia-se o município de Santa Rita do Araguaya. Em 1938, o município foi restaurado sob a denominação de Alto Araguaia, em ato de reestruturação territorial do Estado de Mato Grosso. A partir de então, o termo Alto Araguaia não mais seria alterado, esse nome se dá pelo fato do município abrigar em seu território a nascente do Rio Araguaia.

Dentre algumas curiosidades históricas retratadas por Salvy, destacam-se a pedra fundamental para a construção da Igreja Matriz Nossa Senhora Auxiliadora, que foi colocada na principal praça da povoação e solenemente benzida pelo Prelado D. Antônio Malan em 1920. A primeira linha de tráfego terrestre foi registrada em 1921, pela Empresa Auto-Viação Jataí, que saía dessa cidade e percorria 186 quilômetros até Santa Rita do Araguaya. Em 1922, comemorando o centenário da Independência do Brasil, a cidade instalou a primeira Câmara Municipal. A chegada das irmãs Salesianas aconteceu em 1927 criando assim o Instituto Maria Auxiliadora, sendo fechado em 1934 e reaberto em 1939. O Instituto funcionou como escola particular em regime de externato e internato durante vários anos. Passando a pertencer ao Estado em 1974, sendo que o regime de internato funcionou até o ano de 1987, até hoje a escola funciona oferecendo o ensino fundamental sobre a égide laica.

Em fevereiro de 1939 começou a funcionar no povoado o Colégio Padre Carletti, que na época recebia o nome de Obras do Cristo Redentor. O colégio atendia alunos em regime convencional e em regime de internato. O colégio deixou de funcionar em 1989 devido a motivos financeiros e carência dos padres salesianos disponíveis para direcionar a obra. Hoje o local foi doado à UNEMAT (Universidade do Estado de Mato Grosso), onde funcionam três cursos de graduação.

#### 1.1 Alto Araguaia – Porta de entrada para Mato Grosso

Com as narrações e com alguns dados históricos, percebemos que Alto Araguaia e também Alto Taquari este, município daquele já desmembrado, é a região que primeiro sofreu os impactos da migração em Mato Grosso a partir da década de 1970, por conta da "localização geográfica". Também pela influência dos Estados de Minas Gerais e Goiás contemplando as influências das minas de minérios, onde se descobriu ouro em grande quantidade, também pela construção de Goiânia e de Brasília e de outras iniciativas que tiveram impacto nos processos da organização desse espaço.

A ocupação em Alto Araguaia se deu logo após a expulsão ou fuga dos índios Karajás, que habitaram inicialmente todo o vale do rio Araguaia e que hoje estão reclusos na Ilha do Bananal. Também se deve essa ocupação ao fato da descoberta de diamantes na região do Araguaia. Logo depois, a expansão continuou em função da pecuária extensiva, mesmo que em terras pobres, mas a pecuária cresceu pela boa quantidade e qualidade de água, com seus vários riachos e rios, alguns deles os maiores do Brasil, como é o caso do rio Araguaia.

Por volta de 1960, essa ocupação se deu pelo mercado, quando os gaúchos ou os pejorativamente alcunhados de pau-rodados (migrantes advindos do Sul e Sudeste brasileiros) vendiam pequenas propriedades de 10 a 20 hectares no sul e compravam em Mato Grosso entre 1.500 a 3.000 hectares. Compravam principalmente as terras onde hoje é o município de Alto Taquari, atualmente as terras mais caras de todo o Estado de Mato Grosso, devido à imensa plantação de soja existente no local.

Não só a ocupação de Alto Araguaia e Alto Taquari, mas a de todo o Centro-Oeste, está ligada à descoberta de riquezas minerais como ouro e diamante, que, depois das primeiras incursões das Bandeiras deram origem aos arraiais, povoados e vilas. Apesar de curto, este ciclo teve papel importante devido à necessidade de abastecimento da população que vivia junto às inundações de terras provocadas por grande volume de águas dos rios. Essa população ajudou a introduzir o gado nas pastagens pobres do cerrado, dando início a um novo processo de ocupação por meio das pequenas fazendas de criação de gado, que mais tarde, devido à entrada de capital vindo de outros estados e com novos proprietários, se transformariam nas grandes fazendas de criação extensiva, seguida de uma agricultura de subsistência.

A garimpagem de diamantes teve sua importância econômica reduzida, uma vez que os diamantes diminuíram; a pecuária modernizou-se e a lavoura passou por ampla redefinição através do surgimento de novas máquinas e novas tecnologias. Essas fazendas eram

praticamente autossuficientes, produzindo praticamente tudo de que necessitavam à época, com exceção do sal e querosene, algumas produziam até mesmo vestimentas de boa qualidade.

#### 1.2 A Revolução Morbeck X Carvalhinho

Não se pode falar da história e da formação de Alto Araguaia, sem mencionar a revolta dos Morbecks e dos Carvalhinhos. A Revolução teve início, segundo Jurandir Xavier (1999, p. 11) na década de 20, quando o então Governador de Mato Grosso, Joaquim Augusto da Costa Marques, assinou a lei nº 707, de 15/07/1915 que dava Concessão à Cia Indústria e Comércio, uma multinacional mineradora inglesa, que tinha como objetivo explorar as jazidas minerais, metais, fósseis minerais existentes no vale do Rio Garças e seus afluentes, desde as cabeceiras até a sua foz no Rio Araguaia. Teve como palco dos acontecimentos os municípios de Alto Araguaia, Guiratinga, Poxoréu e Barra do Graças.

Desde 1913 o Dr. José Morbeck era então Diretor da Repartição de Terras e Minas e Colonização de Mato Grosso e se posicionou contra a decisão do governo em conceder uma área já explorada por treze mil famílias de garimpeiros. O governo receberia uma boa quantia por tal ato. Ao ser comunicado oficialmente da decisão, Morbeck pede demissão do cargo para se juntar aos garimpeiros e numa comunicação ao então Interventor de Mato Grosso, deixa um telegrama que diz: "Ou cai a concessão ou estoura a revolução". A favor do Dr. José Morbeck, estavam o Marechal Rondon e o Presidente do Senado da época, o mato-grossense Senador Azeredo, ambos contrários à Lei da Concessão.

Jurandir Xavier (1999, p. 52) comenta sobre a figura de Morbeck:

A história do velho leste mato-grossense e, em particular a do Garças, já não podia mais ser contada sem mencionar, em cada capítulo, o nome do Dr. José Morbeck, o grande líder dos garimpeiros. É bem possível que a vida deste poderoso chefão transcorresse na obscuridade e no anonimato se, ao invés dos sertões leste mato-grossenses, ele tivesse escolhido viver nas selvas de pedras e de concretos das grandes metrópoles. Também o rio garças poderia ter sucumbido, ainda na sua tenra infância, vítima da ambição de governantes sem escrúpulos e transformado em possessão de multinacionais, não fossem a coragem, a dignidade e a liderança de Morbeck na defesa da autonomia deste torrão de bravos. Dr. Morbeck viraria um gigante. Organizando os garimpeiros, liderando-os na paz e na guerra, evitando cilada dos poderosos de então, e até de seus amigos e comparsas na aventura da vida dos garimpos.

Durval Borges (1987, p. 13) também traça alguns comentários sobre a figura de Morbeck, que segundo o autor e pessoas da cidade, esteve sempre ao lado do povo:

As versões sobre a figura de Morbeck divergiam e divergem. Corriam notícias de que grandes faiscadores ou compradores de diamantes do exterior, notadamente da Inglaterra, consideravam o homem como potentado de poder e de dinheiro e de grandes firmas monopolistas escreviam convidando-o para comandar o monopólio em Mato Grosso. Grandes sindicatos controladores dos movimentos diamantários julgavam-no um marajá sul-americano, senhor de opulentas minas de Mato Grosso e escreviam-lhe propondo altos interesses, se se dignasse a tomar parte no monopólio. O feitio modesto e desinteressado de sua pessoa não se deslumbrou, preferindo ser o chefe em que todos depositavam cega confiança. Outro fato local contava que fundada uma companhia de compras de diamantes o convidaram para sócio sem entrar com capital, o que recusou desinteressadamente. Seu prestígio pessoal ia muito além dos limites de Barra do Garças e dos garimpos em volta. Morbeck foi líder natural de garimpeiros, primeiro brasileiro a lutar contra multinacionais, fazendeiro sem ser jamais abastado, político apaixonado, pai extremoso e rigoroso, figura de exceção no universo do Brasil Central e injustiçado.

Carvalhinho se junta ao governo, encabeça o posicionamento contrário e inicia a revolução. A revolução termina sem vitoriosos, mas Carmo (2002, p. 425) aponta para o sucesso dos garimpeiros:

A paz fora, enfim restabelecida no Sul de Mato Grosso, embora episódios isolados de violência ainda continuassem existindo. Ainda que a custo do sacrifício de inúmeras vidas, o determinado engenheiro José Morbeck conseguira a realização do seu ideal: a não realização, pelo Governo do Estado da cobrança de impostos sobre a produção mineral nos garimpos da região do rio Garças, que ela batizara de "Garimpeirama". Com isso, encerra-se um dos mais destacados (senão o mais) e empolgantes capítulos da História de Mato Grosso.

Ao final da Revolução, Carvalhinho foi preso e levado para Cuiabá com seu bando onde ficou preso de 1928 a 1930 e morreu em São Paulo de morte natural. O Dr. José Morbeck permaneceu em Alto Araguaia até 1940 quando se mudou para Valparaiso em São Paulo e veio a falecer em 1956 na casa de seu filho Rui Morbeck em Nova Iguaçu no Rio, onde fora passear, e lá sofreu uma pneumonia dupla. Continua Ailon do Carmo (2002, p. 432): "O Dr. José Morbeck não se valeu de sua posição para enriquecer. Foi sempre um homem honesto, justo, amigo dos necessitados e sempre pronto a atendê-los e ajudá-los. Além

de ter sido um bravo, foi um cristão altruísta que pensou mais nos outros do que em si mesmo".

Seu neto Milton Morbeck Filho (p.34), nos informa que:

A primeira batalha entre Morbeck e Carvalinho teve início no dia 24 de maio de 1925 e terminou após 35 horas de tiroteio. Carvalinho, como delegado, com seus soldados, armaram uma emboscada para o Dr. Morbeck nas proximidades da ponte de madeira do Rio boiadeiro. Teve início o combate. Carvalinho recuou até a delegacia onde é hoje o depósito de bebidas "JL Mania". Após 35 horas de tiroteio o Delegado fugiu pelos fundos e atravessou o Rio Araguaia onde se realiza atualmente o Festival Náutico. Daí em diante foi a cavalo andando à noite, até a Bahia.

Milton Morbeck Filho, que foi um dos entrevistados por nós, localiza os fatos ocorridos e, em sua narrativa, que veremos logo mais, encontramos os traços sócio-histórico-cultural que preservam a memória local. Em diversas ocasiões, o Senhor Milton Morbeck Filho compareceu para dar depoimento de como foi a batalha entre Carvalinhos e Morbeck, segundo ele, porque o que está nos livros não corresponde à verdade dos fatos. Assim, em sua entrevista, procurou apontar dados históricos e verídicos das lutas ocorridas por ocasião dessa batalha, que segundo nosso entrevistado durou de 1924 até 1926.

Milton Morbeck Filho<sup>1</sup> nos conta que:

Através de muitas pesquisas, descobri que os historiadores abaixo citados em seus respectivos livros, como Luís Sabóia Ribeiro "Caçadores de Diamantes", Valdon Varjão "Barra do Garças no Passado", Durval Rosa Borges "Rio Araguaia Corpo e Alma", Roger Courteville "A Primeira Travessia da América do Sul por Automóvel", Jurandir da Cruz Xavier "Poxóreo e o Garças", Ailon do Carmo "História de Guiratinga", Antônio Paulo da Costa Bilégo "Memórias de um Pau de Arara", descrevem um Dr. José Morbeck completamente diferente daquele criticado tendenciosamente pelo Basileu, sobrinho de Carvalhinho e pelos historiadores cuiabanos, os quais nunca procuraram alguém da família Morbeck para depoimentos e pesquisas.

Procuramos por Milton Morbeck Filho para que ele nos contasse sobre os fatos da Revolução e também para saber sobre sua avó Arlinda Pessoa Morbeck, que foi a primeira

<sup>1</sup> http://www.morbeckxcarvalhinho.com.br/index.php

poetisa de Mato Grosso e Mato grosso do Sul e também a primeira professora do Município de Alto Araguaia. Sua entrevista será estudada logo mais.

#### 1.3 A cultura araguaiense

Após 1920, a população predominantemente rural buscava a cidade por conta de serviços de saúde ali oferecidos, tais como farmacêuticos e dentistas, pela Educação, serviços automotivos, bancários. O primeiro banco chegou em Alto Araguaia em 15 de Setembro de 1962. Depois foram disponibilizadas 50 linhas telefônicas. A principal Avenida que se chamava 7 de Setembro, passou a ser denominada de Avenida Carlos Hugueney, por causa da família de mesmo nome, que dominou, por muitos anos, a região. E finalmente, em 2004, chegou a Ferrovia, com consequente instalação de indústrias esmagadoras de soja.

No que tange à cultura araguaiense, ainda Salvy Rezende (2009, p. 158), a região de Alto Araguaia, apesar de se situar quase toda, no Estado de Mato Grosso, sofreu grande influência em sua formação cultural primeiramente do contexto das "Minas". É fácil constatar essas influências pela lógica de que as "boas novas", as novidades mercantis e até mesmo ordens governamentais, tiveram origem na Capital Federal, em Uberlândia, Minas Gerais e depois, em Goiânia, Goiás. Após o ciclo mineratório, a influência foi maior dos "mineiros", que fundaram o arraial "Mineiros" no sudoeste de Goiás, a 80 quilômetros de Alto Araguaia. Pode-se dizer que até a década de 1960 a influência de Cuiabá e do Estado de Mato Grosso, na região sul do Estado, apenas se percebia por uma ou outra medida governamental visando a melhor coleta de impostos. Gradualmente, com mais alternativas criadas pelos cuiabanos quanto à educação e, a partir de 1970 com a forte migração, é que a região passou a tomar mais conhecimento da existência e importância da capital Cuiabá.

A Região Centro Oeste foi atingida pelo impulso de crescimento migratório que, a partir do sul/sudeste do País, intensificou a microrregião a partir da década de 1970, sobre novas formas de organização da produção, marcadas pelo emprego elevado de capital e pela fraca absorção de mão de obra, como explicamos a seguir.

Hoje, Alto Araguaia se destaca pela sua arrecadação, segundo o IBGE<sup>2</sup>, em 2006, a renda domiciliar era de R\$ 233,34 e seu Pib/Capita era de R\$ 58.999,00, o quarto mais elevado de Mato Grosso. Esta disparidade demonstra a ineficiência da distribuição de renda,

\_

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Fonte: IBGE – Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Contas Nacionais

pois revelam que os habitantes não se apropriam da riqueza produzida. Segundo um narrador: "Trata-se, sem sombra de dúvidas, de um município rico, habitado por um povo pobre".

### CAPÍTULO II ESTUDOS EM ORALIDADE – NARRATIVAS DE SAUDADE

Não há fatos eternos, como não há verdades absolutas.

#### Friedrich Nietzsche

Conforme o pensamento de Frederico Fernandes em palestra proferida no Centro Cultural de Tangará da Serra, em Setembro de 2012, ouvir uma história e analisar é diferente do que transcrever e fazer a leitura e tentar fazer uma compreensão dela, porque existe um modo de produção que envolve o enunciador, o narrador e um auditório em específico, um contexto em específico. E todo esse contexto, esse ambiente, a ambiência da história, o público que intervém, o público que dá sentido a esse texto, tudo isso é significado dentro dele, tudo isso é uma forma de produção do texto em específico, uma forma de circular essa mitopoética em específico. E se não levarmos em conta essas categorias, se as tratarmos como um texto escrito, perdemos toda significação do texto do seu aqui e agora. Se nós o extraímos do seu contexto de produção, nós tomamos o texto como um texto acabado e ele na verdade não é esse texto acabado.

Essa problemática eleva o nosso olhar à poesia clássica, já que, hoje, nós lemos a *Odisseia* e a *Ilíada*, apenas as enxergando como livros e, na verdade, elas foram antes, textos de circulação oral, coletados, transformados, e transcritos. A partir dos estudos de Milman Parry publicados entre 1928 e 1937 houve uma revolução no modo como compreendemos essas obras. Parry lançou nova luz sobre o caráter oral da poesia homérica, de fato, a *Ilíada* e a *Odisséia* foram compostas em uma época na qual os gregos não se utilizavam do alfabeto e da escrita. Esses amplos poemas não só foram criados oralmente, como também eram divulgados, transmitidos e preservados oralmente por *aedos* que eram na Grécia antiga um artista que cantava as epopeias acompanhando-se de um instrumento musical. Esse instrumento musical era a Lira. O étimo da palavra lírica está relacionado com *lyra*, instrumento musical de corda, que os gregos usavam para acompanhar os versos poéticos. A partir do século IV a.C., o termo *lírica* passou a substituir a antiga palavra *mélica* (de *melos*, "canto", "melodia") para indicar poemas pequenos por meio dos quais os poetas exprimiam seus sentimentos.

Aristóteles distingue a poesia mélica ou lírica, que era a palavra "cantada", da poesia épica ou narrativa, que era a palavra recitada", e da poesia dramática, que era a palavra

"representada". O gênero lírico, portanto, em suas origens, está profundamente ligado à música e ao canto. Mesmo mais tarde, quando a poesia lírica deixa de ser composta para ser cantada e passa a ser escrita para ser lida, ainda conserva traços de sonoridade através dos elementos fônicos do poema: metros, acentos, rimas, aliterações, onomatopeias. Sinais evidentes dessa interação podem ser encontrados nas denominações das formas poemáticas (soneto, canção, balada, etc.) e em algumas espécies de arte que, ainda hoje, cultivam a simbiose música-palavra: a ópera, o musical, a canção popular.

O consórcio com a música nos ajuda a entender a característica mais peculiar do gênero lírico: a *emocionalidade* - marcante a ponto de os termos *lírico* e *emocional* serem usados quase como sinônimos. *Lírico*, na forma adjetiva, é visto por Émil Staiger (2009, p. 04), como um estado de alma, uma disposição sentimental, que o eu poemático exprime por meio de palavras fluidas, diáfanas, aparentemente sem nexo lógico: "A individualidade de cada poesia exigiria tantas divisões quantas poesias existam — e isso tornaria supérflua qualquer tentativa de ordenação". A poesia lírica é uma explosão de sentimentos, sensações, emoções. Segundo Roman Jakobson (1970, p. 141), tendo como fator fundamental da comunicação o emissor, o gênero lírico ativa intensamente a função emotiva da linguagem humana.

Para expressar os conteúdos vagos de sua subjetividade, o poeta lírico lança mão de vários recursos estilísticos próprios da linguagem poética, especialmente a metáfora, que lhe permite estabelecer parentescos entre objetos que pertencem a campos semânticos diferentes. Operando na linha da similaridade, por meio do processo psíquico da associação, a lírica encontra relações surpreendentes entre o sentimento do presente, as recordações do passado e o pressentimento do futuro, entre os fenômenos da natureza cósmica e os atributos do ser humano.

O que acontece na Grécia antiga é o mesmo que acontece na Idade Média. Paul Zumthor em *A letra e a voz*, (1997, p. 73) faz uma reflexão a respeito das poéticas orais no mundo medieval e de como essas poéticas orais circulavam naquele contexto da Idade Média. Entramos em contato com obras como textos acabados, como textos finais e não nos atentamos para as marcas da oralidade. Zumthor propõe que "auscultemos essas escritas" de forma a extrair delas as circunstâncias em que o poético se manifesta e auscultar seria perceber na narrativa, nessa poética, um movimento, uma forma, uma significação, e, sobretudo, uma presença, a presença do outro, um espaço de construção do sentido. Para Zumthor é justamente aí que vai residir a principal importância da poética oral, porque nosso

olhar é um olhar treinado para a escrita, para aquilo que está no papel, pois nós temos dificuldade de perceber que aquele texto, que está no papel, tem uma vida própria, tem uma circulação, tem um tom, tem uma voz, tem uma sonoridade que o precede. Se formos observar e nos limitar à literatura escrita, estaremos, então, fadados a permanecer somente no espaço do século 16 ao século 21.

Ainda de acordo com Zumthor, a voz é uma personalidade, a voz é uma instância de significação dentro do texto. E nós, habituados com esse universo das letras, deixamos de fora essa voz, essa significação, esse sentido que circula no entorno do texto. Perceber essas vozes é o que pretendemos aqui, nessa dissertação, porque as narrativas orais, mais do que o relato de um fato, onde aparecem personagens enigmáticos, seres que habitam lugares comuns como os rios e as matas, são narrativas de vida, cujo momento presente não é original, mas repete ou enuncia instantes passados ou futuros, como destaca Todorov, em sua obra *As estruturas narrativas* (2003, p. 21-22).

Dessa forma, procuramos observar essas nuances de formação do texto, com os narradores aqui estudados, que contam histórias, que estão inseridos em um universo poético, e que estão fazendo uma *poiesis*, um ato de criação, numa esfera, numa ambientação, num sentido do qual nós compartilhamos.

Para Joaquim Onésimo Ferreira Barbosa (2011, p. 11):

Quando conta uma história, o contador/cantador/poeta revela não apenas o lado poético do que sabe, mas também permite que quem o ouve receba a sabedoria que emana da fonte das experiências tecidas principalmente nas idas e vindas dos rios e das matas, dos afazeres diários. Somente quem viveu experiências diversas tem o que contar, lembra Walter Benjamin.

E registrar essas histórias, diretamente da memória das pessoas, é importante porque elas veiculam visões de mundo, experiências de vida, ideologias, idiossincrasias, traduzidas numa linguagem simples, por meio da qual se pode relatar fatos, falar de crenças, relembrar sonhos e vontades que permitem a compreensão do outro, que permitem a aproximação com o outro, isto é, que permitem, a quem ouve ou lê essas histórias, o encontro com realidades outras que são aquelas que formam a cultura de um país, e a partir delas podemos conhecer a nós mesmos e ao mundo que nos rodeia, porque os discursos, por vezes, procuram uma suposta pureza dos anos passados, um tempo em que todos viviam em paz e felizes, como se fosse num Eldorado, pleno de idealismo. Isto porque há nas narrativas, por vezes, uma

necessidade de sobrepor valores tradicionais em relação ao mundo que hoje se apresenta, como nas narrativas de Maria do Carmo Souza Dourado:

Saudades eu tenho da antiga Alto Araguaia. Quem mesmo veio aqui conhecer o Alto Araguaia antes, que conhece ela hoje, tem saudades do tempo antigo. Era bom demais, nossa, era um povo sofrido, mas era bom, um pouco violento também, vinha violência lá do Ariranha. Vixe Meu Deus, matavam gente e jogava gente aqui.

Também em Roxa: Ainda que inconscientemente, Roxa possui a noção do consumismo que não existia no seu "antigamente":

Hoje o povo hoje só quer ganhar, porque antigamente o povo trabalhava, hoje não, hoje a gente compra uma roupa, você veste duas ou três vezes, aí você não quer aquela roupa, aí não combina mais com a gente, aí a gente encosta ela. Hoje, o povo hoje é preguiçoso. Eu conheço o povo seu todinho. Sua família foi todos educado.

O ato de relembrar é sempre pessoal, e cada um, ao sabor das lembranças e do humor, na articulação da memória com as experiências, vão apontando o que lhes ficou de mais caro. Vão relembrando do cotidiano de sujeitos históricos que são, inseridos em tempos e em espaços específicos, que no caso é Alto Araguaia e Santa Rita do Araguaia, cidadezinhas de menos de vinte mil habitantes.

Em Alzira Marcolino de Carvalho que nasceu em 1937, portanto estava, no momento da entrevista, com aproximadamente 77 anos, é pessoa de conversa fluente, bem humorada e educadíssima. De uma memória vívida, lembra que:

Me chamo Alzira Marcolino de Carvalho e eu nasci em 12 de julho de 1937. E acho assim, antigamente faltava as coisas, não tinha luz, mas tinha mais diálogo também, com os pais, os irmãos, era tradição, fazíamos fogueira de São João, São Pedro, Santo Antonio. A gente brincava muito, não tinha o que tem hoje, as facilidades, a internet, o computador, telefone.

Então tinha mais diálogo, *a gente fazia rodas de histórias*, era muito divertido, era muito bom, não tinha o que tem hoje, mas o que não tem hoje, tinha antigamente, isso é, *as pessoas conversavam mais*, hoje é tudo diferente. Noite de lua cheia a gente sentava com os vizinhos pra contar história, ia até tarde da noite conversando, contando história. As crianças hoje entra lá pro computador e não quer saber de pessoa idosa nada. Antes a gente dava atenção pra pessoa idosa.

Era bom demais, antes tinha só um radinho de cabeceira, à pilha, nem à energia não era. Faltava muita luz, ficava sem luz uns 15 dias, teve vez de *ficar três meses sem luz*, quando a luz voltou a gente nem tava importando, já tava acostumado, acendia lampião, acendia vela, as portas das casas ficavam cheia de cadeira, cheia de gente contando "causo".

Tenho saudade de tudo de antes, dos teatros também, que os professores proporcionavam, adoro teatro, hoje a gente nem vê mais porque tem televisão. Todo feriado tinha teatro na escola.

Dona Alzira nos oferece dados de extrema riqueza, quando conta que as pessoas ficavam sem luz e que usavam lampiões e velas. Isso na década de sessenta, faltava luz em Alto Araguaia por até 3 meses, e segundo nossa entrevistada, as pessoas até se acostumavam com a falta. Sentavam-se nas portas e faziam "rodas de histórias" as pessoas conversavam mais e as portas das casas ficavam cheias de cadeiras, cheias de gente contando "causos". Outro dado importantíssimo da história de vida de Dona Alzira é quando ela nos conta que havia teatro na Escola dela, e que em todo feriado tinha teatro, e ela observa que hoje, nem vê mais teatro em Alto Araguaia, porque chegou a televisão.

De acordo com Alberti (2005, p. 27. Apud: Priscila Perazzo, 2006, p. 64), tradição oral, marcada pela inovação e pelo esquecimento, não é a história oral. No entanto, podem ocorrer "pedaços" da tradição oral nas narrativas de história de vida. Essa inserção de "pedaços" da tradição oral, nas entrevistas de história oral, podem ocorrer de forma perceptível (por provérbios ou ditos populares) ou não. Dona Alzira ao contar a própria história contou também como era a cidade de Alto Araguaia por volta de 1950.

Vimos no primeiro capítulo que em fevereiro de 1939 começou a funcionar no povoado o Colégio Padre Carletti, que na época recebia o nome de Obras do Cristo Redentor. Ali eram atendidos alunos em regime convencional e em regime de internato. Com os Padres Salesianos, surgiu o ensino e com ele o teatro, do qual lembra Dona Alzira, o cinema, as festas religiosas, a Banda de música e os desfiles nas datas comemorativas. O colégio deixou de funcionar em 1989 devido a motivos financeiros e carência dos padres salesianos disponíveis para continuar a obra. Hoje o local foi doado à UNEMAT (Universidade do Estado de Mato Grosso), onde funcionam três cursos de graduação.

A fala de dona Alzira não é propriamente a história de Alto Araguaia, mas são fatos ocorridos que estão inseridos na sua história de vida.

Importante também, para saber como era a vida no início da formação da cidade, é o depoimento de Francisca Severina de Rezende, que estava com 83 anos, quando da entrevista:

Trabalhava lá na fazenda de plantar feijão, plantar mandioca e roçar, e fazer farinha, socar sal. A vida lá foi difícil. O mais difícil era lavar roupa de peão. Mas a gente ganhava um dinheirinho, era pra gente comprar um vestido de chita, pra ir pra festa, porque o papai só comprava aquele listradão xadrez, uma peça verde e outra azul, outra hora, uma marrom e vermelha. Criava gado, fazia queijo, fazia pinga, a gente moía cana lá, fazia açúcar. (Grifos nossos).

Com esse depoimento, encontramos um dado curioso que é o de socar sal. Modernamente, o sal vem embalado em saquinhos, possui diversas marcas à escolha do comprador, mas no tempo de Dona Francisca, o pai comprava uma saca de sal, de 20kg e para que ele ficasse fininho, ao ponto de se poder usar na comida, era necessário socá-lo no pilão, como nos contou a narradora. Também faziam pinga e açúcar, das canas plantadas na própria fazenda. Era costume, naquela época (1930), que os fazendeiros tivessem os engenhos de moer cana nas fazendas. Cada um tinha o seu e a produção era levada de carro de bois para a cidade onde eram trocadas por sal, arame, e outras coisas necessárias para a sobrevivência, como os tecidos, conforme nos informou a narradora. O pai comprava duas peças de pano, delas eram feitas roupas para todos e todos vestiam o mesmo modelo e o mesmo tecido.

Com 77 anos, Manoel Anicézio, por ocasião da narrativa, demonstra sentir uma grande alegria em compartilhar seus conhecimentos com os mais jovens.

Eu vou te contar uma história, história acontecida. Do casamento do seu avô, esse homem era inteligente demais, mas inteligente demais da conta, se ele tivesse um estudo bom mesmo...[...] Quando foi pra ele casar com a Francisca, que era uma das moça mais bonita da região, a rapaziada brigava por causa dela. E o Onecídio veio lá do Goiás e falou: "Não, essa aqui é minha". Ele era metido a bravo. Naquele tempo o namoro não era como é hoje, era difícil. [...] Seu Onecídio pediu o casamento, eles aceitaram, marcou o casamento, foi um festão, eu lembro, eu era pequenininho, mas eu lembro, festão mesmo, naquele tempo o povo tinha união, juntava os vizinho na fazenda. Passou a festa, o Seu Fidêncio era muito controlado, tinha muito gado, aí ele pegou o gado da Francisca, separou, fechou o curral, chamou o Onecídio lá: "Ó, esse gado é da Francisca, agora é seu e dela, agora você toma conta, se quiser por outra marca...". Naquele tempo, sempre que a gente casava, a gente chamava o sogro de tio. Então o Onecídio falou: "Tio Fidêncio, vamos deixar separado nesse pasto aqui, eu vô ali no Araguaia buscar comprador, vou vender tudo, não vou deixar nem uma novilha". Aí o velho ficou de uma vida pra outra: "Meu Deus do céu, criar essas coisas, com amor, pra filha, agora o rapaz não dá valor, vai vender tudo".(...) eu vou pro Jataí aprender a arte dentária, (...) Quando foi no outro dia o comprador veio e comprou tudo, gado bom demais e ele pegou aquele dinherão. (...) Onecídio largou ela aqui, e foi embora, foi pra lá e ele muito inteligente, e não sei bem ao certo, não tenho lembrança, mas ele não ficou um ano lá, praticou, comprou um gabinete, bem usado, (...) Quando ele chegou mostrou pro tio Fidêncio: "Tio, olha o dinheiro das vacas, tá tudo empregado aí no gabinete". (Grifos nossos).

Agora, eu vou pegar a Francisca e vou fazer um cargueiro com esse gabinete e nós vamos lá no tio Manoel Carrijo". Ficava embaixo da Serra Preta, mas ele muito inteligente, já tinha tudo bolado, chegou lá e falou: "Tio Manoel, sou dentista, não sou formado, mas sou prático, faço de tudo, garantido, sei o que eu tô fazendo e o senhor vai me ajudar: Vai nos vizinho aí do senhor, fala que tem um sobrinho seu aqui que trabalha com a arte dentária".

A citação longa se deve ao nosso interesse em demonstrar como as coisas aconteciam em Alto Araguaia, por volta dos anos 50, com a fala de Manoel Borges de Anicézio, que, em meio à sua história de vida, conta a história de Sr. Onecídio e de Dona Francisca, e ressalta que irá contar: "uma história acontecida", ou seja, o narrador quer dar o tom de verdade ao que irá contar, pois vai relatar "um acontecido". E ele nos conta, que assim que se casaram a primeira atitude do esposo Onecídio foi a de se apoderar do dote da recém-esposa Francisca, vender tudo, e ir para uma cidade próxima, aprender "a arte dentária".

Assim o senhor Onecídio faz um curso prático na cidade de Jataí, aprende o ofício de dentista, compra um gabinete com o dinheiro da venda do gado de Dona Francisca e sai pelas fazendas atendendo as pessoas. Ele trabalhou assim a vida toda, tratando dos dentes das pessoas de Alto Araguaia e região, sem nunca ter realizado o curso de Odontologia. Em 1967, se elege Prefeito da cidade. Esse também é um dado sociocultural a respeito de como caminhava a sociedade araguaiense, por volta de 1950.

Com 76 anos, Manoel de Souza conta sua descrença nos mais jovens que não acreditam mais nos velhos e também diz ter saudades dos tempos antigos:

Esse povo mais novo anda não acreditando mais nos velhos, a gente fala com eles às vezes conta um "causo", e eles não acredita. Ali mesmo mora um homem Joaquim Pixéca, bom de fazer rapadura, a gente conta os "causos", acha que a gente tá conversando fiado, não acredita não. Hoje a gente conta pros filhos. Aquele tempo que era tempo bom, hoje tão tudo folgado, não sofreu, não sabe que qué isso. Naquele tempo a gente colhia roça era com carro de boi. Hoje é tudo na máquina e ainda reclamam. Quem fazia carro de boi bom aqui era o Joaquim Piano. (Grifos nossos).

Saudade eu tenho de trabalhar forte como antes, o que eu faço hoje é carpir algum quintal, mas começo e quando é de tarde tá tudo doído, mas também do tanto que eu trabalhei, derrubando roça, derrubando no machado, batendo invernada, carreando amansando bicho brabo.

Também é notória a tentativa de qualificar o saber oral em detrimento do saber acadêmico, como nessa fala de Francisco da Costa:

Vocês estudam, mas passa por cima, não olha. Eu todo dia lia uma coisa, achava interessante e guardava. Muito cara aí pensa que sabe, mas não sabe é de nada né? Aqui tinha um maestro pra ensinar o povo, em um ano, sabe quantos aprendeu a tocar? Nenhum. Eu aprendi a tocar sanfona, não precisei de maestro nenhum. Os maestros tocava festa comigo (...) Eu sabia o que o povo ali com mais de seis anos não sabia. Mas sabe por quê? Lê mas não para, não observa o que que leu. Coleta, estuda, mas passa por cima. Eu às vezes falo, eles ficam de boca aberta. (Grifos nossos).

Francisco da Costa tem razão, pois se atentarmos para o que ponderou Umberto Eco (2008, p.30) que intelectual é aquele que "Exerce uma atividade criativa nas ciências ou nas artes, o que inclui, por exemplo, um agricultor que tem uma ideia nova sobre a rotação dos cultivos". Os produtores das culturas populares, na maioria analfabetos, possuem novas ideias talento e criatividade para a construção dos seus mundos ficcionais, reais, alegóricos e de narrativas inesgotáveis que a escolarização não conseguiu acabar. Eles dominam as regras do cultivo, conhecem os ciclos das chuvas e sabem quando é tempo bom para o plantio e tempo de colheita. Podem não ser letrados, mas em seu mundo, são detentores do saber necessário à sobrevivência. Como disse Eco são intelectuais em seus mundos, pois apesar de não estarem consagrados pela academia são também os que produzem a cultura popular e que operam nas redes de comunicação cotidiana como mediadores ativistas no processo dialético da hibridização cultural entre o moderno e o tradicional, o rural e o urbano, o global e o local, como bem lembrou Louise Otero (2011, p.33).

#### 2.2 A linguagem poética oral

A linguagem poética oral origina-se numa ritualização, onde elementos não verbais, como os sonoros e os visuais são incorporados à narrativa; pausas, respiração, gestos faciais, risos, devoção às crenças e aos princípios religiosos. A poesia oral, a partir do século XVIII, acabou desempenhando um papel secundário na crítica literária por vários motivos. Dentre eles, era porque ela se desvinculava da escrita e, por conseguinte, foi tratada como uma literatura de pessoas que não sabiam ler nem escrever e assumia a definição de popular em oposição à erudita. No final do século XIX, o francês Paul Sébillot utilizou a expressão

"literatura oral" em seu livro *Literature Orale de L'Haute Bretagne* definindo-a como a arte daqueles que não liam nem escreviam. Esse conceito, segundo Claudia Vanessa Bergamini, (2011, p. 29), foi um tanto quanto preconceituoso, porque buscava diferenciar a literatura escrita, considerada erudita, daquilo que era puramente oral como histórias tradicionais, cantos, lendas, mitos. A própria palavra "literatura" não foi bem empregada, segundo a estudiosa, uma vez que seu significado "abrange um dado corpo de materiais escritos" (ONG, 1998, p.19). Assim, o termo que melhor exprime as manifestações de circulação oral é "poesia oral".

Zumthor, em *A letra e a voz* (1997), comenta que a literatura, ao eleger a escrita como forma privilegiada de comunicação, colocou na marginalidade outras manifestações poéticas, cuja veiculação e criação eram essencialmente orais. Para Zumthor (1997, p.22), a poesia oral: "se tornou objeto de uma investigação folclórica, no qual eram observados costumes, sincretismo religioso, origem étnica ao passo que o valor poético descaracterizava-se em meio ao caldo heterogêneo da cultura popular". Nesse sentido, Zumthor não defende, muito menos reivindica, uma suposta inclusão da poesia oral medieval nos cânones literários; pelo contrário, ele a investiga em sua fluidez poética e cultural e observa o movimento e os sentidos dos textos gerados na performance.

Claudia Vanessa Bergamini, (2011, p. 30) observa que nos últimos quarenta anos a poesia oral começa aos poucos a se projetar com a mesma legitimidade expressiva que a literatura escrita. Importantes estudos acerca da oralidade contribuíram para esse feito. O conceito de poesia oral foi se desprendendo do popular como uma manifestação capaz de expressar pela voz um discurso carregado de marcas de uma identidade. Desse modo, na poesia oral, lembra a autora, nos deparamos com narrativas e versos que estão intimamente ligados às origens históricas, culturais, assim como às circunstâncias sociais imediatas das comunidades por onde ela circula.

Como vimos nos estudos que realizamos, a partir de 1980, pesquisas têm tentado compreender as complexas relações entre oralidade e escrita, as maneiras de como indivíduos se inserem nas culturas escritas e os usos que fazem dela. Ao longo das quatro últimas décadas do século XX, as relações entre oralidade e escrita foram pensadas de diferentes formas, como passamos a demonstrar.

Em uma perspectiva histórica, Torrance (1995, p. 132) discute a emergência de estudos sobre as relações entre oralidade e escrita a partir da década de 1960 e destaca publicações que, segundo ele, "fizeram um anúncio conjunto: o de que a oralidade deveria ser posta em evidência". Com esses estudos, os pesquisadores tentavam compreender a cultura

oral de sociedades tradicionais ágrafas, como forma de pensar o impacto da escrita sobre essas sociedades, pois esses estudos buscavam identificar as consequências da introdução da escrita sobre sociedades de tradição oral.

Walter Ong (1998) pesquisou e comparou oralidade e escrita. Ele descreve diferenças entre oralidade e escrita a fim de compreender as formas de organização do pensamento em comunidades tradicionais orais e as estratégias de memorização. Em seus estudos ele comenta o quão paradoxal é falar sobre Literatura Oral. Ele idealiza a escrita como técnica essencial para o desenvolvimento da humanidade, uma vez que ela permitiu um grande aumento da compreensão sobre o mundo e potencializou a capacidade de atuação sobre ele. Apesar das críticas feitas aos estudos realizados pelo autor, as descrições feitas por ele, são hoje, marcos importantes para os estudos das relações entre oralidade e escrita.

Para Antonio Henrique Weitzel (1995, p. 19):

A tradição oral, evoluída natural e espontaneamente, deu origem à literatura. E a primeira manifestação da ciência literária foi a literatura tradicional, ou seja, a literatura oral, porque foi transmitida de boca em boca, de geração em geração, e levada a todos os recantos da terra. Essa literatura folclórica ou popular, porque nascida do povo e por ele conservada, pelos séculos afora, sofre modificações de tempo e lugar, na medida em que se vai divulgando entre diferentes povos, assimilando inovações peculiares e tomando material um dos outros.

Em diversos estudos, também Tzevtan Todorov (2008), enfatizou a dificuldade de decidir o que é literatura e o que não é, o que é alta cultura e o que não é, diante da irredutível variedade de escritos e produtos culturais que ela costuma incorporar, sob perspectivas infinitamente diferentes. Assim, é difícil definir a quantidade de livros necessários para classificá-los como literatura de massa, ou a quantidade de produtos culturais suficientes para designá-los como cultura de massa.

Teve, ainda, nos estudos literários, um momento em que as discussões em torno das literaturas consideradas populares ou secundárias ou até mesmo as chamadas baixas literaturas efervesceram e houve espaço para análises de alguns gêneros até então marginalizados e é aí que entram os textos orais como canções e narrativas. Dessa forma, a análise do poético na oralidade, numa abordagem teórico-literária, condiciona-se à necessidade de transitar entre diferentes disciplinas das Ciências Humanas.

Os trabalhos em oralidade desenvolvidos por Lord, Finnegan, Havelock e Zumthor demonstram o fato de que a poesia oral torna-se importante nas cadeiras de literatura, visto

que as pesquisas pautam-se por um modelo analítico que leva em conta as especificidades de geração, de transmissão e de variação textual. Todavia, não se pode negar que o mérito da poesia oral nos estudos literários advém também de questões do ensino de literatura nas escolas. Exemplo disso são os PCN's dos anos iniciais, que valorizam a cultura oral do aluno para que o mesmo adentre no mundo da escrita. A proposta dos PCN's aproxima a literatura do exame das linguagens não verbais manifestadas em performances coletadas oralmente. Dessa maneira, os Parâmetros têm por objetivo integrar a cultura oral com a escrita e dar ênfase à poesia oral na formação do aluno, reafirmando a importância cultural que as poéticas orais têm em diferentes grupos sociais. Apesar disso, há ainda algum preconceito contra a literatura oral, que já levou educadores na Inglaterra e no Brasil a achar que ela não devia ser utilizada na escola, em razão de apresentar temas "cruéis e falsos". O novo século apontou para a necessidade de se estudar gêneros marginais e para outras práticas poéticas, e hoje, o trava-línguas, as cantigas de roda, os mitos, as lendas, as histórias encantadas e os contos maravilhosos ajudam no desenvolvimento das relações pessoais e de competências linguísticas em sala de aula.

A poesia oral, por sua vez, consegue se emancipar livrando-se de seus supostos prefixos "para" e "sub" e se projeta com o mesmo valor que a poesia escrita sempre teve nos estudos literários. As investigações recentes sobre cultura oral evidenciam que a oralidade começa a ser observada como fato importante na estruturação do pensamento ocidental e a supremacia do escrito sobre o oral vem sendo questionada.

O mais importante, porém, é ter como aspecto central a linguagem, pois como afirma Marilena Chauí (1995, p. 147) a linguagem é o instrumento que o homem usa para comunicar-se, relacionar-se com o mundo e com os outros, interagir com a vida social, cultural e política, sendo nessa mediação que a palavra habita as coisas e veicula significações.

De acordo com o pensamento de Paul Zumthor (1997): a relação do oral com escrito antes de ser excludente, é, na verdade complementar. Isso não significa dizer que haja negação dos paradigmas da literatura ocidental, ao contrário, compartilhando esse pensamento de Zumthor, a relação do oral com o escrito só pode ser de complementação apenas não podemos fingir que não vemos a "espontaneidade e a imediatez da voz", pois, como afirma Hiran de Moura Possas (2011, p. 22) "a academia precisa reaprender a escutar a voz da experiência ou o lado épico de suas verdades". Ele aponta:

Entendo que haja uma necessidade de se revisar os cânones literários ou pelo menos trazer para a cena epistemológica espaços não canônicos, pois variações lexicais, morfossintáticas e fonéticas, por si sós, são insuficientes para se realizar uma leitura satisfatória sobre a vocalidade. Refinou-se tanto a sensibilidade estética em nichos epistemológicos estagnados que acabamos por recusar a espontaneidade e imediatez do aparelho vocal.

[...]

Felizmente, a oralidade além de viva no cotidiano de atores-artistas culturais, vem sendo repatriada pela escrita de Guimarães Rosa, de Dalcídio Jurandir, de Benedito Monteiro, Antonio Juraci Siqueira, dentre outros prosadores, como também de escritores africanos de expressão na língua portuguesa que, através de uma estética humanística, contestam os paradigmas das literaturas de feições aristocráticas.

O imaginário, onde se encaixam os pensamentos humanos, é uma atividade que pode transformar o mundo, por isso não podemos nos esquecer de que a voz fez viajar as histórias, os "causos", os feitos heroicos, por toda a história da humanidade.

### CAPÍTULO III

#### NARRATIVAS EM FOCO

Meu verso rastero, singelo e sem graça Não entra na praça, no rico salão, Meu verso só entra no campo da roça e dos eito E às vezes, recordando feliz mocidade, Canto uma sodade que mora em meu peito.

Patativa do Assaré

Em rodas de conversa, o contador de histórias, o protetor da memória, os detentores do saber de comunidades, os folcloristas, são figuras que consomem o momento e cada ação vivida se torna uma aventura que ele compartilha e reparte. Ele sempre procura cativar e encantar com o feitiço dos sons das palavras e alegra os ouvintes com gestos e expressões faciais. Sua performance perpassa pelo contar de um mesmo *causo* inúmeras vezes, mesclando lembranças alheias, trocando palavras, incorporando personagens sem que seja ator. Sobre essa arte que se extingue nos dias atuais, Walter Benjamin comenta: (1989, p. 198)

É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. [...] experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.

Por pensar com Walter Benjamin, que entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos, é que saímos à procura de histórias orais e procuramos agora, mostrar o poético existente nessas narrativas. Esse poético das narrativas estudadas pode ser legitimado pelo discurso de Sílvio Romero (1977, p. 17) quando ele fala sobre o poético em narrativas populares:

Qual literatura! Toda essa versalhada que por aí anda não vale o canto de um boiadeiro. Se vocês querem poesia, mas poesia de verdade, entrem no povo, metam-se por aí, por esse rincões, passem uma noite num rancho, à beira do fogo, entre violeiros, ouvindo trovas de desafio (...) Então, sim. Poesia é no povo. Eu criei-me na largueza, livre, correndo campinas, varando cerrados, comendo o que me ofereciam as árvores, bebendo nas fontes vivas e, quando

o calor abafava, despia-me, pendurava a roupa num galho e atirava-me n'água, nadando contra a corrente. Poesia para mim é água em que se refresca a alma e esses versinhos que por aí andam, muito medidos, podem ser água, mas de chafariz, para banhos mornos em bacia, com sabonete inglês e esponja. Eu, para mim, quero águas fartas — rio que corra ou mar que estronde. Bacia é para gente mimosa e eu sou caboclo, filho da natureza criado ao sol.

Sílvio Romero, enquanto narrador de fatos de sua vivência, ao olhar para o passado, revela quais valores? Ao afirmar: "Eu criei-me na largueza, livre, (...) Eu sou caboclo, filho da natureza criado ao sol", está reafirmando que a poesia, para ele, para o crítico, é essa que corre solta por entre vaqueiros e violeiros, é linguagem simples que não esquece o mundo real, ao contrário, reflete a cada momento aspectos e traços do ambiente natural e social que o cerca, revelando agudas faculdades de observação particularizada de pequenas coisas concretas e sensíveis. No fim, essa poesia, termina mesmo é mostrando as misérias do ser humano, as desigualdades, as diferenças, as injustiças, os costumes e hábitos, crenças e atitudes e principalmente, refletem, a mentalidade coletiva do nosso homem primitivo, da roça.

Com o mesmo pensamento de Sílvio Romero, está Câmara Cascudo (2006, p. 25-26) quando este afirma que:

A literatura que chamamos oficial, pela sua obediência aos ritos modernos ou antigos de escolas ou de predileções individuais, expressa uma ação refletida e puramente intelectual. A sua irmã mais velha, a outra, bem velha e popular, age falando, cantando, representando, dançando no meio do povo, nos terreiros das fazendas, nos pátios das igrejas nas noites de "novena", nas festas tradicionais do ciclo do gado, nos bailes do fim das safras de açúcar, nas salinas, festa dos "padroeiros", potirum, ajudas, bebidas nos barracões amazônicos, espera de "Missa do Galo"; ao ar livre, solta, álacre, sacudida, ao alcance de todas as críticas de uma assistência que entende, letra e música, todas as gradações e mudanças do folguedo. (grifos do autor).

Gostaríamos de fazer um pequeno parêntese, para explicar que nossa intenção, ao citar esses dois estudiosos, não é a de estabelecer uma comparação entre os trabalhos com oralidade desenvolvidos pelos dois estudiosos, mesmo sabendo que os dois possuem extensos trabalhos nessa área. Câmara Cascudo tem um extenso trabalho com a oralidade<sup>3</sup>, enquanto

.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Câmara Cascudo tem publicado, entre outros, os livros: *Lendas brasileiras* (1989); *Contos tradicionais do Brasil* (1997); *Coisas que o povo diz* (1968); *Histórias dos nossos gestos* (1987); *Superstição no Brasil* (1985); *Locuções tradicionais no Brasil* (1986); *Literatura Oral no Brasil* (1984). Este último foi reeditado pela Global

Sílvio Romero<sup>4</sup>, apesar de também ter estudos que tratam da oralidade, se voltou mais para as questões da literatura clássica brasileira.

Nós aproximamos os dois escritores, na medida em que os dois pensam que a verdadeira poesia está no meio do povo, no dizer de Romero e entre violeiros, nas trovas de desafio, como ponderou Cascudo. Também não desejamos estabelecer a polaridade entre literatura oral e literatura erudita, porque o que nos interessa é o que há de comum a ambas, que é: "a literatura enquanto fenômeno de linguagem", por meio da qual são comunicadas as experiências, ideias e aprendizados ligados ao imaginário e à vivência humana. E como elegemos a linguagem como forma do pensamento, que exprime significados e que revela a capacidade inventiva do ser humano enquanto formulador de ideias, nos serviram o pensamento dos dois autores, na relação que estabeleceram o poético como componente da linguagem oral. Até mesmo porque, sejam enredos lendários, míticos, fictícios estaremos lidando com a literatura oral, resultante, como explica Frederico Fernandes, (2002, p.16), "de um trabalho com a linguagem, em que a criatividade, as maneiras de contar, o entretenimento e o plano ideológico, provenientes dela, trazem indícios de que se está lidando com uma 'enfabulação' do cotidiano'. (Grifos do autor).

Aquilo que a palavra oral carrega e transmite, não está na ordem do dia, não é a informação mais ou menos precisa de um acontecimento, não é funcional no sentido de imbuir alguém de um saber consciente sobre um dado da realidade. A narração poética dirigese a uma realidade interior e mesmo ancestral, que comparamos aos processos de memória. Toca a parte mais essencial e humana, alimentando os sentimentos de coragem astúcia, medo, honra, alegria e confiança, como diria Louise Arosa Prol Otero (2011, p.23).

#### 3.1 O poético nas narrativas orais da região de alto Araguaia e Santa Rita do Araguaia

[...] o que se registrou na escrita partiu da oralidade dos poetas épicos e trágicos e dos primeiros filósofos.

Havelock

em 2006 e traz, no terceiro capítulo a participação indígena; no quarto capítulo a sobrevivência afro-negra e no quinto capítulo está a permanência portuguesa com sua tradição oral.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Sílvio Romero tem publicadas as obras: *História da Literatura Brasileira*-Tomo I (1943), Tomo II 1945, Tomo II 1950, Tomo IV 1953, Tomo V 1960 (a depender da edição); *Trechos escolhidos: nossos clássicos* (1975); *ABC do lavrador e outros cantos* (2003) *Contos populares do Brasil I e II* (1954): *Folclore Brasileiro- tomos I e II* (1954); *Teoria, crítica e história literária* (1978).

Por volta do século XVI e XVII, segundo Burke (1989, p. 271) houve grandes transformações sociais, como o surgimento do circo e a ampla circulação de textos escritos – jornais, livros, cordel – e de textos orais – lendas, provérbios, cantos, mitos que fizeram, enriquecer a cultura popular nas cidades grandes. A partir do século XIX a leitura ganhou lugar de destaque. Com a Revolução Francesa, uma nova concepção de cultura se expande na sociedade, há a rejeição do que é popular e a supervalorização do erudito e do escrito. Uma distância então se fez entre a cultura dita erudita e a cultura popular.

Discutimos, no primeiro capítulo, sobre a literatura oral, e esse tipo de literatura se mostrou como um elemento complexo e fruto da relação entre a arte e as sociedades humanas, em que tanto o aspecto estético como o conteúdo são levados em conta, bem como a participação de quem conta e a sua interação com quem ouve, abrangendo os assuntos escolhidos para contar e a forma como eles são apresentados ao receptor, o que é chamado de performance.

Aqui, pensamos o papel do investigador desde a captação das histórias em geral até à sua disponibilização em livro, e sobretudo, como apreciar a linguagem poética no âmbito de uma recolha de literatura oral. Para Domício Proença Filho (2000, p. 37): "Em certo sentido, a linguagem literária produz; a não literária reproduz". Também vimos com Roman Jakobson (1970, p. 141), que, tendo como fator fundamental da comunicação o emissor, o gênero lírico ativa intensamente a função emotiva da linguagem humana.

Ainda que as pessoas, que entrevistamos, quisessem reproduzir a realidade, elas o fizeram com um estilo poético próprio daqueles que contam e querem encantar, fazendo uso da função emotiva da linguagem. Cada contador, a seu modo, apresentou uma maneira de falar diferente, sem usar a língua padrão. Alguns soltaram trovas improvisadas como as de Vilma Francisca da Silva:

Quem tem amor tem saudade Quem tem saudade chora Quem chora se desabafa Quem padece ama.

Para chamar essas narrativas de poéticas retomamos o pensamento de Sílvio Romero: "Se vocês querem poesia, mas poesia de verdade, entrem no povo, metam-se por aí, por esse rincões, passem uma noite num rancho, à beira do fogo, entre violeiros, ouvindo trovas de desafio".

Na trova que selecionamos, se pensarmos numa análise clássica, podemos encontrar a repetição e o paralelismo, o jogo de palavras, a livre associação, que são características da linguagem poética, pois assumem papéis estruturantes. A repetição está presente nesta quadra, pois as expressões: "Quem tem/ quem chora/quem padece", aparecem no início dos quatro versos; e, o paralelismo se dá na relação entre aquele que ama e aquele que inevitavelmente padecerá. Notamos também que o segundo verso recupera o primeiro: "Quem tem amor tem saudade / quem tem saudade chora" e o terceiro verso por sua vez recupera o segundo: "Quem chora se desabafa" havendo a quebra dessa sequência no último verso que fecha a quadra, com a livre associação do amor com o sofrimento, como se a conclusão estivesse pronta e acabada: "Quem padece ama". Esperávamos que o último verso fosse invertido: "Quem ama padece", pois o fato de amar é que levaria ao padecer e não o inverso. Mas transcrevemos essa quadra como foi narrada por Zilda Maria, e talvez tenha sido assim que ela a tenha guardado, na memória, pois se a lembrança é como apontou Ecléa Bosi (1999, p. 55): "[...] uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual", para a narradora, foi assim que a trova lhe ficou.

José Nirce usou o recurso do canto e inseriu, em sua história pessoal, uma "moda", como ele a chamou, isto se deve ao fato de que, muitas vezes, quem quer se comunicar recorre a uma narrativa para exemplificar algo:

O Morbeck <u>subiu</u> **no pau,** bateu asas e avoou Carvalinho chegou **debaixo** com uma cara de <u>bugio</u> Calma Morbeck, você não tem dinheiro *não* O Pedro Celestino Já formou um batalh*ão*.

Devemos observar que as rimas, nesta estrofe, ou nessa "moda", como a chamou o contador, dão a sonoridade que alimenta a imaginação e a fantasia e desperta para o prazer estético. São elas: "subiu-bugio; avoou-chegou; não- batalhão". Ainda que a primeira seja rima rica: subiu é verbo e rima com bugio que na estrofe assume a categoria de adjetivo, portanto pertencem a categorias gramaticais diferentes; avoou e chegou são verbos e portanto a rima é pobre; não – partícula negativa, rima com batalhão substantivo, ocorrendo aí uma

rima rica, mas os versos são simples e sem muito esmero. Os modelos são pobres e generalizantes "donde provém sua força e autoridade", como diria Zumthor (1997, p. 21).

O conteúdo desses versos, entretanto, não tem nada de inocente, pois apresenta o humor, da sociedade em relação aos Morbecks, figura da briga dos Carvalinhos e Morbeks, que citamos no primeiro capítulo quando mostramos os fatos reverentes a essa Revolução contra o Governador do Estado de Mato Grosso e que teve início, segundo Jurandir Xavier (1999, p. 11) na década de 20, quando o então Governador de Mato Grosso, Joaquim Augusto da Costa Marques, assinou a lei nº 707, de 15/07/1915 que dava Concessão à Cia Indústria e Comércio, uma multinacional mineradora inglesa, que tinha como objetivo explorar as jazidas minerais, metais, e fósseis minerais existentes no vale do Rio Garças e seus afluentes, desde as cabeceiras até a sua foz no Rio Araguaia. Dr. José Morbeck era então Diretor da Repartição de Terras e Minas e Colonização de Mato Grosso e se posicionou contra a decisão do governo em conceder uma área já explorada por treze mil famílias de garimpeiros. Ao ser comunicado oficialmente da decisão, Morbeck pede demissão do cargo para se juntar aos garimpeiros e numa comunicação ao então Interventor de Mato Grosso, deixa um telegrama que diz: "Ou cai a concessão ou estoura a revolução". A favor do Dr. José Morbeck, estavam o Marechal Rondon e o Presidente do Senado da época, o mato-grossense Senador Azeredo, ambos contrários à Lei da Concessão. Mas Carvalhinho se junta ao governo, encabeça o posicionamento contrário a Morberck e com esse posicionamento dá início à revolução. Ao final da Revolução, Carvalhinho foi preso e levado para Cuiabá com seu bando onde ficou preso de 1928 a 1930 e morreu em São Paulo de morte natural. Uma Revolução onde não houve vencedores, porque Morbeck terminou sem grandes posses.

Voltando à estrofe: "Morbeck subiu no pau, [...] você não tem dinheiro não / O Pedro Celestino já formou um batalhão". Os versos apresentam uma realidade com uma conotação associada ao fim dos conflitos entre Carvalinhos e Morbecks já que os últimos não tinham mais como sustentar a revolta, pela precária condição financeira. Estão postas as relações de poder entre os Morbecks e Pedro Celestino que entrou na briga para acabar com a Revolução. A estrofe, que citamos acima, portanto, não foi inventada por José Nirce, e ocorreu na época da revolta, como ele mesmo informou: "Eu lembro até hoje. Então inventaram essa moda. O Pedro Celestino era o Comandante" (p. 123). São versos fáceis de serem lembrados por serem compostos segundo um padrão que favorece a memorização, além de que apresenta notícias interpretadas segundo os valores compartilhados pelo público.

Segundo Lord (1960, p.16. Apud OTERO, 2011, p. 37):

O aprendizado de uma linguagem poética oral segue os mesmos princípios do aprendizado da própria linguagem: não segue uma esquematização consciente, de regras fundamentais, mas sim um método oral natural.

O contador/cantador guardou a canção na memória de tanto ouvi-la ou de tanto repetila. A sonoridade das rimas em "ão" ajudam a lembrar, pois são rimas fáceis de memorizar. Os versos dessa estrofe estão intimamente ligados às origens históricas, culturais, assim como as circunstâncias sociais imediatas das comunidades por onde ela circula, como ponderou-Claudia Vanessa Bergamini, (2011, p. 30)

O senhor José Nirce é um sujeito brincalhão e com um humor mordaz. Ele apresentou sua história de vida sem obedecer a uma sequencia lógica. Começou sua história dizendo: "Eu vou contar desde o tempo de novo" (p.85) e foi contando histórias de amigos, de patrões e da cidade. Sua narrativa nos ajuda a ver como o povo guardou, na memória, a história da Revolução entre Morbeck e Carvalinhos, portanto é um dado histórico cultural da região que é lembrado por nosso entrevistado, e a performance poética ficou também por conta do canto.

Milton Morbeck Filho (p. 98) se apresenta em eventos da cidade para registrar, oralmente, como realmente se deu a Revolução encabeçada por seu avô, como vimos no capítulo anterior. Porém ele não quer apenas desfazer os mal entendidos e mal escritos sobre a história de seu avô. Ele deseja também preservar a memória e a escrita de sua avó Arlinda Pessoa Morbeck. Quando o entrevistamos, ele pediu que ficassem registrados, no nosso livro, dois poemas dela, além de que solicitou que citássemos dados bibliográficos da autora, que é considerada a primeira poetisa mato-grossense.

De acordo com Milton Morbeck Filho:

Considerada pela UFMT a 1ª poetisa de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, Arlinda Pessoa Morbeck foi o símbolo de uma época em que os migrantes se deslocaram com imenso sacrifício dos estados do norte e nordeste a procura de diamantes. Por ser única fonte de trabalho no leste de Mato Grosso, os garimpos simbolizavam todos os ideais de esperança de uma vida melhor.

[...]

Por isso, ao se homenagear a professora Arlinda Pessoa Morbeck como a primeira professora da nossa Alto Araguaia não há que se fazê-lo somente pela mestra. Na mestra, na poetisa, na escritora pulsava o coração de uma mulher que saiu da alta sociedade de Salvador, berço cultural do Brasil e, com têmpera de aço, sem perder a ternura, veio trazer aos mato-grossenses uma riqueza maior e mais valiosa do que os diamantes que os nordestinos

buscavam. Veio transmitir às nossas crianças o saber, a virtude do exemplo e a todas as pessoas, lições de vida.

Seguem os dois poemas, primeiramente "O perdão" e, em seguida: "Tenho ciúmes de ti":

#### O Perdão

Perdoar o mal que me **fizestes**,
E que vivo a sofrer e *recordar*Perdoar as angústias que me **deste**,
Porque pensei que me soubesse *amar*.
Foi a culpada a crença que diz
O meu sentimento *dominar*,
Mas, sorrindo, tu não compreen**deste**Que são felizes os que sabem *perdoar*.

Não te perdoo, porque és um *ingrato*, Roubaste o meu amor e o teu *retrato*, Que eram relíquias do meu <u>coração!</u>

És cruel, és traidor, és *insensato*, Não devias praticar o *desacato* Porque te amo! Não te perdoo <u>não!...</u>

Esse texto assume a forma de um soneto, pois possui as características do mesmo, ou seja, dois quartetos e dois tercetos, as rimas no entanto, não obedecem às formas clássicas do soneto, que seriam ABAB/ABAB/CDE/DEC.

Na primeira parte o eu lírico deixa em suspense se irá perdoar o amado ou não. No primeiro terceto, já estão os elementos que apontam para a falta do perdão e no último terceto, o sujeito poético reforça essa ideia, porque o amante é cruel, traidor e insensato, num arranjo do eu lírico para mostrar os traços e a falta de caráter que retratam esse amante. Lembrando Candido, (2006, p. 48), podemos dizer que a poeta usa a "literatura encarada como vida, na qual a pessoa se realiza", parece então, que o poema está aqui, como substituto de sentimentos ou experiência, e este lado subjetivo não se destaca do outro, que é o seu efeito e o seu papel fundamental: estabelecer comunicação entre os homens. A poetisa falou das coisas de seu cotidiano, do que vivenciou e do que sofreu, afinal o poeta não é um sujeito que vive fora do mundo, profundamente entretido com coisas irreais ou sublimes; o poeta é também o homem misturado à vida, vivendo o seu cotidiano como qualquer outro, apenas o sente mais intensamente.

Para Salete de Almeida Cara, (1989, p.41):

A ideia da arte como *fatura*, que aparece nos textos de Edgar Allan Poe ("Filosofía da composição" e "O princípio poético"), foi fundamental para seu tradutor francês – o pré-simbolista Baudelaire (1821-1867) -, o primeiro poeta moderno a sistematizar o poema como relações entre sons, ritmos e imagens. (Grifos da autora).

E a estudiosa também afirma que (1989, p. 69):

A Lírica não pode mais ser compreendida sob a ótica normativa, mesmo que as normas digam respeito a traços de estilo. Pode-se falar em *lirismo*, mas não numa Lírica como gênero fechado.

Enfrentando todas as contingências, o lirismo se encontra onde se encontra uma *expressão particular* cuja figura é criada pelas relações —de acorde ou dissonância — entre *som*, *sentido*, *ritmo e imagens*. Essas relações são comandadas pela *visão subjetiva de um sujeito lírico*.

Não é possível generalizar. É preciso examinar cada caso, cada texto, cada circunstância – cada poeta. (Grifos da autora).

O poema "O perdão" tem seu ritmo e sonoridade devido às rimas, mas peca pela falta de imagens, no entanto é a visão subjetiva do sujeito lírico. E, como afirmou Salete Cara, se "o lirismo se encontra onde se encontra uma expressão particular", podemos afirmar que o poema de Arlinda Morveck é a expressão particular da poeta araguaiense. Retomando Roman Jakobson (1970, p. 141), lembramos que, segundo o teórico, o gênero lírico ativa intensamente a função emotiva da linguagem humana, pois tem como fator fundamental da comunicação, o emissor. Foi o que fez a poetisa, tentando ativar a função emotiva da linguagem, quando escreveu o poema "O perdão".

## Tenho ciúme de ti

Tenho ciúme de ti Do teu fascinante **olhar**, Tenho ciúmes de tudo Que suas mãos vão **pegar!** 

Tenho ciúmes da água
Que teu corpo vai banhar
Tenho ciúmes da lua,
Que vem teu rosto iluminar!
Tenho ciúmes do beijo
Que vem do amor te ofertar
Tenho ciúmes do abraço
Que vem teu corpo apertar!

43

Tenho ciúmes se vais Para longe te **ausentar** Tenho ciúmes das horas, Oue roubam o teu **olhar!** 

O amor nos ensina a **perdoar**. Mas não nos ensina a esquecer...

Observamos que, no que diz respeito à forma, o poema foi composto com liberdade formal, com versos livres dispostos assimetricamente, isto é, com versos que não possuem o mesmo tamanho métrico e com um ritmo irregular, que podem ser vistos como pequenos trechos em prosa, além de que as rimas não acontecem em todos os versos. A preocupação maior é com a essência das coisas, com a instabilidade do amor que vem retratado no ciúme excessivo. E esse ciúme ganha uma nova dimensão quando a poeta enfatiza que tem ciúmes até das horas que roubam o olhar do amado.

Zilda Maria de Rezende também declamou trovas no momento da entrevista (p.171):

Ai que moça bonita, tão faceira e catita! Ai que moça bonita, tão faceira e catita! Que moça bonita que linda pintura Chumbada de ouro a sua dentadura

As mulheres andam procurando onda nova pra **inventar** Usava meias compridas depois deram de **encurtar** Encurtaram tanto as meias que deixaram de **usar.** 

Aqui também acontece a repetição do primeiro verso e rimas ao final de todos eles: Pintura-dentadura; inventar-encurtar-usar. Verifica-se também uma certa moral que emerge dessas estrofes. Podemos aferir que as meias, que cobriam as pernas das moças, faziam parte da moral e dos bons procedimentos de quem as usava, mas com as novas ondas que inventaram deixaram de usá-las, depois de encurtá-las. Os versos trazem a possibilidade de brincar com as palavras e com as regras sociais, com os significados, com o próprio corpo ao desenvolver a performance no momento em que o contador mistura em sua história pessoal, uma quadra que transmite um código de comportamento cultural, porque ele pensa que pode causar prazer no ouvinte. Como vimos no primeiro capítulo, com as narrações e com alguns dados históricos, Alto Araguaia e também Alto Taquari, foram as regiões que primeiro sofreram os impactos da migração em Mato Grosso a partir da década de 1970, por conta da "localização geográfica" e também pela influência dos Estados de Minas Gerais e Goiás contemplando as influências das minas de minérios, onde se descobriu ouro em grande

quantidade. Com a descoberta desse ouro, em grande quantidade, as pessoas passaram a usar os dentes cobertos de ouro. Alguns cobriam toda a dentadura, o que lhes dava um ar de poder, de riqueza e de imponência, por isso o verso: "Chumbada de ouro sua dentadura". Ao leitor desavisado, o verso poderá aparecer como ironia, mas como conhecemos a história de Alto Araguaia, sabemos que o verso faz uma retomada desse gosto tão comum entre todos do lugar.

Zilda Maria, ao invés de contar sua história com início, meio e fim, inseriu em meio à narrativa, cantigas e quadras, certamente com o fim de tornar mais lúdico os instantes do contar, ou mesmo para persuadir o ouvinte. Para Adilson Citelli, (1993, p. 14), persuadir, antes de mais nada, é sinônimo de submeter, daí sua vertente autoritária. Quem persuade, leva o outro à aceitação de uma dada ideia. É aquele irônico conselho, segundo o estudioso, que está embutido na própria etimologia da palavra: per + suadere = aconselhar. Essa exortação possui um conteúdo que deseja ser verdadeiro: alguém aconselha outra pessoa acerca da procedência daquilo que está sendo enunciado. Os narradores que entrevistamos, para construírem o "efeito de verdade" em seus argumentos, procuraram recheá-los de provas, para persuadir o receptor, e, mesclaram suas histórias com histórias de outros, com o que ouviram contar e com histórias do lugar, como o fez o senhor José Nirce (p. 122).

Ainda com relação à quadra de Zilda Maria de Rezende, o verso livre não impede o ritmo das trovas que trazem o lirismo amoroso como sendo um dos motivos mais comuns do cancioneiro popular e são encontrados no verso: "Ai que moça bonita, tão faceira e catita!" e em Pedro Alcântara de Melo (p.138), no verso: "Vai nascendo a rosa que o vento balança", como podemos conferir a seguir.

Pedro Alcântara de Melo declamou:

Morena bonita de muita **finança** Seu jeito moreno é de **confiança** Vai nascendo a rosa que o vento **balança** No galho mais alto que ninguém **arcança** 

Ama um e ama outro
Pensando que não me **ofende**Mas esse nosso amor
Parecendo uma (...)
Que baixa e **suspende**Minha viola repicando no coração das morenas

Minha cama é de pena E meu lençol de **piedade** Travesseiro de suspiro e fronha de matar **saudade** Menina me dá um abraço pra mim é uma **atividade**.

Nas estrofes declamadas por Pedro Alcântara de Melo, também aparecem as rimas externas, ou seja, no final dos versos: "finança-confiança-balança-arcança; ofende-suspende; piedade –atividade. Também deixa transparecer uma moral, que é o da moça namoradeira: "ama um e ama outro", certamente não terminará com o cantor das rimas, que ficará com o travesseiro de suspiro e o lençol de piedade, amargando a ausência da moça namoradeira. Escandir as trovas de Pedro Alcântara de Melo seria uma tentativa frustrada, pois não poderíamos explicar os múltiplos movimentos do seu corpo acompanhados de seu inseparável chapéu de couro, seus óculos de grau que não escondem a falta de um dos olhos, mas que expressam a performance dos contadores de "causos", mesmo quando está "trovando" e ganhando vida no olhar atento de quem o escuta., pois: "Cada sílaba é o sopro, ritmado pelo batimento do sangue [...]; e a energia deste corpo [...] (ZUMTHOR, 1997). É o poder de encantamento da performance, que determina a própria história sendo contada, recoloca a palavra como forma de agir sobre o mundo, de criar laços entre interlocutores, fazendo-os participantes ativos da ação em causa. (OTERO, 2011, p.22).

Quem também conta sua história é Francisco Silvério da Costa. Sua história está entremeada de trovas com rimas internas e intercaladas e permeadas de outras histórias que ouviu contar, como essa do cego Aderaldo, a que ele chama de romance: "Eu aprendi romance num dia. Você ver uma história do cego Aderaldo", (p.121-122), e se colocada em versos, ficaria assim:

Um dia determinei saindo do Quixadá, uma das belas cidades do estado do Ceará. Fui até o Piauí, ver os cantores de lá. Me hospedei na pimenteira depois em Alagoinha, cantei no Campo Maior, no Angico e na Baixinha. De lá eu tive um convite para ir cantar na Varginha. Quando cheguei na Varginha, de manhã, muito cedinho, o dono da casa veio e me perguntou sem carinho: Cego, você não tem medo da fama do Zé Pretinho? Fui e lhe disse: "Não senhor, nem da verdade eu não zombo. Mande chamar esse preto, que eu quero dá nele um tombo. Ele chegando, um de nós hoje há de arder o lombo". Aí o dono da casa disse: "Menino, você vai já, vá dizer ao Zé Pretinho, que desculpe eu não ir lá e que ele sem falta, hoje à noite faça o favor vem cá"

Em casa do tal Pretinho:

"Lá em casa tem um cego cantador
e que é pra você ir lá tirar o calor!"

Zé Pretinho falou:

"Fale pro seu pai que bom amigo é quem avisa.

Vai dizer ao cego que vá tirando a camisa,
mande benzer logo o lombo,
porque vou dar-lhe uma pisa".

Ao final da história do senhor Francisco Silvério da Costa, ele explica que todos se reuniram para ver a briga e que ela aconteceu em forma de duelo de cantoria. E explica como sabe tudo isso: "Eu lembrava de muita história mas a gente vai esquecendo. Eu tinha um livro ele instrói a pessoa, é um romance que instrói" (p.46). O senhor Francisco demonstra o prazer que tem em contar e também se sente orgulhoso pelas risadas que retira do ouvinte atento, o que colabora para a execução da performance do contar, além de demonstrar o domínio que ele tem dessa linguagem toda rimada e que possivelmente já a repetiu por diversas vezes para outros receptores.

Refletindo sobre o valor desses relatos, podemos afirmar que eles fazem parte do nosso patrimônio enquanto indivíduos e enquanto membros de um grupo. Entramos em contato com esse universo desde o nosso nascimento com as canções de ninar que cantam as mães. Quem não se lembra de um "Boi, da cara preta...", de um "Dorme neném que o bicho vem pegar,..."; de "Atirei o pau no gato", de uma história do "Patinho Feio", de princesas, príncipes, anões, gatos de botas, de um "o povo conta que", "Dizem que no tempo do Rei", etc?. São canções, relatos, cantigas parlendas, contos de fadas, causos, lendas, entre outras, capazes de testemunhar a sobrevivência de um todo orgânico que seduz e transporta o ouvinte para outras dimensões, que é o mundo da oralidade. Todo um universo que nos ajuda a crescer, a aprender a língua, a interiorizar certos valores, até mesmo a desenvolver o raciocínio, a sensibilidade e, sobretudo os sonhos. Os jogos metafóricos dessas histórias, os recursos sonoros que o narrador imprime no momento da narração, ajudam a fixar os enredos nas memórias de quem as ouve.

Zumthor (2007, p.71) diz que se a oralidade poética cumpre a função primordial de mitificar o vivido, pois que visa à linguagem, e não ao mundo, buscando emancipá-la do tempo biológico, para o estudioso, há que se verificar que todos os sistemas de escrita partilham o desejo com a poesia, que é o da permanência no tempo.

O trabalho poético da oralidade se desenvolve pela memória. Em sociedades não letradas, as histórias se espalham pela fala, pelo contador de histórias que as divulga, o que

permite a sobrevivência dos enredos, dos hábitos sociais, da tradição que ficam representados nessas narrativas orais cheias de trovas, com recheio de poesia e emoção, abrigando expressões e memórias da oralidade.

A literatura oral é um patrimônio que se renova a cada dia, como vimos nos excertos que selecionamos anteriormente, pois nela surgem expressões linguísticas que passam a fazer parte do cotidiano, como é o caso de; "dar uma pisa" ou "quem tem amor tem saudade", entre outras, que ficam como marcas sobrevivendo às sucessivas transformações sociais. A sociedade muda, os discursos certamente, mudam com ela, mas permanecem traços propagados nas memórias das gerações que serão legadas às posteriores e a isso podemos chamar de permanência no tempo.

Vimos com Walter Benjamin (1989, p. 198) que a experiência da arte de narrar está em vias de extinção. De acordo com o teórico, são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. [...] experiência que passa de pessoa a pessoa.

Quando solicitamos aos narradores que contassem suas histórias de vida, todos se animaram. Alguns, ainda hoje, nos procuram para dizer que se esqueceu de contar partes importantes de sua vida, e talvez isso se deva ao embaraço de ter sido a primeira vez. Em outros, perfeitos contadores de causos, como o senhor Francisco Silvério da Costa e José Nirce, percebemos o desembaraço ao transmitir as experiências e contar, além da história pessoal de vida, "causos" de outros, mas certamente essa vontade de contar, se restrinja às pequenas regiões do sertão, pois como postulou Walter Benjamin, (1989, p. 202), a respeito da narrativa oral:

[...] o primeiro indício da evolução que vai culminar na morte da narrativa é o surgimento do romance no início do período moderno [...] por mais familiar que seja seu nome, o narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva, ele é algo distante e que se distancia ainda mais [...] as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo [...].

Concordamos que as ações da experiência estão em baixa, mas não desaparecerão de todo, pois como vimos com Zumthor (2007, p.71) a oralidade poética cumpre a função primordial de mitificar o vivido, pois que visa à linguagem, e não ao mundo, buscando

emancipá-la do tempo biológico, para o estudioso, há que se verificar que todos os sistemas de escrita partilham o desejo com a poesia, que é o da permanência no tempo. Essa permanência se dará pelos contadores que transmitirão todo o universo da poética oral, incluindo aí os "causos", os costumes e a moral.

# 3.2 A memória e a forma de expressar dos narradores

A preocupação primeira do ser humano foi saber sobre o começo do mundo, sobre o dia e a noite, como se davam os círculos terrestres. Mesmo o homem moderno, com toda ciência e tecnologia do século XXI, ainda vive a procurar explicações para os fenômenos terrestres e para o começo da vida humana. Tal preocupação faz parte de todo ser, graduado ou não, como podemos observar nos versos de Francisco Silvério da Costa (p.119):

Disso tudo, o carbono e o hidrogênio.
O dia, Deus fez claro
A noite fez bem **escura**.
Se de noite houvesse sol
Estava o homem à altura
De notar esse defeito e censurar a **natura**Sob o céu primeiro
Deus fez o sol e a lua.
E a lua por sua *vez*Tem por uma obrigação
Cheia e nova todo *mês*.

Além do sol e da lua
Doze signos foram <u>feitos</u>
Formando a constelação
Sendo ao sol todos <u>sujeitos</u>
Desiguais na natureza
Com diversos <u>preconceitos</u>.
Quais são esses doze signos?
Capricórnio e Aquário
Touro e Câncer
Libra e Virgem
Peixes Escorpião e Sagitário
Áries, Leão e Gêmeos

Janeiro é o meu mês Aquário reina no mês de <u>Janeiro</u> O homem que nascer nele tem o crescimento <u>vasqueiro</u> Será amado pelas mulheres, venturoso e <u>lisonjeiro</u>.

Fevereiro é peixe, quem nesse signo **nascer** É muito gentil do corpo, muito guloso no **comer** É risonho e gosta de viagem Só não faz o que **prometer**  Em abril é Touro, um signo bem *conhecido* O homem que nascer nele Será homi *presumido* Altivo de coração e será rico e *atrevido*.

Maio é Gêmeos, sua qualidade é <u>quente</u>, O homem que nasce nele será fraco e <u>diligente</u> Para os palácios e cortes se inclina constantemente.

O jogo de palavras, a similaridade sonora que culmina na rima e o som, dão a musicalidade da narrativa. A assonância, a repetição, o paralelismo colaboram para aguçar a imaginação, pois ajudam a memória do contador a expressar ideias comuns que agradam ao ouvinte que registra as repetições dos sons das palavras, tais como: "quente, diligente, constantemente".

De acordo com Zumthor (2010, p. 30):

Aquilo que dá margem a falar, aquilo no que a palavra se articula, é um duplo desejo: o de dizer, e o que devolve o teor das palavras ditas. Com efeito, a intenção do locutor que se dirige a mim, não é apenas a de me comunicar uma informação, mas de consegui-lo, ao provocar em mim o reconhecimento dessa intenção, ao submeter-me à força ilocutória de sua voz.

Aquele que conta, submete o ouvinte "à força ilocutória da sua voz". É como se existisse um pacto na troca entre quem conta e quem ouve, já que a participação do ouvinte é ativa e produtiva da enunciação, ou seja, supõe-se que o ouvinte saiba reconhecer o que está sendo dito pelo locutor, para que aconteça a comunicação plena. A obra se concretiza na apreensão do ouvinte. Isso porque ele recria, de acordo com seu repertório particular, o universo significativo transmitido pelo narrador. Relembramos Walter Benjamin (Apud Joaquim Onésimo Ferreira Barbosa (2011, p. 11)):

Quando conta uma história, o contador/cantador/poeta revela não apenas o *lado poético do que sabe*, mas também permite que quem o ouve receba a sabedoria que emana da fonte das experiências tecidas principalmente nas idas e vindas dos rios e das matas, dos afazeres diários. Somente quem viveu experiências diversas tem o que contar, lembra Walter Benjamin.

Zumthor (2000, p. 38), também fala sobre essa troca entre contador e ouvinte. Ele pondera que:

Todo texto poético é, nesse sentido, performativo, na medida em que aí ouvimos, e não de maneira metafórica, aquilo que ele nos diz. Percebemos a materialidade, o peso das palavras, sua estrutura acústica e suas reações que elas provocam em nossos centros nervosos. Essa percepção, ela está lá. Não se acrescente, ela está. É a partir daí, graças a ela que esclarecido ou instilado por qualquer reflexo semântico do texto, aproprio-me dele, interpretando-o, ao meu modo; é a partir dela que, este texto, eu o reconstruo, com meu lugar de um dia (ZUMTHOR, 2000).

Os contadores, ao narrar as suas experiências cotidianas, acrescenta à sua própria experiência de vida, aquilo que viu e sentiu e procuram transmitir essas experiências como se fossem "verdades", por isso depende da participação do ouvinte para complementar a sua narrativa. Ninguém gosta de contar histórias a um público distraído.

Ainda de acordo com Zumthor (2000, p. 41):

[...] o poético, (diferente de outros discursos) tem de profundo, fundamental necessidade para ser percebido em sua qualidade e para gerar seus efeitos, da presença ativa de um corpo: de um sujeito em sua plenitude psicofisiológica particular, sua maneira própria de existir no espaço e no tempo e que ouve, vê, respira, abre-se aos perfumes, ao tato das coisas. Que um texto seja reconhecido por poético (literário) ou não, depende do sentimento que nosso corpo tem. Necessidade para produzir seus efeitos; isto é, para nos dar prazer.

Para Burke, (1989, p. 304):

A poesia que é popular é absolutamente natural, tem uma inocência e uma graça comparáveis às maiores belezas da poesia artística, como se pode ver nas *Villanelles de Gasconha* e nas canções que foram traduzidas de nações que não têm conhecimento nenhum de qualquer ciência ou nem mesmo da escrita.

Todas as manifestações que elencamos, estão ligadas ao corpo, à maneira que cada narrador usou para fazer a sua performance, o uso da voz, os gestos e tudo isso, construindo o que podemos chamar de linguagem poética, o que nos faz lembrar a frase de Domício Proença

Filho (2000, p. 37): "Em certo sentido, a linguagem literária produz; a não literária reproduz", e afirmar que nossos contadores inventaram uma maneira poética para contar suas histórias de vida. Também nos lembramos de Jakobson (1974, p. 118-163), quando ele fala sobre a linguagem verbal, comparando-a ao nível da linguagem corporal, e diz que na poética estão envolvidas seleções e combinações não usuais de elementos. Além disso a função poética, é a única dentre as funções da linguagem que trata da própria mensagem, ou seja, é autorreferenciada, logo, propicia reflexão sobre os próprios processos constitutivos da linguagem.

Assim, procuramos analisar nesses textos, além da perspectiva perfomática, o improvisado, as relações de poder, as experiências, a subjetividade, as expressões artísticas, o gênero, o poético, e por fim, o tipo de texto e vislumbrar também os narradores, enfim, observar as qualidades estéticas e criativas da literatura oral. Percebemos que nos eventos narrados, como acontece nas narrativas pessoais, a ênfase não está apenas no conteúdo, mas no todo que culmina na performance. Sentimos também com os teóricos, que a tradição está desaparecendo em ritmo acelerado, principalmente nas grandes metrópoles, e que a trova é um recurso adicional para o processo de transmissão dos costumes que ainda se conservam nos meios rurais e nas pequenas cidades. Notamos a habilidade que alguns dos narradores possuem para contar, e vimos também que a utilização da linguagem poética, está presente na vida cotidiana da comunidade araguaiense e santaritense, mesmo quando as pessoas contam suas narrativas pessoais. Ao narrar, estão refletindo sobre a própria existência e sobre a experiência de viver numa cidade pequena, com sua cultura e seu imaginário com fatores comuns, carregados de histórias verdadeiras e outras fantasiosas, mas onde todos se conhecem.

Os contadores fazem uso da linguagem poética por meio de dispositivos como as repetições, as rimas, as figuras de linguagem como o paralelismo, mas, sobretudo os contadores demonstram ter percepção da presença do ouvinte e da importância de suas atuações para a realização do livro, que foi a intenção primeira do ouvinte, e fica comprovada a sua importância com a declaração de Maria do Carmo Figueiredo da Costa (p.93), que vimos anteriormente: "Sempre tive vontade de escrever minha bibliografía, mas por isso ou aquilo vai ficando". E a de José Nirce (p.126), que assim encerrou seu depoimento: "Meu nome é José Nilson. Mas nos documentos tá José Nirce. É bom que esse livro deixa uma lembrança da pessoa, né? Não acaba." "Esse livro podia unir os velhos tudo, numa rodada, pra gente passar o dia contando causo. Virava uma maritacaiada só".

Nos múltiplos diálogos mantidos com esses poetas rapsodos, percebemos, de acordo com Hiran De Moura Possas (p.54) que:

Os narradores, não conseguindo guardar para si os feitos, sentem a necessidade de compartilhar suas ações e suas aprendizagens em "beneficio" de seus conterrâneos, se tornando, nesta atitude de "doação", um guia político e espiritual para a comunidade, visto que já percorreu, com louvor, o campo de provas da vida. Os arquétipos nascem da incessante renovação das vivências experimentadas ao longo de várias gerações. A luta infinita do bem contra o mal; do medo contra a coragem, da experiência contra a inexperiência.

## 3.3 O poético da prosa

A poesia, o poético, não está somente nos textos escritos em versos rimados. Ela está também nos versos livres, e na prosa, que podemos chamar de prosa poética. Quem tece uma consideração sobre isso é Antonio Candido, (1996, p.13-14), quando ele afirma:

a - Que a poesia não se confunde com o verso, muito menos o verso metrificado. Pode haver poesia em prosa e poesia em verso livre. Com o advento das correntes pós-simbolistas, sabemos inclusive que a poesia não se contém apenas nos chamados gêneros poéticos, mas pode estar autenticamente presente na prosa de ficção.

b- Que pode ser feita em verso muita coisa que não é poesia. Julgamentos retrospectivos a este propósito são inviáveis, mas não a percepção de cada leitor. Assim, embora a poesia didática do século 18, (sic), por exemplo, fosse perfeitamente metrificada e constituísse uma das atividades poéticas legítimas, hoje ela nos parece mais próxima dos valores da prosa.

A poesia pode estar na fala do sertanejo, como podemos ver a seguir quando elencamos uma série delas. Como em Francisca Fracinele da Silva (p.94):

- "[...] umas pinta, outras borda, a gente fica com a parte de dançar".
- "[...] porque é uma história nossa que não é escrita, é realidade nossa, porque cada passo que você dá na sua vida, é uma realidade".
- [...] pra tudo você tem que dar um passo, que Deus falou assim; "Ó! Eu te caminho, mas você dá seu passo".
- [...] é o espaço que tinha que era o dia a dia da gente pra tá sobrevivendo.

Aqui lembramos o pensamento de Câmara Cascudo (2006, p. 26), quando ele afirma que a poesia, para ele, é essa que corre solta por entre vaqueiros e violeiros, é linguagem

simples que não esquece o mundo real, ao contrário, reflete a cada momento aspectos e traços do ambiente natural e social que o cerca, revelando agudas faculdades de observação particularizada de pequenas coisas concretas e sensíveis. É o que acontece com essas narrativas que selecionamos, pois nela encontramos refletidos os aspectos e os traços do ambiente natural e social que cerca esses narradores e as pequenas coisas concretas e sensíveis mostrada de maneira simples, porém poeticamente, como bem assegurou Francisca Fracinele da Silva: "[...] é o espaço que tinha que era o dia a dia da gente pra tá sobrevivendo".

Também selecionamos alguns trechos de Francisca Severina Rezende (p.103-109):

"Aí eu ia moer, punha na tacha, apurava e fazia aquele meladão, aí punha na forma e depois que ele endurecesse, panhava barro pretinho e punha por cima".

"Criava gado, fazia queijo, fazia pinga, a gente moía cana lá, fazia açucar".

"Enquanto você não for ao médico eu estou menstruada pra você".

"E a gente em cima e descemos e apiamo os cavalo, pegamo uma vasilha e bebemos água, sentamos no chão".

"Nesse trieiro aqui dá onde a gente chega numa casa, mas num passa muntado"

Outros trechos que selecionamos é de João Batista de Souza (p.109): "A minha mulher gostava tanto de mim, que punha até chifre em mim [...] Lá só tem véi que usa Viagra, se não tiver Viagra, o pinguel dele não levanta [...] Dança é bom que espicha os nervos".

Em Any Maria Ferreira Anicézio (p.115) "Os boi ficava assim, meio enfurnado".

Também na narrativa de Francisco Antônio de Carvalho (p.117-119):

"Eu sonhei hoje. Eu tava em casa. E tinha um gatão amarelo ali me pagiano".

"A estrada dava notícia da pintada na guatira do gado do meu irmão. Aí ela troceu lá pra mata, lá pra cabeceira do munjolim".

"Ele já era acostumado em caçada de onça. Eu já tinha matado alguma parda, pintada eu nunca tinha mexido não, nunca tinha tropado com nenhuma".

"Eu conto isso eu até arrupeio, até hoje".

"E aí nós foi, achamos aonde ela comeu o quati, os cachorros já chegaram já barruando pra aqui e pra ali, ela já tava pertinho".

"E *Bei*! E *Bei*! Isso era a onça turrano lá dentro do buraco lá, que tremia até o chão, capaz que até folha do mato mexia".

"[...] Era um mundo, um trenhão, e aí na hora eu atirei e eu vi que ela fez assim, passou queimando o focinho dela"

"Cachorro avançou nela, ela pegou um, levou na boca, mordeu do lado da cabeça dele, que nós xunxava um dedo no buraco que ficou do dente".

Outro trecho é de Francisco Silvério da Costa (p.119): "Aí quando eu tava com 33 anos eu arresolvi a mexer com música. Essa sanfona é ganhadinha da silva. Não é feita no Brasil não. Eu tinha um livro ele instrói a pessoa, é um romance que instrói". Em José Nirce (p.122) pudemos perceber os seguintes trechos:

"Eu gosto mesmo é de divistir e tomar uma pinguinha. Tomo todo dia. Eu ralho com a Maria e ela me dá uma pinguinha".

"Mas chegou lá em casa sentido, aí a vó pôs chavena, gervão, erva de Santa Maria e ele melhorou. Mas passou um tempinho, logo minha mãe morreu, ficou eu, meu pai e as outras negradinha"

Já em José de Souza selecionamos os seguintes trechos:

"Chamava Nézia. O nome é feio, mas ela era bonita, uma mineirona, triquerona, corpolenta."

"Meu pai gambirava muito gado. Aí ele morreu. Eu tava com sete anos. Alembro malemá, mas alembro"

"No grupo eu fui, gostei, dancei duas festa, tropei com uma conhecida minha e nós dançou".

"Esse povo da saúde fala: "Moço, para de fumar." Largo nada, eu não tenho outro adivertimento, eu não bebo pinga."

Em Maria do Carmo Souza Dourado (p. 132) "Faz umas arte, mas eu cubro com o amor que eu tenho por ele. Ele é bem evangélico, tem umas pataquadas, mas eu amo ele de coração". Em Roxa (p.120-124):

"Eu nasci numa currutela chamada Cafelândia, mas a gente trata lá só de Café"

"No que eu e a velha ia, tinha aquelas arvronas grandona, um arvorero, sabe?"

"Era uma distancinha longe"

"Sofri igual subaco de aleijado, nossa senhora, o trem foi pesado".

## Em Pedro Alcântra Goulart de Melo (p.136 -141):

"Além da idade, tem que trabalhar de carteira assinada, eu aposentei por invalideza"

"Nessa imbruiada, eu fui pra lá pra voltar com 60 dias, fiquei seis meses alongado pra lá. Vixi! Lá é um lugar custoso demais".

"Não tinha estrada, tudo aberto na mão, aquele sertãozão danado, tudo era custoso".

"Aí cedo era aquele tinino. Arrumando, aí nós já tomava um café também".

"E assim por diante que nós ia rodando, então naquela época, daquele tempo, era uma vida boa, divestida".

"Quando eu sabia que tinha um animal meio enfuzado numa fazenda, eu ia pra lá, chegava lá".

"Tem que trabalhar em cima da honestidade, nunca desejar o que é o dos outros, não pode ter inveja do que uma pessoa pissói".

## Em Sebastiana Antônia Almeida Ferreira (p.150-156)

"Mãe é bicho besta, quer viver atrás, o pai às vezes desmanzela, ele larga a mão, ele fala: 'Ah, já lavei minhas mãos, fica pra lá, não quer nada, já pelejei, já fiz tudo que eu tinha que fazer."

"Antigamente não tinha fogão a gás, era fogão a lenha. Eu vim pissuir fogão a gás, vixi, eu já tinha tudo meus filho, já tava tudo grandão".

## Em Vilma Francisca da Silva (p.156-165):

"Nós ia numa roça, rancava mandioca, não sei se você conheceu ou já ouviu a falar numa tal de bruaca, cangaia, aí faz arreio pra colocar no animal".

"[...] acha que eu separei com o pai que acha que eu tava bandulerando, mas não foi, eu nunca fiz isso, eu nunca fiz".

"Eu sofri por causa de aluguel de casa, aluga uma casa, muda daqui, muda dali, muda pra culá".

"Parece que aquele tempo a gente não vivia, só trabalhava, era uma serviceira danada, eu trabalhava demais".

"[...] por ser criada só lá pro mato. Eu fui conhecer currutela quando foi pra assinar os nomes pra casar. Nunca tinha visto cidade".

Em Zeni Santos Forogine "A vida foi desse jeito, a gente fazia de tudo, a gente batia feijão no minguá, batia no cacete, o trigo a mesma coisa".

Nessas falas que elencamos, vemos o poético, que talvez o leitor não consiga identificar inteiramente, porque não participou do momento da entrevista, em que a performance, ou seja, o momento de recepção, as condições da criação, ajudavam a dar o tom poético às palavras dos narradores. Nessas e noutras frases dos entrevistados, é como se ouvíssemos os ecos das personagens de Guimarães Rosa, cujo autor se aproximou do sertanejo, anotou-lhes as falas, para depois incorporá-las nas narrativas. Ressaltamos que não estamos tirando o mérito de Guimarães em trabalhar essas frases que recolheu, pois claro, está em todos os seus livros, a criação artística do grande literato que ele foi.

Citamos uma parte de *Grande Sertão Veredas* para mostrar como ela se parece com as frases anteriores que selecionamos dos entrevistados:

Bem, mas o senhor dirá, deve de: e no começo – para pecados e artes, as pessoas – como por que foi que tanto emendado se começou? Ei, ei, aí todos esbarram. Compadre meu Quelemém, também. Sou só um sertanejo, nessas altas ideias navego mal. Sou muito pobre coitado. Inveja minha pura é de uns conforme o senhor, com toda leitura e suma doutoração. Não é que eu esteja analfabeto. Soletrei, anos e meio meante cartilha, memória e palmatória. (ROSA, 2001, p. 30).

Historicamente, como sabemos, foi a escrita que se aproximou da oralidade. Essa aproximação pode ser vista na *Ilíada* e na *Odisseia*, de Homero, que, segundo estudiosos, teve o surgimento a partir da oralidade.

De acordo com Louise Otero (2011, p. 34):

Não foi só a investigação acadêmica, com os estudos dos cantos homéricos, que impulsionou a investigação sobre a oralidade, culminando no desenvolvimento de uma poética oral. O movimento de descoberta de "poesias populares" no período do Romantismo literário, que levou pesquisadores e escritores a recolher poemas heroicos de tradições orais foi também propulsor dessa investigação. "Por volta de 1900, poucas regiões da Eurásia tinham escapado dessa prospecção. O material se acumulava: vasta poesia oral, narrativa, polimorfa" (ZUMTHOR, 2010, p. 112). No Brasil essa "descoberta" da poesia tradicional foi empreendida no século XX, em que se destaca o importante papel de Mário de Andrade, Silvio Romero, Leonardo Mota, Câmara Cascudo, Cornélio Pires e Amadeu Amaral no registro de tradições populares da palavra, às vezes acompanhada pela música e pela dança.

Abaixo transcrevemos um trecho de uma entrevista com Eliane Brum<sup>5</sup> sobre poéticas orais que resumiria todos esses trechos poéticos aqui transcritos:

Sou fascinada pela escuta do povo brasileiro, apaixonada. Conheci o Brasil quando fiz minha primeira grande reportagem, que foi "Coluna Prestes", e ouvi pessoas que nem eram rebeldes nem governistas, eram pessoas que viviam no caminho, anônimas; eu descobri o Brasil nessa travessia de 25.000 quilômetros. Fazendo essas reportagens e escutando as pessoas, fui ficando totalmente fascinada pelas formas como elas contam sua história. O brasileiro tem uma diversidade imensa, tem achados de linguagem, tem formas narrativas de uma riqueza extraordinária, muitas vezes estive diante de analfabetos, que eu tive vontade de me ajoelhar na frente deles, porque esse cara ou essa mulher está fazendo literatura pela boca e estou tendo a honra de escutar isso. Por exemplo, na reportagem "As parteiras da floresta" tem Dorica, que é uma parteira indígena, índia Caripona, 96 anos. Para Dorica, o português é a segunda língua, ela é analfabeta e só fala em português comigo, por extrema gentileza, porque eu não falo a língua dela. E na segunda língua dela, essa mulher me diz: "A

-

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Revista Língua Portuguesa "Na ponta do Lápis": Edição número 23, dezembro de 2013. Entrevista: Eliane Brum. Disponível em: https://www.escrevendoofuturo.org.br/images/stories/publico/material/npl23.pdf

parteira povoa o mundo, nas horas mortas da noite". A frase é bela. Então o que eu faço é só escutar o que elas contam, com seu ritmo, com uma forma de interpretar a vida e de olhar o mundo. Eu me sinto muito privilegiada. Cada lugar do Brasil tem sua particularidade, moldada pela geografia, pela brutalidade, pela relação com o Estado, é todo um mundo falado pela linguagem, que é absolutamente fascinante. Tenho certeza absoluta de que a literatura brasileira iria ser mais rica, se as pessoas tivessem educação de qualidade e pudessem também escrever, porque a narrativa oral do Brasil é impressionante.

## 3.4 A memória e a forma de expressar dos narradores

Os narradores das histórias orais se expressam de forma natural. Eles não ensaiam antecipadamente gestos, tons de voz, isto é, não são atores, no sentido restrito da palavra. Como lembra Fernandes (2003), o narrador vincula-se a uma comunidade narrativa e prioriza o conteúdo, não a técnica. Ele é um membro da comunidade que compartilha suas experiências e as dos outros. Guardados nas memórias dos narradores estão seus causos, pois a memória é a faculdade que nos permite armazenar acontecimentos vivenciados, como esses que Sílvio Romero relatou e que são como os que coletamos em nossa pesquisa, com os velhos de alto Araguaia e Santa Rita do Araguaia. Desses relatos saíram mitos, lendas, histórias de lugares assombrados, lembranças de guerra, histórias de benzedeiros, de vaqueiros e violeiros, episódios carregados de muitas crendices e também histórias sobre condução de boiada, como esta a seguir de Pedro Alcântara Goulart de Melo:

[...] Com idade de 15 até 20 anos eu saí na luta de viajar. Daqui pra Presidente Prudente, eu tudo viajei no lombo do cavalo, lutei muito com gado levei muita boiada ali, era bom demais. [...] Era uma farra, nós fazia catira nas pousada, nas barracas onde nós dormia. Nós cantava, as meninas das fazenda vinham pra perto de nós e nós metia o pau. [...] Aí nós cantava a noite toda até às 11 horas. Aí nós ia dormir que nós tinha que sair de madrugada. Aí nós jantava, acabava de arrumar a cozinha: "Vamos fazer uma catirinha aqui? Cantar umas moda?" e nós: "Vamos uai." Aí nós cantava uma moda de viola ali, fazia umas catira, aí ia dormir. Aí cedo era aquele tinino. Arrumando, aí nós já tomava um café também, já tocava aqueles gado na estrada também. Era o dia inteirinho aquele negócio, passo a passo até chegar no outro pouso. Aquilo era farra boa, um contava causo, um contava piada, daquela menina que ficou lá atrás, aquelas coisa. E assim por diante que nós ia rodando, então naquela época, daquele tempo, era uma vida boa, divestida [...] domei muita tropa. Aquilo pra mim, eu tinha muita satisfação de correr atrás de uma bezerra e laçar ela por precisão [...] tudo era diversão, traquejo de boiada, aquelas comitiva que viajava com bruaca. Quando não tinha jeito de fazer curral de corda, nós pousava todo mundo de ronda viva. Aí era aquela farra danada, aí nós ia cantar, tocar viola e inventar moda, curtir as treta, fazer marvadeza com os outros na brincadeira. (MELLO, narrativa, p. 135).

Para Ecléa Bosi (1999, p. 55): "A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual." Para a estudiosa (1999, p.55): "por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor".

As declarações de Pedro Goulart podem não corresponder mais às mesmas da época em que ele as viveu, pois a declaração acontece no momento em que ele está com 67 anos. Ele olha sua infância de uma época distante cinquenta anos: "Com idade de 15 até 20 anos eu saí na luta de viajar, (...) então naquela época, daquele tempo, era uma vida boa, divestida (...) domei muita tropa" (p.135), tempo que ficou no passado e portanto sua história pode ter sido transformada e recontada com aquilo que lhe sobrou na memória.

Para Priscila Perazzo (p. 63) a memória não é um fenômeno de interiorização individual, mas sim uma construção social e um fenômeno coletivo, dessa forma, é modelada pelos próprios grupos sociais. Para a estudiosa, a memória não é o passado, mas a rememoração desse passado feita no presente de um indivíduo e determinada pelas condições presentes naquele momento.

Conforme Alberti (2005, p. 27. Apud: Priscila Perazzo, p. 64), tradição oral, marcada pela inovação e pelo esquecimento, não é a história oral. No entanto, podem ocorrer "pedaços" da tradição oral nas narrativas de história de vida. Essa inserção de "pedaços" da tradição oral nas entrevistas de história oral podem ocorrer de forma perceptível (por provérbios ou ditos populares) ou não. Para a estudiosa, quando não, os historiadores orais podem registrar e testemunhar, sem ter consciência, o evento fundador de um grupo. Decorre que a fonte pode, eventualmente, não servir para o que o historiador se propôs a pesquisar, porém, o material gravado é importante porque mostra a relação das memórias do depoente com seu tempo, com o anterior e com o futuro, interligando o real e o simbólico, história e memória, tradição e invenção.

Para Halbwachs (1990, p. 37), existem memórias individuais e os indivíduos vão constituir uma atmosfera de intercâmbios sociohistóricos que transmigrará pelos porões do inconsciente, como herança que se manifesta em sucessivas etapas históricas do ser humano em contínua atividade cultural. A memória coletiva emerge das marcas sociais e discursos

polifônicos cujas vozes ecoarão pelas gerações posteriores por meio de processos interativos, de tal modo que as narrativas orais e os costumes, tanto quanto os falares, constituirão a realidade social.

Lembrando Louise Otero: "Se não puderem ser recuperadas na memória, qual o destino das tradições, dos ensinamentos, numa cultura essencialmente oral? Somente por meio de sua formulação padronizada e poética, que permita memorização, a oralidade é capaz de persistir no tempo".

Vimos, nos trechos destacados, na rememoração de Sílvio Romero, na de Pedro Goulart, e nas narrativas selecionadas, que eles recuperam fatos do passado, e estabelecem a relação do presente com seu tempo vivido, porque agora lembram e estão a falar dessas histórias com liberdade já que são os protagonistas do que narram. O elemento desencadeador dessas lembranças pode ser considerado como a vontade de deixar preservado, na escrita, um pouco de si, como bem afirmou a maioria dos contadores. Os narradores temem que as experiências vividas por eles sejam perdidas pela falta de um registro escrito para as mesmas, já que, se partilhadas somente oralmente, podem se perder no tempo.

Segundo Ecléa Bosi (2010, p. 68), "A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a *sua* memória". Memória que é uma espécie de autobiografia, diz a autora. Realmente, quando recolhemos as histórias que estão sendo estudadas aqui, sentíamos que ao contar, as pessoas extravasavam seus sentimentos e permitiam que nós, os ouvintes, compartilhássemos de momentos particulares de suas vivências, como é o caso de mulheres que contavam que haviam sido estupradas, como foi o caso de Vilma Francisca da Silva (p.185).

Mais um fator que devemos levar em consideração, é a natureza subjetiva das fontes orais tanto quanto o caráter efêmero da memória, e por isso buscamos elementos que falam do armazenamento de lembranças, para saber como funciona quando contadores expõem suas vivências, sem deixar de levar em conta o extraordinário valor que possuem as fontes como testemunho subjetivo e falado, pois como aponta Zumthor (1993, p. 139), a memória é dupla: "coletivamente, fonte de saber; para o indivíduo, aptidão de esgotá-la e enriquecê-la".

De acordo com Priscila Perazzo (p. 65), atualmente, atribui-se às narrativas orais uma importância antes a elas negada e a estudiosa recomenda que o pesquisador perceba nos relatos orais toda a sua carga de subjetividade, visto que os discursos não são neutros, visto que o narrador, de qualquer lugar social que narre, sempre fará uma edição dos fatos conforme suas crenças ou ideologias. De acordo com a autora:

Permite-se, então, afirmar que as narrativas orais não são nem menos verdadeiras, nem menos ficcionais do que muitas histórias oficiais, considerando que os depoentes contam seus "enredos" a partir do presente, numa recriação das circunstâncias que envolvem seu imaginário, selecionando fatos e acontecimentos, por lembranças e esquecimentos, intencionalmente ou não. (grifos da autora).

#### Priscila Perazzo continua e cita Alberti:

O tipo de entrevista denominada história de vida tem como "centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou" (ALBERTI, 1990 p. 20, (apud) Priscila Perazzo p. 65).

Podemos observar que a memória está cheia de incertezas, como na narração de Pedro Porfírio (p.143-144), quando ele conta a morte de um Tenente preto, vindo de Cuiabá e assassinado, segundo o narrador, pelos jagunços do Salgueiro, senhor de uma família tradicional de Santa Rita do Araguaia cuja face mostrada por Pedro Porfírio, nessa narração, muitos desconheciam até então, o que nos leva a novamente dizer que os fatos que são narrados, estão carregados de características sócio-político-cultural, uma vez que demonstra o coronelismo existente nessa época nas duas cidades que são o *locus* de nossa pesquisa:

Moço, eu vi foi muita gente que morreu matado. Ali na Rosan bem em frente ali, tinha um jagunço do Salgueiro, que trazia sal do Corrente, o Salgueiro também tinha uma jagunçada, mas matava muita gente também. Aí matou um Tenente preto que veio de Cuiabá e deixou lá, o Tenente já tava inchado e falou que aquele Tenente era pra urubu comer, porque era pra dar exemplo. Aí o Pedro Celestino mandou cá um sargento por nome José Rodrigues, aí o Sargento chegou aqui e tava aquele boato: o urubu vai comer o Tenente preto.

Aí o Sargento mandou falar pro Salgueiro que no outro dia, ele ia enterrar o Tenente preto e foi sozinho lá, pegou o corpo do Tenente preto, nem sei do que, se foi de carro de boi, se arrumou algum carro. Eu era muito criança, eu não lembro, você sabe como é que é, né? Aí enterrou, não sei se foi nesse cemitério, ou lá no da Santa Rita, sei que enterrou.

# Como bem diria Câmara Cascudo (2006, p. 30):

[...] haverá, obstinadamente, em qualquer agrupamento humano sob a mais rudimentar organização, a memória coletiva de duas ordens de conhecimentos: o oficial, regular, ensinado pelo colégio dos sacerdotes ou direção do rei, e o não oficial, tradicional, oral, anônimo, independendo de ensino sistemático porque é trazido nas vozes das mães, nos contos de caça

e pesca, na fabricação de pequeninas armas, brinquedos, assombros. (grifos nossos).

Ou como observa Marilena Chauí (1995, p.125): "a memória é a garantia de nossa própria identidade, o podermos dizer 'eu' reunindo tudo o que fomos e fizemos a tudo que somos e fazemos". Podemos ilustrar com a história de Pedro Porfírio Sobrinho (p.144):

Quando guri, eu era carreiro, tropeiro, carregador de carga. Tropeiro que levava oito, dez burro com carga, chamava cangalha e bruaca. [...] eu falei que eu fui tropeiro. [...] Eu fui fiscal de renda do Estado de Mato grosso, fiquei lá trinta e oito anos e meio. Sou aposentado hoje pelo Estado de Mato Grosso. Fiscalizei no Mato Grosso do Sul, Mato Grosso.

# Maria do Carmo Figueiredo da Costa (p.93):

Fui adotada aos nove meses de idade por motivos de minha mãe ter se queimado e não ter condições de cuidar de nós, digo nós, por sermos três meninas das quais eu era a menor.

## Com a de Eduarda Rosa Batista (p.93):

A minha vida é muito importante para ser contada, pois é de muito sofrimento e lutas. Mas faço questão de lembrar que o que passou, passou. E hoje me considero vitoriosa por ter conseguido isso, hoje tenho minha casinha que não é lá essas coisas, mas é minha.

José Carlos Meihy (1996, p.35), afirma que: "A história oral de vida é mais subjetiva que objetiva e o depoente tem maior liberdade para dissertar o mais livremente possível sobre sua experiência pessoal". Os narradores assumem a responsabilidade do que conta, ao dizer "eu". É o que vemos nessas histórias que nos são contadas, o lado pessoal caminha lado a lado com os fatos históricos. As pessoas contam o que viram da vida e o que extraíram das experiências.

Há casos de assassinatos, dados históricos, características da cultura e há também fatos marcados pela sobrenaturalidade e esses abrangem personagens míticas, espíritos, fantasmas e determinadas situações que fogem à explicação física. Esses relatos contêm lendas e mitos que passam a sensação de um convívio com uma outra dimensão, mas sempre assentados na

experiência real de vida. As metáforas, a criatividade, as alegorias se mesclam às situações de vida que são contadas, das quais veremos exemplos a seguir.

# 3.5 O sobrenatural e o mítico que povoam a fantasia de muitos contadores/narradores e a *performance* que lhes quer dar vida

A poesia oral originou-se de ritos arcaicos, da veneração a deuses, do culto às tradições, das festas e celebrações. O rito e a poesia são modos de pôr em ação o mito na vida humana. Conforme Zumthor (1997, p. 37), todo rito contém poesia oral e toda performance – a transmissão e recepção - é um ritual. Partindo dessa ideia, Frederico Fernandes (2002, p.28) afirma que:

A performance é, então, um momento de fascínio, articulada pela mistura de códigos e diversidade linguística, envolvendo não somente pela fábula, mas também pela maneira como é transmitida. O olhar, o silêncio, o franzir da testa, as mãos, o riso, objetos próximos, sons guturais, a fala. Cabeça, tronco e membros. O corpo é um turbilhão de mensagens, que ressoa códigos impraticáveis na escrita.

A performance poética nas civilizações mais antigas está sempre ligada às crenças religiosas e práticas que envolvem um grupo social que nele define suas relações com o divino. (Benjamin, 1994: 200-201), descreve o narrador como aquele que traz consigo informações adquiridas pelas experiências de vida, marcadas pela sua percepção de mundo sob constante olhar da realidade crítica em face dos acontecimentos à sua volta. Segundo o autor:

O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definhando porque a sabedoria — o lado épico da verdade — está em extinção. [...] esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas.

Para Claudia Vanessa Bergamini, (2011, p. 31) "[...] À medida que comunica, o narrador realiza a performance pelo timbre da voz, pelos gestos, pela expressão facial e, em muitos momentos, essa performance torna-se tão real que o espectador sente-se parte da história, como se o 'aqui' e o 'agora' da narrativa fosse o mesmo do momento narrado".

Tendo em vista a subjetividade que permearia todo o processo das narrações das histórias que recolhemos, visto que elas são portadoras de uma cultura muito variada e muito enraizada no meio em que viveram, e ainda vivem os contadores, selecionamos a seguir, alguns dos relatos que tratam dos mitos e do sobrenatural nas narrativas. Iniciamos com a história de Sebastiana Antônia Almeida Ferreira, que afirma que lhe contaram sobre assombração na tapera da fazenda (p. 155):

Eu morei ali na fazenda [...] Eu morava lá na sede, tem um porão embaixo, em cima é a casa, toda de tábua. Dizem que lá era assombrado, que o velho batia a espora e andava na casa, que o velho aparecia, que o velho de todo jeito aparecia pra todo mundo. Dormia eu e Deus naquela sede, eu nunca vi nada, nada. A casa era velha, caindo, dizem que tapera é o lugar ideal pra ver assombração, eu nunca vi nada, nada. Eu morei lá, nessa fazenda mais de três anos. A bica passava dentro da área. Nunca vi nada, nada, nem conversa de gente. Dizem a água da bica parava no caminho, nunca vi. Eu tinha vontade de ver a água parar, falavam que ela parava e caía de novo, a água parava e caía de novo. Eu tirei horas pra olhar na bica de noite, pra ver a água parar e cair de novo. Vi nada. Nunca vi assombração não, tenho medo é do vivo aí, o ladrão. Esse eu tenho medo. Antigamente eu tinha medo de assombração, mas depois eu entrei na conclusão de que o morto não volta não. Pra que ter medo do morto? Ele já morreu. Não vou duvidar, pode até existir, mas eu não acredito não. (grifos nossos).

O narrador chama para si o espaço da narrativa, demonstra como era considerado o sobrenatural e acaba por reviver a história contada por outros: "Dizem que lá era assombrado". A pessoa alimenta a tradição, pois no momento da sua narrativa ela pode enaltecer não somente suas experiências, mas também a de terceiros: "dizem que tapera é o lugar ideal pra ver assombração". Ao usar os termos: "Dizem que", o contador se exime de qualquer noção de verdade ou de comprovação, pois não há uma referência concreta da pessoa que viu a assombração, ou a quem ela tenha contado que viu, apenas "dizem que o velho batia as esporas e andava pela casa". Essas são características das narrativas orais e nos lembram dos Contos de Fadas que iniciam com os termos do: "Era uma vez", ou "foi no tempo do Rei...".

Charles Perrault e os Irmãos Grimm, recolheram os relatos do povo e os organizaram em textos escritos, dando origem a um novo gênero: o conto de fada. Já na época de Charles Perault havia a discussão sobre a Literatura clássica e as histórias que ele recolhia nas ruas, pois os antigos escritores acreditavam na superioridade da antiguidade greco-romana sobre toda e qualquer produção francesa. Os Modernos, contudo, defendiam que a produção literária francesa não era inferior aos clássicos do passado. Perrault liderava o grupo dos Modernos e

tentou provar a superioridade da literatura de seu século com as publicações *Le Siècle de Louis le Grand* (1687) e *Parallèle des Anciens et des Modernes* (1688–1692)<sup>6</sup>.

Os irmãos Grimm, embora tenham recolhido e publicado contos como um reflexo da identidade cultural alemã, na primeira coleta eles incluíram contos de Charles Perrault, publicado em Paris em 1697, escrito para salões da aristocracia francesa. Os Grimms se apropriaram de histórias exclusivamente alemães como a história *Chapeuzinho Vermelho*, que já existia em muitas versões e regiões de toda a Europa, porque eles acreditavam que essas histórias eram reflexos da cultura germânica. Embora os irmãos tenham ganhado reputação por sua recolha de contos de camponeses, muitos contos vieram da classe média ou aristocrática. A esposa de Wilhelm, Dortchen Wild e sua família, assim como sua empregada e babá, contaram aos irmãos alguns dos contos mais conhecidos, tais como *Hansel and Gretel* e *A Bela Adormecida*<sup>7</sup>.

#### 3.6 O mito e os fantasmas na literatura oral

O mito é o nada que é tudo (Fernando Pessoa)

Para Lúcia Pimentel Góes (1984, p. 103) o mito nasce do exercício da imaginação entregue ao seu próprio cogitar, livre da pressão racionalizada e tem como matéria os fenômenos naturais e os acontecimentos humanos.

Nelly Novaes Coelho (1993, p.150), afirma que o mito perde-se no princípio dos tempos, está ligado a fenômenos inaugurais – à origem dos deuses, do mundo, do homem e à explicação da dinâmica da natureza – então, sua criação foi uma necessidade religiosa. Para a estudiosa, mito e história caminham juntos, um explica o outro:

[...] o *mito* (construído pela imaginação, pela intuição do homem) responde pela zona obscura e enigmática do mundo e da condição humana, zona inabarcável pela inteligência; a *história* (construída pela razão) responde pela parte clara, apreensível e mensurável pelo pensamento lógico. (grifos da autora).

Câmara Cascudo (2006, p. 112-113) nos diz:

\_

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> http://pt.wikipedia.org/wiki/Charles\_Perrault#Carreira\_liter.C3.A1ria.

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> http://pt.wikipedia.org/wiki/Irm%C3%A3os\_grimm#Contexto

Que é um mito? Uma narração de história fantástica, desfigurada pela credulidade, agindo no sentido do maravilhoso. Definição dispensável e negativa. O mito sempre foi fixado imprecisamente.

[...]

Tive que olhar o mito por outro ângulo interpretando-o numa clave diversa. Caracterizo-o como uma constante em movimento. A lenda é um ponto imóvel de referência. O mito é uma explicação imediata. Pertence ao passado o dia em que São Tomé, Sumé, pisou as pedras brasileira deixando as pegadas indeléveis. É uma lenda. O Lobisomem trota pelas estradas do Brasil como o Licântropo na Grécia e o Versipélio em Roma. É um mito. Há uma noite em que um padre morto diz uma missa assistida pelos fiéis defuntos. Há depoimento em Minas Gerais de alguém que assistiu a ela. Não há país europeu que não tenha essa visão. É uma lenda porque possui outra característica, o elemento coletivo. O mito, em sua essência, é ação nitidamente personalizadora, Hércules, Teseu, Perseu, Belerofonte, os grandes deuses do Olimpo. Os mitos indígenas seguem a constante psicológica, Jurupari, Curupira, Mboitatá, Anhanga, Caapora, o mito das águas com as iaras convencionalmente brancas, louras e de olhos azuis, e os demais, populares nos processos de aculturação e convergência, europeia e africana.

Vimos que o autor denomina de estórias populares, o mito, a lenda, a fábula e o conto. Para ele o mito foi sempre definido de modo impreciso e até confundido com a fábula. Para o estudioso, o mito é milenar e atual, de ação constante, age e vive envolto em crendices, escondido em medos, em pavores advindos de um passado distante. Aos novos medos trazidos da África ou assimilados dos índios pelos colonos brasileiros e pelos negros, juntaram-se aos portugueses, por isso nas praias, temos o terrível devorador de partes humanas; no mato temos o caipora; a mula-sem-cabeça está em toda parte; nos rios temos a mãe-d'água e a Iara; de noite, as almas penadas, enfim um mundo fantástico sobrevivendo na paisagem tropical, como afirma Gilberto Freire em sua obra *Casa grande e senzala*. A verdade é que na ânsia de conhecer o mistério da existência o homem primitivo inventou o mito para explicar a própria existência e o mundo em que vivia, e o medo fez com que inventassem os fantasmas e as almas penadas.

Sobre o pensamento mítico, temos as considerações de Cassirer (2009, p. 52)

O pensamento mítico não se coloca livremente diante do conteúdo da percepção, a fim de relacioná-lo e compará-lo com outro através da reflexão consciente, mas, colocado diretamente perante esse conteúdo, é por ele subjugado e aprisionado [...]. Aqui reina, por conseguinte, em vez do alargamento da percepção, o seu mais extremo estreitamento; em lugar de uma expansão que poderia conduzi-la sempre a novas esferas do ser, vemos o impulso para a concentração; em lugar de sua distribuição extensiva, sua compreensão intensiva.

O pensamento mítico, leva a evadir-se do mundo real, para criar um mundo imaginário, um outro mundo possível. Ortega e Gasset (1993, p. 15) afirmam que o mito é alimento da vida psíquica e rebate a pedagogia funcionalista nos seguintes termos: "Sin ciencia no hay técnica, pero sin curiosidade, agilidade mental, constância em el esfurzo, no habrá tampoco ciencia". E, principalmente no sertão, longe dos grandes centros, o mito permanece. Um deles é a alma penada, que por algum motivo fica a vagar pelo mundo, à procura de orações pelos males cometidos em vida, como podemos conferir com a narrativa de José de Souza (p. 129) que nos conta:

Uma vez dormi em igreja católica pra nunca mais dormir. A assombração veio na minha rede e balançava: "Cara, para de balançar minha rede, eu não quero balançar não." Depois puxava a coberta na minha cara. Uma igreja velha, uma igreja abandonada, foi em uma vila chamada Finca Faca. Eu tinha viajado o dia todo, fui lá ganhar dinheiro. O dinheiro era pouco, eu não tinha como pagar o hotel, como que eu vou comer? Aí dormi na Igreja, não tinha luz. Deitei e acordei com o povo rezando, mas era abandonada, fui lá não tinha ninguém. Tomei um tombo da rede de tanto o cara balançar minha rede. Deixei uma vela acesa, aí quietaram, às vezes essas alma aí, tá querendo reza. Liguei o rádio, tava só moda boa. Aí dormi. Acordei, fui lá fora, já tava cedo, de dião. (grifos nossos).

Podemos perceber nessa história de José de Souza, que ele tinha viajado o dia todo e como não tinha dinheiro para pagar hotel, resolveu dormir numa igreja velha e abandonada, de uma Vila chamada Finca Faca, onde não tinha luz. Um cenário propício para que o medo faça aparecer a "alma de outro mundo". Todo o cenário aparece como se fosse uma preparação do narrador para que o ouvinte entrasse nesse mundo de quietude, escuridão e lonjura, já que o que ele tenta é uma transferência e uma identificação entre locutores. A história se parece com as narrativas de contos de terror, quando o narrador prepara o ouvinte para que ele também se envolva com a história, dizendo a primeira frase: "Uma vez dormi em igreja católica pra nunca mais dormir". O narrador não põe em dúvida a veracidade do que conta e ainda reforça a expectativa de temor quando enfatiza: "pra nunca mais", já criando a sensação do que virá em seguida, e o ouvinte espera por coisa escabrosa. Na narração de José de Souza são transmitidos valores socioculturais, uma vez que se referindo à assombração, deixa evidente que seu meio social ainda acredita nela.

Nas narrativas com acontecimentos sobrenaturais é comum também o narrador se apropriar de "causos" que possuem certo relevo para a pessoa que os ouve, e o contador passa a contá-los como se realmente os tivesse vivido.

Outro aspecto relevante para se destacar, no relato de José de Souza, são as marcas da oralidade "cara, para de balançar", "aí quietaram" "tava só moda boa", "já tava cedo, de dião" essas marcas deixam claro o lugar de onde o narrador nos fala, que é o sertão, ou seja, o narrador é um homem do interior onde ainda se acredita em assombrações.

De acordo com Maurício Cesar Menon (2005, p.08):

Ao que tudo indica, as histórias de fantasmas brasileiras ocupam, especialmente, o ambiente rural. Isso é justificável ao se levar em conta que é esse o meio onde as lendas, crenças e superstições se enraízam numa maior profundidade. Se a literatura inglesa revela os fantasmas habitando castelos ou casarões seculares, a brasileira os insere nas matas, em taperas ou à margem das estradas.

Por exemplo, a história de um lugar assombrado contado por José Nirce, em que ele é onisciente, e fala de alguém que viu a assombração. De acordo com (CAMPBELL, 1990, p. 103), "As pessoas reivindicam a terra criando sítios sagrados, mitologizando animais e as plantas [...] eles investem a terra de poderes espirituais. A terra se torna uma espécie de templo, um lugar de meditação [...]" O narrador usa os termos: "Diz que", para se referir às histórias contadas por outras pessoas. Ele descreve os fatos assim:

Eu morava aqui e tinha um tal de quilombo, ali no salgueiro. *Diz que lá tinha assombração*. Judite fazia festa todo ano, eu não sei que festa que era, eu sei que é mês de maio. Mais de 100 pessoa na festa. Judite era muito rica, tinha fazenda, tinha avião. A gente ia lá a pé. Uma turma de gente, umas 300 pessoas, lá pra Judite a pé. Nós era tão burro que tinha medo, nós corria, porque falavam que tinha assombração mesmo. *Mas eu nunca vi não*. (p. 125). (grifos nossos).

Quem conta essa história revivida por Sebastiana é a Roxa que visita a mesma fazenda, e usa também os mesmos termos para se referir à história que ouviu contar: "Diziam que era o marido dela". Roxa relata o acontecimento:

Tinha uma velhinha, que passava medo na gente, a tal de dona Ana. Eu tinha que ir com ela pras fazenda. O marido dela tinha morrido, o dia que ela ia pra fazenda, ela me chamava pra ir pousar lá com ela, pedia pra minha mãe ou então vó Vina. Aí eu ia pousar com ela e ela morava de frente pra casa de vó Vina. Aí chegava lá, mas eu não dormia, passava a noite, só ela dormia,

porque ela era acostumada com as assombração dela. De noite diziam que era o marido dela que arrastava as esporas, abria baú, arrastava. A casa lá era de assoalhado, sabe? Era de tábua o chão. Aí a pessoa andava fazia uma barulheira, aí ela falava assim: "Olha, você quieta, porque eu tô com criança dos outros dormindo aqui comigo pra sair bem cedo, pra ir na fazenda pra ver o gado." Aí conversava e conversava, aí a assombração parava, mas aí eu não dormia, eu amanhecia o dia.

Narrativas de mortos que voltam estão ligadas à crença de que os defuntos manteriam vínculos estreitos com determinados lugares, geralmente sua antiga habitação, das quais não conseguiriam se desvencilhar. Embora se perceba na descrição de Roxa, todo o medo que ela sentia ao ver-se diante do acontecimento e das conversas de dona Ana com o falecido: "Olha, você quieta, porque eu tô com criança dos outros dormindo aqui comigo", a narradora não abusa de estratégias para levar o ouvinte a acreditar em tal fato. Há um clima noturno, propício à aparição dos fantasmas, dos mortos que voltam, mas tudo fica por conta dos juízos que estabelece a narradora do texto.

De acordo com Lecoutex (2005, p.59):

Os defuntos nem sempre conseguem romper os laços que os unem à sua vida anterior; seus familiares sabem disso muito bem e, até o século XIX, quase em toda a Europa, em certas datas, deixavam comida sobre a mesa e uma luz acesa, sabendo que os antepassados mortos visitariam sua antiga casa, viriam aquecer-se na lareira, razão pela qual se tomava a precaução de inverter o tripé da lareira a fim de que eles não se queimassem.

A crença nos fantasmas, segundo Maurício Cesar Menon, (2005, p. 02) remete à Antiguidade e se encontra diretamente relacionada à compreensão que o homem faz da morte. Praticamente existem registros em todas as culturas das crenças relacionadas à possibilidade de o morto retornar ao mundo dos vivos e intervir benéfica ou maleficamente sobre ele. Vida e morte, aliás, comenta o estudioso, são conceitos que aparecem indissociáveis na mentalidade de muitos povos antigos, distanciando-se, de certa forma, da maneira como ambos os eventos são compreendidos e interpretados pelo homem atual.

Ainda de acordo com esse estudioso, exceto em alguns casos, na maioria das vezes não se ligava, nos tempos antigos, malignidade aos fantasmas - essa ideia será desenvolvida de forma mais nítida posteriormente. Na Idade Média, o medo que se tem dos fantasmas está muito mais relacionado à questão da morte: ao fato de o morto não ter conseguido repouso, à questão de ele ser amaldiçoado, à perspectiva de que talvez tenha voltado para trazer más novas do além-túmulo. (p. 02).

Menon lembra a obra Macbeth de Shakespeare (1605), quando o fantasma de Banquo aparece durante um jantar, e somente Macbeth consegue vê-lo. O estudioso pondera que a visão do fantasma está diretamente ligada à consciência homicida de Macbeth e conclui que o assombro reside mais no fato de o fantasma poder ser a revelação de uma verdade que na crença de que ele possa fazer algum mal no sentido físico.

Histórias curiosas também estão ligadas ao estado de saúde das pessoas, que acreditam que foram curadas pelas rezas e "benzições" de pessoas como dona Térta, conhecida na cidade como "velha feiticeira". Quem nos conta um caso semelhante é o senhor José Bento Viana:

Nisso chegou uma senhora, baiana, por nome de Térta, muita falada no Mato Grosso essa Térta. Ela chegou, nós tava lá na fazenda e pra ela todo mundo era cumadi. Aí viu minha mãe doente daquele jeito e falou pra minha mãe: "Ê cumadi, mas o pessoal descarregou a mão feia em você hein cumadi?" Minha mãe sem saber e a Térta: "Pois é cumadi, descarregaram a mão em você, pra matar você, cumadi" e falou "Mas não vai matar não, eu vou curar você, eu vou te curar você". Aí pregou uma benção na minha mãe lá, banhou ela e ficou uma semana com minha mãe lá na fazenda.[...] nós fomos pro Mineiros, lá pra casa do Seu Mané Francisco. [...] a Térta foi lá, passou remédio pra minha mãe, benzeu e falou: "Olha, cumadi, você vai fazer pra mim um negócio seguinte, vai aparecer um bicho no seu corpo, esse bicho ele vai chiar muitos dias aí, deve começar chiar de amanhã em diante, mas você vai fazer o seguinte: não precisa ter medo não, esse é o bicho que eles puseram em você, mas vai sair, tá dentro do seu corpo, você fica com esse trem aí que ele vai sair de você na cama, fica olhando na cama todo dia cedo que ele vai sair". Aí quando foi lá um belo dia, apareceu um bichão desse tamanho assim, cascudo, danado, a mãe pegou, pôs dentro de um vidro, e falou: "Ah! Danado, é você mesmo que eu tava esperando" Aí sumiu esse bicho, ela jogou água abaixo e a minha mãe ficou boa, pegou a trabalhar e tal [...].

Um sentimento de crendice aflora no instante da performance, pois o narrador acredita no que está narrando, o que nos lembra as observações de Ecléia Bosi (1999), quando ela diz que os anos alteram a percepção, as ideias os juízos e valores das pessoas e que por isso as lembranças estão transpassadas por visões de mundo atuais. Curioso é que, mesmo em face da ciência, o narrador acredita no bicho que estava matando a mãe e que após a saída do mesmo, a mãe pode se levantar e retomar a vida. A seriedade com que conta, com certeza é para levar, quem o ouve, a crer que realmente a história foi vivida pelo contador.

Nas histórias contadas por Pedro Porfírio, (p.145-146), aparece a de um sujeito conhecido apenas pelo apelido de Bolacha:

Tinha um cabra chamado de Bolacha, que morava numa fazenda. Ninguém sabia o nome dele. Eu vi ele só uma vez. Vi ele, tava com uma chuvinha assim, caindo, e o foguinho que ele fazia aceso lá. [...] e ele colocava o fogo lá e podia chover a noite inteira que o fogo dele não apagava. Não sei se isso é lenda, mas que ele existiu, existiu. [...] todo mundo conhecia ele, mas esses fazendeiro ficaram com medo e falaram: "vamos matar o Bolacha, porque o Bolacha tem contato com os índios, uma hora os índios vem e mata nós tudo e nós matando ele, nós sossega". Aí mandaram matar o Bolacha. Combinaram tudo e no outro dia chegou lá, ele tinha saído de noite. Aí alcançaram ele, aqueles garruchão tudo enfiado pra matar ele e não saía tiro, não saía tiro. Aí tinha um cara com o nome de Domiciano, ele tinha um facaozão assim na cintura, passou o facão no pescoço dele, degolou ele e matou. Isso aí eu não vi não, mas gente morta eu vi demais.

Também faz parte do imaginário coletivo de Alto Araguaia, a cura dos benzedeiros famosos povoando a lembrança dos entrevistados. O que esses benzedeiros fazem é tirar verrugas, curar picadas de cobras, curar os males da pele, e, sobretudo, tirar dores incuráveis de dentro das pessoas. Eles se destacam por supostamente possuir dons sobrenaturais, transformam-se em bichos, tem curas místicas, preveem o futuro. São capazes também de realizar algumas proezas como, por exemplo, a de domar animais muito agressivos com certa facilidade, e assim, persiste algo de sobrenatural que intercede a ligação entre eles e a natureza. Como em José Bento Viana quando cita a velha Terta, figura muito conhecida na região, pelas suas curas inexplicáveis, como a que acabamos de relatar.

Enfim, como diria Maurício Cesar Menon, (2005, p. 08-09) não parece haver cultura que deixe de lidar com os seus fantasmas ou países que não tenham seus lugares assombrados. Na cidade ou no campo, antes e agora, esses seres ainda se fazem presentes, talvez funcionando mais como uma projeção da consciência sobre a morte que, por mais que incomode, constitui fato inexorável ao homem.

Essas narrativas servem também para espalhar e disseminar a literatura popular da região de Alto Araguaia –MT encontrada na voz de pessoas humildes, habitantes de lugares de longas distâncias dos grandes centros. Servem também como um modo de divulgar a cultura popular de Mato Grosso e de demonstrar que existe uma literatura sem o formato de livro o que pode desmistificar a literatura como sendo restrita a somente a uma parte da sociedade.

## 3.7 A escrita como fator externo

É preciso que quem sabe, saiba sobretudo que ninguém sabe tudo e que ninguém tudo ignora Paulo Freire

O Brasil é caracterizado por um processo tardio de escolarização e somente no século XX, e em muitas regiões, somente na segunda metade desse século, a escola passou a ocupar espaço central nos processos de transmissão dos saberes. Boa parte dos narradores que entrevistamos possui algum tipo de contato com a escrita, mas em sua maioria, não chega a ser considerável, pois a escrita permanece como algo externo.

Segundo Renato Izidoro da Silva, (2008, p.12), no Brasil, até a década de 40, o IBGE considerava analfabeto o cidadão que não sabia assinar o próprio nome. A partir de 1950 o critério foi ampliado para a pergunta: "sabe ler e escrever um bilhete simples?", em 1980, a UNESCO<sup>8</sup> definiu como analfabeta a pessoa que não possuía o domínio completo de todas as possibilidades sociais, políticas, econômicas e culturais da escrita.

Com 12,9 milhões de analfabetos com 15 anos ou mais, o Brasil é o oitavo país do mundo com maior taxa de analfabetismo entre adultos, de acordo com dados do 11° Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos, divulgado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Entre 2000 e 2011, essa taxa caiu 1%. O número de adultos analfabetos em 2011 era 774 milhões e a projeção é que até 2015 esse número caia para 743 milhões

Segundo o documento publicado pela agência da ONU, dez países respondem por 72% da população mundial de analfabetos, entre eles o Brasil, a Índia, China e Etiópia. Dados de 2011 mostram que no ranking dos dez países com o maior número de adultos analfabetos, o Brasil ocupa a oitava posição. A taxa de analfabetismo entre pessoas com 15 anos ou mais no Brasil é 8,6%, totalizando 12,9 milhões de brasileiros, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2011.

Elencamos uma série de depoimentos sobre a escrita, e, reiteramos o que dissemos anteriormente, quando afirmamos que estamos tratando de uma literatura registrada na memória, já que os contadores pouco conhecem de escrita e, dessa forma, essas histórias podem estar em constante mudança. Iniciamos com o relato de Francisco Antonio de Carvalho (p.119)<sup>9</sup>:

\_

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> http://noticias.terra.com.br/educacao/unesco-brasil-

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> Todos os destaques foram feitos por nós.

Eu leio, escrevo, mas eu sou ruim demais de escrever. Sou analfabeto. Pra ler eu também não sou muito bom não. Estudei, fui no colégio muito tempo, mas...

Ao lembrar Edgar Morin (2000, p. 56):

Quanto sofrimento e desorientações foram causados por erros e ilusões ao longo da história humana, e de maneira aterradora no século XX. Por isso, o problema cognitivo é de importância antropológica, política, social e histórica. Para que haja um progresso de base no século XXI, os homens e as mulheres não podem ser brinquedos inconscientes não só de suas ideias, mas das próprias mentiras. *O dever principal da educação é de armar cada um para o combate vital para a lucidez*.

José de Souza (p. 128), tem consciência da falta que o estudo lhe faz:

Cheguei aqui no Araguaia em tempo de criança, antes de eu ir pro quartel. Aí Minha mãe me levou pra Cuiabá e me largou lá pra estudar, *quase não estudava nada*. Minha vida era brigar com a gurizada, brigava com a professora, uma vez eu queria matar a professora. Faslava: Minha mãe vive muito bem sem estudar, pra que que eu vou estudar? Aí larguei de mão, eu estudei até a terceira série, aí acabou, *hoje eu não sei ler nada*. Escrevo só meu nome e muito mal. Eu sofri um acidente, aí acabou, apagou tudo, *hoje eu não sei ler nada*. Escrevo só meu nome e muito mal. E assim mesmo já rodei esse mundo, dessa raboca, viajando, trabalhando pra um canto e pra outro. *O estudo faz farta*, se eu fosse um cara bem estudado eu não tava nessa vida, eu era bem de situação.

José de Souza tem consciência da falta que o estudo faz em sua vida. O ler e escrever faria dele um outro ser, diferente daquele que foi a vida inteira. Ou seja, se tivesse obtido a escrita, provavelmente teria participado da sociedade, que lê e escreve, de igual para igual como um ser tranformado pela alfabetização. Com a alfabetização, José de Souza teria se armado para o combate vital da lucidez, como vimos com o conceito de Edgar Morin. Não queremos dizer que o contador, por não ter a leitura da palavra não tenha lucidez, mas a lucidez de que fala o estudioso Morin, será como postulou Paulo Freire o de ter a leitura da escrita que proporciona o domínio completo de todas as possibilidades sociais, políticas, econômicas e culturais da escrita.

Segundo Paulo Freire, (1981, p. 05):

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. (A palavra que eu digo sai do mundo que estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que eu estou lendo vai além dele). (...) Se for capaz de escrever minha palavra estarei, de certa forma transformando o mundo. O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo.

Zumthor (2007), como Freire diz que a leitura é anterior à escrita gráfica e convoca necessariamente uma posição do leitor, que não só absorve mas também cria os sentidos do mundo e do texto.

Não saber ler e escrever, é estar à margem de uma sociedade capitalista como a nossa. Com o domínio da leitura e da escrita pode-se criar cidadãos com uma visão crítica e aprofundada da realidade e ampliar a visão do homem e do mundo que o rodeia, pois como disse Paulo freire, antes de ler a palavra, a pessoa lê o mundo através da linguagem, dos gestos, olhares, expressões faciais, do cheiro, do tato, do olfato. É no contato com o outro, que o ser humano aprende as noções básicas da vida, pois gerações e gerações praticaram uma leitura de indícios mínimos sem que a escrita alfabética estivesse sob seu olhar: seja o caçador metido na lama decifrando as pistas da presa, seja o médico que cheira fezes e urinas e constrói a narrativa de uma doença (GINZBURG 1989, Apud Louise Otero, 2011, p. 21).

Vilma Francisca da Silva (p.162) também comenta que não teve a oportunidade de estudar quando era jovem e que o pouco que aprendeu foi depois de velha:

Eu não tive a oportunidade de estudar, então a gente foi criado assim, sem estudo. Então eu vim estudar foi agora, agora que eu vim aprender ler um pouquinho, que sei, sei hoje, foi agora depois de velha.

Manoel Antonio de Souza (p. 182) fala sobre sua falta de estudo, e diz ter aprendido a escrever o nome, mas que já se esqueceu:

Minha mulher foi mãe de onze filhos, fora os que morreram. Estudei mas a tal de ideia é muito ruim. *Aprendi a escrever meu nome, mas esqueci.* 

José Nirce afirma que procurou aprender a escrever, mas não conseguiu (p.126):

*Pelejei pra escrever, mas não escrevo*. Fui pra escola, tinha uma professora, Nila, aquela praga, bem malvada, judiava de mim, punha eu de castigo na porta da escola, de joelho, pros outros ver. Aí não voltei mais não.

Maria do Carmo Souza Dourado (p. 133) comenta a falta de estudo e justifica que não estudou porque tinha de trabalhar para ajudar os irmãos mais novos:

Eu não estudei por causa que a gente tinha que trabalhar pra ajudar os mais novo. Eu trabalhei muito na roça, catando algodão, garapa, o povo chamava de tacheira, né? Eu era uma tacheira de primeira, nossa não tinha tacheira que ganhava de mim, porque eu caprichava mesmo.

Pedro Alcântara Goulart de Melo (p.136), afirma que não estudou por causa da condição de seu povo em ser atrasado:

Então da idade de oito anos, naquela época por exemplo, os pais castigava mais seus filhos, né? Então os filhos aprendia a trabalhar novo, só não aprendia estudar. Na antiguidade aquele pessoal não tinha muito capricho, não tinha escola também. É muito difícil aquela época, era um povo bem sertanejo. Aí da minha época pra cá, antes de 46, já tinha escola, mas aquela época era um povo muito atrasado (...) Aí ia tocando a vida assim.

Sebastiana Antônia Almeida Pereira (p.74) diz que não chegou a estudar mas sabe ler e fazer contas: "Não cheguei a estudar, mas eu leio, não tô enxergando muito, mas faço conta ainda".

Pedro Barbosa de Melo (p.180) já fala claramente que nunca gostou de estudar e que ficou sete anos na escola e não saiu do segundo ano primário, devido às "danuras" que fazia no local em que havia sido deixado para estudar:

Ele me pôs na escola, mas *eu nunca gostei de estudar*, fiquei sete anos na escola e não saí do segundo ano primário. Eu tava fazendo muita arte lá, muita danura, aí meu irmão me mandou pra Campo Grande e na época era muito difícil, me entregou pra uns parente, mas não dava recurso pra mim, eu tinha que trabalhar pra ganhar um pão caçulinha e um pastel.

Francisco Silvério da Costa (p.121), diz ser autodidata e que aprendeu a ler sozinho: "Eu aprendi estudar por conta própria. Pra escola nunca fui (...) Eu viajei, fui conhecer o mundo e lá paguei um professor bom e aprendi".

As narrativas de pessoas que nunca tiveram contato com a leitura ou que a consideram algo externo, por vezes nos comove, faz com que fiquemos contagiados e nos remete sempre à fala de Riobaldo, nessa relação que mantém com a terra. Algumas expressões nos tocam com facilidade e chama nossa atenção para termos regionais e para uma concordância rústica,

que gera uma poética fascinante, como se fosse uma melodia, como em Francisco Antônio de Carvalho: "Andei aquele meio-dia todo e cheguei aqui". Em Francisco Silvério "Fui bater na Serra Negra. Naquele mundão, daqui lá tem 142 léguas" Em Pedro Alcântra Goulart de Melo: "Aí já vendia um milho, um arroz, um feijão, mas era dinheirinho resumido (...) Mas de modo que minha agenda foi assim, sofrida sabe, desde menino sempre lutando." Em João Batista de Souza (p.110), encontramos: "Eu tenho um irmão, ele levou 40 chifre. A galhada atravessou a porta e foi no pasto, ele é um cara vistoso e a mulher, um pau de fumo". Com Ênio José Barbosa (p.58): "Chovia, debaixo de chuva, chovia". Em Any Maria Anicézio (p.117): "Nós cantava, desde pequena eu gostava de cantar. Mas não deu certo... eu nasci foi quatro de Janeiro de 1936". Com Francisco Antonio de Carvalho (p. 117): "Do um pouco, eu sei uns pedacinhos. Se te servir... ou ainda. A estrada dava notícia da pintada na guatira do gado do meu irmão". Francisco Silvério da Costa (p.119): "O dia, Deus o fez claro. A noite fez bem escura. Se de noite houvesse sol, estava o homem à altura de notar esse defeito e censurar a natura".

Todas essas pessoas, ao narrar, demonstram o poder criativo que possuem e a sabedoria para lidar com a realidade na qual estão inseridos. Contar histórias é um exercício milenar por meio da qual se observam ideologias, identidade e saberes. É por meio da voz, e também por gestos e movimentos do corpo, que as narrativas orais se constituem enquanto elementos poéticos.

### 3.8 As onomatopeias das narrativas orais

Nossa intenção, nessa dissertação foi a de procurar ver o poético, nas narrativas orais dos moradores das cidades de Alto Araguaia e de Santa Rita do Araguaia, mais precisamente daqueles que fazem parte do Grupo Da Melhor Idade, e que se reúnem toda sexta-feira, no Colégio Estadual Maria Auxiliadora da cidade de Alto Araguaia.

Claudia Bergamini (2011, p. 28), afirma que até a metade do século XX, a poesia oral era vista como algo popular e partilha o pensamento de Zumthor, (1997, p.22), quando este afirma que, nessa época, a poesia oral se tornou objeto de uma investigação folclórica, no qual eram observados costumes, sincretismo religioso, origem étnica ao passo que o valor poético descaracterizava-se em meio ao caldo heterogêneo da cultura popular.

Ainda de acordo com Bergamini (2011, p. 31),

Nos últimos quarenta anos, a poesia oral começa aos poucos a se projetar com a mesma legitimidade expressiva que a literatura escrita. Importantes estudos acerca da oralidade contribuíram para esse feito. O conceito de poesia oral foi se desprendendo do popular como uma manifestação capaz de expressar pela voz um discurso carregado de marcas de uma identidade. Desse modo, na poesia oral nos deparamos com narrativas e versos que estão intimamente ligados às origens históricas, culturais, assim como às circunstâncias sociais imediatas das comunidades por onde ela circula.

Nas narrativas que selecionamos para esse estudo, há temas relacionados às origens históricas, culturais bem como às circunstâncias sociais imediatas do grupo e de toda a comunidade. Há também momentos de fascínio, articulados pela miscelânea de códigos e variedade linguística, envolvendo-nos não somente pela história em si, que já é carregada de aventuras, aprendizados, experiências, vivências, mas também pela maneira como essa história é transmitida. O olhar, o silêncio, o franzir da testa, o gesticular das mãos, o riso, sons guturais, a fala, enfim, o corpo é um turbilhão de mensagens, que ressoam códigos impraticáveis na escrita, completando assim, a *performance* do ato de contar, como vimos anteriormente. Nesse sentido, em alguns momentos o gesto associa-se à onomatopeia:

Aí nós deitemos, quando nós deitou, nós escutou um barulho, *bei* que eu não sei contar pra você como é que foi. Olha, galo cantava, vaca berrava, cavalo rinchava, jumento urrava e aquele barulho, sabe? Um trem mais horrível do mundo. E não foi só eu que escutei, aquele povo lá daquela feira do Araguainha assim, tudo escutou esse barulho. Foi aquele pisero e eu corri. (p.162)

As onomatopeias tem a função de criar uma determinada situação em que o ouvinte é transportado para o momento da ação, isso é, os efeitos sonoros e gestuais proporcionam uma representação, uma caricatura do acontecimento, tornando-os, dessa forma, mais real. Assim, o contador prende mais a atenção de quem está próximo, como se quisesse criar um efeito cênico, dando um suporte para a performance pela entoação por sintetizar com sons a ideia que é transmitida pela palavra.

Sobre a onomatopeia, segundo Zumthor (1997, p. 112.) dentre outras definições apresentadas, a onomatopeia diz respeito à imitação acidental de sons pelo homem, ou seja, sua construção está ligada a determinado momento e indivíduo. A partir dessa consideração, é possível entender que o fenômeno vincula-se à cultura de uma língua e caracteriza-se por sua natureza estilística e expressiva. Assim o pesquisador conclui que a onomatopeia não é um elemento universal para as línguas naturais e por isso relativiza o princípio saussureano de

arbitrariedade do signo, justamente pela variação que há na relação entre significante e significado de onomatopeias nas diferentes comunidades linguísticas. Um dos fatores incidentes é a sonoridade de fonemas próprios de cada língua.

As onomatopeias estão no relato de Francisco Antonio de Carvalho (p. 117). Observamos que fizemos todo o esforço para que os dados correspondessem aos originais, e a fala estivesse transcrita o mais exato que fosse possível fazê-lo, respeitando as legítimas palavras e opiniões do entrevistado:

Ah menino, mas não deu outra, foi só soltar. Ela entrou dentro da mata e nós achou onde ela comeu o quati que o sangue tava correndo, pintadão mesmo. E esse Joaquim Madeira era acostumado a assistir caçada, que ele lá no buriti via as onça estragava muita vaca. Naquela época não tinha problema matar de jeito nenhum, dava prejuízo, livrava as criação. Era o gado, bezerro, tudo aí, porco, carneiro, tudo a onça ela pegava muito. E aí nós foi, achamos aonde ela comeu o quati, os cachorros já chegaram já barruando pra aqui e pra ali, ela já tava pertinho. Aí quando eles deu nela lá: <u>Bei</u>! E o chão já tremeu, ela correu um pouquinho assim, pouca coisa, tinha um corgo que descia. E naquele corgo ela enlocou, ali tinha uma loca. Mas nós não sabia daquela loca não, nós veio daqui assim e ela tava naquela loca e nós pensando que ela tava no chão ali, mas não tava, tava na loca.

Os cachorro ali apurando e o chão tremendo que a folha do mato tava mexendo igualzinho quando chega perto de uma máquina de limpar arroz. E <u>Bei!</u> le <u>Bei!</u> Isso era a onça turrano lá dentro do buraco lá, que tremia até o chão, capaz que até folha do mato mexia. (grifos nossos)

Ainda que os estudos linguísticos e literários contemporâneos ofereçam pouca atenção sobre um fenômeno tão presente na linguagem cotidiana, como as onomatopeias e Matoso Câmara (1977, p. 102) recomende que esses ruídos monossilábicos: "Bei, bei" que aparecem nas narrativas, não podem ser compreendidas como imitação fiel e direta dos ruídos, mas sim como uma interpretação aproximada por meio dos recursos oferecidos pela língua, não podemos deixar de perceber que elas dão um colorido especial às narrativas, pois são artifícios do contador para demonstrar a realidade do momento vivido. Em seu vocabulário simples, Francisco Antonio de Carvalho procura uma maneira de recriar o ruído da onça, e imita os sons dela quando está "turrano" na mata, fato que nos ver que há a memorização de um fato do passado que se faz presente, com o narrador fazendo uma adequação da história para contá-la para o ouvinte com todas as nuances possíveis, para que este ouvinte acredite no relato.

A utilização da onomatopeia tem mais humor e surte mais efeito quando ela está imbricada com o gesto, fato muito corriqueiro nas entrevistas.

A poesia está no corpo, nos gestos que emanam desse corpo, na maneira de contar, no uso das onomatopeias, onde "reside metaforicamente a sede de uma escritura verbalizada pelo gesto" (POSSAS, 2011, p. 37), pois afinal, como denominou Paul Zumthor, poesia é: "[...] um conjunto de textos ditos poéticos como atividades que os produziu: o corpo, os gestos, os meios".

O gesto dá forma ao ambiente narrativo e o corpo fala para demonstrar o tamanho do que o contador quer dimensionar, como fez o senhor Francisco Antonio de Carvalho quando quis apontar o tamanho da onça, ele abriu os braços e disse; "Era um mundo, um trenhão assim", (p.74) ou como o bicho que aparece na história narrada por José Bento Viana (p.173): "Aí quando foi lá um belo dia, apareceu um bichão desse tamanho assim, cascudo, danado, a mãe pegou, pôs dentro de um vidro, e falou: 'Ah danado, é você mesmo que eu tava esperando'. Aí sumiu esse bicho".

Como apontou GOELLNER, (2003, p 159):

[...] um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos [...] enfim, um sem limite se possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas.

Quem narra transmite a dimensão do lugar físico (comprimento, largura, altura, modelo do lugar) por meio dos gestos que emanam do corpo. O espaço, como num passe de mágica, aparece em linhas imaginárias, traçadas pelas mãos do contador. Os gestos em lugar das palavras também é uma extensão da voz, o efeito buscado é tornar a fala mais real, pois o contador confere forma aos objetos, numa vã tentativa de concretizá-los. "[...] gesto e voz; regulados um pelo outro, asseguram uma harmonia que nos transcende [...] o elo que liga a voz e o gesto é de ordem funcional, resultando de uma finalidade em comum [...]" (ZUMTHOR, 1993, p. 109). O resultado é a interação com o ouvinte, por meio de canais que estão ao seu alcance. O contador tem a imagem na cabeça e tenta dar formas a ela com as mãos, sem que para isso haja alguma marcação ou roteiro preestabelecidos.

O gesto e a encenação servem também para revelar a maneira como algo é feito, como exemplo, citamos a narrativa de José Nirce (p. 122):

Vou pitar um cigarro aqui. Fumei a vida inteira. Eu fazia fumo. Fumo de corda. Não fazia pra vender não, fazia pra nós. Quando ele madurava, tava

amarelando, você vai lá e estala. Põe no jacá. E vai piando ele devagar (gesticula o ato de "piar"), aí você piou aquele tanto que você quer, aí você leva pra casa. Na casa, perto de sombra, você põe lá, aí você junta a mulher, os filhos que tiver, pra estalar (gesticula o "estalar"). Estalou, bebe uma pinga (mostra o ato de beber pinga no copo), com três dias, aí torce, faz o cambito, começa torcer e outros tiano. Torceu aquele tanto, põe nos gancho pra secar, pra curtir. Aí é só pôr no bolso. (grifos nossos).

É como se José Nirce quisesse ensinar ao ouvinte como se faz o fumo, como se sua vida ganhasse uma finalidade nova, já que agora tem alguém que se interessa pela sua história, e tem também uma boa ocasião para mostrar sua competência, o que traz para o velho uma alegria. O toque também é comum no momento dessas narrativas e os contadores demonstram a alegria pela atenção que estão recebendo, e se sentem bem ao perceber que suas histórias de vida possuem valor para os mais jovens.

Para finalizar este capítulo, ficamos com as palavras de João Alexandre Barbosa no prefácio do livro de Ecléia Bosi quando ele afirma: "Não estamos diante de 'ideias' nem de 'pontos de vista', encarregados de relativizar a densidade do passado. Estamos diante de indivíduos reais". Pois como diria Frederico Fernandes, (2007, p.256) a representação culmina no caráter coletivo que assume a narrativa. Então começa a se fermentar o devir poético, graças ao elo comum que o narrador pode consolidar com o ouvinte. A linguagem cumpre sua função criadora, como André Jolles (1976) bem observou. A distância entre a narrativa e a realidade, sem haver aí uma ruptura efetiva, lança sobre o "mundo real" uma perspectiva especular e poética, em que o sujeito identifica, no texto, referências culturais mais ou menos comuns, as quais são necessárias para compreensão e aferição de sentido ao texto recebido. O estudioso conclui que do ponto de vista teórico literário, a narrativa deixa de ser realidade para se tornar representação, mesmo que a autoridade do narrador a tome como um "fato realmente acontecido". Assim, a performance viabiliza-se através das representações articuladas pelo narrador, o que também faz da vida, quando em destaque na narrativa, uma grande invenção. Isso possibilita a penetração do ouvinte, pois, em posse do narrado, o texto oral já lhe pertence, pode lhe despertar ou acrescentar dados à consciência linguística e abre espaço para que ele faça a ressignificação do arquétipo, ao atualizá-lo, o que constitui o jogo e significados. O texto transforma-se num campo lúdico e, pela repetição, o narrador poderá ressignificar inúmeras vezes um mesmo arquétipo.

Em suma, a atualização do arquétipo implica o cruzamento de invariantes e variáveis da consciência linguística. Quando presentes no texto atualizado, as invariantes dizem respeito a uma repetição, pois, se são produtos da consciência, foram apreendidas (ouvidas) e

podem ser requisitadas no engendramento de outro texto. A título de exemplificação, podemos dizer que, se um narrador faz uso da lenda do Curupira (ou de qualquer outra) e a transforma, conta a história inserindo elementos novos, ele está engendrando, em um novo texto, aquilo que aprendeu. A repetição, dessa maneira, liga o passado ao presente e torna-se a pedra base do processo recepção/atualização. A repetição abre para a possibilidade de ressignificação do texto oral, algo que o torna vulnerável ao jogo dos significados, e/ou permite que seus sentidos variem. A voz, então, quer em estado performático, quer seja expressão do ser ou ruído, torna-se o principal instrumento de geração de sentido num texto oral. Por isso, a análise sincrônica deve captá-la com toda significação discursiva e poética nela enleada, pois afinal, poeta é quem, como observou Marisa Lajolo (2001, p. 18): "descobre e faz poesia a respeito de tudo: de gente, de bicho, de planta, de coisas do dia a dia da vida da gente, de um brinquedo, de pessoas que parecem com pessoas que conhecemos, de episódios que nunca imaginamos que poderiam acontecer e até a própria poesia!".

# **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Foram propostos dois caminhos para essa dissertação: o levantamento bibliográfico sobre narrativas orais e um estudo sobre as que recolhemos. O primeiro trabalho foi a recolha de narrativas orais na região de Alto Araguaia e Santa Rita do Araguaia. Todas as histórias, que foram usadas nesse trabalho, foram gravadas e transcritas anteriormente ao mestrado como explicamos na introdução. Sob o amparo dos pressupostos levantados, e os fundamentos teóricos norteadores da análise, como os de Zumthor, Walter Ong, Marilena Chauí, Fernando Fernandez, entre outros, procuramos analisar essas narrativas.

No processo de escrita das narrativas que recolhemos, muitos elementos próprios da linguagem oral se perderam, como os gestos, os olhares, os efeitos sonoros e gestuais; também não ficaram registrados, a não ser contado em palavras, o levantar de uma sobrancelha, o franzir das testas, o gesticular das mãos, os risos, os sons guturais, (Frederico Fernandes) as características do falar araguaiense e santaritense; enfim os corpos, com suas várias mensagens, que ressoam códigos impraticáveis na escrita, completando assim, a *performance* do ato de contar, ficaram somente na nossa memória, e não por muito tempo, já que, como pondera Ecléa Bosi (1999, p. 55): "A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual."

Transcrevemos as histórias como foram contadas, sem alterar em nada a forma original, o português falado do dia a dia, ou como diria Manuel Bandeira: "o português gostoso do Brasil", com suas pausas entrecortadas pelos silêncios, suas mudanças de rumo, encadeando uma história na outra, só não pudemos registrar os meneios de cabeça e o gesticular das mãos de quem as contou.

Mas registramos as experiências de vida dos narradores e detectamos nelas a presença de traços sócio-histórico-culturais que preservam a memória de Alto Araguaia e Santa Rita do Araguaia, no que tange a aspectos tais como economia, relações sociais, variantes linguísticas, fatos históricos, hábitos cotidianos, festas religiosas, entre outros. Percebemos que os discursos que estão comprometidos com o grupo da comunidade que os entrevistados representam, são os mesmos que construíram a nossa comunidade, pois de acordo com Frederico Fernandes, o narrador apresenta um vínculo com a comunidade narrativa e não prioriza a técnica em detrimento do conteúdo.

Para Joaquim Onésimo Ferreira Barbosa (2011, p. 18), o homem poderia se privar de outras atividades que lhe são peculiares, tais como passear, ler um livro, assistir ao filme

preferido, menos a de falar, de se expressar, porque, segundo o autor, contar sobre o cotidiano, relatar os acontecimentos que se sucederam no decorrer do dia, parece ser uma obrigação de que qualquer pessoa que possui a faculdade da fala se encarregaria sem medir esforço. Foi o que percebemos, na comunidade onde a pesquisa se realizou, pois as pessoas não mediram esforços, para relatar suas experiências. Alguns deles, em encontros posteriores, pediam para ter uma nova chance de contar, porque haviam se esquecido de relatar partes importantes de suas vidas.

Ainda para Joaquim Onésimo Ferreira Barbosa, (2011, p. 19), de boca em boca, pelas repetições constantes, chegou até nós aquilo que hoje chamamos de histórias, as narrativas orais populares. Numa corrente tecida ao longo de séculos, a experiência humana vem sendo intercambiada pela voz, de pessoa para pessoa, sem cair no esquecimento. Quando a oralidade é o único meio de comunicação, as narrativas orais são a maneira própria de essa sociedade transmitir seus valores e seus sentimentos aos mais jovens. Para o estudioso, é por meio dessas formas, tais como as lendas e os mitos, que se transmitiram/transmitem experiências, conceitos, e todo um conjunto de valores.

Ficaram registradas, nas nossas conversas, crenças, desejos, esperanças, sonhos e o passado. Fomos conduzidos a esse passado do tocar das boiadas, a momentos de festas e também de muita tristeza por perda de entes queridos. Deparamo-nos com relatos mesclados de ficção e realidade. Mas, sobretudo fomos envolvidos pela magia do contar. Sr. José de Souza nos contou da assombração que lhe balançava a rede, do pai que era feiticeiro que "revurta, vurta" virava cupim, virava bode; Maria do Carmo Dourado lembrou que o balde que ela teve foi a cabaça; Noeli falou do tempo em que "filha mulher não podia botar o pé pra fora; Lembrou de dona Ilda Severina que morreu de câncer e ponderou que ninguém fica pra semente e que cada pessoa tem sua carta de validade; Roxa lembrou dos sacos de arroz que batia no pilão, um passado recuperado pela memória e trazido ao presente pelas vozes dos contadores de Alto Araguaia e Santa Rita do Araguaia.

Aqui, gostaríamos de lembrar as palavras de Antonio Candido quando este recomenda averiguar os estímulos que influem na ação da criação literária, uma vez que, para o crítico, a "poesia rústica" surge em situações e fatores distintos da chamada "poesia erudita". Para tanto ele estabelece que toda criação literária possui três funções que são a total, a social e a ideológica. Sempre enfatizando mais as duas primeiras, demonstra que na considerada "arte rústica" ou até mesmo "primitiva" destaca-se a função social, em razão do "caráter imediato com que as condições de vida se refletem na obra" (p. 69) e ao modo como o ato da criação artística depende da "comunhão do indivíduo com a experiência do grupo"

(p. 58). Dessa forma, para Candido, "O lirismo na poesia dita rústica, surge em razão de estímulos imediatos da vida social e somente adquirem vibração como expressão de um sentimento coletivo".

E não seria poesia a frase de Zeni Forogine (p. 166): "A gente entrava sete porteira pra chegar na roça"; a de Zilda Rezende (p. 170): "Meu nego chegava em um cavalo 'azalão', muito gordo e bem areado, usava terno branco, todo elegante"; entre tantas outras frases que poderíamos elencar. Podemos citar frases, mas não podemos dizer que há um momento específico nas narrativas em que podemos dizer que ali se encontra a poesia. A poesia é toda a narrativa, é o modo como esse narrador vê, percebe e sente a vida. Vai ao encontro do significado de poesia que é.... Poesia é como Manoel de Barros define, "poesia é voar fora da asa, Poesia é uma artesania, é o belo das palavras". Poesia é tudo aquilo que comove, que sensibiliza, que inspira, encanta e que é belo. Se poesia tem em seu porvir a capacidade de emocionar e despertar sentimentos, então essas narrativas orais aqui coletadas, são sim poesia. Ainda que seja uma poética que se manifesta à margem do cânone literário.

Se não considerarmos essas narrativas como prosas poéticas, teríamos que desconsiderar toda a poética de Guimarães Rosa, que desde *Sagarana* foi saudado pela crítica como um revolucionário da linguagem pelo caráter experimental de sua prosa, pois revelava um traço regionalista mais amplo e mais sonhador, se comparando com o dos escritores que haviam anteriormente explorado o filão sertanejo (CASTRO, 1993, P. 05). E que teve em sua obra a poesia marcada por narrativas orais. Seria desconsiderar todo o belo transmitido por Riobaldo, pelos irmãos Dagobé, por Zé Centeralfe, Herculinão Socó, Sorôco, entre outros personagens criados pelo escritor. E a intenção primeira dessa dissertação foi justamente explicar o universo poético oral que se abre frente às narrativas orais, pois como diz Ecléia Bosi (2010, p. 81-83):

Não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais. Acurada reflexão pode preceder e acompanhar a evocação. Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, ela seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição. [...] Mas o ancião não sonha quando rememora: desempenha uma função para a qual está maduro, a religiosa função de unir o começo e o fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente alargando suas margens. [...] O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar

ouvidos atentos, ressonância. [...] A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda. Repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparição de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é dasalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual.

A memória traz histórias e acontecimentos do passado que ganham novos sentidos, dependendo da situação de quem conta. Cada narrador se posiciona perante o mundo de acordo com suas vivências e suas experiências, e assim imprime as próprias convicções na história que é atualizada de acordo com o posicionamento de alguém que ao lembrar o passado se posiciona em relação ao presente, pois tem a consciência de ter vivido e suportado muita coisa.

Por acreditar no pensamento aristotélico de que a poesia circula nos diferentes gêneros cada qual ao seu modo, meio e objeto, finalizamos nossa dissertação com a certeza de que os relatos recolhidos no Grupo da Melhor Idade de Alto Araguaia e de Santa Rita do Araguaia, são manifestações poéticas.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALBERTI, Verena. <b>O fascínio do vivido, ou que atrai na história oral</b> . Rio de Janeiro, CPDOC, 2003. Disponível em: – www.cpdoc.fgv.br
Ouvir contar: Textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
AMADO, Janaína. <b>O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral.</b> São Paulo, n. 14, p.125-136, 1995.
BARTHES, Roland/MARTY, Éric. "Oral/Escrito". In: <b>Enciclopédia Einaudi</b> . V.11. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987.
BEAUVOIR, Simone de. <b>A Velhice: a realidade incômoda</b> . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
BERGAMINI, Claudia Vanessa. <b>A poética da voz: análise da voz em narrativas orais.</b> Revista da ANPOLL, nº 11, (p. 28-36), 2011.
BENJAMIN, Walter. "O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: <b>Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas</b> . São Paulo: Brasiliense, 3.ed., 1987.
BERGSON, Henri. <b>Matéria e Memória</b> . 2a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
BORGES, Durval Rosa. <b>Rio Araguaia Corpo e Alma.</b> São Paulo: IBRASA, 1986.
BOSI, Ecléa. <b>Memória e sociedade: lembrança de velhos.</b> São Paulo: Companhia da Letras, 1994.
BURKE, Peter. <b>A Cultura popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
A arte da conversação. São Paulo: Editora Unesp, 1995.
BUSATTO, Cléo. <b>Contar e encantar – pequenos segredos da narrativa</b> . Petrópolis: Vozes, 2003.
CARMO, Ailon do. <b>História de Guiratinga</b> . Rondonópolis: Gráfica Modelo, 2002.
CARPENTIER, Alejo. A literatura do maravilhoso. São Paulo: Vértice, 1987.
CASCUDO, Luís da Câmara. <b>Tradição, Ciência do Povo: Pesquisas na Cultura Popular do Brasil</b> . São Paulo, Perspectiva, 1971.
Dicionário do folclore brasileiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1972.
<b>Mitos brasileiros</b> . Rio de janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1976. Global, 1999.
Literatura oral no Brasil. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1984.
Contos tradicionais do Brasil. São Paulo: Editor, 1990.

CASSIRER, E. Linguagem e mito. São Paulo: Perspectiva, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria e análise didática. São Paulo: Ática, 1993.

CORRÊA. Carlos Humberto. **História oral: teoria e técnica**. Florianópolis: UFSC, 1978.

COUTO, Mia. Vozes Anoitecidas. (contos) Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos. Lisboa: Caminho, 1987.

D'ONOFRIO, Salvatore. Teoria do Texto 2 – teoria da lírica e do drama. São Paulo: Ática, 1995.

DURAND, Gilbert. As Estruturas antropológicas do imaginário. Trad. Hélder Godinho. Lisboa, Editoria Presença, 1973.

EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERNANDES Frederico Augusto Garcia Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura

pantaneira. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.
(org.) <b>Oralidade e Literatura: Manifestações e abordagens no Brasil</b> . Londrina: Eduel. 2003.
LEITE, Eudes Fernando; (orgs.). <b>Oralidade e Literatura 2: práticas culturais, históricas e da voz</b> . Londrina: EDUEL, 2007.
LEITE, Eudes Fernando (orgs.) <b>Oralidade e Literatura 3: outras veredas da voz.</b> Londrina: Eduel. 2003.
ALVES, Juliana Franco [et al.] (orgs.). <b>Cartografias da voz: poesia oral e sonora: tradição e vanguarda</b> . São Paulo/Curitiba : Letra e Voz/Fundação Araucária, 2011.
A voz e o sentido: poesia oral em sincronia. São Paulo: Editora Unesp, 2007.
LEITE, Eudes Fernando (orgs.) <b>Trânsitos da voz: estudos de oralidade e literatura.</b> Londrina: EDUEL, 2012.
FERREIRA, Jerusa Pires. <b>Armadilhas da Memória (conto e poesia popular).</b> Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1991.
(org.) Oralidade em tempo e espaço: colóquio Paul Zumthor. São Paulo:

FERREIRA, Marieta de Morais / AMADO, Janaína. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

. Cultura das bordas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

. Performance, recepção, leitura. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Educ/Fapesp, 1999.

GALDINO, Feliciano. Lendas mato-grossenses. Cuiabá, Tip. Calhau & Filho, 1919.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GEERTZ, Clifford. **Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1989

GOELLNER, Silvana. "A produção cultural do corpo". In: LOURO, Guacira Lopes et al. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

GÓES, Lúcia Pimentel. Introdução à literatura infanto-juvenil. São Paulo: Pioneira, 1984.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Centauro, 2004.

\_\_\_\_\_. A memória coletiva. Tradução por Laurent Leon Schaffter. SãoPaulo: Vértice, 1990.

HAVELOCK, Eric. A equação oralidade-cultura escrita: uma fórmula para a mente moderna. In: OLSON, David R.; JAKOBSON, Roman. **Linguística. Poética. Cinema**. Tradução Haroldo de Campos. Editora Perspectiva. São Paulo, 1970.

\_\_\_\_\_. "Linguística e poética". In: Jakobson, Roman. **Linguística e comunicação.** Trad. José Paulo Paes e Izidoro Bilkstein. São Paulo: Cultrix, 1974.

JOLLES, Andre. Formas Simples. São Paulo: Cultrix, 1976.

LAJOLO, M. Literatura: leitores & leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

LECOUTEX, Claude. **História dos vampiros – autópsia de um mito**. São Paulo: UNESP, 2005.

LEITE, Mario Cezar Silva. "Memória e encantamento das águas: vozes e histórias do Pantanal de Mato Grosso". In: **História e oralidade.** São Paulo: PUC, v. 22, 2001.

LESSA, Orígenes. A voz dos poetas. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1984.

LIMA, F. & Lima, A. S. Conto Popular e Comunidade Narrativa. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1985.

LIMA, Nei Clara de. Narrativas orais: uma poética da vida social. Brasília: Ed. UnB, 2003.

LIMA, Vinícius Silva de. **Polipoesia e recuperação da performance da voz**. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/boitata/volume-2-2006/artigo%20Vinicius.pdf. Acesso em 01 de maio de 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A análise da conversação. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.

\_\_\_\_\_. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. 3ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MATOS, Cláudia Neiva de. A poesia popular na República das Letras: Sílvio Romero folclorista. Rio de Janeiro: Funarte/Editora da UFRJ, 1994.

MATTOSO. Glauco. **O que é poesia marginal**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de história oral. São Paulo: Loyola, 1996.

MENDONÇA, Rubens de. **Estórias que o povo conta: folclore mato-grossense**. Cuiabá, Imprensa Oficial do Estado, 1967.

MENEZES, Philadelpho (org.). **Poesia sonora: poéticas experimentais da voz no século XX.** São Paulo: Educ. 1992.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à Educação do futuro. Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortes, 2000.

OLIVEIRA, Altair Machado de. **Alto Araguaia dos garimpos à soja**. Cuiabá. Print Express, 1998

ONG, Walter. **Oralidade e Cultura Escrita: A Tecnologização da Palavra.** Trad. bras. Enid Abreu Dobránszky. São Paulo: Papirus, 1998.

OTERO, Louise Arosa Prol. O que não está escrito? Oralidade, poética e leitura nos processos de alfabetização e letramento. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2011.

PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia (org). **Muitas faces da história: Nove entrevistas**. São Paulo: Edunesp, 2000.

PERAZZO, Pricila F. **Memórias e narrativas orais em estudos de comunicação social.** Revista Comunicação e inovação. 2006. P. 63-66

PARRY, Milman. **The mackinf of Homeric verse.** The Collected Papers of Milman Parry. Oxford University, 1971.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. "Em busca de uma outra história: Imaginando o Imaginário". Revista Brasileira de História. São Paulo. V.15, nº 29, p. 9-27. 1995.

PIZARRO, Ana (Org.) **América Latina: Palavra, literatura e cultura**. v. 3. São Paulo: Memorial /Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

POSSAS, Hiran de Moura. Poéticas orais: Sopros "Anônimos" de vida literária. Belém: UFAM – Universidade Federal da Amazônia, 2011.

PROENÇA, Manoel Cavalcanti. **Literatura popular em verso. Antologia**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.

PROPP. Vladimir Iakovlevich. **Morfologia do conto maravilhoso.** Rio de Janeiro: Forense, 1984.

RESENDE, Leandro Rodolfo. Memórias da melhor idade de Alto Araguaia. Alto Araguaia: [s.n], 2012. Literatura Disponível que é **Mato-grossense?** em: http://nucleodepesquisa.blog.terra.com.br/2009/06/ Internet, p. 1 - 1, 2009. RIBEIRO, Joaquim. A Tradição e as Lendas. Rio de Janeiro: Marcello & Cia., 1928. RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Editora UNICAMP, 2007. ROMERO, Sílvio. Folclore Brasileiro: contos populares do Brasil. São Paulo / Belo Horizonte: Edusp / Itatiaia, 1985. \_. Estudos sobre a poesia popular do Brasil. Petrópolis: Vozes, 1977. SCHAMA, Simon. Paisagem e Memória. São Paulo: Companhia das Letras. 1996. RESENDE, Salvy Bosco de. Planejamentos regionais e locais no Brasil pós 1970: repercussões socioambientais em Alto Araguaia - Mato Grosso. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Cuiabá, mimeo, 2009.

SIMSON, Olga de Moraes Von (Org.). **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, 1988.

SOUZA LIMA, Francisco de Assis. **Conto popular e comunidade narrativa.** Rio de janeiro: FUNARTE / Instituto Nacional do Folclore, 1985.

SPERBER, Suzi Frankl. Ficção e razão: uma retomada das formas simples. Hucitec, 2009.

STAIGNER, Emil. Conceitos fundamentais da poética. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1997.

THOMPSON, Edward Palmer. Costume em comum – estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral.** Trad. bras. Hélio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TODOROV, Tzvetan. **Poética da prosa.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **As estruturas narrativas.** 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TORRANCE, Nancy. Cultura escrita e oralidade. São Paulo: Ática, 1995.

VARJÃO, Valdon. **Migalhas de sua História**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1985.

VILALVA, Walnice Matos (org). **Vozes do assentamento Antônio Conselheiro**. Tangará da Serra: Sanches, 2009.

WEITZEL, Antonio Henrique. Folclore literário e linguístico: pesquisa de literatura oral e linguagem popular. Juiz de Fora: EDUFJF, 1995.

XAVIER, Jurandir da Cruz. **O Poxoréo e o Garças: a saga dos garimpeiros**. Cuiabá: Ed. Calendário do Sol, 1999.

ZILBERMAN, Regina. Estética da recepção e história da literatura. São Paulo: Ática, 1989.

ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz: a literatura medieval. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

Introdução a Poesia Oral. Trad. Bras. Jerusa Pires Ferreira / Maria Lucia D
Pochat / Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec / Educ, 1997.
<b>Performance, recepção, leitura.</b> São Paulo: EDUC, 2000.
. <b>Escritura e nomadismo: entrevista e ensaios.</b> Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

### **VIDEOGRAFIA**

CAFFÉ, Eliane. Os narradores de Javé. Direção Eliane Caffé, Brasil. 2004.

COUTINHO, Eduardo. Jogo de Cena. Rio de Janeiro: VFilmes. DVD. 107min, 2006.

### WEBGRAFIA

http://www.morbeckxcarvalhinho.com.br/

http://www.punhoeducativo.org/p/projeto-melhor-idade-araguaia.html

### **FONTES – ORAIS**

Todas as narrativas estão virtualmente disponíveis para consulta em: <a href="http://www.youtube.com/user/leandrogugu?feature=mhee">http://www.youtube.com/user/leandrogugu?feature=mhee</a>

ADAMS, Maria Noeli. Gravação-voz. Produção: Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 42min (aprox.)

ALVES, Renaldo Pereira. Gravação-voz. Produção: Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 67min (aprox.)

ANICÉZIO, Any Maria Ferreira. Gravação-voz. Produção: Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 85min (aprox.)

ANICÉZIO, Manoel Borges de. Gravação-voz. Produção: Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 67min (aprox.)

BARBOSA, Ênio José. Produção: Gravação-voz. Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 45min (aprox.)

CARVALHO, Alzira Marcolino de. Gravação-voz. Produção: Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 50min (aprox.)

CARVALHO, Francisco Antônio de. Gravação-voz. Produção: Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 63min (aprox.)

COSTA, Maria do Carmo Figueiredo da. Gravação-voz. Produção: Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 60min (aprox.)

COSTA. Francisco Silvério da. Gravação-voz. Produção: Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 65min (aprox.)

DOURADO, Maria do Carmo Souza. Gravação-voz. Produção: Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 60min (aprox.)

FERREIRA, Sebastiana Antônia Almeida. Gravação-voz. Produção: Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 90min (aprox.)

FILHO, Milton Pessoa Morbeck Produção: Gravação-voz. Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 60min (aprox.)

FOROGINE, Zeni Santos. Produção: Gravação-voz. Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 63min (aprox.)

GUIMARÃES, Wilson José. Produção: Gravação-voz. Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 328min (aprox.)

MELO, Pedro Alcântra Goulart de. Gravação-voz. Produção: Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 44min (aprox.)

MELO, Pedro Barbosa de. Gravação-voz. Produção: Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 57min (aprox.)

NIRCE, José. Produção: Gravação-voz. Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 110min (aprox.)

PEREIRA, Agenor Romualdo. Gravação-voz. Produção: Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 60min (aprox.)

REZENDE, Francisca Severina. Gravação-voz. Produção: Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 60min (aprox.)

REZENDE, Valter José de. Gravação-voz. Produção: Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 60min (aprox.)

REZENDE, Zilda Maria de. Gravação-voz. Produção: Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 60min (aprox.)

ROXA. Gravação-voz. Produção: Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 60min (aprox.)

SANTOS, Doralice França dos. Gravação-voz. Produção: Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 22min (aprox.)

SILVA, Francisca Fracinele da. Gravação-voz. Produção: Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 47min (aprox.)

SILVA. Vilma Francisca da. Gravação-voz. Produção: Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 136min (aprox.)

SOBRINHO, Pedro Porfírio. Gravação-voz. Produção: Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 120min (aprox.)

SOUZA, Francisco Jesuíno de. Gravação-voz. Produção: Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 110min (aprox.)

SOUZA, Idalício Marques de. Gravação-voz. Produção: Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 26min (aprox.)

SOUZA, João Batista de. Gravação-voz. Produção: Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 60min (aprox.)

SOUZA, José de. Gravação-voz. Produção: Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 64min (aprox.)

SOUZA, Manoel Antônio de. Gravação-voz. Produção: Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 80min (aprox.)

VIANA, José Bento. Gravação-voz. Produção: Leandro Rodolfo Resende. Alto Araguaia: 2012. 23 min (aprox.)

#### **ANEXOS**

### NARRATIVAS ORAIS POÉTICAS

### Maria Do Carmo Figueiredo Da Costa

Tenho quatro filhos e oito netos. Sempre tive vontade de escrever minha biografia, mas por isso ou aquilo vai ficando. Fui adotada aos nove meses de idade por motivos de minha mãe ter se queimado e não ter condições de cuidar de nós, digo nós, por sermos três meninas das quais eu era a menor. Meus pais adotivos eram muito bons, porém pobres. Devido a isso tive uma infância difícil, enfrentei muito preconceito e isso me marcou muito negativamente.

Aos 16 anos vim pra Alto Araguaia e fui trabalhar como auxiliar de enfermagem no hospital que hoje é o Samaritano, depois conheci um sobrinho da minha mãe adotiva e me casei com o seu consentimento, porque sofria muito sozinha; ela ficou em Jataí, meu pai sumiu e eu fiquei só aqui na cidade. O casamento multiplicou por dez o meu sofrimento, pois o marido bebia muito, era superviolento e de difícil convivência, mesmo assim suportei trinta anos até porque eu contraí uma doença dos nervos e não podia muitas vezes nem cuidar dos meus filhos direito.

Em 1998 passei no concurso da UNEMAT como auxiliar de serviços gerais e comecei a trabalhar e isso para mim foi uma ótima terapia, só que, aí, o esposo não quis mais trabalhar e eu mantinha a casa com meu salário. Em 1992 conheci minha família biológica, tive o prazer de ver minha mãe apenas uma vez, mas isso me deixou feliz, meu filho maior se casou cedo devido à má convivência com o pai, foi para Guarulhos onde vive até hoje. Em 2005 o marido faleceu, vítima de câncer no estômago, eu continuei a luta, agora tenho algo que me diminuiu muito, a perda do meu filho mais velho em 2010, isso me deixou 50% mais frágil, porém já frequentava o Grupo da Melhor Idade e jamais deixei de fazê-lo, pois é para mim a terceira família. Participo com prazer, não faço mais por estar ainda em atividade no meu trabalho.

No ano do falecimento do marido eu me formei em Letras, logo em seguida fiz pósgraduação e hoje trabalho como auxiliar de biblioteca, amo o que faço. Ajudo na administração do Grupo da Melhor Idade e amo as viagens que fazemos.

Obrigada.

### EDUARDA ROSA BATISTA

Tenho 10 filhos, 30 netos e 20 bisnetos. A minha vida é muito importante para ser contada, pois é de muito sofrimento e lutas. Mas faço questão de lembrar que o que passou, passou. E hoje me considero vitoriosa por ter conseguido isso, hoje tenho minha casinha que não é lá essas coisas, mas é minha, então não posso reclamar. Já vivi em ranchos de palha de roça, plantando e colhendo para dar o que comer aos filhos, depois me mudei pra cidade, a luta continuou aqui. Eu tinha que trabalhar em casas de família, lavar roupas no rio Boiadeiro o dia inteiro para sobreviver. Quando não estava no rio, estava com um carrinho de mão na rua vendendo frutas e outras coisas para ajudar.

Meu marido bebia muito, não gosto nem de falar, pois ele já é falecido, não gosto de relembrar, mas era muito violento quando bebia. Por isso, assim que meus filhos pegaram um certo tamanho, não aguentei mais e me separei. Continuei a luta, convivi com outra pessoa por mais de vinte anos e por motivos banais não estamos mais juntos. Agora me considero uma pessoa praticamente realizada, moro aqui há quarenta anos, quase todos os filhos moram em Rondonópolis, apenas duas ficam aqui comigo.

Minha saúde não é 100% mas me acho saudável, trabalho em minha casa, faço bastante crochê. Agora de um ano pra cá participo do grupo da Melhor Idade e gosto muito, já viajei pra Caldas Novas e adorei a viagem.

A minha vida tem fatos marcantes, mas prefiro deixar pra trás e curtir a vida daqui pra frente. Amo demais meus trinta netos, apesar de conviver sempre com todos, os bisnetos então nem se fala, são o que faltava para me completar. Hoje me considero uma mulher feliz.

Obrigada.

#### FRANCISCA FRACINELE DA SILVA

Eu nasci no Ceará. Tenho dois filhos, tem mais de 10 anos que eu faço parte do grupo da melhor idade. Desde quando que fundou o grupo em Alto Araguaia nós somos a mais velha do grupo, eu e minha irmã. Daí é uma coisa que a gente tá fazendo, a gente tá vendo que tem muita gente que entra, com problema de depressão. Já foi muita gente que a gente viu que com problema de depressão, como nossa primeira rainha do grupo que faleceu, a dona Maria, que ela ficou com problema de depressão. Ela é evangélica, a gente convidou ela, ela foi, ficou muitos anos conosco e veio a falecer. É uma coisa que todo mundo pensasse, chegasse numa idade frequentando, porque, você vê, ali a gente brinca, a gente dança, ali é uma família, então é uma família, a gente faz as nossas viagem, a gente faz os nossos trabalho, a gente faz as nossas brincadeiras, umas pinta, outras borda, a gente fica com a parte de dançar. Eu mais a minha irmã, nós faz parte do teatro, no dia das mães ou em qualquer outro evento, nós bolamos um teatro. É uma coisa que cada dia que passa, a gente dá um passo, tanto a gente aprende como ensina pro próximo que tá lá dentro. Porque tem gente de mais idade que nós, então a gente vai aprendendo com elas e o que a gente sabe nós vai passando pra elas. Então, é uma coisa que não tem como você ver, muita gente fala: "Não, eu não vou porque eu não sou velha, não gosto dessas coisas não, eu não vou porque eu sou evangélica."

Bom, eu participo de lá, participo do grupo de cá. Já fui voluntária trabalhando com o grupo de cá, trabalhei bastante, mas de fato eu não deixo, eu continuo, enquanto permanecer o grupo e a gente estiver aqui, nós vai. Nós tem uma amiga nossa também que faz parte do nosso grupo que é uma pessoa superadivestida, que é uma pessoa querida do grupo, da irmã Divina, da irmã Josefa, das irmãs do colégio, que ela tá pra Goiânia hoje, tá entrando no centro cirúrgico pra tá operando da cabeça. É, os nossos passos, os nossos contatos do grupo são esses. A gente pede que as pessoas se aproxima mais do grupo, as pessoas não quer, acha que ali é só de idoso, mas tem muito jovem que vai participar, tá ajudando o grupo, como você Leandro, tem a Sandra também, tem a Noeli, que é a coordenadora, ali pra ajudar a gente, sempre tá com a gente, prefeitura, o pessoal do CRAS lá, a assistência social e o pessoal da prefeitura que sempre tá apoiando a gente ali. Pra você ver, agora eles diz que vai fazer a nossa casa. Pra gente ter o nosso salão mesmo, pra nós tá divistindo, porque ali o prefeito paga pra tá ali na maçonaria. Mas pelo gosto das irmã, nós não tinha saído do colégio das irmãs. Eu não sei por que resolveram sair dali sem motivo nenhum, porque a Irmã Divina não pediu o salão, a gente simplesmente tava ensaiando a quadrilha e a Irmã Divina tinha

viajado e chegou a Irmã Edite, que é a novata de lá do colégio, pegou e passou a chave errada. Então teve um desentendimento dela com a Noeli e achou que ela não queria que nós tivesse participando lá, mas não, teve problema nenhum. A gente dança as nossas quadrilha como sempre todos os anos, nós dança quadrilha todos os anos. Eu já fui noiva da quadrinha cinco vezes de lá, cinco de cá, eu danço de lá, eu danço de cá, danço na quadrilha da comunidade da prefeitura de cá e divirto. Aproveito, trabalho, chego e trabalho cuido da minha casa, dos meus filhos e tamos aí na luta.

Eu vim pra cá tem 10 anos. É, tem 12 anos que meu pai faleceu, e eu vim pra cá e minha mãe ficou viúva e eu fiquei em São Paulo com minha menina que o pai dela tinha atirado num cara. Então ele tava preso, e daí eu quis ficar com minha mãe e com esse tempo todo, esse tempo todo eu aprendi com o grupo. O pessoal do grupo sempre tá nos apoiando, muita coisa difícil, a gente chega na coordenadora com uma pessoa que tem mais experiência e é uma coisa que eu pretendo não deixar tão cedo não. Eu gosto muito do grupo, é uma coisa que a gente tem que lutar, é uma coisa que a gente tem que tá lutando com o nosso direito, porque se cada um fizesse como todos faz lá no grupo, eu acho que não tinha senhores de idade aí pelas portas, jogado, passando necessidade.

Assim, o dinheiro que o prefeito tá investindo ali na maçonaria, ele estaria ajudando pessoa que tá passando necessidade, pra você ver aqui no Alto Araguaia tem muita gente que sobe ali pra Cohab, pra Gabiroba, tem muita gente que passa necessidade. Eu acho que pra nós seria uma boa se nós tivesse ocupando nosso espaço no colégio das irmãs, porque aquele dinheiro, ele ajudava pra nós, nas nossas viagem, comprava material pro nossos trabalhos, porque sempre falta coisa pra gente tá trabalhando. É tinta, é papel, é tecido, é pincel, essas coisas que a gente usa. E quando era no colégio da irmã, o nosso lanche era bem reforçado, agora tá mais fraco. Mas nós tem nosso lanche, tem as nossas festa no final do mês, tem os aniversário, vai ser comemorado no final do mês, todo mês nós comemora aniversário e é uma coisa que você aproveita. E a gente aproveita bastante, sentir nosso grupo tá crescendo, cada dia que passa tá crescendo nosso grupo. E eu sei que nós começamos com cinco pessoas no colégio das irmã, dessas cinco, das veteranas, dessas cinco já faleceram quase todas, das veteranas só ficou eu, minha irmã e a dona Cacilda, sobrou nos três de cinco.

Então, sempre tem uma menina que tem problema lá em cima, na Gabiroba, que a gente tá indo lá na casa dela pra ela retomar de volta ao grupo. A Noeli pede: "Gente! Vocês convidam o pessoal pra vir pro grupo, pra unir cada vez mais." Pra você ver, agora que tá dando bastante gente, no nosso baile, que teve agora por último, foi muito bom nosso baile, deu bastante gente e a gente vai esperar pelo próximo também, que continue bastante gente. Vamos tá ensaiando pra quadrilha agora que é no mês de junho, vamos tá trabalhando com teatro agora pro dia das mães, vamos tá fazendo ovo de páscoa agora para páscoa, pro nossos amigos do grupo. Isso é que a gente tá encaminhando sem problema que a turma toda é unida, o grupo é sempre unido, é daqueles que você sente uma dor, chega pra um e fala: "Ó! eu tô com problema" e a gente: "Não coleguinha, não é assim não, vamos resolver, fica de boa." Sabe, a gente conversa, troca ideia, então é uma pessoa maravilhosa, não tenho que falar do grupo não.

Agora tem esse livro também. Se Deus quiser, se Deus permitir, nós vai tá com nossos livros, nós vamos tá divulgando, pra várias pessoas tá comprando os nossos livros da Melhor Idade, porque é uma história nossa que não é estória, é realidade nossa, porque cada passo que você dá na sua vida, é uma realidade. Você tá muito jovem, mas vai chegar na nossa idade, então você sempre tá acompanhando nossa história, nosso grupo, você aprende um pouquinho cada dia que você vai lá. É uma turma unida, é uma turma superunida. A Noeli no começo, ela ficou bem assim, meio tímida de saber como assumir um pessoal desse, não pela idade, porque achou que não ia ter capacidade não. Ela é uma pessoa, que ela tem capacidade, tanto ela quanto o esposo dela, tá trabalhando juntos. Pra você ver, nós temos nossas festa, tem o

ônibus que vem pegar no dia da festa, o dia do trabalho que é na quarta-feira, o ônibus vem buscar. Na sexta vem buscar e vem deixar, leva na hidroginástica ele vem buscar e vem deixar. As pessoas estão sabendo aproveitar a Melhor Idade, estão sabendo divulgar o grupo da Melhor Idade, porque tem muito lugar que quer possuir um grupo, como em Santa Rita.

Nosso grupo daqui de Santa Rita é o seguinte: nós tem o grupo, mas tem pouco componente, eu acho que chega umas 20 pessoas. É pouco, depende da coordenação do grupo pra tá divulgando e chamando mais pessoa. Pessoa quando é evangélica, não quer que põe uma música não. Quando eu trabalhava nesse grupo de cá, a gente conseguia fazer passeio, nós fazia festa, nós dava almoço, jantar, tudo que tinha de festa. Então nós saía no comércio, pedia de cá, pedia de lá, pedia um, pedia outro, sempre tá ajudando. Mas aqui por causa da coordenação, ficou colocando só evangélico, então eles acham que fazer só orando, eles consegue, mas não consegue, pra tudo você tem que dar um passo, que Deus falou assim: "Ó! Eu te caminho, mas você dá seu passo." Você tem seu serviço porque você lutou, pra você conseguir chegar onde você chegou, então o grupo de cá fizeram uma festinha, gente de lá tinha que ir lá ajudar, festa, passeio. Quando a gente vai passear de lá, nós leva um pouco do pessoal daqui, porque não tem como a prefeitura dar sempre o ônibus da viagem. Mas a maioria aqui são evangélico, então eles acham se eles sair daqui pra ir num baile que a gente vai em Taquari, Alto Garças, Jataí, que a gente vai Mineiros e daí pra frente a gente vai indo e continua. Agora de um tempo pra cá que a gente não tinha desfile de rainha, de pouco tempo que nós começamos a fazer também desfile, tanto que as meninas vão lutar pra vê se faz agora em Alto Garças. Mas daí não vai depender só da gente do grupo, vai depender da prefeitura e nós dependemos da prefeitura em tudo e por tudo, porque ninguém consegue as coisas assim. No tempo da Noêmia também foi muito bom, a Noêmia foi uma coordenadora do grupo que deixou muita falta, lutou muito por esse grupo. A Irmã Josefa, que foi aquela que fez a fundação do nosso grupo no colégio das irmãs e depois de três anos que foi fundado o grupo, ela foi transferida daqui, mas é umas pessoas que marcam muito na nossa história, são essas pessoas que deixam exemplo pra nós. Quando vem junto, dá os nossos passos, pra você ver, as irmãs sai com nossos passeios. Nossa eu queria que você visse, diveste, elas dão risadas, conta piada. A gente sempre quando vai pra Barra, que fica numa pousada lá, nós costuma ficar dois a três dias, fazemos jantar na pousada, nós fazemos churrasco à noitada e fica. A gente toma um refrigerante, fica dançando ali e assim é gostoso demais né? É bom, é bom e divestido à beça. Eu gosto como todo mundo gosta.

Eu morava, antes de vim, no estado de São Paulo. Quando meu pai faleceu e já morava em São Paulo, mas eu vim pra São Paulo eu tinha meus 14 anos, que minha mãe veio pra ficar com meu irmão que tinha vindo pra morar em São Paulo e então eu fiquei com meu pai lá e uma vizinha da gente lá queria que cuidasse da filha dela, porque ela trabalhava, e eu já trabalhava com essa família. Aí eu vim e fiquei lá o tempo todo, aí trabalhava, sempre trabalhando, eu trabalhei. Em São Paulo, eu trabalhei numa casa de família sete anos. Trabalhava, morava nessa casa e trabalhava à noite no metrô de Serviços Gerais na parte da limpeza. Trabalhava nesses dois local.

Lá é muita violência, a gente vê porque é assim, é uma cidade que é praticamente agitada, mas por ser agitada, você tem que se manter seguro e não fazer besteira. Olha, desses cinco anos que eu trabalhei lá, pra mim serviu de muita experiência porque eu vi muita família se acabar em minha frente e você não poder ajudar, como uma colega nossa de serviço. Nós tinha entrado na bilheteria pra limpar e ela tinha ficado na plataforma e o cara veio e atirou e matou ela na hora. Então, a gente ficou assim, mas é uma coisa que a gente tem que lutar pela vida, você tem que trabalhar. Então, e lá é um lugar que é agitado, mas só que é uma coisa que você tem que saber viver. A minha filha mesmo, a mais velha, tá com 12 anos agora. Aí eu tava grávida dela, aí eu trabalhava várias vezes, mas eu me mantinha tranquila, eu dentro do ônibus mesmo saía pra trabalhar, pegava o primeiro ônibus às quatro horas da

manhã, muita revolta na cabeça. Graças a Deus nunca aconteceu nada não, mas graças a Deus não aconteceu nada não. É uma coisa que a gente tem agradecer a Deus, cada passo que dá na nossa vida a gente tem agradecer a Deus, porque a coisa que a gente tá fazendo e tá lutando.

Eu tenho dois filho, mas sou solteira. Eu fiquei com o pai deles, mas aí eu vim pra cá, minha filha tava com quatro meses de nascida, que o pai dela atirou num cara por causa de bebida, atirou no rapaz lá, aí foi preso. A minha mãe tava comigo lá, nós tava dormindo e os cara foi lá em casa pra querer assassinar nós: "Eu não vou pegar o cara, mas eu mato a mãe, eu mato a sogra, a esposa e a filha." Então minha mãe falou: "Então vamos embora." Aí tem meu irmão mais velho, que mora lá em São Paulo. Aí a gente saiu da minha casa, ficamos na casa do meu irmão, aí a gente veio pra cá. Foi aqui que eles cresceram, se criaram, aqui eles estuda, todos os dois. E aqui eu pretendo ficar muitos anos.

Aqui tinha minha irmã, ela mora aqui do lado. Aí a gente veio, fui buscar minha mãe com o pai deles no Ceará pra vim pra cá. Aí ele veio pra cá, cortou o beico do meu filhinho com fação, passou um fação nas costas da minha filha, pegou a foice pra degolar minha mãe, pegou a faca pra poder me matar. Aí a mãe dele tava no hospital, a minha cunhada ligou pra mim e ele tava preso, mas ele tava com avaral de sortura, ele tava na condicional. Então ele veio pra cá, ficou muito tempo aqui. Aí a mãe dele veio a falecer, ele não queria ir, eu fui levar ele e deixei ele lá: "Só que a partir de agora você vai ficar pra cá. Eu não quero saber mais de você e você vai viver sua vida." Agora não sei se ele foi preso mais ou não. Nossa, mas deu trabalho, ele chegava aqui só bebia, só bebia, o pouco que ganhava era bebendo e por último, depois que eu levei ele embora, ele foi preso várias vezes aqui, mas só que os policial chegava, eu falava: "Por que que vocês não manda ele de volta? Ele tá na condicional, ele não podia sair do estado de São Paulo, ele tá na condicional." Ele tinha que tá apresentando de dois em dois meses no lugar onde ele tava preso, na delegacia onde ele tava preso. Mas não, ele cortou o beiço do meu filho de fação, cortou as costas da minha filha e um homem desse não pode não. Depois que eu fui deixar ele, o delegado daqui era o sargento Jardim, que ele chegou e falou: "Você é corajosa, hein? Que aquele homem era muito violento, você teve coragem." Eu falei: "Não, a gente que veio no mundo tem que saber lutar com gente violenta também." Aí graças a Deus eu fui e deixei ele pra lá, não faço questão que ele venha, eles também não quer nem saber do pai. Também, o que eles passaram também. A menina mesmo, estudava, ia pra escola, ela ficava tremendo o tempo todo, a professora colocava o colchão lá e ela dormia lá, porque ela não dormia dentro de casa. Foi graças a Deus, foi uma benção de Deus ter levado ele pra lá. Não, eu quero que ele continue pra lá, fica pra lá, a gente fica pra cá, meus filhos graças a Deus. Eu trabalho, tem a ajuda da minha mãe que me ajuda bastante. Além de ser mãe e amiga, sempre tá me ajudando, não só eu, como meus filhos, mais fácil ela deixar de comprar as coisas pra ela do que pro netos dela. Então, só tenho mais que agradecer a Deus, por tudo de bom que Deus tem me dado mais um passo na minha vida.

O menino tá com 10 e a menina com 12 e tá bom demais. Dois já dá trabalho por 10. Dão trabalho por dez, eles já dão trabalho. Eles ainda não trabalha porque eles são pequenos, mas era um sonho dela tá trabalhando, mas eu falo: "Filho Olha! Quando você chegar a idade, você vai trabalhar, você estuda. Quando você se formar, ser alguém na vida, porque hoje em dia você só dá um passo na sua vida se você for formado, então luta que você consegue."

Trabalhei numa escola técnica também, de roupeira. Hoje vai fazer 15 anos que eu trabalho com o pessoal dos Hugueney, da Aurora do finado Cacildo. Tem 15 que eu tô lá, ali do lado do hotel. A dona Aurora, ela tem enfisema pulmonar, tanto na casa dela, ela fica assim: É um balão dentro banheiro, quando ela vai tomar banho, é um no quarto, perto da cama dela, é o tempo todo. Esse tempo abafado assim pra ela é o pior tempo, tem que ser ou de chuva muito ou de sol, porque esse é o tempo que ela fica mais perturbada. Parou de fumar tem faz muitos anos que ela parou de fumar, mas daí o problema é muito antigo e foi tanto, que o mesmo problema que ela tem, o finado Cacildo tinha. Ele teve que viajar pra Cuiabá

que é uma história que ele viajou, saiu conversando com a gente, dando risada, saiu pra levar ela no médico. Ele foi, chegou lá, ficou internado e morreu. Ele deu enfisema e ele só tinha a metade do pulmão. Deu acidente com ele na avenida perto do Banco do Brasil que ele sofreu com o trator, que tinha perfurado o outro pulmão dele. Então, aí e o outro que tinha deu enfisema, aí deu. Eu fumo, o pior que fumo, viu? O pior que fumo, eu chego lá, eu falo: "Ah! Dá um dinheiro pra eu comprar um cigarro" e ela: "Não dou dinheiro pra você comprar cigarro." Eu falo: "Então eu não te dou o balão de oxigênio" e ela: "Tá bom, tá bom, você quer morrer mesmo, vai morrer mesmo." Pra mim, uma carteira pra mim é uns dois dias, mata também, mas mata mais devagarzinho. Eu penso assim, que a gente que fuma, tanto o fumador, como a pessoa que bebe, tem aquele negócio por que que criança morre? Não fuma não bebe, mas não é não, vai da consciência da gente, minha mãe mesmo, minha mãe, por exemplo, ela foi pra minha casa em São Paulo, chegou lá, o médico tirou ela do cigarro.

A única coisa que eu sinto muita saudades mesmo assim, é que eu morei muito tempo lá no Ceará. A gente tem muitas recordações, tem muitas festa lá, então a única coisa que eu sinto muita saudades é de lá, vivi lá até os 14. Era bom. Divertido, a gente trabalhava, eu comecei trabalhar de doméstica com meus oito anos de idade, meu pai que fazia nós trabalhar em roça, colhia milho, feijão, plantava arroz. É o espaço que tinha que era o dia a dia da gente pra tá sobrevivendo, que lá era muito difícil as coisas.

Conselho pra deixar é: que as pessoas tivesse mais amor no coração, ter fé mais em Deus e amar o si próprio, porque pra você amar, você tem que se amar a si próprio e hoje em dia não existe mais isso. Só existe violência e aí que nós pode tá lutando pra acabar, existe muito amor nas pessoas, porque onde tem amor, tem união. Então, se as pessoas amar a si próprio, tá amando o mundo, porque o mundo é nosso mundo, é nosso amor, seria ideal. Falta muito amor ainda.

Porque nosso grupo, nós estamos aí na luta e vamos continuar. Eu fui no baile agora, dancei mesmo, dancei descalço, tirei o chinelo, dancei descalço. Teve umas meninas que bebeu um pouquinho, passou. Tem gente que bebeu, desmaiou. Mas é bom, muito bom, o grupo muito unido, excelente. Tem o Festival Náutico, a gente põe a barraca também que é a nossa barraca. Nós trabalhamos em equipe, um dia fica uma equipe, outro dia fica outra. Aquela que trabalha durante o dia, não vai na noitada e assim vai revezando até ficar encaminhar e ficar no lugar adequado pra tá mantendo o grupo. Porque o nosso objetivo, é da gente ter nossa sede, pra nós tá fazendo nossos baile, nossas reuniões. Então nós fazemos nossos próprios evento, porque a gente depender assim, a prefeitura paga. Mas você sabe que ali é política, aí vem a própria política já, vem política esse ano, troca de prefeito, aquele que vai entrar será que ele vai querer apoiar o grupo? Como o próximo? Ninguém sabe, então é isso, porque na campanha do Maia Neto, ele ajudou nós muito bem, muito mesmo, ele ajudou o grupo que vou te falar. O Gordo também, não tem o que falar dele, que ele sempre em nossa reunião, nas nossa festa, ele tá junto, ele vai, ele dança um pouco, brinca um pouco com cada um. Graças a Deus, o número tá, cada dia que passa, tá aumentando cada vez mais. A nossa meta é de nós tá atingindo no nosso grupo, pelo menos umas 200 pessoas ou mais. Também nosso objetivo que nós está lutando, é de nós ter nosso próprio espaço. Lutar pra gente conseguir com algum político, qualquer um dele, seja deputado, seja prefeito. A gente ter ônibus nosso mesmo, pra gente tá fazendo nossos passeios, nossas viagem, porque quando nós vai viajar, nós depende muito da prefeitura. Mas nós vai lutar, mas com fé em Deus nós consegue nosso espaço, se Deus quiser nós vai ter nosso espaço, vai ter porque nosso espaço ideal é uma coisa boa.

### MILTON PESSOA MORBECK FILHO

Leandro: A seu pedido estou lhe enviando um pequeno relato sobre a revolução Morbeck X Carvalhinho. Este conflito teve como palco os acontecimentos da década de 20, nos municípios de Alto Araguaia, Barra do Garças, Guiratinga e Poxoréo. Começou em 1924 e terminou em 1926. Um dos protagonistas desta luta foi Dr. José Morbeck, meu avô, com muita honra. Ele nasceu no dia 25 de abril de 1878 na fazenda Coruja, de propriedade da família, no município de Maracás estado da Bahia. Ele era engenheiro agrônomo com doutorado.

Após casar-se com Arlinda Pessoa Morbeck em Salvador Bahia, no dia 10 de junho de 1911, vieram para Mato Grosso. Arlinda Pessoa Morbeck é hoje considerada pela UFMT, a primeira Poetisa de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e considerada também a primeira Professora de Alto Araguaia.

Quero deixar registrado aqui dois poemas dela. "O Perdão" e "Tenho Ciúmes":

### O Perdão

Perdoar o mal que me fizeste, E que vivo a sofrer e recordar Perdoar as angústias que me deste, Porque pensei que me soubeste amar.

Foi a culpada a crença que diz O meu sentimento dominar, Mas, sorrindo, tu não compreendeste Que são felizes os que sabem perdoar.

Não te perdoo, por que és um ingrato, Roubaste o meu amor e o teu retrato, Que eram relíquias do meu coração!

És cruel, és traidor, és insensato, Não devias praticar o desacato Por que te amo! Não te perdoo, não...!

## Tenho ciúme de Ti

Tenho ciúme de ti Do teu fascinante olhar, Tenho ciúmes de tudo Que tuas mãos vão pegar!

Tenho ciúmes da água Que teu corpo vai banhar Tenho ciúmes da lua, Que vem teu rosto iluminar! Tenho ciúmes do beijo Que vem do amor te ofertar Tenho ciúmes do abraço Que vem teu corpo apertar!

Tenho ciúmes se vais Para longe te ausentar Tenho ciúmes das horas, Que me roubam o teu olhar!

O amor nos ensina a perdoar. Mas não nos ensina a esquecer...

Em 28 de janeiro de 1913, o Dr. Morbeck, foi nomeado Diretor da Repartição de Terras e Minas e Colonização de Mato Grosso. O então Governador de Mato Grosso Joaquim Augusto da Costa Marques fez uma lei de número 707 de 15 de Julho de 1915, chamada Lei da Concessão. Esta Lei para entrar em vigor, precisava do parecer favorável do Diretor de Repartição de Terras, o Dr. Morbeck, que deu seu parecer contrário, pediu demissão, pois essa lei feria todos seus princípios de ética e moral. Esta Lei se entrasse em vigor, ia desalojar mais de quinze mil garimpeiros da cabeceira do Rio Garças e de seus afluentes. Essas pessoas moravam na região. Esta gente adquiriu patrimônio, formou famílias e também viviam da extração do diamante. O Governador com uma canetada queria desalojar esse pessoal e entregar toda região para uma mineradora inglesa explorar o diamante.

Esta mineradora seria hoje uma multinacional. O pessoal que morava nesta região e vivia do comércio do diamante, vieram a pé ou montados a cavalo da Bahia, principalmente, e de Maranhão e Minas Gerais. O Dr. Morbeck após sua demissão, foi morar na fazenda Patagônia, de sua propriedade, no município de Barra do Garças e passou a ser o defensor e líder desta gente, evitando que o governo tomasse esta área de serviço e sobrevivência dos garimpeiros.

Em 1922, já morando em Alto Araguaia, onde foi prefeito de por aproximadamente seis anos entre 1924 e 1930, o Dr. José Morbeck recebeu e Hospedou em sua casa por algum tempo o seu futuro inimigo e traidor: Carvalhinho. Esse matou o amante de sua esposa na Bahia e veio se esconder em Mato Grosso. De lá, trouxe uma carta de apresentação de um conhecido do Dr. Morbeck que o recomendava. Com o passar do tempo, Carvalhinho ambicioso pelo poder, foi convidado pelo governador Coronel Pedro Celestino a ser o Delegado Regional e Fiscal das minas de diamante da região do Rio Garças e seus afluentes, Carvalhinho aceitou. Carvalhinho traiu não só seu amigo como também toda classe de garimpeiro para seguir a ganância do governador do estado. A partir daí, os dois amigos romperam relações e Carvalhinho passou a cumprir as ordens do Coronel Pedro Celestino, que era matar o Dr. José Morbeck e os defensores da área de mineração, entre estes, Ondino Rodrigues Lima, prefeito em Alto Araguaia por três mandatos.

A Primeira Batalha entre Morbeck X Carvalhinho teve início no dia 24 de maio de 1925 e terminou após 35 horas de tiroteio. Carvalhinho, como delegado, com seus soldados, armaram uma emboscada para o Dr. Morbeck nas proximidades da ponte de madeira do Rio Boiadeiro.

Teve inicio ali, o combate. Carvalhinho recuou até a delegacia onde é hoje o depósito de bebidas "JL Mania". Após 35 horas de tiroteio o delegado fugiu pelos fundos e atravessou o Rio Araguaia onde se realiza atualmente o Festival Náutico. Dai em diante foi a cavalo andando à noite, até a Bahia.

De lá, telegrafou para o governador, contando o que tinha acontecido em Alto Araguaia. O governador pediu que Carvalhinho retornasse a Mato Grosso. Lá, Carvalhinho contratou alguns pistoleiros e jagunços, entre estes Domingos Laborã, um jovem de apenas 22 anos que se orgulhava de já ter matado 32 soldados. Este elemento foi o braço direito de Carvalhinho.

De navio, Carvalhinho saiu de Salvador e foi até Buenos Aires e de lá para Cuiabá. O Governador Coronel Pedro Celestino armou seu "testa de ferro" com 300 soldados com armas, munição e disponibilizou um coronel, chamado Daniel Queiros, com experiência de guerrilha para que liquidassem o Dr. José Morbeck e os defensores da área de mineração. A maior batalha aconteceu no morro da Arnica, no Município de Guiratinga-MT.

Nesta Luta não houve vencedores. Teve como palco dos acontecimentos os municípios de Alto Araguaia, Guiratinga, Poxoréu e Barra do Graças. Começou em 1924 e Terminou em 1926. É bom lembrar que a favor do Dr. José Morbeck, estavam o Marechal Rondon e o Presidente do Senado da época, o Mato-grossense Senador Azeredo, ambos contrários à Lei da Concessão.

Ao final da Revolução, em 1926, Carvalhinho foi para Poxoréo com seus pistoleiros. Lá matou todo destacamento de polícia da cidade e saqueou a delegacia de polícia local. Fugiu para Jatai, destruindo todos os mata-burros, pontes de madeiras e rede de telégrafos. Em Jataí foi preso e levado para Cuiabá com seu bando onde ficou preso de 1928 a 1930. Morreu em São Paulo de morte natural.

O Dr. José Morbeck permaneceu em Alto Araguaia até 1940 quando se mudou para Valparaiso em São Paulo. Veio a falecer em 27 de julho de 1956 na casa de seu filho Rui Morbeck em Nova Iguaçu no Rio, onde fora passear, lá sofreu uma pneumonia dupla. Dr. José Morbeck não se valeu de sua posição para enriquecer. Foi sempre um homem honesto, justo, amigo dos necessitados e sempre pronto a atendê-los e ajudá-los. Além de ter sido um bravo, foi um cristão altruísta que pensou mais nos outros do que em si mesmo.

Eu tenho um site que tem mais detalhes sobre a história da Revolução como também tem detalhes sobre a poetisa Arlinda Pessoa Morbeck que é o www.morbeckxcarvalhinho.com.br

Tenho aqui alguns trechos de livros. Esse aqui é o "Memórias de um Pau de Arara" de Antonio Paulo da Costa Bilégo. Na página 122 ele fala:

Uma companhia inglesa propõe ao governo de Mato Grosso que lhe fosse cedida uma área, mediante o pagamento de alguns milhares de contos de reis, para a exploração de garimpo compreendida entre a mais alta cabeceira do Rio Garças e a sua foz, numa faixa de seis quilômetros em cada margem, respeitando direitos anteriormente adquiridos. O assunto está tramitando pelas repartições competentes, já esta tudo apalavrado com a bancada do governo federal, com exceção de um senador, que deixo de citar o nome, por não ter certeza. A verdade era que as coisas corriam sem que ninguém ousasse propor o cambalacho ao diretor de terras.

Mesmo, ninguém ia supor que um pobre engenheiro e demais baiano, fosse ter o peito de se pronunciar contra a decisão dos donos da terra. Morbeck, ciente de tudo, se finge de morto e fica bem vivo, esperando que o processo chegue em suas mãos.

Na data aprazada recebe o calhamaço da mão de sua secretária. Lê com atenção, para, no fim dar o despacho arrasador, contra toda a expectativa. Lavra a seu pedido a demissão, põe chave na gaveta, tranca e entrega a chave a sua secretaria. Vem para o Coxipó, pega o seu burro, único meio de transporte entre a capital e o leste do estado, e sai sem se despedir de ninguém.

Chegando em Registro, dá conta aos seus amigos. Em seguida vai ao Rio de Janeiro, dar uma satisfação a seus amigos do alto escalão político, inclusive o general Rondon, que tinha por Morbeck certa admiração e depois dessa resolução, o grande Rondon, que amava Mato Grosso acima de tudo, passa a tê-lo na mais alta consideração. Morbeck com essa sua atitude, torna-se nacionalmente conhecido, chegando a sensibilizar a pena de Chateaubriand que escreve um artigo sobre o mesmo, colocando-o no nível dos grandes homens da época. Chegou a tal ponto o prestígio de Morbeck que de uma feita, o autor dessas notas o assistiu mostrar uma carta na casa de um seu tio a ele dirigida por um lorde do almirantado britânico, pedindo-lhe permissão para que fulano de tal, o enviado seu, pudesse comprar diamantes na região do Garças. Morbeck, com aquele seu jeito simples comenta com meu tio: "Veja major, como são as coisas, eu que não fui dono de nada além da minha fazenda, a mim me tomam como senhor feudal daquela região".

Outro trecho de outro livro "História de Guiratinga" de Ailon do Carmo. Na página 365 tem assim:

O teor do malsinado contrato era nestes termos: concessão para explorar as jazidas minerais, metais e metaloides, fosseis minerais, etc., existentes no vale do Rio Garças e seus afluentes, estendendo-se de suas cabeceiras até sua foz, no rio Araguaia um autêntico absurdo!

O corajoso gesto de Morbeck, contudo, ecoou por todo Mato Grosso e fora dele, indo refletir até mesmo no Congresso Nacional, onde representantes de Mato Grosso, dentre eles, o senador Azeredo da Silveira, então presidente do senado, enalteceram sua postura de cidadão íntegro e valoroso. Morbeck conquistou até mesmo a simpatia e admiração do general Candido Mariano da Silva Rondon, residente no Rio de Janeiro. O extremado gesto de Morbeck foi um magnânimo exemplo de civismo e de respeito humano aos humildes caçadores de diamantes do Garças.

Leandro. Quero te parabenizar pela iniciativa de publicar este livro sobre Alto Araguaia. As pessoas desta cidade não conhecem a história deste lugar. E os políticos atuais não tem o mínimo esforço em homenagear homens com "H" maiúsculo que se dedicaram pelo bem e progresso de Alto Araguaia. Em nossa cidade já trabalharam e salvaram muitas vidas, seis médicos que já morreram: Dr. Menon, Dr. João de Araújo (já foi prefeito), Dr. Celio, Dr. Evaristo, Dr. Bernadino, Dr. Francisco.

Temos em nossa cidade um centro de saúde, um hospital municipal e quatro PSFs. Nenhum desses leva o nome dos médicos citados. E posso lembrar vários outros grandes homens íntegros que trabalharam e moraram em nossa cidade que não foram homenageados: Onecídio Manoel de Resende (dentista por vários anos e ex-prefeito municipal). Carlos Irigaray (chefe da Receita Federal e ex-prefeito). Padre Nelson Pombo (diretor do Colégio Salesiano padre Carletti por longos anos, o qual pelo nível do colégio, divulgou Alto Araguaia pelo Brasil a fora, como o melhor estabelecimento de ensino do Brasil central).

Outro que divulgou bastante Alto Araguaia e que está entre nós é Pedro lima. Este foi o dono do Araguaia Esporte Clube, o "O Pantera do Leste", time quase imbatível no seu auge. Por esta equipe desfilaram craques de primeira linha, como Wilsinho, Delvi, Totó, Veni,

Ruiter, Olama, que proporcionavam verdadeiros espetáculos futebolísticos nas tardes de domingo.

Apesar de muito jovem tive a honra de jogar com todos esses craques. Wilsinho foi um dos melhores jogador de futebol que já vi jogar. Padre Danilo, fez a felicidade de muita gente carente construindo e doando casas. Carlindo Huguiney, filho de Alto Araguaia, chegou a ser ministro do Tribunal de Contas da União. Trouxe para Alto Araguaia recursos a fundo perdido que eram aplicados em beneficio da população local, como a usina que temos próximo à cachoeira e uma iluminação pública de boa qualidade. Alto Araguaia foi uma das primeiras cidades do interior de Mato Grosso a ter energia própria. Juscelino Kubitschek, o menino pobre que se formou em medicina, foi estudar e se aperfeiçoar na França e se tornou o melhor Presidente da República.

Foi o presidente que colocou o Brasil nos trilhos do progresso e desenvolvimento. Visitou e dormiu em Alto Araguaia no dia 24 de Maio de 1955 quando fazia campanha para as eleições que o elegeu. Teve uma grande recepção em nossa cidade e como agradecimento durante seu mandato premiou Alto Araguaia com uma agência do Banco do Brasil, uma das primeiras do interior de Mato Grosso.

Não é de meu conhecimento que nenhum destes ilustres nomes citados tenha sido homenageado em Alto Araguaia. Ao passo que Mané Falado (Alcoólatra) e tantos outros Zés Manés, têm seus nomes gravados em lugares de destaques em nossa cidade.

Joaquim Estevão de Melo é divulgado como em dos fundadores de Alto Araguaia. Em 1895 já exercia a função de delegado e agente fiscal das minas em Santa Rita do Araguaia (hoje Alto Araguaia). Somente um busto na praça Coronel Ondino Rodrigues Lima? É muito pouco.

Obrigado.

### FRANCISCA SEVERINA REZENDE

Eu nasci na fazenda Pontal do Araguaia. Aqui na fazenda dos meninos, agora é Nevada né? Mas quando eu nasci era Fazenda Pontal e ela era do meu pai. A casa era mais pra baixo, aonde tá o munjólo. A água que vinha da bica, pra gente lavar vasilha, porque não tinha pia, era a bica. Então caia no munjólo e o munjólo limpava o arroz, era ali que era a nossa casa. Eram 10 irmãos e eu morei lá até casar, até 1942. Eu tinha 16. Hoje tô com 84. **Sou de 1927 do dia 18 de outubro**. Tenho muito lembrança, tinha muita coisa enfiada assim nas parede que papai guardava, ele chamava Fidêncio Marco da Silva e da minha mãe Maria Severina da Silva.

Tenho sete filhos, com a Lúcia de criação são oito. Você sabe que eu tenho vontade de contar minha família inteira. De neto, primeiro vem a da Luzia, tem três da Luzia, dois do Sady, três do Ary, três do Ruy, dois do Salvy, dois da Francisca Maria, e o Necidim com os de criação, ele fala que tem quatro. Então são 19 neto e 17 bisneto, e se o Leonardinho, que é o bisneto mais velho, tiver um, é tataraneto.

Trabalhava lá na fazenda de plantar feijão, plantar mandioca e roçar, e fazer farinha, socar sal. A vida lá foi difícil. O mais difícil era lavar roupa de peão. Mas a gente ganhava um dinheirinho, era pra gente comprar um vestido de chita, pra ir pra festa, porque o papai só comprava aquele listrarão xadrez, uma peça verde e outra azul, outra hora, uma marrom e vermelha. Criava gado, fazia queijo, fazia pinga, a gente moía cana lá, fazia açúcar.

Por fim, meu pai descobriu que eu tava namorando com um rapaz irmão da minha cunhada que já morreu também, aí ele ficou só me chamando, só eu pra madrugar, mas era pouca cana também, sabe? Aí eu ia moer, punha na tacha, apurava e fazia aquele meladão, aí punha na forma e depois que ele endurecesse, panhava barro pretinho e punha por cima, pro melado grosso descer que a gente já fazia a pinga. Então era assim que a gente fazia açúcar, aí tirava aquele açúcar e punha no sol, na hora que secava ficava aquelas pedra de açúcar, gostoso que era.

Mas é isso aí Leandro, a vida foi muito difícil. Eu casei, marido não me respeitou, foi só três meses que ele respeitou. Me pegou muitas e muitas doenças. A última, eu desconfiei que ele tava doente, quando ele chegava do Buriti, eu pegava roupa pra ele e punha lá no banheiro e ali ele deixava a roupa suja. Nesse dia ele não deixou, aí eu desconfiei, que eu fui ver, tinha uma roda de sangue na cueca, aí ele quis ter relação de noite: "Então, você tá com doença da rua" aí ele disse: "Então você que me pegou." Tá, aí no outro dia eu falei: "Enquanto você não for no médico, eu tô menstruada pra você." Aí no outro dia ele foi no médico, aí o doutor Sebastião levou ele pra Goiânia e falou se me pegasse virava câncer. Ele ficou é muitos dias lá em Goiânia, ele era motorista, ele levava passageiro pro Buriti, trazia passageiro do Buriti, duas vezes por semana. Ele ia sábado e voltava no domingo, depois ia quarta e voltava quinta. E foi na serra do Buriti que eu e o Sady trabalhamos demais. E eu fazendo comida pra 60 peão tudo, eu tinha uma passarela vermelha bonita porque logo que fez a casa, tinha uma passarela, acabou com a passarela vermelha que eu tinha, cheia de homem. Uns queria comer lá, outros queria levar. Tinha que fazer malmitex pra eles. Foi muito difícil aquela abertura de serra. Nós trabalhamos muito.

Eu sei quando ele foi prefeito, era pra ele ficar três anos, não ficou não, aí mudou a lei lá. E o seu Cacildo podava ele em todo ponto pra ele não falar com o governador, o governador pousou lá em casa e o seu Cacildo botou gente pra ficar vigiando na porta.

Graças a Deus, Deus me ajudou. Eu me casei com 16 e tive a Luzia com 17 anos e nove meses que eu tava, Deus que me ajudou. Tudo parto normal. Aí da Luzia pro Sady, foi quatro anos. A Luzia eu tive 25 de agosto, o Sady 26 de maio, foi quatro anos. Aí do Sady pro Ruy foi três anos. Do Ary pro Salvy foi um ano e um mês. Eu nem sabia que tava grávida, aí chegou um curandeiro lá em Goiás, falou: "Vai lá que você sara." Porque eu andava muito doente da barriga, não sei como eu tive tanto filho. Trabalha demais, quando não era na costura, era no cabelo e trabalhava dia e noite. Aí eu fui lá nesse homem do Goiás, ele falou assim: "O neném que você tá amamentando, tá mamando leite ruim, a senhora tá grávida." Mas não é possível, tava com um ano, não é possível. Aí eu desmamei, aí o Ary sentiu porque sente. Aí do Salvy pra Francisca Maria foi cinco anos. Aí da Francisca Maria pro Necidim já foi dois anos.

O Onecídio morreu tem 32 anos. Ele morreu antes de fazer o aniversário do Alex, até a Nair já tinha feito tudo, atrapalhou, mas ela fez a festa. Ele foi buscar óleo em Campo Grande, fazia tempo que os meninos não pedia, sabe? Porque ele tava levando a outra. Aí nesse dia eu pedi pra ir com ele. Eu queria ir pra ficar com minhas irmã em Coxim. Ele morreu antes de chegar Coxim de volta. Eu não iria morrer. Ele já tinha abastecido em Campo Grande e já vinha e a outra ia com ele e na hora lá, graças a Deus brigaram e ela não foi. Se não, eu ia ter pagar pensão pra ela até enquanto ela tivesse filho, porque pra outra nós pagamos, uma tal de Sueli, mora lá pro lado do Boiadeiro, ela mexe com unha. Ele teve três por fora. O Chico, essa menina e uma lá debaixo da serra. Chico morreu. A de Campo Grande eu não sei.

A gente mudava demais de fazenda pra fazenda, porque ele era dentista, ele não me deixava, porque eu tinha lavar roupa, tinha que fazer as coisas pra ele, né? Aí fomos de fazenda em fazenda até muito tempo. Quando nós chegamo aqui, alugamo um cômodo que servia de sala, de cozinha, de dormitório e ainda teve um irmão, o Nicomedão, que foi muito

mal agradecido, que ainda pôs uma filha morar lá com nós, pra estudar aqui no Araguaia. No quarto nós morava em quatro, porque eu já tinha a Luzia.

Aí um dia, parece mentira, mas foi verdade, nós tava na casa do Nilso, esse Nilso é tio da Nilra, aí tinha uma mulher massando o bolo e a Luzia meteu o dedo no bolo e pôs na boca, a mulher deu um tapa na cara dela, foi a mesma coisa de uma cobra morder a menina, aí ela gritava: "Bicho, bicho." E foi a noite inteira. Com quem ela ficava, era comigo e com Nilson, que é o dono da fazenda. Aí quando foi de madrugada o Chico Modesto tava com a gente pra aprender fazer dentadura também, fazer dente, aí então, quando foi de madrugada o Onecídio falou: "Vocês vão pra Mineiros, porque essa menina tem qualquer coisa." A primeira coisa que o médico procurou: "Dona Francisca, algum estranho num bateu nela?" eu falei: "Bateu." Ele: "Então é isso, pode voltar, dá esse calmantinho aqui, mas não dá muito não, vai passando a mão da cabeça dela, que ela vai acalmar." Mas ela nem chegava perto da mulher mais.

A gente sofria na fazenda também. Era gente escondendo coisa pra gente não comer, muito ruim. Agora tem gente que fala assim: "Minha vida nunca foi fácil." Eu acho que de ninguém é fácil. A pessoa tem que lutar, eu queria que tivessem assistido o *Globo Repórter* de ontem. Você ver, alguém hoje jogou dois bife fora, gente, isso não se faz, põe numa vasilha, num saquinho coloca no congelador. Agora mesmo a gente podia fritar e jantar. Eu acho isso muito triste, eles não sabem economizar. Tem gente que começou como faxineira e fez casa pra ela. Se uma banana custasse um real, ela não comprava banana, ela comprava outra coisa de 50 centavo pra por o outro 50 no cofre. Eu sei que ela comprou um apartamento de frente pro mar, você precisa de ver a mobília que ela tem, só de fazer faxina. Agora aqui em casa, eles não sabe fazer economia não, vai comprar no mercado, compra coisa demais da conta.

A gente às vezes tinha medo na fazenda, porque na fazenda não era barreada, algum lugar era rebocada com barro, com bosta de vaca. Mas não era barreado. Papai foi muito respeitado sabe, foi um homem igual meu padrinho, padrinho Rodolfo foi uns dos homens que eu conheci que foi respeitado. Sabia respeitar e foi respeitado. Papai também era assim, papai sabia respeitar, sabe? Eu amava o padrinho Rodolfo, nossa. Chegava na casa dele, ele dava aquele abraço apertado.

Meus irmãos foram: primeiro foi Onofre, já morreu. O segundo é o Tonico. O terceiro é o Sebastião, que já morreu. O quarto é Ana, ela tá viva lá em Coxim, mas tá vegetando, magrinha, magrinha. Aí a Lia é a quinta, mas já morreu. Aí tem eu, depois o Pedro, aí Julia, aí a Terezinha e tem dois que morreram. Um foi mordido de cobra e o outro diz que foi uma febre muito alta e não trouxeram aqui no Alto Araguaia, aí não trouxeram o menino e morreu com febre, era uma febre braba. Porque o sarampo, por exemplo, dá uma febre muito alta e se não cuidar mata, pneumonia. Nossa, eu fiquei doida quando eu ouvi falar que o menino da Lara tava com pneumonia, meu Deus do céu. Nós era dois em cada cidade, o José morava em Rondonópolis também e depois que as meninas foi pro Cuiabá que ele foi pra Cuiabá. Aí ficou sendo o Pedro em Rondonópolis, o José em Cuiabá, a Fiica e a Lia em Coxim e eu mais o compadre Onofre aqui. Eu me apeguei muito com ele e gosto demais do Joca, do jeito que ele trata a gente, mas ele ainda não veio aqui na casa nova, não sei o que que foi. Quando ele passava pro *Bradesco* ele dava uma paradinha lá na outra casa, agora aqui ficou na contramão, aqui vem quem quer. Aquilo que a Francisca Maria tava falando, tem tanta rodinha sentada na calçada, aqui não pode sentar, porque ver o quê?

Na minha vida, teve uns pretendentes que apareceram. Apareceu três. Teve um, nós tava tudo sentado em volta da mesa da copa e falando em namorado, em casar e um pretendente tava também, eu falei assim: "Eu não quero homem mais nunca na minha vida porque eu sofri demais com o primeiro, ele me traiu demais." E ele deu um suspiro. O Onecídio era um homem bom, trabalhador. Mas ele foi danado demais, ele me traiu demais, ele me pegou muitas doenças. Teve um pretendente que esse preto falou assim: "Eu vim aqui por duas coisas: vim pedir em casamento pra senhora e ver o Seu Bilino." Aí a Irene falou:

"Aí Dona Francisca, agora é hora de você pegar o casamento." Eu falei: "Não, ele vai me desculpar, eu não quero casar" ele: "Eu vou embora" e tirou chapéu, aí eu nunca mais vi, não quis dar nem telefone.

O último era um farmacêutico aqui de Santa Rita, parece que ele era bem de situação, que a farmácia dele era cheia de remédio, muito bem surtido. Ele foi lá em casa um dia, eu tomava banho cedo e ia fazer crochê no arpendre. Tinha umas cadeira de fio, tinha seis, aí roubaram, aí deixei de fazer crochê na rua depois que o Onecídio morreu. Veio ele, sentou, procurou se podia entrar, eu falei que podia e falou: "Dona Francisca, eu vim aqui não foi pra passear não, eu vim pedir em casamento pra senhora." Falei: "Moço, eu não quero casar." E ele: "Nem namorar a senhora não quer?" Eu: "Nem namorar eu não quero porque quem namora fica gostando e depois tem que casar." Que nem a Dulce, ela tava namorando ainda e ela não casou, foi um mal que ela fez e agora pra quem que vai ficar as coisas?

O outro foi lá de Abadiânia. Eu sofria demais da coluna, mas eu pegava aquela lata de banha, porque o Onecídio matava o capado e punha lá e falava: "Se vira." Eu fritava aquele capado sozinha e Deus. Eu pegava aquela lata de banha de rodelinha e vinha com a costa doendo demais da conta e doida pra encher as linguiça, pra mim tomar banho, pra quetar. Porque eu começava cedo e ia até de noite, até que limpava aqueles pé, porque ele gostava de feijoada era de pé, orelha, fazia sozinha. Aí esse de Abadiânia, eu falei pra Julia: "Eu vim pra ir lá na Abadiânia e quero que você vai comigo, eu não quero ir sozinha pra lá eu não conheço ninguém lá." E ela: "Nós vamos sim, eu vou com você, que horas você quer ir?" Eu: "Bem cedo, porque diz que tem gente demais lá." Nós esperamos quase o dia inteiro lá, teve que pousar lá. Aí não tinha apartamento vazio na pensão, aí homem mais a mulher falou assim: "Olha, vocês duas deita aqui na minha cama, até que arruma um lugar aqui pra vocês." Aí não desculpou, eles foram lá e trocaram a roupa de cama e mandou a gente deitar direito. Aí bateu na porta e perguntou: "Quem que é Francisca?" Falei: "Sou eu." "Dona Francisca, aquele homem de cabelo escuro e sombranceia branquinha, ele guer conversar com a senhora." Eu falei: "Eu tô muito cansada, deixa pro café da manhã." Mas isso eu arrependo, que que tem conversar? A gente podia ter conversado, ver a proposta. Rico, rico, rico, aí o que eu fiz: "Vamos embora Julia não vou tomar café não, nós compra qualquer coisa aí na estrada, compra no buteco uma batatinha." Aí ela falou: "Vai conversar com ele, o que que tem conversar?" Eu: "Eu não quero ir, quero casar não." Saímos antes do café da manhã. Nem cheguei a ver, mas desse aí eu arrependo porque o dono da pensão deu notícia muita boa dele, mas eu fiz essa burrada já tá feita há muitos anos. Eu fui pra tratar, eu não melhorei nada não da coluna, coluna ficou a mesma coisa, eu melhorei depois do colchão que eu comprei. Eu quero comprar um de casal, porque dormir nessas caminha não dá não.

Nós viajamo bastante de uma fazenda pra outra. Quando nós saímo daqui pra Coxim, nós sofremo e perdemo o caminho, aí o cargueiro, que tava levando o gabinete, afrouxou. Aí ele deitou e não levantou mais. Aí nós tiramos os trem de cima. Eu falei: "Quando nós descemos pro casamento do Tonico, nós passamos por esse triero, Onecídio. Nesse trieiro aqui dá onde a gente chega numa casa, mas num passa muntado". Nós fomo e quando o Onecídio viu a casa lá ele pegou o revólver e deu três tiro, nós já tava morrendo de fome. O engraçado que quando nós saímos, a mamãe tinha feito uma farofa, e o Onecídio riu até e falou: "Parece que nós vamo pro Ceará, porque a tia Maria tá fazendo até matula." E minha mãe falou: "Mas você vai achar bom." E achamo é muito bom. Chegamo numa fazenda, eu sei a gente chegou lá o cara falou assim: "Vou fazer um arroz, uma abobrinha e vocês não come muito não, porque vocês estão comendo pouco, aí na janta vocês pode comer a vontade." Não esqueço nunca disso, que arroz mais gostoso e que abobrinha mais gostosa. Aí teve um cafezinho, aí na janta nós descontamos. Mas eu nunca esqueço daquele arroz. Nós passamo três dias sem comer direito, quando Chico via um cacho de coco, ele corria lá e cortava com canivete pra gente chupar. Aquela água do coco era pouca demais, aí ele falou:

"Água de coco, mata sede até de Deus." Mas não matou a nossa não. Uma hora o cavalo viu água num rio, esse cavalo saiu correndo, quase que a gente caiu do cavalo, pra beber água, eles tava com muita sede demais. E a gente em cima e descemos e apiamo os cavalo, pegamo uma vasilha e bebemos água, sentamos no chão. Aí esperou ele descansar um pouco e voltamo pelo mesmo caminho, noite inteirinha viajando, nós saímos cedo de Água Bonita fomo até esse corguinho, não escutava nem cantiga de passarinho. Aí com muito custo chegamos lá, pelo triero que eu falei. Trabalhamos de dentista. A mulher era boazinha, o homem era meio assim, sem graça.

Nessas andanças eu que lavava roupa, eu toda vida eu gosto de doce. Eu comprava o açúcar pra fazer o melado no fogareiro e ficava mexendo ali até engrossar. Lá nesse retiro que nós ficamos três meses, a gente passou três meses sem comer carne. Aí um dia nós viu uma franga muito bonita lá. O Onecídio viu as galinhas e falou assim pra moça: "Se você matar um frango e me der a cabeça pra mim comer, eu seu sei se é frango ou é franga." Ela: "Conversa, a dona Francisca vai ver e falar" e eu: "Eu fico só no meu quarto." Aí ele falou assim: "Esse aqui é frango e tá é gostoso." Quando foi no outro domingo, ela matou uma franga. "Quero ver se o Onecídio sabe mesmo." Aí ela: "Nós tamo comendo esse frango, pra ver se seu Onecídio sabe mesmo." Ele falou: "Eu sei, esse aqui é franga." E acertou, mas também não matou mais. E dormia era mal dormido demais. Quando a gente morava lá pro lado do Buriti, Pedro Gomes, pra lá era muito, muito dolorido. Aí quando nós foi pro Coxim, lá a gente alugou uma casa, porque dormia em uma rede, dois dormir na rede é dose, não dorme. Fica a noite inteira acordado.

Sei que eu tenho um pedaço bem difícil, eu trabalhei muito, trabalhei muito. Quando papai morreu, o povo achava que, porque Onecídio era dentista, o povo achava que a gente usava a mesma seringa que aplicava a injeção no papai, achava que usava no dente. Agora imagina, é tão diferente. A outra seringa de aplicar no papai era lá na cozinha que a gente esterilizava porque ia pegar água no rio, porque a água dessa cisterna não prestava. Então, eu ia pegar água no rio. Ali perto da Aurora, do Major Carlos, falaram: "Mulher de dentista carregando água do rio." Eu não liguei. Então nós usava ali no rio pegar água, pra esterilizar as coisas tudo. Segurança não tinha nenhuma, naquele tempo graças a Deus, não tinha ladrão não. O povo dava tiro, mas não acontecia nada.

Eu tenho saudades do meu pai, era um homem bom demais. Na frente da casa, ele cercou pra mamãe plantar flor, porque mamãe gostava demais de plantar flor. Tinha tudo quanto era espécie, tinha uma tal de Dália que dava cada rosa enorme, coisa mais linda e era limpinho. Às vezes ele pegava a sanfona: "Quer aprender dançar, vamos dançar." Aí deixava a gente dançar lá fora e ficava até tarde, de sábado pra domingo dançando. Tinha o Antoizinho que morava com a gente, ele também foi uma pessoa que ajudou papai, que ajudou cuidar da gente. Não podia conversar que ele já falava: "Vou contar pro seu pai." Ele tinha ciúmes da gente, aí casou com uma prima minha, sofreu coitado, a prima minha foi tão ruim pra ele, que as coisas que ele comprava no mercado, ela deixava perder na geladeira, mas não fazia. Aí ele fez assim: ele morava pertinho da Dora, aí ele ia no mercado, comprava, mandava entregar lá na Dora. Aí passava um tempão que ele tinha chegado da rua, a Dora ia levar a cesta: "Tá aqui, uma cesta pra senhora." Aí ela pegava, era ele tinha comprado. Ele era uma pessoa muita honesta também, ele casou com dor, mas morava perto e vivia sempre com o papai.

Eu fazia a cesta toda semana pro cumpadi Onofre, toda sexta-feira, verdura, fruta, tudo. A carne também, eu comprava que dava pra semana. Quando ele trabalhava numa Cooperativa. Aí um dia o doutor Aroldo diz que ele tava escorado lá na porta do hospital e viu aquele homem pelejando pra levantar. Ele levantava, mas caia outra vez e ele foi lá, aí que ele viu que era o cumpadi Onofre, que era guarda. Aí falou: "Sou médico e você tem que sair desse emprego" e ele: "Mas eu tenho que comprar o grosso." Aí eu perguntei: "Mas o que que

é o grosso pra você? E aí ele falou. Aí vieram me falar: "Olha dona Francisca, se a senhora não quiser ver o irmão da senhora morto qualquer dia desse, não dou muito tempo não, a senhora tira ele do emprego." Ê, mas pra tirar foi difícil. "Não cumadi, mas eu tenho que trabalhar, pra comprar o grosso." Eu falei: "Então esse grosso eu compro. Olha Joca, pode ir na Edilene que eu vou chegar lá em casa, e já vou dar ordem pra ela. E pode pegar o que precisar." Aí graças a Deus que ele saiu se não morreria lá e ia ficar com o maior remorso na vida. E eu gostava demais dele Leandro, nossa senhora. Ele morreu com 86 anos, depois que ele pôs o marca-passo ele ficou muito triste. Era igual uma caixinha de fósforo, você via ela, você percebia que era ali. Ele ficou muito triste, porque ele ia lá em casa duas, três vezes por semana, parou de ir. Aí eu comecei ir todo dia, foi de abril a outubro eu ia lá todo dia, quando tinha carro, eu ia de carro, o dia que não tinha eu ia de a pé, é três quilômetros.

Domingo eu ia mais cedo pra ficar com a cumadi Zeli mais tempo e pra ir na missa com ela. E ela estava com uma mancha rocha no braço e apertava: "Olha aí cumadi, não dói, pode enfincar uma agulha que não dói." Aí eu disse: "Não dói não?" Então você arruma cedo. que eu e o Sady vem te buscar." E ela: "Não, não precisa não, imagina não tá doendo." Eu falei: "Não tá doendo? Por isso que nós vamos no hospital sim, você pode arrumar sim." Aí levamos ela pro doutor. Deu hanseníase. Ele falou: "Olha Francisca, eu não vou aplicar remédio pra ela hoje não. A senhora leva ela lá na casa do bioquímico pra gente ter uma certeza, porque eu não tô confiando nesses exames." Os médicos aqui fizeram pouco caso dele, mas ele foi pra Rio Verde e tá bem lá. Aí eu perguntei pra Zeli: "Você não precisa de vim, eu venho." Ela: "Não cumade, eu tô cansada, chateada, não guero vim não." Aí ele viu o exame e falou: "É verdade, é hanseníase mesmo." Ela começou a tomar. Só que no primeiro dia, ela tomava seis por dia e ela tomava de manhã e ela foi ficando preta, escura, escura mesmo. Aí falaram pra ela que tinha que tomar de noite, depois que jantar, quando não tiver mais sol. Aí ela tomou, passou, passou. A gente foi pra Goiânia e ficamos na casa da Julia. Mas a Julia fez tão pouco caso, porque casa de irmão, a gente não precisava pagar hotel né? E na Julia a gente não quis ficar mais não e fomos pra um hotel, até perto do hospital. Aí o homem do hotel falou que tinha um restaurante que tinha marmitex. Ai eu almoçava lá e fazia duas marmitex, um pra ela e outro pra ele, igualzinho. Eles: "Cumade, precisa disso não" e eu falei que não custava nada, que eu queria. E assim eu fiz enquanto a gente tava lá. Aí o médico deu alta, nós almoçamos. Chegamos aqui em Alto Araguaia, aí não ficamos na Julia mais não.

Graças a Deus Leandro eu consegui fazer tudo pro Onofre, meus meninos não reclamaram de nada. A primeira operação foi seis mil, aí eu dei o cheque, as revisão era quinhentos, seiscentos, era bem mais barato, mas foi só eu e Deus. Um dia ele tava em interno em Mineiros, aí eu não pude ir com ele, porque ele teve que ir deitado. Ele não podia sentar porque doía demais. O pulmão dele tinha um litro e meio de água do lado e um litro e meio do outro lado e ele tava com falta de ar demais da conta. Ele saiu chorando porque eu não fui, eu falei: "Cumpadi, amanhã de madrugada eu vou pegar o primeiro ônibus que sair daqui da Terezinha Maia, eu vou, apareço lá cedo." Aí eu cheguei lá e ele ficou todo alegre e começou até querer chorar, aí eu fui. O filho dele ficou sabendo que eu ia de madrugada, ligou para mim, eu tava saindo na porta da rua e ele falou: "Tia, a senhora vai para Mineiros?" Eu falei: "Tô saindo, tô aqui na porta da rua e o ônibus já tá parado lá." Aí ele falou: "Não, me espera que eu vou." Aí na estrada nós fomos conversando e ele falou: "Tia, eu sei que a senhora gastou muito, mas eu não posso te ajudar, quando eu puder, eu ajudo a senhora." Hoje ele tem vacas de até seiscentos mil, tem boi nelore, tem vaca nelore que dá não sei quantos litros de leite. Natalício ele é muito rico e nunca pôde ajudar. Agora os meninos do cumpadi Onofre agradece até hoje. O Afonso todas as vezes que ele vem, ele traz um presente pra mim. O Pedro tem dois filhos, eu mandava dinheiro pra ele, ele fala: "Madrinha, se não fosse a senhora, eu tava sem nada." O Pedro toda vida trabalhava muito, aquele é agradecido, quando ele fala, enche o olho de lágrima. Os filhos do cumpadi Onofre são muito agradecido também. O Joca, o Afonso e o Fidêncio. Eu ajudei muita gente. Ajudo o Salvy, eu ajudo o Necidim. Eu faço a despesa da Francisca Maria, da Lara lá.

O Onecídio foi tratar de dente da Lia e ela queria namorar com ele e ele não quis ela, queria era namorar comigo né? Mas a gente só ficava na sala e a Lia ainda tinha que ficar de arara lá. Aí nós casamos, foi um casamento muito apressado, porque o pai dele e meu pai parece que achou que tinha que casar logo. Casamos rapidamente, tínhamos pouca coisa. Aí ficamos na casa do meu pai. O velho ia lá de vez em quando, nós ia também de vez em quando, era perto e nós gostava muito sabe? Tomei ele dela, a Lia ficou bem brava, nossa senhora. A gente ia namorar lá na porteira, nossa senhora se meu pai pegasse. Meu pai era tão sistemático, quando nós ia na festa, se a gente conversasse com alguém, ele fechava a sanfona, porque é ele que tocava nas festa, fechava a sanfona e: "Vamos embora." Não podia conversar. Antes do Onecídio, eu namorei um tal de Eduardo, que era desses Fragas, namoro daquelas época né? Tinha também um tal de Joaquim, esse eu era apaixonada até pelo rastro dele. Mas o papai pediu pra mim terminar, por causa da família dele. Aí eu não sabia escrever ainda. A Lia escreveu uma carta pra ele. Ele respondeu. Eu não respondi pra trás porque papai não quis, queria que terminasse, eu terminei sentida demais. Também meu namoro com ele foi muito pequeno, muito vigiado. Papai nasceu perto de Coxim.

Eu dou graças a Deus que eu lembro de muita coisa. Eu fui fazer um teste de memória com um médico lá em Mineiros, que me enrolou o dia inteiro. Fui falando tudo, sabe? Ele falou: "Você tá é boa, a senhora não precisa ter medo de Alzheimer não, a senhora não vai ter isso não, se Deus quiser." Eu acho minha memória boa, graças a Deus.

# JOÃO BATISTA DE SOUZA

Meu nome é João Batista de Souza. **Sou de 1957, de julho**. É o seguinte: o cara largô da muié, tava muito xonado, sabe? Muito xonado. Aí o vizinho falou assim: "Cumpadi, o senhor vai pastar vaca mais cedo hoje e amanhã vai dar muito leite, dá muito leite amanhã. Aí você tira um queijo, cura o queijo e põe ele debaixo do travesseiro. Daí você não esquece da sua esposinha é nunca." Aí passou quarenta dia, ele esqueceu do queijo. Quando ele foi olhar o queijo, tava só bicho. Aí ele falou: "A minha mulher gostava tanto de mim, que punha até chifre em mim."

Eu nasci na região lá de Ponte Branca, cidade boa, só que é pequena, muito pequena e o prefeito não presta. É igual aqui mesmo, mas a cidade aqui é maior e tem a população melhor. E lá só tem idoso, idoso e gente que trabalha na prefeitura. Lá tem outro detalhe: lá só tem veí que usa *Viagra*, se não tiver *Viagra* o pinguel dele não levanta. Aqui tem muita muié bonita e nova que faz carinho em qualquer velhinho, que faz velhinho levantar da cama à meia-noite. Eu tenho muita namorada, tenho umas cinco, inclusive aqui no grupo da Melhor Idade tem duas. Umas a gente pega no escurinho, mas dá pra encarar e beber uma cerveja que encara. Mas cerveja custa caro, custa muito caro, bom é cerveja. Eu não bebo pinga, não bebo uísque, não bebo vodca, não bebo nada, só gosto é da *Skol*, aquela que desce redondo.

Eu tô com 32 anos que eu moro aqui em Alto Araguaia. Eu trabalho em fazenda, trabalho em chácara, já trabalhei em firma. A firma faliu e foi embora, mas eu peguei meus direito. Eu tenho nove lote lá na Vila Aeroporto e tenho duas casas e vou fazer mais outra, em primeiro lugar a mulherada sempre lá dentro mais eu. Eu moro na Rua 27, uma casa que não

tem número. Eu moro só eu e Deus e as minhas namoradas. Já arrumei duas mulher e não deu certo, larguei e não quis mais. Eu tive um menininho e mesmo assim morreu de meningite.

Aqui você fica solteiro se você quiser, todo dia você arruma uma. Debaixo de uma coberta, uma mulher, é bom demais. Faz parte da vida. Todo dia. Eu não tô abraçado com nenhuma lá porque eu tô aqui no grupo. Vou levar uma daqui agora. Tem que levar uma cachaça, tem que levar porque elas bebe muito, daqui a pouco eu vou convidar elas pra fazer a janta né?

Vou contar uma aqui: O que que mora de baixo da ponte? Não sabe? O pilar. Eu tenho um irmão, ele levou 40 chifre. A galhada atravessou a porta e foi no pasto, ele é um cara até vistoso e a mulher, um pau de fumo.

Tenho hoje é quatro irmãos. Um mora lá em Cuiabá. O serviço dele é só queijo. Uma irmã trabalha lá no colégio das irmãs e o outro trabalha na portaria de ônibus, de van, chama Sebastião Batista de Souza. Na época antiga, nós estudava duas léguas da fazenda. Era duas léguas pra ir e duas pra voltar. Longe e sofrido. Na estrada brigava, apanhava e aquele rolo danado. O defeito daqui é só a malandragem dos maconheiros. Lá na vila-aeroporto tem maconha, muita maconha, cocaína, crack. A polícia toda hora tá dando batida lá.

Tem coisa melhor que mulher? Só outra, melhor só outra mulher. Já tive, nem ideia de quantas mulher. A mulher que eu conheci, eu tinha 16 anos e ela tinha 78 anos. Eu tava bêbado, eu comia assim mesmo. O cabelo dela lá embaixo tava branco, branquinho. Foi bom. Já fui muito na zona, a polícia me pegava, eu corria, pulava muro, mas eu voltava pro cabaré de novo.

Você sabia que o prefeito tem uma mulher bonita, nova, ela briga demais com ele. Agora o nosso prefeito vai ser o Maia Neto. Na hora que o Maia Neto desocupar, até o apoio do pobre ele tem. Eu voto nele, já votei três vezes nele pra prefeito, eu voto e voto de novo. Toda hora que você precisar dele, ele tá ali rente, na hora. Se na casa dele, se você gostar de uísque, tem. Se você gostar de cerveja, tem. Se você gostar de pinga, tem. Se você gostar de Campari, tem. Tudo quanto é tipo de bebida do Brasil lá tem. Na geladeira tem cerveja, tem skol, tem tudo qualquer tipo. Quem gosta de fazer churrasco no domingo assa peixe, tem muito peixe lá. A mulher dele é boa demais, tinha uma filha bonita e casou, ô mulher bonita. O nome do filho dele é Silvinho.

Eu já morei em Portelândia. Só que lá não tem mulher, Portelândia só tem gay, veado, aí não dá. Eu tenho uma tia que mora pertinho do pé de maracujá, minha tia tem 24 filhos. Ela tá com 95 anos e ainda dança forró, fala besteira que só, uma beleza. Eu também, até hoje eu danço forró. Eu vou dançar. Já é. Dança é bom que espicha os nervos e é bom que dança agarradinho também. Quando você pega uma mulher que gosta do ramo, você vai esfregando o joelho bem no rumo da tcheca, é bom demais.

**Nasci em 18 de julho de 1957**. Hoje trabalho lá pro homem da roça, eu cuido da chácara dele. Ganho meus mil, tá bom.

# ÊNIO JOSÉ BARBOSA

Eu vim de Guiratinga pra cá, eu nasci em Guiratinga. A história minha é assim... Eu vim pra cá, meu pai morreu eu tava com dois anos, mas eu nasci em Guiratinga. A vida lá tava muito conturbada, muito difícil e aí nós resolveu vim pro Alto Araguaia. Eu tinha uns 10 anos. Então, sou araguaiense né? Meu nome é Ênio José Barbosa. Aí nós veio, minha mãe

achando muito difícil, tava com duas irmã e um irmão. Aí minha mãe falou que era pra mim procurar carona pra nós vim pro Alto Araguaia, pra Santa Rita que aqui tava nosso povo. E aí eu fui pra esse lado de Guiratinga, eu era tão, assim meio ingênuo, eu devia tá com nove anos. Aí a gente pedia carona e os caminhoneiros paravam naquela época né? Eu falava assim: "Pra onde você vai?" O povo respondia: "Eu vou pra Jataí" aí eu: "Então não me serve." Era assim, tão assim sem experiência. Só servia se fosse pra Santa Rita. Vinha outra, eu ficava o dia inteirinho lá na estrada de Guiratinga, na cidade esperando carona que vinha pra Santa Rita. E aí eu cheguei lá minha mãe e ela: "Mas meu filho, nada?" Eu falei "Não, nada mãe, só passa gente pra Mineiros, pra Jataí, mas pra Santa Rita nada" e ela: "Meu filho, esses aí passa lá dentro de Santa Rita" eu: "Então tá bom, amanhã eu vou de novo." E aí no outro dia eu fui pegar carona, aí vinha um caminhoneiro, eu: "Aonde você vai?" O dito: "Eu vou pra Jataí" eu: "Ô! Rapaz que bom, eu tô com minha mãe, nós tá querendo ir pra Santa Rita." E ele: "Como é que chama sua mãe?" eu: "Petronina, ela chama Petronina Maria Paulina que é conhecida como Nega." Ele: "Ah! Eu conheco demais sua mãe, bora lá." Então, nós tinha umas coisinhas, quase nada, nós pôs nossa mudançinha dentro do bauzinho né? E viemo embora.

Chovia demais, mas chovia, mas chovia, e a gente lá atrás do carro, no baú, lá na carroceria e nós veio naquela estrada de Guiratinga pra Alto Garças. E Guiratinga, ali e o cascai tava meio mole, aí teve uma hora que o pneu, era o caminhão toco, agora nós vai embora, nós vai todo mundo, vai a família inteira. E graças a Deus o motorista controlou e nós veio embora. O posto fiscal era ali perto da ponte, aí o caminhoneiro parou, o motorista, aí o fiscal falou: "Tá levando nada não?" E o dito: "Não, já entreguei a carga e tal." Mas o fiscal suspendeu a lona: "Uai e esse povo aqui?" Aí: "Esse aí é uma mudançinha que eu trouxe fazendo favor pra senhora aí, dona Petronina." O fiscal: "Ah não, você vai ter que deixar essa mudança aqui." Chovia, debaixo de chuva, que chovia. Aí eu lembrei; naquele tempo o tio Daniel era delegado, que é o pai de Zezinho que trabalhou com seu pai lá, o Willian Barros, o Baú, o Dionísio, o tio Daniel era delegado na época né? Então vamos fazer o seguinte, vamos atrás do tio Daniel, eu falei: "Eu vou lá." Aí o fiscal falou: "Quem é seu tio mesmo?" eu: "Tio Daniel." Ele: "Então pode indo, pode ir embora." Aí nós descemos no posto Bigodinho na época né? No posto Bigodinho e já ali no restaurante, a gente morou ali e meu tio acolheu nós ali e aí eu fui trabalhar.

Eu trabalhei com o tio Nedinho, Nedinho Vieira, o pai do Carlos Tadeu né? Na fazenda, eu trabalhava na fazenda de roça, na roça, roçando piquete, invernada né? Eu pensava assim, até eu inteirar meus 18 anos eu tenho que ficar aqui, pra cuidar da minha mãe. Eu morava lá na fazenda, mas minha mãe morava aqui na cidade com as outras irmãs e eu ficava assim até eu inteirar meus 18 anos, eu tiro meus documentos, eu vou entrar de carteira assinada, assim foi indo, trabalhando, trabalhando. Aí um dia nós foi rocar um mato lá, tava um matão grande e dava um alqueire pra um, um alqueire para outro, arrendava né? Aí sobrou um bico, um triângulo, aí: "Tio de quem que é esse aqui?" Ele: "Esse é seu." Mas moço, eu já tava na idade de 13 pra 14, mas eu não vou dar conta disso não, pensei comigo: "Só meu tio mesmo, tá brincando." Ele brinca muito com nós, nós era muito amigo na época é isso aí. E aí nós todo dia eu perguntava: "Que que eu vou fazer hoje?" Ele: "Agora você vai pegar uma foice, vai amolar ela bem amoladinha e vai lá pra sua roça" e lá eu fui. Juntava uns, dava um dinheirinho prum outro, trocava serviço lá pra derrubar esse cantinho. Bom, derrubou, deu arroz, deu arroz a vontade né? Era grande, uma quarta, uma quarta de roça, um alqueire, era quatro quarta né? Aí sei que eu colhi muito arroz, comprei um cavalo arriado pra mim, pra vim de lá pra cá, uma dificuldade danada. Aí na época nós tava morando aqui, meu tio Nedinho fez um ranchinho de palha aqui, aí eu com vontade de comprar um terreno pra mim também né? Aí eu falei pro meu tio Nedinho: "Tio, você num vende aquele terreno seu não?

Ele: "Vendo, pra você eu vendo" eu: "Quanto?" Ele falou uns dois mil. E hoje um terreno aqui vale 20000 reais nesse bairro. Aí comprei o terreno.

Aí quando eu tirei meus 18 anos, vim pra cá, tirei todinho meus documento, tudo. Aí na época, foi em 73, tavam fazendo o asfalto, uma empresa tava fazendo. Aí que eu comecei nessa empresa, já a trabalhar na firma de carteira assinada né? Saí de lá da fazenda, igualzinho eu queria e tudo, e assim eu fui trabalhar. Bom, essa empresa acabou terminar o asfalto aqui até Portelândia. Aí eu vim, saí da firma de novo. Aí veio a sinalização, é aquelas faixa, e outra empresa, é uma firma do Rio de Janeiro. Aí eu já trabalhava com topografia lá na outra. Aí eu vim trabalhar com essa outra de sinalização, fazer aquelas faixa, daqui na Portelândia de novo. Aí foi melhorando meu padrão de vida. Fui ganhar mais, fui aprendendo mais, e aí quando veio final de ano de novo, a firma foi pro Rio de Janeiro e eu figuei aqui. Eu figuei três meses sem receber meu salário, quando foi dia 18 de janeiro de 74, ela mandou vim me buscar aqui, pra ir pra Goiânia, pra nós acertar. Eu pensei, bom, até em Goiânia eu vou, eu não conheco a capital né? Eu vou em Goiânia, eu tava seco e lá eu fui pra Goiânia, passaram meus troco e tudo. Então eles iam fazer um serviço em Guapó, então pensei: "Tô aqui mesmo, fui acostumando, apreendendo a andar assim, conhecer e tudo. Nos pegou Belém a Brasília, fomos sinalizando de Brasília até Belém. Bom, aí eu adquiriu família, do primeiro casamento, aí ela teve a minha menina que nasceu em 80, eu tive que largar tudo pra vim embora pra casa.

Aí foi na hora que eu comecei a trabalhar com mais seu Sady lá, foi em 80, meu menino nem tinha nascido ainda. Aí eu comecei a trabalhar e comecei a conhecer a família dos Rezende. Trabalhava de frentista, trabalhei cinco anos. E no final da história, aí resolvi sair pra trabalhar com Homero Pereira, de motorista. Aí o Sady falou: "Olha irmão, esse negócio aí não vai dar certo pra você, você já tá aqui, mas se você quiser ir; pode ir." O gerente era o Bosquinho, aí eu fiquei lá, eu trabalhei só um ano, só de motorista. O Sady falou: "Sua vaga quando você quiser voltar, tá aqui." Aí eu trabalhei com seu povo lá até 87.

E lá no final da história de Alto Araguaia, naquele tempo que quando eu cheguei pra cá, isso tudo aqui era chão, a história que eu vou contar, era chão aqui, aqui não tinha o salão de você cortar o cabelo não, o salão era o Vítor, naquele lugar, naquele mesmo lugar. Lá no Vítor. Então nós chegava da fazenda, nós juntava uma turma aqui e ia cortar lá no Vítor. Aí tinha o posto 33. Já ouviu a falar do posto 33? O posto 33 era ali, naquela lanchonete em frente a Casa Nova, era ali, no meio da pista, no canteiro onde é um lanche lá. A história que eu tinha pra te contar, é que não tinha nenhuma novidade, nem nada assim, aí eles colocaram som dentro da bomba, saía som, uma música, você ficava até meio besta assim: "Que posto é esse?" Um som dentro da bomba?" Puseram um alto-falante dentro da bomba lá e ligava o rádio, pegava de Jataí e Anhanguera lá de Goiânia e passava uma musiquinha lá dentro da bomba. Eu acho que era do Izonel, chamava Izonel homem que tocava lá e na época que eu fui trabalhar com seu Sady, lá já tava mais moderno, trabalhei de motorista, trabalhei de frentista, entendeu? Gostei de trabalhar com o povo lá, tenho amizade com todo mundo né?

Eu sou de 53, **eu sou de 22 de julho de 53**. Tenho saudade da minha infância mesmo. Rapaz eu tenho saudade foi quando eu inteirei meus 18 anos, entrei nessa firma, aí eu trabalhei nessa firma, aí fiquei sete anos, ela é de Rio de Janeiro e você ver, eu conheço o Nordeste, o Rio Grande do Sul, o Paraná, Santa Catarina, Pernambuco, eu conheço tudo, por causa dessa empresa. Trabalhar você fica assim, vamos supor, ele pega uma de Portelândia vai 60 km, você gasta um mês, não gasta um mês que termina a obra e você vai pra outra, outro lugar, viaja muito, eu conheci a praia, muitos lugares viajando né? Eu achava bom, mas naquela época eu tava novo, tava com meus poucos anos. Sei que quando eu larguei lá eu tava com 27 anos que eu vim embora pra cá, pra cuidar da família, ficar quieto, e minha mãe morava aqui, aí em 78 eu cheguei, eu vinha duas vezes por ano, no meio de maio, na festa de maio. Eu vinha na festa de maio, ficava aqui e no final de ano. Um dia eu fiquei na festa até

tarde, eu cheguei da festa, fiquei até três, horas quatro horas festando, eu vim embora aqui, é uma casa de palha, chovia uma chuva que rastava as cama pra lá, pra cá e cacando lugar pra você deitar ficar quieto e sofria. E no outro dia, eu levantei assim, e aí não tinha uma lojinha aqui pra nada, precisava comprar em Mineiros na Constrular. Eu falei: "Quer saber de uma coisa? Eu vou!" Eu chamei o pedreiro pra fazer um orçamento dessa casa aqui quanto fica né? Ele me deu o orçamento, peguei o ônibus e eu fui em Mineiros. Comprei tudinho, comprei tijolo, porta. E lá eu tinha uma conta no Banco do Brasil, aí eu abri minha conta lá, na época eu tinha conta lá, abri minha conta em 74, minha conta é de 74. Aí dei um cheque lá na construção, aí telefonar que jeito? Naquela época não tinha. Ligação pra cá não tinha pra pegar referência minha. Aí foi na hora que eu falei: "Liga pro Rio de Janeiro, lá eu trabalho numa firma. É lá que eu trabalho, mas moro em Santa Rita". Aí que eles ligaram, aí o pessoal lá, o pessoal de controle, que é o Paulo César, um rapaz novo, que é gozador, recebeu a ligação e respondeu assim: "É ele que tá aí?" O atendente: "é" e Paulo: "Então fala pra ele, se ele quiser comprar a loja aí, pode vender a loja pra ele no cheque, pode vender a loja, deixa ele dar o cheque." Eu fiz essa casa, tenho uma família. Porque eu tenho quatro filho. A Helen é de 80. E o Bruno que é de 82. Já sou vovô. A Helen tem uma menina e o Bruno tem um menino.

Outra história também, que na época que atravessava pra lá, pra festar e tal tivesse uma briga lá, o pessoal de lá vinha pra ficar na ponte, pra cercar nós. Mas do outro lado tinha uma pontinha, não sei se você alembra de uma pontinha que tinha do lado de cima ali, uma pequenininha de madeira, mas ficava mais de baixo dessa ponte, mais embaixo assim. Aí nós passava naquela pontizinha ali e quando nós estudava de lá, aí pra sair soltava o povo de lá também e a gente danado também. Aí tinha arapuá, arapuá é uma abelha que ficava nessa ponte, ficava lá e quem passava primeiro, jogava a pedra nas abelha, pras abelha avoaçar e pegar os otro, ela não ferruva, mas só pegava no cabelo.

E assim foi indo. Tenho o Gustavo Barbosa e Vitor Gabriel. Aí o outro é Bruno Barbosa e Helen Laura Gomes Barbosa. A esposa é essa aqui é Maria Isabel de Oliveira.

Eu tenho saudade quando fizeram a praça lá e dos jogos era o Pantera. Já aquele tempo era o Totó, o Jairão, o Delvi, o Wilsinho, Miltinho, tem mais gente, o Itamar, o finado Itamar, o professor, né? Ele é Benedito Itamar. Era bom, dava gosto de assistir o jogo deles.

Então minha historia é essa e de conselho é que a gente tem que lutar. Na época quando eu morava em Guiratinga, a gente era pobre, eu pus na minha cabeça que eu tinha que ser alguma coisa na vida, tinha que vencer igual eu falo pro meus filhos, não partir pro lado errado, só caçar o rumo bom. E hoje, por exemplo, você acha eu tô numa situação aqui, eu me sinto realizado, não partir pra droga, não partir pra bandidagem e nada. Só trabalhando sabendo que você vai vencer né?

Eu tenho saudade do meu pai também, que se meu pai tivesse aqui, meu pai tocava, naquele tempo era um conjunto lá em Guiratinga, tocava banjo. Então naquele tempo, não dava pra sair de Guiratinga e ir pra Rondonópolis não, tinha que vim até Alto Garças e descer pra Rondonópolis. Então ele pegou uma festa em Rondonópolis e quando foi descendo a serra lá, eles tinha a picape, quando foi descendo a serra, a picape ia tombar e meu pai apavorou e pulou, pulou e bateu coma cabeça em cima da pedra, pegaram ele, mas até chegar em Rondonópolis... A estrada naquele tempo era só chão, mas quando chegou lá já tava, se eu tivesse meu pai... Chamava seu Mário José Barbosa, eu tava com 2 anos. Inclusive eu tenho aqui na época que minha vó morreu, que eu fui lá em Rondonópolis, aí que minha tia Cida, minha tia me entregou tudo pra mim que sou filho dele e tá aqui até hoje a carteira de trabalho.

O Vitor Gabriel que ele tem uma história muita boa pra contar, a história dele que no final do ano agora ele queria um violão de presente e aí nós num tava nos dias pra comprar

um violão. Aí eu falei pra ele escrever pra rádio Aurora que naquele tempo tava sorteando um celular e um violão e o Vitor foi sorteado, eu pus ele na aula de violão, vai aprender.

Eu falo pra eles que tem que estudar, porque olha aí, te conheci pequenininho, novinho, novinho, agora tá até escrevendo livro.

Cheguei a estudar, mas o ensino era muito pouco, que na época tinha que trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Na época que eu estudei no *Alfredo Nasser*, só tinha aula só de dia só. De noite aqui não tinha luz, não dava aula à noite, então era só de dia. Você estudava ou cedo ou então à tarde, eu estudava à tarde, porque cedo, eu levantava cedo e eu ia vender pra uma dona rosquinha na rua, pegava uma cesta aqui e enchia de rosquinha pra ganhar pra sobreviver. Eu fiquei até a quinta série, eu escrevo, leio.

Então, meu historia é assim, é essa. Tenho apelido. Na época eu trabalhei na *Antártica*, trabalhei na *Brahma*, sai da *Antártica*, entrei na Brahma, eu era vendedor, quando eu sai do grupo Sary, trabalhei com Eleomar na Antártica. Aí trabalhei quatro anos, aí não deu certo, fui trabalhar na Brahma que era do seu Zico José Garcia. O João Barbosa era meu ajudante, ele chamava todo mundo de cumpadi, todo mundo de cumpadi, cumpadi, cumpadi, e ele trabalhava mais eu, e ele me chamava de cumpadi. Nós chegava nos bares assim pra entregar já, todo mundo chamava: "Olha o cumpadi." Então eu peguei esse apelido né? Trabalhei na areia branca em 95, no posto eu trabalhei, e sempre cumpadi né?

Então é isso!!!

## ANY MARIA FERREIRA ANICÉZIO

Eu me chamo Any Maria Ferreira Anicézio. Sempre morei aqui. Eu fui criada na fazenda, mas eu mudei pra aqui. Esse menino meu aqui, o Donizete, veio pra cá de mudança com seis meses. Eu criei meus meninos tudo aqui. Inclusive eu mesma tenho assim, uma coisinha que eu tenho na cabeça, do seu avô mesmo, o Onecídio. Porque eu fui criada na fazenda e lá as coisas era muito difícil. Aqueles tempo, as estrada, as rodovia que vinha, nem ônibus tinha naquela época, era só caminhão de carga. A gente vinha de lá pra cá, não tinha carro na fazenda, era só caminhão de carga. Então a gente vinha pra cidade era de caminhão e meu irmão brincando lá no fundo do quintal, o papai tinha mandado roçar. Olha, eu não sei se eu vou falar muita bobeira... Mas aí papai mandou roçar ali, a porta, e ele brincando por lá. Ele correu, cercou o pé assim, na sola do pé, saiu em cima, estufou só, não tinha jeito de tirar, aí tinha que levar ele pra Mineiros porque aqui, naquela época, não tinha médico. Aí a mamãe veio, foi pegar caminhão na rodovia pra chegar aqui. Ela foi lá com seu Caio, que ele tinha farmácia, aí ele falou: "Isso aí tem que anestesiar pra cortar, pra tirar, tem que levar pra Mineiros e vai ficar muito caro." Mamãe falou: "A gente vai." Aí ela falou: "Mas você espera aí um pouco." Aí seu avô era ali pertinho né? Foi lá no seu avô e ele anestesiou o pé com anestesia de dente, seu avô era dentista. Anestesiou o pé dele com a anestesia de dente, aí cortou, tirou aquele negócio do pé dele, fez curativo e voltou pra fazenda, foi o que ajudou. Foi fazendo curativo na fazenda pra sarar, até sarar aquele problema.

As coisas toda vida foi difícil aqui, naquela época. Eu casei lá, meu casamento foi feito na fazenda lá do papai. O escrivão na época era seu Olindo, que era o escrivão aqui. O juiz de paz naquela época era o Pedro Porfirio. Mas aí, seu Olindo não pode ir, aí ele mandou o substituto que era aquele o Antônio, o irmão do Adalberto, ele foi na fazenda pra fazer meu casamento. Aí então, depois que eu casei eu vim. Esse menino meu, o Donizete, veio pra cá

com seis meses e aí eu criei meus meninos aqui, nessa beira de rio aqui. Morei aqui toda vida, nunca mudei dessa casa.

Eu casei com 20 anos, eu mudei pra cá com 22 que eu mudei pra cá, 23 por aí. Até os 20 anos a gente trabalhava duro na lida lá, era muito apertado. Então o papai, por nome de Lázaro Sebastião Ferreira, fazia carro de boi. Então, já não tava com as vistas boa e muito já de idade pra pegar madeira pesada e largou de mão, já que os carro de boi *tavam* saindo de linha. Aí ele foi cuidar de lavoura, foi plantar mandioca, fazer farinha, então a família tinha tudo que cuidar, porque era muita gente. Cada um cuidava ali um pouquinho. A gente trabalhava muito lá fazendo farinha. Papai tinha um engenho, ele mesmo fez, pra moer cana, o nosso açúcar, plantava mandioca, fazia farinha, vendia pra abastecer, pra fazer as outras despesas e colhia sempre as coisas da gente. De comer era tudo de lá. Aí criava porco, criava galinha, tudo assim, tinha muita fartura, mas a gente trabalhava muito também. Não era muito gado não, mas tinha um gadinho, tirava leite, com fartura pra fazenda lá. Tinha bastante leite. Não dava de vender assim, pra fazer queijo, mas pra fazenda tinha.

Nós éramos 12, uma morreu, era 13. Eu tenho cinco filhos. Esse aí, o Donizete, é abaixo da mais velha. Foram tudo criado aqui nesse boiadeiro. A gente veio pra cá, era dentro do mato ainda. Seu Rodolfo loteou, a gente comprou. Seu Rodolfo era vizinho lá. Então, eles sempre trocava serviço assim, quando papai tava apertado aí o padrinho Rodolfo ajudava e outra hora o papai ia ajudar o seu Rodolfo, e eles vivia assim.

Era um passeio muito bom quando a gente ia lá no seu Rodolfo passear. Ia a pé aquela meninada toda, passava aquele dia, era bom aquela maravilha lá, quando eles ia lá na casa do papai era aquela maravilha também. A gente viveu lá, mas a gente viveu bem. Era duro o serviço, apertado, mas era vida boa também.

Aí a gente veio pra cá, seu Rodolfo veio pra cá primeiro e ele comprou a chácara ali. Ele loteou aqui, a gente comprou esse lote dele. Aí foi abrindo aí e foi chegando mais vizinhos. Quando a gente comprou, entrou aqui, aqui do lado tinha pé de aroeira dessa grossura, era mato mesmo, só tinha um trierinho pra passar. Seu Rodolfo foi gente boa, gente muita boa, foi toda vida amigo lá da fazenda, nunca teve desavença nenhuma na família. Nem assim dele com papai, ele foi amigo dos filhos também. Nós somos todos amigo da família.

Eu e meu esposo nós estamos separados. Ele chama Manoel Borges de Anicézio. Eu tive uns problema esses tempo, eu desmaiava, eu ficava semana fora de si, minha cabeça então tá assim, meio ruim. Mas eu vou indo, mas lembro de muita coisa, lembro de muita coisa de criança. Muita coisa assim a gente não lembra, mas coisa do tempo de criança eu lembro. Lá da fazenda, da gente brincar, andar por lá, o papai ir pra roça de carro de boi e nós ir com ele. Entrava dentro do carro e ia pra lá, indo pra cá de carro. Ajudava ele a carrear, tocar o boi. Os boi ficava assim meio enfurnado.

Nós começamos a construir aqui e fez uma casinha, inda não tava pronta, cozinhava fora de casa ainda, no terreiro. Nós veio de mudança e só tinha dois cômodo, e trouxe as coisas e nós cozinhava fora ainda. Nós não tinha desavença, às vezes encrencava, mas aquele dia não teve nada e ele arrumou as coisinhas dele e foi embora pra fazenda do pai dele. O pai dele era vizinho do papai lá da fazenda. Aí ele veio e foi embora. Aí eu fiquei aqui com esses quatro menino pequeno. Eu tinha só quatro na época. Um ano e oito meses. Depois ele resolveu voltar e nós viveu mais um tempo juntos, aí não deu mais pra gente, teve que separar. O tempo todo nós vivemos juntos foi quarenta e poucos anos que nós vivemos juntos. Aí os meninos tava tudo grande, aí nós já tinha neto. Aí resolveu ir embora de vez. Tenho onze neto.

Meus filhos chamam Irani Maria, José Donizete, José Epaminondas, Clóvis Alberto e Any Fátima. São cinco. Não quis ter mais não. Depois Any Fátima arrumou esses três filhos e foram criado tudo aqui, então é quase meus filho também.

Eu sempre aconselhei meus filhos pra não fazer coisa errada. Pra seguir só o bom caminho, não seguir coisa errada. Pra eles não fazer coisa errada. Sempre eu corrigi muito eles, dava muito conselho, pelo menos estudou um pouco. Eu estudei quando era pequena, primeiro e segundo ano. Mas depois a gente foi pra fazenda, aí depois voltou. Aí eu fiz o quarto ano lá no colégio Maria Auxiliadora, que naquele tempo era das irmãs, era particular. Naquele tempo não tinha a escola pública. O papai fazia farinha, ele trazia, ele abastecia o colégio lá. Tinha uma professora, mas ela era brava, a irmã Rita Miranda, a gente não esquece, era muito boa professora, mas era brava. Tinha dia que tava uma beleza, mas tem dia que ela chegava nervosa. Tinha vez que ela chegava, tinha aquele monte de caderno em cima, ela batia a mão em cima, caia: "Quem quiser que pega os caderno." Ela era nervosa, tem dia que ela chegava num nervo. Tinha uma escolinha, o papai arrumou um professor pra lecionar na fazenda, esse tinha palmatória, mas eu não cheguei a estudar com ele não.

O Donizete foi o primeiro homem a estudar no colégio das irmãs. O padre Martins tinha posto uma escola, ele estudava lá, mas aí o padre morreu e a gente pôs ele no Maria Auxiliadora, o primeiro homem. O colégio ia passar a ser misto, ano que vem. Aí conversei com a irmã e aí ela perguntou: "Ele é obediente?" Falei: "É uai." Aí peguei ele duro: "Você não faz danura nenhuma lá não, que se fizer, chegando em casa..." Aí ele estudou, só tinha ele de homem.

Minha filha tinha 12 anos e lá no recreio quando tocou o sino pra entrar na classe, elas vieram correndo, a meninada tudo correndo e ela caiu. A outra menina pegou no ombro dela e brincando, pulando em cima, ela caiu, a outra caiu em cima e quebrou o braço dela. A professora Maria Luiza não quis deixar ela vim embora, ela ficou a tarde todinha com o braço quebrado. Mas eu fiquei revoltada com a Maria Luiza naquela época. Aí uma colega foi e falou assim: "Professora, deixa a Irani ir embora pra casa, ela tá chorando, ela não aguenta copiar tarefa." E a professora: "Fica aí esperando, ela não vai sair não." Aí ficou com o braço na mesma posição assim e ficou. Quando foi de tarde ela veio embora. Aí passou lá onde o pai dela trabalhava na época, na máquina de arroz, aqui nessa rua mesmo. Aí a mamãe viu, mas também não notou não. Aí ela chegou. Eu tinha uma hortinha, sempre gostei de plantar verdura. Eu falei: "Irani, vai tirar o uniforme, eu tô acabando, pega umas quatro muda aqui pra mim plantar, pra gente jantar, já tá pronta a janta." Aí ela entrou e eu acabei de plantar e quando eu entrei, ela tava sentada na cama chorando: "Uai Irani, o que que foi?" Ela: "Eu caí no colégio e tá doendo." Quando ela falou assim, eu já pensei: "Ai meu Deus, quebrou o braço." Aí levei a Irani no hospital já de noitinha. Aí no outro dia engessou. Eu achei muito esquisito, mas a gente pensa assim: "É médico, né?".

Aquele braço dela deu trabalho, aí lá tirou o gesso e tudo bem. Mas aí ela tava ficando canhota, ela tava amarela, descorada. Aí ela tornou a machucar. Aí leva ela outra vez no hospital, já tinha mudado o médico. Enfaixou o braço dela e ficou e tinha um serviço pra fazer. Agora, por serviço, vai deixar perder o braço da menina? Quanto tempo, eu falei que precisava levar lá em Mineiros pra ver o braço dela? Aqui não tinha médico. Aí ele: "Então vamos amanhã cedo, eu vou dispensar os companheiros e nós vamos lá." Aí levou, e falaram que tinha que levar em Goiânia pra operar. O braço dela já tava infeccionado tudo. Aí vendemos umas vaquinha e operou o braço dela. Consertou e ficou bom. Mas se esperasse muito ela perdia o braço. Eu graças a Deus nunca quebrei nada.

Esses meninos meu era muito arteiro sabe, eu saía às vezes, pra comprar alguma coisa e buscar costura na loja pra lá da roda grande, buscar costura, levar costura. Aí falava: "Vocês fica aí, não vai fazer arte, não vai no rio não que a Fátima é pequena e vocês descuida dela." E no que eu saía, eles juntavam, pegavam ela e iam pro rio. Aí ficava um em cima do barranco olhando, um ficava, o outro banhava, eles revezava. Ficava um cuidando, no que eu lá é vinha lá em cima eles me avistava, corria tudo. Aí corria secava o cabelo e arranjava brinquedo de jogar água um no outro: "Nós tava brincando de jogar água um no outro, de aguinha."

Quando eu descobri, eu morria de medo do rio Araguaia, naquele tempo o rio Araguaia era grande, era bem mais água. E o povo descendo de câmara de ar e eu vigiando: "Não vão, não vão." Quando eu descobri já tava descendo lá do salgueiro.

Eu mesma ajudei a fundar o grupo da Terceira Idade, aí eu fui uns do membro que começamos. Tinha uma mulher que chateou todo mundo, aí saí. As fundadoras lá, fui eu, a irmã Josefa, a Deuzelha, a finada Chiquinha, e outras. Era lá no colégio das irmãs, mas tava fazendo muito barulho, atrapalhando as aulas né? Aí foram pra maçonaria. Quando eles foram pra maçonaria eu já tinha saído.

Tinha o Coral da Terceira Idade. Eu adorava aquilo. Aquilo pra mim era tudo. Desde menininha eu cantava, papai tinha comprado na fazenda uma vitrolinha, daqueles discão grande assim e nós passava música lá o dia inteiro. Nós cantava, desde pequena eu gostava de cantar. Mas não deu certo...

Eu nasci foi quatro de janeiro de 1936.

### FRANCISCO ANTÔNIO DE CARVALHO

Eu sonhei hoje. Eu tava em casa. E tinha um gatão amarelo ali me pagiano. Eu vi que ele queria me pular e de fato depois ele pulou, ele ficou enrolado no meu braço, querendo morder, não querendo. E quando é fé, ele fincou o dente aqui e ficou um buraquinho assim entre meus dedo. Aí a minha esposa, ela é falecida, pegou uma banheira com remédio pra mim por a mão de molho assim, pra não zangar. Aí eu acordei.

Eu mexo com carpintaria em geral de tudo que você pensar na vida. Do um pouco, eu sei uns pedacinhos. Se te servir... Mas eu sou realista, o que eu tenho de falar, eu falo na presença da pessoa, eu não tenho toco pra falar. Então tá. O mundo hoje tá muito esquisito, de investigador vigarista é o que eu tem, pra descobrir a mente do outro, mas o que passou comigo eu conto, que eu não tenho medo. Eu já tô mesmo no fim da vida, eu não tenho medo, eu nunca matei, nunca roubei, nunca desonrei. Toda vez fui um cara trabalhador, honesto, se já fiz proeza, mas porque fui obrigado a fazer. Vou te explicar:

Vou te contar de uma onça que quase me pegou. Isso já tem uns 40 e tantos anos. Eu tinha uma roça de arroz, vai escutando bem. Eu tava com seis companheiros cortando arroz, madurinho, colhendo arroz. Aquele tempo era no cutelo brabo, nós colhia lá, era tudo na mão, não tinha negócio de maquinário não, era no braço. Até que um irmão meu, ele era dono da fazenda, seu Supriano Antônio de Carvalho. Eu inda não tinha minha terrinha, aí foi ele, esse tal de Zifirino, o outro Natalício, que tem um irmão dele que mora aqui, o Joaquim Madeira.

Nós era seis homem, cinco tava trabalhando pra mim, era uma quinta-feira santa. Eu apertado e aí esse Joaquim Madeira chegou dando a notícia do rastro da pintada lá. Tinha uma serra do lado lá dessa casa desse Joaquim Madeira, tinha dois morrote assim pra passar no meio da roça pra cá, a estrada passava no meio. A estrada dava notícia da pintada na guatira do gado do meu irmão. Aí ela troceu lá pra mata, lá pra cabeceira do córgo Monjolinho.

Aí o Joaquim falou: "Vamos caçar essa onça meu cumpadi?" Aí eu falei: "Vambora." Ele já era acostumado em caçada de onça. Eu já tinha matado alguma parda, pintada eu nunca tinha mexido não, nunca tinha tropado com nenhuma. Aí ele falou: "Vai lá em casa, pega meu revólver e nós vamos encontrar lá no varjão." Era onde a onça tinha entrado. Aí nós foi chegando lá, ele foi chegando também, falou: "Você traz os cachorro, cinco cachorro." E os

cachorro já deu com os pés logo, já arrepiou tudo, a batida tava fresca. Eu conto isso eu até arrupeio, até hoje.

Ah! Menino, mas não deu outra, foi só soltar. Ela entrou dentro da mata e nós achou onde ela comeu o quati que o sangue tava correndo, pintadão mesmo. E esse Joaquim Madeira era acostumado a assistir caçada, que ele lá no Buriti via que as onça estragava muita vaca. Naquela época não tinha problema matar de jeito nenhum, dava prejuízo, livrava as criação. Era o gado, bezerro, tudo aí, porco, carneiro, tudo a onça ela pegava, muito. E aí nós foi, achamos aonde ela comeu o quati, os cachorros já chegaram já barruando pra aqui e pra ali, ela já tava pertinho. Aí quando eles deu nela lá: *Bei!* E o chão já tremeu, ela correu um pouquinho assim, pouca coisa, tinha um córgo que descia. E naquele córgo ela enlocou, ali tinha uma loca. Mas nós não sabia daquela loca não, nós veio daqui assim e ela tava naquela loca e nós pensando que ela tava no chão ali, mas não tava, tava na loca.

Os cachorro ali apurando e o chão tremendo. E antes disso, eu posso contar direitinho, espera aí, antes de chegar, o chão tava tremendo, que a folha do mato tava mexendo igualzinho quando chega perto de uma máquina de limpar arroz. E *Bei*! E *Bei*! Isso era a onça turrano lá dentro do buraco lá, que tremia até o chão, capaz que até folha do mato mexia. Eu parava assim pra não ir, mais eu não dei a bandeira porque a coragem não tava dando. Olhei pra trás assim, e o Joaquim Madeira, ele falava: "Vamos embora, vamos chegar." E tava animado. "Se não ela vai matar os cachorro tudo." E foi e foi, na hora que eu bati o olho nela, que eu vi, ela saiu fora assim, afastou, aí acabou o medo. Teve hora que ela pôs a mão pra fora assim pra pegar um cachorro, levei o revólver pra atirar na mão dela pensando que era a cabeça.

Era um mundo, um trenhão, e aí na hora eu atirei e eu vi que ela fez assim, passou queimando o focinho dela e ali ela arrebentou essa loca e já matou dois cachorro. Esparramou os outros e veio em riba de nós, mas veio mesmo, ela veio arrupiando e alisando assim. Aquela loca acompanhava o chão, o chão de areia de chave assim. Agora um trem que não é acostumado andar de pé, na hora que ela se pôs em pé, ela torrou de uma cadela, vazou pra dentro da loca, mas nós não sabia dessa loca. Meu revólver era um HB pretinho, bonito, que tava bom pra cortar. Enquanto eu tava atirando, tava até bonito, aí a onça levantou e no que eu dei fé, ela pulou e eu até senti a catinga da boca dela na minha cara. Ela ali já ia fechando, eu travei até o coco assim, e soltei o tiro na boca do revólver assim de queimar a bucha. Aí não tinha jeito, ela tombou pra lá, dali caiu pra trás, aí matou. Ela foi numa moitinha de taquari, aí o velho não queria ir nela, eu falei: "Se vocês não for mais, não for homem, me dá um revólver que eu vou sozinho." E eu ia mesmo, aí resolveram ir, e foram. Isso tudo que tô te falando, esse pizeiro todo, foi num istantinho. O bicho é igual um relão, aí o meu irmão ficou bravo, porque na hora que ela matou os cachorro, e ela fica assim, e cancuda com a cara no chão e roncando. O cachorro avançou nela, ela pegou um, levou na boca, mordeu do lado da cabeça dele, que nós xunxava um dedo no buraco que ficou do dente. Eu dei sete tiro, quando eu atirei nela que queimou o focinho dela, teve tempo de eu por outra bala. Mas a onça era grande demais.

Eu não lembro a época do ano que eu vim pra cá não. Já tem uns 32 anos. Eu sou pai de doze filhos, criei tudo. Hoje é tudo criado, casado, tive seis mulher e seis homem. E minha história é essa aí viu. Naquela época eu não mexia com carpintaria não. Eu mexia com uma coisinha ou outra. Eu sempre trabalhei com meu irmão, ele tinha as ferramenta. Eu faço de tudo quanto é coisa que você pensar. Fiz 18 monjolo, grande, pequeno, carro de boi. Eu fiz um monjolinho e funcionou. Engenho de moer cana, pequeno, eu tenho ali, dá até pra tomar garapa nele.

Um sobrinho meu me comprou um, ele me ajudava é muito e eu cobrei 300 reais dele nesse engenho. Esse carro de boi aqui da foto foi pra Cuiabá. Esse aqui, grandinho, eu vendo por 1000 reais. Eu faço tudo de madeira, esse aqui é tudo madeira. Não ganha dinheiro

nenhum, dá trabalho demais. Esse com o cavalinho, ele é de 300 reais. É, eu não sou muito de ficar implorando pra pessoa comprar não, a pessoa quer, vem e compra, pega, vem e compra. Eu já carregando junto e dá um jeito. Às vezes você quer por no livro até a sanfona que eu tenho aqui. **Sou de 1935 de dezembro**, 20 de dezembro. Francisco Antônio de Carvalho.

Eu leio, escrevo, mas eu sou ruim de mais de escrever. Sou analfabeto. Pra ler eu também não sou muito bom não. Estudei, fui no colégio muito tempo, mas...

É, eu lembro assim do perigo que eu passei, foi essa então. Andei aquele meio-dia todo e cheguei aqui.

# FRANCISCO SILVÉRIO DA COSTA

Meu nome é Francisco Silvério da Costa, eu **nasci em 23 de janeiro de 1923**. Um cara procurou pra mim assim: "Chiquim, a luz do sol de noite é quente ou fria"? Eu respondi pra ele:

De noite o sol não existia que se de noite tivesse sol, a noite não existia, sem o sereno dela, todo vivente morria e sem água, sem ar, sem luz. Na terra não tinha nada, não tinha os seres que tem, seria desabitada, as próprias vegetações não poderiam ser criada. Os reinos da natureza cada um possui um gênio, é necessário o azoto, é preciso o oxigênio. E para a infrusão disso tudo, o carbono e o hidrogênio. O dia, Deus o fez claro. A noite fez bem escura. Se de noite houvesse sol, estava o homem à altura de notar esse defeito e censurar a natura.

Esse verso é científico. Eu sou de Mineiros, só que fui criado aqui. Eu vim pra cá mais ou menos eu tinha uns oito, nove anos. Aqui não tinha nada não, passados muitos anos, em 52, eu já era rapaz e comprei uma casa bem aqui. Até quem fez ela foi o sogro do Antônio Domiciano, nós era amigo, sabe? E ele fez uma casinha aqui. Aqui tudo era um espinhal só.

Aí quando o Samita Maia foi prefeito, eu fiz essa rua pra ele. Um engenheiro mediu e eu fiz. Eu mexia com música, não gostava de mexer com obra não. Mas aí o Samita falou: "Olha, você faz isso aí pra mim, faz essa rua até no pé daquele morro lá." Num dia eu fiz foi é muita coisa, tirei o mato tudo, ficou aquela pista bonita. Eu falei: "Eu fiz o serviço de dois homens e em dois dias, tem que pagar mais." E ele: "É verdade, não tem problema não, eu vou te pagar." Os outros trabalhava, ficava dez dias fazendo roça um pouquinho, fazendo um cigarro, eu não fiz cigarro não cara. Mas ele me pagou certinho. Mas o Samita Maia foi bom, porque ele entrou aqui, acabou com essa lagoada que fazia aqui tudo na rua. O resto era bom, Cacildão, coronel Ondino, mas eles não fazia nada não. Mas quem construiu aqui foi os Maia. Trabalhei com o Samita Maia foi é muito tempo.

Eu trabalhava em qualquer serviço. Nós foi criado em qualquer serviço. Moço, você tem quantos anos? 28? Mesmo? Rapaz, parece que você tá com 18. Quando eu tinha 18 anos, eu atinei em comprar um burro, marchador, bem arriado e um revólver e fui fazer uma excursão. Fui bater na Serra Negra. Naquele mundão, daqui lá tem 142 léguas. Em cima do burro bacana. Pousava no mato, o que mais tinha era onça. Eu tinha um revólver bom, era bom, mas quem cuidava era Deus, né?

Aí quando eu tava com 33 anos eu arresolvi a mexer com música. Aí eu fiz isso tudo aqui. Tenho uma sanfona aí que eu ganhei, o doutor que me deu. Acordeão bom, de artista,

próprio pra trabalho. Ele comprou e me deu. Eu casei duas vezes. Mas a primeira eu só morava com a muié. Eu casei com essa aqui. Casamos em 1959.

Morei sempre aqui na cidade, fazenda foi feita pra pardal, é muito sem graça. Uma vez eu tava tocando um pouquinho em Alto Garças, era uma congregação, dessas de cristão. Aí chegou uma mulher, a rainha dos véio lá. Ela chegou lá, com um pretinho invocado, bem arrumado e perguntou: "Você não quer ir pra uma fazenda mais eu, morar na fazenda, trabalhar lá?" Falei: "É doida essa muié? Olha pra mim, vê se eu pareço pardal, pardal que gosta de fazenda rapaz".

Tem uma história bonita, têm poucas pessoas que estuda que sabe essas coisa: O que que Deus primeiro fez?

Sob o céu primeiro Deus fez sol e a lua. E a lua por sua vez. Tem por uma obrigação cheia e nova todo mês. Além do sol e a lua, doze signos foram feitos formando a constelação. Sendo ao sol todos sujeitos desiguais na natureza com diversos preconceitos. Quais são esses doze signos? Capricórnio e Aquário, Touro e Câncer, Libra e Virgem, Peixes, Escórpios e Sagitário, Áries, Leão e Gêmeos.

Você é que mês? Setembro? Pois é, a lua não tem sempre uma luz assim perto dela? Aquilo chama Vênus assinalada.

A pessoa que nascer nele, será um pouco inclinado a viajar pelo mar, é lutador e honrado. Janeiro é o meu mês. Aquário reina no mês de janeiro, o homem que nascer nele tem o crescimento vasqueiro, será amado das mulheres, venturoso e lisonjeiro. Fevereiro é Peixe, quem nesse signo nascer é muito gentil do corpo, muito guloso em comer, é risonho e gosta de viagem. Só não faz o que prometer. Em abril é Touro, um signo bem conhecido, o homem que nascer nele será homi presumido, altivo de coração e será rico e atrevido. Maio é Gêmeos, sua qualidade é quente, o homem que nascer nele será fraco e diligente, para os palácios e cortes se inclina constantemente.

Outro dia tinha uma doutora, eu falei o mês dela e ela: "Chiquinho, é do jeitinho que você falou." Eu quando eu era rapazinho assim da sua idade pra baixo, eu pegava um romance, podia ser 140 páginas. Eu decorava tudo e entregava ele de tarde e falava ele sozinho, inteirinho.

Qual é o homem que nesse mundo viveu, porém nunca foi menino, existiu e não nasceu. A mãe dele se conservou virgem até quando o neto morreu? Não sabe?

Vocês estudam, mas passa por cima, não olha. Eu todo dia lia uma coisa, achava interessante e guardava. Muito cara aí pensa que sabe, mas não sabe é de nada, né? Aqui tinha um maestro pra ensinar o povo, em um ano, sabe quantos aprendeu a tocar? Nenhum. Eu aprendi a tocar sanfona, não precisei de maestro nenhum. Os maestros tocava festa comigo. Eu tinha um conjunto. A gente tinha uma guitarra, acordeão, sanfona, um saxofone. Se começasse a ficar grande demais ficava feio. Eu tocava em tudo qualquer lugar, eu tocava até no cabaré. Um dia um cara perguntou se eu tocava em cabaré. Eu falei: "Eu toco onde me pagam moço. Cabaré é mulher que tem lá dentro, toco sim".

Moço eu tinha um monte de filho, tinha dez, eu tinha que tocar em tudo quanto é canto, pra não passar fome. Tinha essa bicicletaria aqui minha, já tem 70 e muitos anos essa bicicletaria.

O homem que aqui vive e nunca existiu foi Adão.

Adão era um boneco de pau, que Deus soprou no nariz dele, pra fazer um marido pra Eva, e ele virou o Adão. Que da terra se gerou. Foi feito já homem grande. Não nasceu, Deus o formou. A terra era a mãe dele e nela se sepultou. Existiu e não nasceu essa nobre criatura. A terra era mãe dele e serviu-lhe de sepultura, para Abel o neto dela fez-se a primeira abertura. O primeiro buraco que tinha na terra era pra enterrar Abel, neto da terra, que o Adão era filho da Terra. Um cara falou: "Cara, Adão foi feito de barro, colega me dá um cigarro." Ele falou: "Ah! Rapaz, do barro foi feito Adão, acho que não vou dar não."

Engraçado que eu conheci os dois brigador das guerra aqui. Carvalhinho e Morbeck. Um morava numa esquina e o outro na outra. Coronel Ondino era maranhense e a briga era baiano contra maranhense. O Dr. Morbeck morava aqui na esquina, eu conheci ele, era um homem pequenininho, dava pra carregar na cacunda e não cansar. A mulher dele era grandona, conheci os filhos dele tudo. A dona Arlinda Pessoa Morbeck foi professora dos meus irmão mais velho, minha foi não. Eu aprendi estudar por conta própria. Pra escola nunca fui, meu pai pagou escola pros outros e não me deu. Eu viajei, fui conhecer o mundo e lá paguei um professor muito bom e aprendi. Eu trabalhava no garimpo. Eu tinha roupa que aqui ninguém tinha, tinha uma até da Checoslováquia. Não fui eu que comprei, foi um amigo meu que era rico, ele ia casar. Nosso gerente era da Checoslováquia, chama Carlos, foi e encomendou pra ele um terno.

Aí tinha um cara que achei e ele falou: "Moço, ali tem uma pedra de diamante, vale uns 100 conto, dá pra gente ganhar dinheiro pra gente ficar rico." Eu falei: "Por que que você não compra?" Ele: "Eu só tenho 70." Eu falei: "Vai comprar agora mesmo, eu te dou 30 conto." Ele foi lá comprou a pedra, ganhou muito dinheiro, me deu esse terno da Checoslováquia. Ele falou assim: "Enquanto você morar no Poxoréo, não precisa de você fazer despesa." Aí eu comecei a comprar diamante, empolguei, sabe? Esse aqui no meu relógio é diamante.

O resumo da minha vida é muito bom, eu trabalhei muito, mas agora sou aposentado. Não trabalho nem nada. Eu gastei muito dinheiro, mas Deus me ajudou que hoje eu não devo ninguém. Eu toco qualquer música, tocava numa boate, eu não podia tocar uma música diferente, só podia tocar samba e bolero. Vendi uma música minha e o cara comprou por seis conto e quinhentos. Mas tá bom, aqui tá fervendo de quente. Essa sanfona é ganhadinha da silva. Não é feita no Brasil não.

Teve um caboco que gostava de passar rasante com o avião dele. Aí uma hora ele foi e não conseguiu voltar o avião, bateu, viraram tudo farinha. Ficou desse tamanho. No mesmo dia eu ainda avisei pra ele, pra que essa bestagem. Ele tinha 17 anos, mas não tinha nenhum ano de juízo.

Eu aprendi romance num dia. Você ver uma história do cego Aderaldo:

Um dia, determinei saindo do Quixadá, uma das belas cidades do estado do Ceará. Fui até o Piauí, ver os cantores de lá. Me hospedei na Pimenteira depois em Alagoinha, cantei no Campo Maior, no Angico e na Baixinha. De lá eu tive um convite para ir cantar na Varginha. Quando cheguei na Varginha, de manhã, muito cedinho, o dono da casa veio e me

perguntou sem carinho: "Cego, você não tem medo da fama do Zé Pretinho? Fui e lhe disse: "Não senhor, nem da verdade eu não zombo. Mande chamar esse preto, que eu quero dá nele um tombo. Ele chegando, um de nós hoje há de arder o lombo." Aí o dono da casa disse: "Menino, você vai já, vá dizer ao Zé Pretinho, que desculpe eu não ir lá e que ele sem falta, hoje à noite faça o favor vem cá." Em casa do tal Pretinho: "Lá em casa tem um cego cantador e que é pra você ir lá lhe tirar o calor!" Zé Pretinho falou: "Fale pro seu pai que bom amigo é quem me avisa. Vai dizer ao cego que vá tirando a camisa, mande benzer logo o lombo, porque vou dar-lhe uma pisa."

Vieram o capitão Duda Tonheiro, Pedro Galvão, Augusto Antônio Feitosa, Francisco Manoel Simão, Senhor José Carpinteiro e Francisco e Pedro Aragão. Foi José das Cabeceiras e o senhor Manoel Casado, Chico Lopes, Pedro Rosa e o Manoel Bronzeado. Antônio Lopes de Aquino e um tal de Pé-Furado. João Antônio de Andrade, Samuel e Jeremias, o senhor Manoel Tomás, João Ananias, foi o vigário velho, cura de três freguesias. Foi dona Merandiana do grêmio das professoras, levando duas filhas, bonitas e encantadoras, essas duas eram da igreja, as mais exímias cantoras. Foi também Pedro Martins, Alfredo e Zé Raimundo. Senhor Francisco Palmeira, João Sampaio e Segundo e foi um grupo de rapaz do batalhão vagabundo. Levaram o Preto pra sala e lá começaram a cantar.

Meu apelido é Chiquinho da bicicletaria ou Chiquinho sanfoneiro. Eu tenho registro na ordem dos músicos do Brasil. Eu lembrava de muita história mas a gente vai esquecendo. Eu tinha um livro ele instrói a pessoa, é um romance que instrói. Uma vez perguntaram na igreja quem era o patriarca mais valente? Ninguém respondeu, ficaram tudo parado. Falei: "Foi o patriarca Jacó que lutou heroicamente com os anjos mensageiros do monarca onipotente." Eu sabia o que o povo ali com mais de seis anos não sabia. Mas sabe por quê? Lê mas não para, não observa o que que leu. Eu ia ler pra saber o que tava falando, aí é que tá. Coleta, estuda, mas passa por cima. Eu às vezes falo, eles ficam de boca aberta, mas é só estudar, tá tudo no livro, peguei e pus na cabeça.

### JOSÉ NIRCE

Eu vou te contar desde o tempo de novo. Eu não sofri na minha vida não, porque toda vida eu trabalho sempre de peão pros outros, desde novinho. Meu avô morreu e meu pai adoeceu, aí nós foi pra Mineiros, aqui no Araguaia não tinha médico. Aí lá eu fui trabalhar de peão pros outros, peãozinho. Manuel Abraão chamava meu patrão, um homem muito rico, com gado. Eu nunca trabalhei de roça, trabalhava de roça só pra mim. Ele era muito bom pra mim, quis pôr eu na escola, mas eu não quis. Porque queria trabalhar com gado. Trabalhei, trabalhei.

Ele candidatou a prefeito e ganhou pra prefeito. Aí fui trabalhar no Itiquira. Lá meu patrão vivia da rocha, muito rico. Lá casei, morei até ele morrer, fiquei lá mais de 30 anos. A mulher dele chama Diolina. Meu povo mora tudo aqui, aí voltei, não esquecia daqui.

Eles falam que **eu sou de 18, 1918**. Mais ou menos, pela base, por físico. Nós tinha nove irmãos. Vivo, só eu e o cumpadi Beba. Era cinco irmãos homem e três mulher.

O mais velho sou eu. Aqui nem tinha cidade, aqui era uma casa aqui outra acolá, uma casinha de folha, uma casinha daqui, outra de lá. Um cumpadi aqui, um filho ali. As casa aqui era de folha, as casas que tinha aqui era pouca, não existe mais. Tenho cinco filhos, tudo mulher. Até tive, um assim, de roubada, com outras mulher. Mas filhos assim da mesma mulher é cinco. É a Maria, a Sirlene, a Eva, a Lu, a Madalú e a Nerça. Morei com a esposa até ela morrer. Morreu de infarto, tinha 64 anos.

Do Dr. Morbeck e o Carvalhinho, eu lembro do combate. Por causa da combinação das mulher deles, era uma tira. Era preguiçosa essa gente, porque ao invés de lá, o varal cada um pra si, não, vai estender roupa no varal da outra. Que que tem se é o arame de lá ou de cá? E elas encrencou por causa dessa combinação, a mulher dos dois brigaram. Dizem que foi assim, eu não assisti. Aí o Carvalhinho ficou sabendo e foi tirar satisfação e o Morbeck e o Carvalhinho encrencou os dois por causa disso. Por causa de combinação moço. Por causa disso, os dois encrencou. Aí eu não sei se o Carvalhinho podia mais que o Morbeck, eu só sei que o Morbeck ganhou. Então eles inventaram a moda assim:

O Morbeck subiu no pau. Bateu asa e a avoou. Carvalhinho chegou debaixo com uma cara de bugio. Calma Morbeck, você não tem dinheiro não, o Pedro Celestino já formou o batalhão.

Eu lembro até hoje. Então inventaram essa moda. O Pedro Celestino era o comandante. Passados muitos anos a gente ainda achava naquelas quiçaça, bala de fuzil, cartucho, eu era menino. Desse povo do Manoel Martins, eu acho que não existe mais ninguém. Manoel Martins era um velhão, aí ele passou tocar boiada pra vender. Aí eu viajei com ele muito.

Eu vou falar uma coisa pra você, a pessoa quando ele é sadio, tem saúde pra aturar, ele vive muitos anos. Eu tô com noventa e tantos anos e ainda quero viver mais. Eu não sinto nada. Eu vou no grupo da Melhor Idade e danço e muito, essa semana tem, amanhã é o baile e eu vou. Eu não brigo com ninguém, se for pra mim brigar, eu vejo que não vai dar certo, eu saio, eu não preciso brigar. Eu gosto mesmo é de divistir e tomar uma pinguinha. Tomo todo dia. Eu ralho com a Maria e ela me dá uma pinguinha. Eu gosto de trabalhar, mas eu gosto mesmo é de trabalhar com gado, carro de boi. Nem pode existir mais carro de boi que não tem mais estrada pra eles. Passar aqui; não pode. Passar ali; não pode. Passar no asfalto; não pode.

Eu amansei muita boiada com carro de boi. Eu gostava demais de um patrão que eu tinha aqui na fazenda Boa Esperança, chamado Abílio Fernandes. Ele era pobre e casou com uma mulher muito rica de Goiás, chamava Diolina. Aí ele me levou pra lá, pra trabalhar. Levei uma boiada pra Araçatuba. O dono da boiada era um tal de Manoel Martins, ele morreu, morava aqui no Araguaia. Dizem que aqui tinha um tal de Coronel Ondino, dizem que ele era o dono da Araguaia, ele mandava mais que o prefeito. O Pedro gostava de futebol, a vida dele era futebol. Ele tinha uma chácara e danou pra mim trabalhar nessa chácara. Aí falei que chegando da boiada eu ia trabalhar. Eu fui, mas lá eu ficava muito sozinho. Eu falei: "Vocês pode arrumar outro pra essa chácara aí, não é aqui que é meu lugar, o meu lugar é andar, eu quero viajar." E fui viajar, fui pro Itiquira trabalhar com o Abílio Fernandes.

Eu fazia de tudo com gado, tirava leite, amansava vaca, campeava nas invernada, curava bicheira, tomava conta do gado da fazenda. Ele era muito bom pra mim, até hoje eu agradeço. Namorei uma moça, mas uma moça muita branca, muita branca não, branca, quis casar comigo e os pais dela não queria, por causa de eu ser preto, tenho até foto dela aí.

Trabalhei também com o Tonico Estevez. Meu pai morreu, nós vinha da roça e ele com um saco de estopa nas costas grande e eu com um saco de sal atrás. Tinha dado uma chuva, que aquele tempo chovia, e o triero escorregava demais, tinha o toco, mas escorregava muito e meu pai vinha na frente e eu atrás, nós tinha uma égua. Nós tinha que rodear no colchete e aí ele escorregou com esse saco cheio de milho e caiu de bruços e pegou um toco. Aí machucou o peito dele, ele pegou o saco, subiu. Mas chegou lá em casa sentido, aí a vó pôs chavena, gervão, erva de Santa Maria e ele melhorou. Mas passou um tempinho, logo minha mãe morreu, ficou eu, meu pai e as outras negradinha tudo. Nós tinha porco, muita galinha, angola, não tinha gado. Aí ele falou: "Vamos mudar pro Araguaia, eu vou pra tratar, tratar em Alto Araguaia, porque eu não tô me sentindo bem não".

Eu tinha uma irmã, mas ela era casada já com o Dimas, ali era bom pra nós, mas falamos: "Pai, se você quiser ir nós vamos." Fomos pro Araguaia, de lá pro Mineiros. Pra fazendo no Manuel Abraão, tinha ouro até no pescoço, mas muito rico. Nós era acostumado no Araguaia, meu pai trabalhava pro pai dele. Nós veio.

Olha pra você ver o que que é o atraso da vida da gente. Lá tinha um prefeito, dizia pra eu trabalhar com ele, eu te dou estudo, você trabalha se puder, mas eu doido, doido pra mexer com gado, nada servia, só servia ir embora. Não servia.

Da minha vida eu tenho saudades é de trabalhar igual eu trabalhava a cavalo com gado, no campo e juntar o gado, por cocheira, e quebrar o pau com gado. Disso eu tenho saudade.

Eu fui uma vez pra Araçatuba, levar boiada. Fui com o Lafim. Nós ficava era muitos dias na invernada, pegava o carro, ia. Eu já tive vida boa, eu tenho a vida boa, porque eu tenho saúde e eu sei viver. Aí eu casei lá na fazenda do seu Abílio. A dona Diolina falava pra mim: "Você não vai casar com preta não, você já é preto, casar com preta, que jeito vai nascer esses filhos Neném?" Eu namorava com duas preta, uma era prima minha e a outra não era. Aí Diolina falava: "Você não vai casar com ela não, que jeito que vai nascer esses filho, você já é preto e vai casar com preta, você não vai casar." Pois não deu outra, casei com a mãe. Branquinha do olho azul. O cunhado dela não queria não, o tal de João Borolo: "Não, você não vai casar com ele não, vai sujar a família não." O cunhado implicou, não queria deixar casar, ele e a mulher dele não queria deixar. O patrão me apoiava. Se fosse dar problema eu ia embora, mas ela queria também. Ela e minha patroa apoiava. Ela não gostava de festa. Aí a Diolina falou: "Eu não gosto de festa, festa eu não gosto, mas o senhor falou em casamento, é pra ser aqui em casa." Aí já veio naquele tempo o Zequinha Ferreira e um tal de Juvenal. Escrivão, naquele tempo tinha escrivão. Aí casei.

Mas a pessoa sabendo viver, ela sabendo viver, em qualquer lugar ela vive. Eu não sei maltratar ninguém, porque eu não gosto, eu não preciso, tá vendo que não vai dar certo, sai. Quando eu casei, eu tinha minha casa, casa de folha de buriti, de barrote. Todo mundo me ajudou, no que foi em uma semana, tava tudo pronto. Compramos panela. Umas oito panela, um dia a gente faz uma festa e precisa. Fiz uma prateleira de tábua. Pegamos cadeira.

Dionlina foi minha madrinha de apresentação pra casamento e o Abílio e o Juca Moura e a Joana. Na festa o povo queria dançar três dias direto, falei: "Não vou esperar isso não." Se fosse uma noite só ainda dava, mas três não.

A cama era um catre de correia. A Diolina me deu esse catre de correia de trança. Ela me deu armário, tanta coisa. Eu ri demais. Nós não tinha cama. Aí uma vez eu pus um lençol nas travas da cama e eles encheram de espiga de milho, tinha muita espiga de milho, de farra. Faz muito tempo isso.

A gente nesse mundo, sabendo viver, você vévi a vida assim, bem vivida. Eu fico triste quando adoeço, mas eu não tenho tristeza, sofrimento, eu não tenho, só tenho alegria. Eu penso só no que é bom assim, alegre a viver, porque a pessoa vive triste é qualquer coisa, tá triste. Eu gosto de beber cachaça, eu gosto de uma cachaça, gosto de dançar.

Eu fui pro Paraíso, mas eu não quis ficar muito lá perto do Sebastião Maranhense. Moramos 20 anos lá. Criei meus filhos lá, mas lá não tinha estudo e viemos pra cá e moramos na chácara dos padres. Nós estudava no colégio internado e o padre não cobrava porque meu pai levava o leite. Fiquei cinco anos tirando leite e levava pros padre.

Eu fico pensando como que a pessoa vévi igual eu e não sentir nada. Eu tenho noventa e tantos anos e não sinto nada. Porque uma pessoa da minha idade era pra sentir uma dor de cabeça, dor na perna e eu nunca, não sinto nada. Se for pra levantar qualquer hora eu levanto, meu corpo tá bom, não sei até quando vai ficar bom assim, que Deus vai me dá essa força. Eu penso que decerto que eu mereço, né? Eu não tenho medo da morte, que a morte eu acho que não é tão ruim, mas eu penso que viver sofrendo, em cima da cama de certa maneira eu prefiro a morte. Depender dos outro, pobre, meu Deus do céu. Igual meu pai? Não quero. Tinha dia que ele levantava, ficava bom, ia lá pra onde eu tava, começava a pegar um quintal, pegava a enxada, mas não aguentava. Eu tinha quatro irmã, a Alzira, a Nota, Maria Luzia. O Adelson nós nunca separou, sempre morando perto, morreu tem sete meses. A morada era sempre junto.

Tem gente que pensa assim, que a gente vévi pouco, a gente vévi é muito. Qual é a criação que vévi igual pessoa? Qual criação que vévi 80, 100 anos? Diz que urubu vévi, mas eu não sei não. Será que a pessoa vévi muito é por destino da vida ou é por que ele merece viver?

Eu morava aqui e tinha um tal de quilombo, ali no salgueiro. Diz que lá tinha assombração. Judite fazia festa todo ano, eu não sei que festa que era, eu sei que é mês de maio. Mais de 100 pessoa na festa. Judite era muito rica, tinha fazenda, tinha avião. A gente ia lá a pé. Uma turma de gente, umas 300 pessoas, lá pra Judite a pé. Nós era tão burro que tinha medo, nós corria, porque falavam que tinha assombração mesmo. Mas eu nunca vi não.

Eu ia muito pra Andradina. O patrão, Manoel de Andrade, ele vinha aqui e contratava a gente e dava dinheiro e falava: "Eu quero uma boiada desse jeito." E a gente levava. Quando a bugrada tava tudo no jeito, a gente ia. Durava uns dois meses. Aí juntava, apartava, marcava os gado. Nós ia montado no cavalo. Tinha o cozinheiro, o copeiro, armava a barraca pros peão comer e dormir. Sebastião Barroso que fazia o rango.

A minha esposa morava na fazendo do seu Abílio, era patrão dela. Aí conheci ela lá. Vivemos uns 50 anos juntos. Sou aposentado.

Esse livro podia unir os velhos tudo, numa rodada, pra gente passar o dia contando causo. Virava uma maritacaiada só. Um conta uma história que foi bão, farreou muito,

namorou muito, que apanhou demais também. Na fazenda tinha uma Folia de Santo Reis. Ficava quatro dias fazendo festa. Eles iam de fazenda em fazenda. O povo fazia comida e meu pai ia e matava vaca, ia comer e beber que era uma beleza, a noite inteira e tocando folia, bebendo. Quando o folião ia embora eu ficava triste, quase chorava, acabou. Mas tudo acaba. Meu avô todo ano fazia. Saía com a bandeira e andava e andava. Farreava a noite inteira. Minha mãe lavava roupa pro Major Carlos.

Pelejei pra escrever, mas não escrevo. Fui pra escola, tinha uma professora, Nila, aquela praga, bem malvada, judiava de mim, punha eu de castigo na porta da escola, de joelho, pros outros ver. Aí não voltei mais não. Da fazenda, o que eu tenho mais saudade é do Abílio, era muito bom pra mim. Ele tinha cinco filhas, deve ter ainda, parece que ele sempre fazia meu gosto, tinha eu de confiança da casa. Ele saía e falava: "Nirce, você toma conta aí, olha a Diolina." Faziam café de manhã pra mim, de tudo que tinha lá em riba da mesa. Se chegava conhecido meu, ela servia a mesa pra eles também, nem precisava ficar insistindo não, ela punha lá. Ela é minha madrinha de casamento. Ali era bom demais, carreava carro de boi.

Vou pitar um cigarro aqui. Fumei a vida inteira. Eu fazia fumo. Fumo de corda. Não fazia pra vender não, fazia pra nós. Quando ele madurava, tava amarelando, você vai lá e estala. Põe no jacá. E vai piando ele devagar, aí você piou aquele tanto que você quer, aí você leva pra casa. Na casa, perto de sombra, você põe lá, aí você junta a mulher, os filhos que tiver, pra estalar. Estalou, bebe uma pinga, com três dias, aí torce, faz o cambito, começa torcer e outros tiano. Torceu aquele tanto, põe nos gancho pra secar, pra curtir. Aí é só por no bolso. Eu acostumei, eu até fumo cigarro manso, mas não me acostumo, não mata minha vontade.

Eu trabalhei muito com gado, em roça com carro de boi e sou muito satisfeito.

Meu nome é José Nilson. Mas nos documentos tá José Nirce. É bom que esse livro deixa uma lembrança da pessoa, né? Não acaba.

#### JOSÉ DE SOUZA

Essa é minha filha. Olha! Dia 08 de abril ela vai fazer 15 anos. Eu tô passando um arrocho, e eu preciso de regrar meu dinheiro pra mim poder ver pra poder comprar o dela. A minha sorte é que minha cunhada é bem de situação. A mulher falou assim: "Zé, quando você receber, me ajuda pelo menos com um pouco de dinheiro que eu quero fazer o aniversário da sua filha." Terminou o estudo, agora já tá fazendo o primeiro ano. Vai fazer 15 anos. Ela quer pra fazer aniversário pra tirar alguma foto pra por no tal do *book*. Nessa foto aqui ela tinha um ano e meio. Ela chama Gisele Carvalho de Souza. Eu só tenho essa legitimamente. Os outros são de criação, já tá tudo casado, de uma mulher que eu amiguei.

Agora eu vivo sozinho aqui, a prefeitura prometeu que ia me dar um kit pra mim fazer meu banheiro, minha privada é até lá fora, pra cagar e mijar, tem que cagar e mijar na chuva. Até hoje, tá com mais de seis meses que eu construí aqui e até hoje tá assim. Eu comprei um pouco de tijolo e esses homem que tá fazendo a casa aqui do lado, me prometeu me dar o

cimento do banheiro. Eu vou falar com a mulher lá da assistência social pra ela falar com o gordo, pra ela me ceder pelo menos seis saco de cimento e uma porta de banheiro. A telha eu já ganhei, tijolo, areia, eu tudo tem. Agora falta a porta e o cimento pra fazer. Porque eu já sofri muito.

Eu me chamo José de Souza. Eu tinha um nome maior, só que fui fazer o registro e a mulher falou: "Não meu filho, tira um pouco disso, você não é ladrão de égua." Aí pus só José de Souza. **Eu sou de 1947** de 23 de março.

Quando eu fui comprar uns material pra construção, nenhuma loja quis me vender fiado, só a loja do Araguaia Construção. Eu tenho cadastro em um monte de loja, aí eles fizeram. Vou lá agora ver se eles confia de me vender de novo.

Esse terreno aqui é meu, graças a Deus. Ali pra cima foi onde o Maia Neto comprou e loteou pros pobres, deu pros pobres.

No ano de 70, eu tava no quartel. Aí saí e fui trabalhar com Toninho Machado, era uma companhia muito grande de topografia. Eles trabalhavam lá na época, na média de 200 engenheiro. Cada um tinha uma equipe. Eu fiquei na equipe do Seu Francisco, do Chico e fomos medir lá pra Amazônia a fora. Lá uma vez, tinha um índio que queria comer meu companheiro. Meu companheiro era branco, olho pretão assim, aquela bundona. Índio chega lambia o beiço. Ele falava: "diarrada a-karu." Isso queria dizer que ele queria matar meu amigo pra comer. Aí a gente falou: "Não. Não pode não uai. É meu companheiro." Aí ficou difícil de tocar o serviço pra frente com esses índios. Aí eu falei: "Cumpadi, a aldeia de vocês é aqui pra frente?" Eles: "É, kachimi." Queria que a gente fosse comer kachimi que é um coco com mel. Aí eu falei: "Não, eu vou voltar pra cá." Aí eles foi embora, eles tava em dois. Aí eu falei pro povo: "Vamos tocar serviço." Meu amigo: "Moço vamos embora." Eu: "Rapaz tira isso da cabeça, ninguém vai te comer não." Daí chegamos no acampamento do nosso serviço, eu falei: "Chico, o índio quer comer o paulista aí." E Chico: "Comer como veado?" Eu falei: "Não, ele falou que era diarrada a-karu." O Chico era muito estudado, cuiabano, sabia de tudo que é língua de índio. Ele disse: "Ah rapaz, então ele quer matar o paulista é pra comer, é?" Aí passaram o rádio pra Cuiabá, pedindo uns dez homens cuiabano, bem borolado, não era pra trazer branco polaco não, senão os índio ia querer comer. Aí veio um monte. Daí o Chico mandou o paulista pra São Paulo. Ele não queria ir não, danou a chorar, porque lá ganhava bem. Ele não sabia de nada, eu ensinei ele fazer de tudo. Os que não era borolado, branquelo, foram tudo embora. Mas o índio queria pegar ele pra comer mesmo.

Quando chegou os outros cuiabano, aí tocou o serviço pra frente. Aí eu falei, contei a história pra eles: "Vocês fica veiaco." Aí nós tocou serviço. E foi, e foi, e foi. Aí os índio apareceu de novo. Olhou ao redor e estranhou: "Cadê o Kadhuara." Queria dizer: "Aquele branco." Aí eu falei: "Foi embora, foi embora, tava doente." Fiz o gesto com a mão, de deitado. Aí os índio até ajudou a gente, eles era tudo curioso. Aí o serviço rendeu, eles roçavam. Só assim que o serviço rendeu, passamos na beira da aldeia. Tinha muito índio lá. Tudo pelado. Nós trabalhamos muito nessa lida, nessa batida nossa, foram seis anos rapaz. Tudo na mata. Não só lá, trabalhamos em Aripuanã, Tangará da Serra, Ilha do Bananal, pra baixo da Barra do Garças, no Xingu, no Santarém, no Pará, trabalhamos um trecho uma vez no Maranhão. Mas nós vinha só de avião, helicóptero, pra poder chegar lá, devido a distância que era longe, nesse tempo chovia muito. Era um atoleiro pra diabo.

Cheguei aqui no Araguaia em tempo de criança, antes de eu ir pro quartel. Eu era guri pequeno. Aí minha mãe me levou pra Cuiabá e me largou lá pra estudar, quase não estudava nada. Minha vida era brigar com a gurizada, brigava com a professora, uma vez eu queria matar a professora. Falava: "Minha mãe vive muito bem sem estudar, pra que que eu vou estudar?" Aí larguei de mão, eu estudei até a terceira série. Eu sofri um acidente, aí acabou, apagou tudo, hoje eu não sei ler nada. Escrevo só meu nome e muito mal. E assim mesmo já rodei esse mundo, dessa raboca, viajando, trabalhando pra um canto e pra outro. O estudo faz farta, se eu fosse um cara bem estudado eu não tava nessa vida, eu era bem de situação. Eu já ganhei muito dinheiro nessa vida.

Eu já fui garimpeiro, já garimpei na Serra Pelada, no Peixoto, no Xingu, na Serra Pelada lá, naquela infância do garimpo de ouro no Poconé, eu garimpei lá. Garimpei em muito lugar, ganhei muito dinheiro, mas esse dinheiro que eu ganhava, dentro duma semana, eu instruía três, quatro milhão, dentro de uma semana, eu morava mais no cabaré. Minha irmã de Cuiabá brigava comigo: "Desse jeito você não faz nada na vida, todo dinheiro seu é pra puta." Pra que mais melhor? Antes envolver com puta que ficar comendo veado. Aí eu fui pro seringal, passei dez meses comprando borracha no seringal lá no Amazônia, mas também quando eu vim de lá eu falei: "Eu vou mudar da casa da minha irmã, eu vou alugar uma casa da república e vou morar sozinho, eu sei cozinhar, sei fazer de tudo." Daí eu cheguei em Cuiabá e mudei. Eu era rapaz de 20 anos. Aí morei muitos anos ali, pagando o aluguel, era república.

Eu sempre morei sozinho, eu e Deus. Casei aqui em Alto Garças, em 90, só que a mulher nunca me deu filho. Eu vivi com ela cinco anos e por causa de brincadeira, por causa da mentira da minha irmã, a mulher largou de mim, ela era baiana. Teve época que nós teve 60 milhão no banco. Dava pra comprar umas vinte casa hoje. Comecei a trabalhar no ABC. Falaram que eu tava com muiezada atrás de mim. Ela fez as malas e foi embora. Mandou eu embora e ela ficou com os papel tudo dos banco. Aí veio aquela época do Collor, veio e limpou tudo, lambeu tudo, foi em 94 isso. A dona Maria chorou doído.

Da vez que eu tava com 17, eu toquei uma roça aqui no Juricão, rapaz, arrumei uma abençoada de uma namorada mais alta que eu, foi a primeira infância, chamava Nézia. O nome é feio, mas ela era bonita, uma mineirona, triquerona, corpolenta, cheia do gado. Aí nós vai em uma festa lá nos parente dela, tinha dado uma chuva de noite, aquele baile enrustido e a chuva, e ela falou: "Zé vamos tomar um quentão, um licor, quentão?" E eu: "Não, eu não quero não, nunca bebi pinga na minha vida, nunca." Dessa vez eu fui experimentar a beber e esse trem subiu na minha cabeça, fui embora.

Eu tava com roupa branca, mas eu tinha levado uma capa de chuva. Aí forrei a capa na catacumba e deitei e dormi, meu travesseiro era uma cruz, peguei uma cruz e coloquei lá naquela laje de catacumba e deitei e dormi. Moço, o dia querendo amanhecer, e veio o pessoal, um bocado a cavalo, outro bocado a pé, aquele pizero danado e eu conheci a voz dela: "Mãe, cadê o Zé? Você viu onde o Zé foi?" E ela: "Eu sei que ele saiu ontem com uma capa aí." E o barro lá era liso. Daí eu escutei elas falando, eu levantei da catacumba, subi na catatumba, bati e gritei: "Ei pessoal, espera eu, que vai eu." Moço, esse povo na hora que me viu, de roupa branca, cheio de barro, saindo da catacumba, o povo saiu pulando, correndo, os cavalo saindo em disparada, ficando em pé. O que já tava pra frente, correu pra frente, coitada

da minha sogra e da minha namorada, espiguilhou na carreira, tiraram o sapato do pé e correram: "Corre Nézia, corre." Aí olhava e me via e acharam que era assombração.

Uma vez dormi em igreja católica pra nunca mais dormi. A assombração veio na minha rede e balançava: "Cara, para de balançar minha rede, eu não quero balançar não." Depois puxava a coberta na minha cara. Uma igreja velha, uma igreja abandonada, foi em uma vila chamada Finca Faca. Eu tinha viajado todo o dia, fui lá ganhar dinheiro. O dinheiro era pouco, eu não tinha como pagar o hotel, como que eu vou comer? Aí dormi na igreja, não tinha luz. Deitei e acordei com o povo rezando, mas era abandonada, fui lá não tinha ninguém. Tomei um tombo da rede de tanto o cara balançar minha rede. Deixei uma vela acesa, aí quietaram, às vezes essas alma aí, tá querendo reza. Liguei o rádio, tava só moda boa. Aí dormi. Acordei, fui lá fora, já tava cedo, de dião.

Já sofri muito rapaz, comecei a trabalhar de carteira assinada no ano de 60. Já toquei roça, mas aí vi que não dava camisa, fui embora pra cidade, trabalhar de firma, trabalhei na *Brahma*, trabalhei na *Antártica*, trabalhei em frigorífico, foi em muitos lugares. Tempo de eu guri, a cidade aqui era só paia, barraco de paia, alguma casa que tava fazendo de material, mas o Araguaia era pequeno. Nesse Araguaia morria gente demais.

Nós era em dez irmão. Minha mãe morreu com 90 anos. Ela tinha 15 anos e meu pai 50. Meu pai era rico, cheio de gado, mexia com garimpo. Tinha peãozada. Ele era feiticeiro, ele revurta, vurta, ele vira cupim, vira bode, ele era baiano. Era preto do cabelo bosta de rolinha. Ele chegava bêbado e judiava dela, batia nela e botava ela pra dormi com nós no colo, no mato. Ele chegou e falou: "Maria, você quer morrer do que? De carabina, de fuzil?" E ela: "De nenhum, de nenhum." E ele: "Eu vou deitar pra dormi, hora que eu levantar, eu vou matar vocês tudo. Você com a filharada tudo." No que ele deitou, ela pegou a mão de pilão, socou na cabeça dele, pegou o facão e cortou a cabeça dele, separou a cabeça do corpo. A peãozada dele mesmo foi lá, deu parte dela na polícia e levaram ela Cuiabá. Aí como viu que ela tava fora de si, tava igual gente louco, aí levou pro hospício de louco, ficou três anos lá, aí ela sarou e saiu. Aí adoeceu e faleceu agora. Ela teve 18, mas salvou dez adulto.

Tem só um casal agora, eu fui o último dos 18. Nós veio pro Mato Grosso, mudamos em carro de boi. Minha mãe lá dentro com as crianças pititicas e os que tava grandinho vinha tudo a cavalo, tudo atrás do carro de boi, caminhando nesse mundo. Meu pai gambirava muito gado. Ele era bom pra nós. Só que a desvantagem dele foi que ele envolveu com as putas em Rondonópolis e as putas lá fez feitiçaria pra ele. Aí ele chutou as velas e chutou as garrafas de pinga da macumba lá. Pronto, de lá pra cá o homem ficou loco, ficou ruim pra nós, ruim pra mãe, por isso que eu falo que a feitiçaria existe, atrapalha a vida de muita gente. Ele era bom pra cuidar de nós, dava as coisas. Cada filho que nascia, ele dava uma bezerra, um potranco, uma porca e uma galinha, para cada filho que nascia. Pra crescer junto. Aí ele morreu. Eu tava com sete anos. Alembro malemá, mas lembro. Eu tinha uma foto, que tava eu pequeno no pescoço do boi tocando berrante, eu não tocava nada não, era só fantasia pra eles tirar a foto.

Tinha um padrinho, coronel, Francisco Goulart, ele me batizou e me deu duas vaca. Ele saía da fazenda e ia pra Cuiabá levar dois carro de boi. Um cheinho de toicinho de porco, empalhado em casca de banana pra vender na feira. Gastava muito tempo pra ir. Na hora que ele vinha de lá, ele trazia aquelas lata assim, dessa altura, cheinha de bolacha, aquelas bolacha de todo modelo. E o velho comprava aqueles fardo de pano, pra fazer roupa, mas era aquelas roupas grosseiras, pra usar na roça.

Aqueles pano fino era pra minha mãe fazer roupa pra nós ir na cidade. Agora meu pai fazia precata de couro de boi curtido, pra fazer chinelo pra usar, porque não tinha botina. Ninguém tinha carçado de cidade pra usar, o primeiro carçado que eu usei feito de cidade chamava pracata roda. Hoje em dia não tem mais. A pracata roda naquela época, era de lona assim e o solado era daqueles barbante de saco de estopa, tudo troçado assim, por isso chamava pracata roda. Era o único que saía, que era pra andar no mato.

Meu pai fazia pinga pra vender, minha mãe fazia sabão, fazia tanta coisa, minha mãe fazia doce, fazia garrafada, pra você ver, ela criar 18 filho sem nunca ir na cidade. Criou 18 filho, morreu oito, ficou dez. Lembro dos nome deles, o primeiro é Sebastião Elias de Souza, o segundo é o Antônio Aparecido de Souza, aí depois vem a Ilda, depois vem a Arlinda, depois vem a Maria Abadia, depois João Catarino de Souza, depois vem eu, depois de mim vem a Sílvia, a Ana Rosa, essa turma, esse grupo. Eles morreram depois de velho, depois de aposentado. A única que morreu sem num ser aposentado foi Ana Rosa, porque ela morreu de remorso. Ela tava trabalhando de cobradeira de coletivo, ela era gordona. Morreu lá em Cuiabá. Vou te explicar, minha mãe adivinhava as coisas, ela sabia o dia que ia morrer e falou assim: "Se Ana Rosa não vim nem assistir o meu velório quando eu morrer, eu vou puxar ela pelo pé e fazer ela morrer lá onde que ela tá." Morreu lá em Cuiabá. Ela foi entrar no coletivo pra ir trabalhar, na hora que ela entrou, ela desmaiou lá dentro, morreu. Aí o motorista levou pro hospital, mas não adiantou, já tava morta. Pesava uns 160 Kg. Era grande, então não apresentava grande coisa.

Saudade eu não tenho muita não. Tenho recordação de muito lugar que eu morei, trabalhei. Quando eu tava no Seringal na mata bruta, levantava uma hora da manhã na mata bruta. Saía com aquele saco e aquele capacete com o lampião na cabeça, pra mim cortar seringa e por os copo na seringueira. Hoje em dia eles faz tudo de dia, não faz nada de noite mais. Fazia de noite por causa da hora, que era boa da madeira soltar o leite. Vixe! Cada dia era um quarteirão de trecho que andava. Encerrou com 10 meses. Mas meu caso era grana.

No grupo eu fui, gostei, dancei duas festa, tropei com uma conhecida minha e nós dançou. Eles foram pra Barra do Garças, água quente lá. Mas eu cheguei em cima, não deu pra arrecadar dinheiro e eu não fui. Sempre tem baile, é muito bom.

Eles querem juntar dinheiro pra nós viajar final do ano, eles tão querendo ir pra Chapada dos Guimarães. De vez em quando aparece uma aqui: "Seu Zé, eu vim aqui pra 'negociar' com você. Você me dá 20 cruzeiro pra mim comprar um arroz, um óleo, comprar uma gasolina pra por na moto." Eu falo: "Na hora que eu quero, vocês não vêm e na hora que eu não tenho dinheiro, vocês vêm."

Esse povo da saúde fala: "Moço, para de fumar." Largo nada, eu não tenho outro adivertimento, eu não bebo pinga. Rapaz, meu tio, irmão do meu pai, morreu com 110 anos. Ele começou a fumar com 10 anos de idade e ele só veio morrer com 110. Só que não é cigarro manso, o que acaba com a pessoa é cigarro manso, não é cigarro de paia. Agora tem cigarro manso com sabor, com vários tipos de cor. Aí não me interessa não.

É isso.

#### MARIA DO CARMO SOUZA DOURADO

Meu nome é Maria do Carmo Souza Dourado, mas sou conhecida por Neta. Eu vim do estado da Bahia em 1972, mais ou menos. Me casei lá, sou filha de família pobre. Eu sou de **14 de janeiro de 1950**. Casei lá na Bahia, com um rapaz de lá também. Aí a gente veio passear em Mineiros, com a família do meu marido que tinha vindo na frente. Aí deixei minha família lá. Com 15 anos que eu tinha vindo de lá pra morar aqui em Alto Araguaia, vim pra Alto Araguaia, foi muito difícil, mas pelo amor a gente supera tudo.

Aí eu vim pra Alto Araguaia, meu marido trabalhava na cooperativa que veio de Mineiros pra cá. O Geraldo Brandão Dourado, aí chegou aqui, ele tava trabalhando de balconista na cooperativa que veio de Mineiros, que abriu uma cooperativa aqui. Eu tinha dois anos de casada, que nós casou na Bahia, aí nós veio pra aqui. Eu vim pra cá eu tinha 20 anos.

Com 22 anos veio o primeiro filho, que é o Moacir. E isso a gente tava morando em Mineiros. Quando eu fiz 26 anos, veio o segundo filho, o Marinaldo e eu já tava morando em Santa Rita. Aí quando eu ganhei o Marinaldo, meu esposo já foi trabalhar na escola Carlos Hugueney, como professor. Ele entrou como professor de Práticas Agrícolas, aí eu comecei a fazer doce e aquela vida custosa aos trancos e barrancos. Eu achei que eu tinha vencido, pensei que estava com a vitória na mão, mas foi engano...

Aí meu marido trabalhou 25 anos na escola Carlos Hugueney, tudo bem. Aí eu sou mãe de quatro filhos, o Moacir, o Marinaldo, terceiro veio a Ângela e a Angélica. Você conhece elas. A Ângela e a Angélica, aí veio as duas gêmeas. Aí quando elas teve a idade de 16 anos, aí que veio os problemas complicando, aí só foi tragédia na minha vida. Meu marido faleceu, suicidou. Primeiro foi minha mãe. Ela tava doente em Brasília, foi pra UTI, eu fui, aí quando enterrou minha mãe foi na época que meu marido faleceu, suicidou. Até hoje eu não sei o motivo, mas antes ele tava bebendo muito. Aí com a morte da minha mãe, ele teve internado, eu tava em Brasília foi aquela confusão toda, aí ele suicidou. Fiquei com quatro filhos, dois de menor e fui à luta, Deus e eu, eu e Deus.

Eu nunca tive uma profissão. Sou do lar, cozinho, já até limpei quintal pro outros e lavo roupa. Quando ele morreu, eu tive ajuda do meu irmão, inclusive meu irmão tem um mês e quinze dias que faleceu. Esse irmão é o que mais me ajuda. Ele morava em Brasília, aí ele veio pra cá. Só que quando Geraldo faleceu, eu não fui procurar minha família, porque eu tinha quatro filhos e os dois filhos mais velhos não quis ir procurar minha família, que é lá na Bahia e em Brasília tem um pouco. Aí eles não quiseram ir com minha família e eu falei: "Só, eu não vou, porque só me resta os meus quatro filhos que eu amo, amo de coração." Aí eles pegaram e falaram que não ia e eu falei: "Se vocês não for, eu também não vou." Aí eu não fui e continuei morando ali no bairro Boiadeiro, que é minha casa.

Na minha casa, tem a casa e um terreno ao lado, aí já veio também complicação de vizinhos que foi muito triste, triste, triste. Entrou lá na minha casa dois indivíduos e rebentou tudo e foi parar na justiça. E aí não tenho nem explicação, eu perdi tudo, por que eu não sei, eu não sei por que que eu perdi. Mas essa causa ainda está no fórum e eu espero que um dia Deus vai levantar ela. Consegui provas e tudo, só que o problema é que o poder manda mais do que minha situação. Hoje é dia oito, dia das mulheres, se eu tivesse alguma coisa ou mesmo a justiça, eu gostaria pedir pra desarquivar os processos que estão lá no fórum contra mim, mas como eu não tenho....

Mas eu tô aqui e não me arrependi, porque o que eu sou, eu sou uma pessoa que não tem máscara. Alto Araguaia eu escolhi, não só eu, meu marido também escolheu, eu escolhi e meus filho aprovou e então por isso que eu tô aqui até hoje. Ajudei muita gente, fui candidata à vereadora junto com a Irene, com o Ronã. Fui muita bem votada, não fui eleita porque eu fiquei segunda suplente. Gosto de política, meu lado forte é esse.

Hoje eu tô feliz, tenho cinco netos, tenho quatro filhos, tenho cinco neto, meu menino tá esperando um neto, essa semana que entra vai vim mais um neto. O nome dele, do mais velho chama Álife, o segundo Ana Paula, o terceiro Caleb, a quarta é a Brenda, o quinto o Murilo e o sexto vai vim, o Guilherme. O Caleb mora comigo, tem nove anos, morou a vida toda comigo, é a alegria da casa, é o homem da casa, ele é tudo, tudo na minha vida. Faz umas arte, mas eu cubro com o amor que eu tenho por ele. Ele é bem evangélico, tem umas pataquadas, mas eu amo ele de coração, meus netos é tudo na minha vida. Hoje eu penso dentro de mim, mas vencer eu sei que eu não vou mais, e você sabe graças a Deus meus filhos nenhum virou bandido, não tem nenhum nada, nada. Tudo classe média, igual gente vive, tudo trabalhando e tudo honesto, graças a Deus. Não preocupo com nenhum deles, se eles falar: "Mãe eu vou em tal lugar", eu posso chegar qualquer hora que eles tão lá. Eles não me dá problema de jeito nenhum, eu saio e chego em casa e eles não me dá problema, graças a Deus, isso eu tenho que agradecer muito, muito a Deus.

Nunca mais casei, nem penso, foi meu primeiro e último. O primeiro e último casamento. Então eu não pensei em namorado, nunca namorei não, meu namorado, meu marido, tudo Deus levou e pronto. Agora deixou o amor que é os filhos, então namorado e marido Deus levou, mas Deus deixou o amor. Então, não quero tanto, porque eu não aceito nenhum homem apontar o dedo pro meus filhos. Então eu vejo exemplo das minhas amigas que falam tem um namorado e elas acabam indo pro lado do namorado e acaba esquecendo um pouco dos filhos. E eu não faço isso, nem mesmo, porque hoje eu brigo com os meus filhos, se errar eu brigo. E eu brigo e não tenho como e eu falar nada. Então, apontar o dedo pros meus filhos, eu não aceito isso. Se um homem, um namorado, ou um homem qualquer falar, apontar pros meus filhos, de cara eu já vou arrumar a bolsinha dele e já ponho ele na esquina. Então eu não quero.

O salário que ele deixou dá muito pra eu viver também. Era chamado de seu Geraldinho. Morreu suicidado, tem uns 10 anos. Ele passou a ser supervisor na época que ele morreu. Tava com 25 anos de serviço, já tava perto de aposentar. No ano de 2000 ele ia dar entrada na aposentadoria dele, ele morreu em 99. Ele tava bebendo demais, bebia muito, muito mesmo. Eu não sei por quê. Quando ele faleceu, o Marinaldo foi nos mercado, foi até na zona, ver se podia ter uma conta, se podia ter uma briga, se podia ter alguma causa que levou ele ao suicídio, porque deve ter uma coisa muito séria para ele chegar a suicidar. Ele deu doze facadas no peito.

Aconteceu quando eu tava em Brasília e quando me ligaram e a gente ia saindo lá pra coisa da minha mãe, da missa de sétimo dia da minha mãe. Eu fiquei sabendo que ele tinha suicidado e aí eu vim embora. E quando chegou o velório, eu tava em Mineiros, aí enterrou ele e eu vim embora pra cá, foi com sete dias que enterrou minha mãe. Eu tava em Brasília, deixei passar a missa de sétimo dia pra mim vir embora, eu ainda meio dopada porque eu tava tomando diazepan todo dia pra mim dormir. Quando minha mãe morreu, eu tomei duas doses de sossega leão. Que o médico me deu calmante lá na clínica médica lá. Às vezes você sabe como é que é, não pode sair, é muito ruim, aí eles me deram um sossega leão lá e eu quietei. Aí eu fiquei lá, liguei pra minha família, os povo veio tudo, eles chegaram derrubando a porta, porque o guarda não queria deixar eles entrar, foi uma briga danada lá. Então o guarda quase matou meu irmão, quando meu irmão derrubou a porta, a porta caiu. Aí o guarda veio, meu irmão bateu no guarda, o guarda caiu em cima da porta, aí bem que o médico falou assim: "Para guarda, para, porque foi eu que chamei." Aí os guarda parou, mas o guarda queria pegar meu irmão.

Quando eu cheguei aqui no Araguaia essa parte aqui tudo era mato, era brejo, aquela coisa. Eu cheguei aqui tudo era mato, era bagunça e eu fui lá pro Boiadeiro e lá só tinha cerrado, formigueiro, era só mato, capim. Eu conheci o Rodolfo Léco, nossa demais, ele morava do outro lado ali, nós ia no pé de manga dele lá.

Saudades eu tenho da antiga Alto Araguaia. Quem mesmo veio aqui conhecer o Alto Araguaia antes, que conhece ela hoje, tem saudades do tempo antigo. Era bom demais, nossa, era um povo sofrido, mas era bom, um pouco violento também, vinha violência lá do Ariranha. Vixe! Meu Deus, matavam gente e jogava gente aqui.

Meu nome inteiro é Maria do Carmo Souza Dourado. Aqui tem o povo do Araguaia, tem o povo do Cacildo, me ajudou bastante, o Divino.

Vou lá na Bahia esse mês, tô pensando em me aposentar lá, porque lá eu trabalhei lá na roça muito anos, muitos anos. Plantava e tudo na roça. Lá não tinha transporte lá. Era carro de boi, andava muito de carro de boi, os balde que nós usava, era uma cabaça de água.

Eu não estudei por causa que a gente tinha que trabalhar pra ajudar os mais novo. Eu trabalhei muito na roça, catando algodão, garapa, o povo chamava de tacheira né? Eu era uma tacheira de primeira, nossa, não tinha tacheira que ganhava de mim, porque eu caprichava mesmo. Na roça lá, catando algodão, colhendo feijão, chamam de feijão-catador. Esse catador era pra farofa. Fazia rapadura, a gente cortava de machado, a gente derrubava a roça de machado. Na mão, não tinha trator, nada, nada de carro. Era carro de boi, se morresse uma pessoa, se fosse pra transportar uma pessoa doente, tinha ser na rede. Nós morava em 14 pessoas e a casa lá era de pau-a-pique, barreada, tinha muito barbeiro, rachava as parede e a gente dormia no chão, na esteira. Quando tava fazendo rapadura, nós dormia em cima dos bagaços das cana.

Era uma vida sofrida, sofrida mesmo, a gente veio de lá, mas pra ganhar vida aqui. Quando eu fiquei grávida do primeiro filho, aí a sogra falou: "Não Neta, você não vai voltar pra Bahia, porque lá você vai ganhar filho na mão da parteira." Muitas pessoas morriam por causa disso. E aí minha sogra não deixou eu voltar pra Bahia, aí eu fiquei aqui. Foi quando eu desloquei da minha família e vim pra cá. E aí com a morte da minha mãe, igual eu falei pra você, que minha mãe tinha falecido lá, e depois o Geraldo faleceu. Aí meu irmão faleceu, meu pai faleceu também, meu irmão, meus primos, meu sobrinho, então só foi perca na família. Então foi Deus e eu, eu e Deus.

Da minha infância foi só isso mesmo; trabalho, lá eu não ia ter vitória, a vitória era que meus pais eram pobres, trabalhadores, mas era honestos, na política também. Aí nós morava numa currutelinha lá e apareceu um político lá e a gente foi trabalhar pra ele. E de repente, virou uma cidadezinha lá que era o lagoinha e agora o nome lá hoje é Canápolis, nome muito bonito. Eu tô querendo ir lá porque eu trabalhei muito lá, minha irmã mora lá, ela tem 14 filhos. Eles quer que eu vou pra lá, pra aposentar. Ela tem terra, tem gado, tem tudo lá, até bem de vida minha irmã, eu tô querendo aposentar lá.

É isso aí...

#### ROXA

Hoje o povo hoje só quer ganhar, porque antigamente o povo trabalhava, hoje não, hoje a gente compra uma roupa, você veste duas ou três vezes, aí você não quer aquela roupa, aí não combina mais com a gente, aí a gente encosta ela. Hoje o povo hoje é preguiçoso. Eu conheço o povo seu todinho. Sua família foi todos educado.

Eu nasci numa currutela chamada Cafelândia, mas a gente trata lá só de Café, é no Mato Grosso, pro rumo de Alto Garças, é tipo um arraial sabe? Mas lá já acabou, virou tudo fazenda lá. Eu saí de lá eu tinha oito anos de idade. Mas olha, parabéns, porque não é qualquer um que quer pegar essas histórias pra fazer.

Era muito bom. Criança vai saber que que é ruim? Que que é bom? Queria ficar era brincando. A minha mãe era índia, porque a mãe dela também era índia. Minha vó foi pegada no laço, dizia minha mãe, não cheguei de conhecer minha vó. Minha mãe era bem índia e a gente saía no mato caçando. Minha mãe tinha habilidade, ela gostava de ir pro mato caçar quando não tinha serviço. Porque ela era assim: pegava arroz dos outro pra limpar, o pessoal trazia das fazenda quando não tinha monjolo. Então ela limpava o arroz pro outros, aí nós vivia daquilo ali. Ela limpava um saco de arroz, ela batia no pilão, limpava dois saco de arroz ganhar dois litro de arroz, pra fazer pras crianças, pra nós comer. Aí depois quando não era o arroz que ela limpava no pilão, ela socava milho pra tirar fubá, pra fazer farinha pras pessoas, que já era encomenda sabe? As pessoas levava lá o saco de milho ou saco de arroz né? Aí colocava de molho o milho, socava e tirava o fubá pra fazer farinha. Dali era tudo assim, as pessoas, quem tinha mais condição de vida, minha mãe trabalhava pra elas em troca de cada pouquinho daquilo ali pra gente comer, pra gente sobreviver, então vivia disso aí.

Nós era de 12 a 15 irmãos, mas é assim: minha mãe ficava trocando de marido pro outro. Naquele tempo, o povo já era safado, trocava de marido mesmo, não tinha conversa não. Então, têm os meus primeiros irmãos com o primeiro marido dela, ela teve seis filhos. Aí largou desse e morou com outro homem e teve mais dois. Aí só sei que com meu pai nós somos em quatro. Mas agora nós somos em três mulher e quatro homem.

Eu saí de lá pequena, porque minha mãe já não tinha condição de cuidar da gente. A minha irmã casou aí veio morar aqui no Araguaia e aí eu fui criada com a vó Vina que é a vó do doutor Wiliam, esse doutor William daqui. Aí eu fui criada com ela, com as filha dela, com a Dona Judite. Naquela época eu chamava todo mundo de tio, sabe? O respeito era além do limite, né? Aí eu ficava com a vó Vina lá. Quando eles ia pro sítio, eu ia pra lá com eles.

Minha mãe arrumou um outro marido depois que meu pai morreu, ele era muito ruim pra gente. Aí eu cheguei e contei pra vó Vina que ele era muito ruim, que ele batia, né? Aí vó Vina foi lá falar lá pra gente voltar, escreveu pra minha irmã aqui que chamava Maria Delina, só que tinha apelido de Lôra. Aí eu vim pra cá pra ficar com essa minha irmã. Cheguei na minha irmã, fiquei, morei uns tempo com ela. Aí eu comecei a ir trabalhar com a mãe do Pedro, Oficial de Justiça. Então eu fui trabalhar com a mãe dele, primeiro eu fui com a tia Tonha, aí que eu fui com a dona Judite.

Aí fiquei uns tempo, aí fui pra casa da tia Joana, aqui no Araguaia, que era mãe do José Humberto. Aí eu fui, aí ela falou: "Olha, não dá pra mim te pagar o que você merece, eu vou passar você trabalhar com a minha irmã que é a Sebastiana." Aí eu fui pra dona Sebastiana, do Agenorzinho. Aí lá eu fiquei tempão. Eles mudou pra Anápolis, eu fui com eles, mudou pra Goiânia, eu fui pra Goiânia com eles. Eu fiquei uns 15 a 16 anos com eles, fui sair com uns 23 anos de lá. Eu limpava a casa, eu que cozinhava, eu que tomava conta, né? Eu não me sentia empregada, eu me sentia assim, que já era alguém da família mesmo. Nós morava ali embaixo do hotel do Sadizão lá, o Hotel *Karajás*, então ali. Os meninos era pequeno, só o Viriato e a Isolda que já era grande, estudava fora em Campo Grande, depois em Anápolis. Com isso a gente foi levando a vida, mas eu tive uma vida muito sofrida, muito, muito mesmo. Não foi fácil.

Casar nunca casei. Tive uns namorados, uns deslize da vida, aí fiquei grávida, por isso que eu saí da dona Sebastiana. Aí eu fui e ficava lá com eles ainda, quando eu tive o menino ainda eu fiquei lá. Só que eu com criança na casa dos outros, fica chato. Depois passados um tempo, eu arrumei um namorado lá em Goiânia, morei uns tempos com ele, mas também não dava certo. Com os filhos da gente, a gente quer caçar coisa melhor.

Tenho três filhos, eram três. Meu caçula morreu lá em Goiânia, morreu matado lá. Os outros dois é o Chiquinho e o Wesley, que conhecem como Bonguinha. Mas vou te falar, não foi fácil não. O que eu sofri com a dona Judite, lavando aquelas vasilha dela, areava vasilha no rio, na época não tinha bombril não. Eu saía dali com dois, três saco de vasilha de alumínio

nas costa pra levar ali perto da ponte do Boiadeiro pra arear, sabe? Antigamente as areia ali da ponte era fininha, era uma areia boa pra arear, porque não tinha *Bombril*. A gente levantava era cedo pra ir pra lá pra arear, chegava, ela fiscalizava tudinho. Aprendi muita vivência. Quando dava um tempo eu escapulia pra ir pras festas.

Nessa lida da vida, quando eu era pequenininha, na idade de três, quatro anos, eu sofri uma queimadura horrível, um acidente terrível. Minha mãe foi panhar água no mês de agosto, lá tava muito frio no Café, muito frio, muito frio. Aí ela saiu, foi buscar água, porque lá não tinha água, era cisterna e lá tinha um lugarzinho que tinha água, sabe? Era um poço, mas a água escorria, era corrente, muito cristalina a água. Aí minha mãe foi buscar água de manhã e eu e minha irmã ficou em casa, com o meu irmão caçulinha enrolado nas coberta, por causa do frio. E eu fui pus um banquinho, pus outro banquinho em cima do outro e subi em cima dos banco pra panhar café em cima do fogão à lenha. Eu tava com um vestido, aí no que eu virei assim, na chapa, o vestido pegou na chapa do fogão e me queimou todinho. Figuei toda queimada. Quatro anos, até hoje eu lembro, o fogo pegou na roupa, eu era muita gorda, aí eu batia com as mãos na roupa pra ver se eu apagava, se dava conta de rasgar. Aí eu não consegui, eu ia fritando naquilo, aí ficava só aquele poço de gordura lá no chão. Foi uma dor que eu passei que eu não esqueço mais nunca na vida. Aí saí pra casa dum vizinho e fui entrando porta adentro, ele pegou um pote de água e jogou em mim aí desceu tudo, o fogo com a roupa. Eu passei foi oito meses na folha de banana, minha mãe cortava as folha de banana, sapecava, né? No fogo, murchava elas, aí punha na cama, aí jogava polvilho pra pode me pegar, pra deitar. Tinha que me lavar todinha com sumo de batata pra poder recuperar. Nem comer direito eu podia, tinha que fazer um canudinho, porque quebrou os dentes tudo.

Isso foi uma aprovação na vida, né? Nessa época meu pai já era falecido. Era só eu minha mãe, mais dois irmãos. Na época não tinha muita condição de vida. Eu fui ter vida boa, assim, conhecer as coisas, depois que eu passei a morar com a dona Sebastiana. Por isso eu falo que foi eles que me criaram, que eu não fui uma empregada sabe? Eu fui como criada por eles. Hoje a família que eu tenho é esse povo, gosto deles e faço tudo por eles, se tiver no meu alcance, eu tô com eles.

O seu Edson ele escreveu um livro, ele também é lá do Café. Ele fala as coisas de lá, você pode tirar as coisas de lá igual eu tô te falando aqui.

Tinha uma velhinha que passava medo na gente, a tal de dona Ana. Eu tinha que ir com ela pras fazenda. O marido dela tinha morrido, o dia que ela ia pra fazenda, ela me chamava pra ir pousar lá com ela, pedia pra minha mãe ou então vó Vina. Aí eu ia pousar com ela e ela morava de frente pra casa de vó Vina. Aí chegava lá, mas eu não dormia, passava a noite, só ela dormia, porque ela era acostumada com as assombração dela. De noite diziam que era o marido dela que arrastava as esporas, abria baú, arrastava. A casa lá era de assoalhado, sabe? Era de tábua o chão. Aí a pessoa andava fazia uma barulheira, aí ela falava assim: "Olha, você quieta, porque eu tô com criança dos outros dormindo aqui comigo pra sair bem cedo, pra ir na fazenda pra ver o gado." Aí conversava e conversava, aí a assombração parava, mas aí eu não dormia, eu amanhecia o dia.

Aí de manhã, cinco horas da manhã, a gente levantava. Ela me dava o leite pra mim tomar, tinha um pão. Aí nós ia, tinha que atravessar um rio que chamava Café, sabe? Aí no que nós ia indo, nós via uma tochona duma luzona grandona, tipo farol de carro, vinha até a beira do rio. Aí quando nós estava chegando na beira do rio, aquela luz ia subindo na rampa, um esbarrancado, a água batia no meu joelho. Aí a gente ia subindo e a luz ia subindo junto. Parece que aquela luz ia proposital pra iluminar pra nós passar. Aí nós atravessava, aí quando chegava no curral do vô do Chitão, aí a luz acabava, ali aí não tinha mais. A velha sabia, ela dizia que era o marido dela que vinha fazer assombração pra ela. Assombração em tempo de menino é cruel, não poder agir, antigamente tinha que fazer o que os pais mandava. E não tinha choro e nem vela, era aquela lei seca mesmo. No que eu e a velha ia, tinha aquelas

arvronas grandona, um arvorero, sabe? De repente despencava uma galha de lá de cima e caia lá na frente da gente. Vai essa velha conversar: "Olha, eu vou chegar ali, eu vou acender uma vela pra você e você fica quieto no seu lugar. Você não faz assombração não que senão essa menina não anda mais comigo. Se ela conta isso pra mãe dela, a mãe dela não deixa andar mais comigo. Então você para de tá fazendo essas coisas, deixa eu seguir em paz com essa menina." Aí conversava e conversava. Aí nos morão, bem na cabeça dos morão, ela acendia a vela e aí o velho quietava. A velhinha era mais baixinha do que eu, mas era inteligente, muito inteligente. Aí ela vinha embora pra casa de tardezinha, lá pro Café. Era uma distâncinha longe, acho que eu não cresci mais de tanto andar, porque não era fácil não, caminhar no seco. Era daqui do centro da cidade até naquelas firmas que tem hoje, no terminal ferroviário daqui. Sofri igual *subaco* de aleijado, nossa senhora, o trem foi pesado.

Mas como se diz, estamos aí. Isso aí era toda vez, se ela não levava vela, as árvores quebrava perto da gente, quando não caia na frente, caia atrás. Pra você ver era um galhão grossão, não é dizer que tinha alguém cortando não, caia era galhão sem mais nem menos. Hoje eu posso dizer que vi assombração, eu já senti, passar por uma coisa dessa não é fácil.

Na minha criação, do jeito que foi, comparando com a de vocês, pode dizer que vocês nasceram em berço de ouro meu filho. Ai de mim se eu nascesse pelo menos em berço de prata, já era alguma coisa, passei vida dura nessa minha vida. Criei assim, na base de sofrimento. Meu cunhado mesmo, marido da minha irmã, queria me bater porque ele queria me seduzir. Aí eu fui e contei pra minha irmã, pra dona Judite, que é a mãe do Pedro. Aí ela foi e chamou uns oficial de justiça. Aí ela chamou eles, aí eles foram na casa dela. Nós conversou e eles conversou.

Nossa senhora, passei por muita coisa ruim nessa minha vida. A vida era trabalhar, e trabalhar mesmo.

#### PEDRO ALCÂNTRA GOULART DE MELO

Meu nome completo é Pedro de Alcântra Goulart de Melo. Eu nasci em 46, 1946 de 19 de outubro. Então da idade de oito anos, naquela época por exemplo, os pais castigava mais seus filhos, né? Então os filhos aprendia a trabalhar novo, só não aprendia estudar. Na antiguidade, aquele pessoal não tinha muito capricho, não tinha escola também. É muito difícil aquela época, era um povo bem sertanejo. Aí da minha época pra cá, antes de 46, já tinha escola, mas aquela época era um povo muito atrasado, aquele tempo de roça de toco, a renda vinha era só final de ano. Aí já vendia um milho, um arroz, um feijão, mas era dinheirinho resumido, como se diz? Era o dinheirinho de fazer a feira, né? Tirava o mantimento do gasto e vendia aquela sobrazinha. Quem tinha um bezerro pra vender, às vezes vendia, quem não tinha ficava só com aquilo mesmo. Aí ia tocando a vida assim.

Do mais mente, era serviço braçal. Como diz? No tempo da infância, eu não tive infância na minha criação. Tive foi aprender trabalhar, respeitar os outros, que é o normal. Então, mas a minha vida foi muita sofrida e da idade de 10 até os 20 anos. Pelos 10 anos até os 12 eu trabalhei com meu pai. Na idade de 15 anos que eu já fiquei meio variado ajudando um e outro, e comecei a aprender. Aí comecei a desprezar o velho. Mas de 10 até os 15 anos, eu trabalhei mais o velho na roça, de socar no pilão, de fazer as coisas, tudo que é serviço grosseiro. Eu aprendi tudo com ele.

Aí quando foi uma certa época, meu pai muito fraco de situação, não tinha, como diz? Aquela noção de dar as coisas pros filhos, aí os filhos foi saindo devagarzinho. Eu sou uns dos mais novos, eu saí o derradeiro. Com idade de 15 até 20 anos eu saí na luta de viajar. Daqui pra Presidente Prudente, eu tudo viajei no lombo do cavalo. Aí dos 25 até os 30 anos eu entrei na profissão de carpinteiro, aí eu fiquei naquela de carpintaria e gado, carpintaria e gado. Então quando tinha carpintaria, eu tava trabalhando de carpintaria, quando não tinha, às vezes eu tava na fazenda, tava vacinando, tava viajando, uma viajinha daqui pra ali, tirando os poucos.

Aí depois eu fui pra uma fazenda, trabalhei uns oito anos, naquela época eu tava solteiro, trabalhei lá uns oito anos. Aí enjoei, saí, fui viajar mais uns tempos. Aí em 72 eu casei, aí eu voltei pra mesma fazenda, o rapaz me chamou pra trás. Aí eu trabalhei lá mais 15 anos. Aí ele tava assim, querendo vender a fazenda, que ia mudar e tal. Já não tava dando mais, mas ele foi um bom patrão pra mim, muito bom, eu não tenho nada que achar dele.

Hoje eu não tenho muita coisa porque os pais não dava as explicação, aquela noção da gente trabalhar com dinheiro, mexer com as pessoas, de trabalhar com banco, mas ele até que ele me ajudou, ele foi um excelente patrão, eu gosto dele até hoje. Uma vez ele me chamou de volta, pra mim trabalhar na fazenda dele depois, mas olha o que aconteceu: minha mãe naquela época tava muito doente e lá é longe, é difícil. Eu: "Ah! Eu não vou não, vou ficar por aqui mesmo, porque qualquer coisa é comigo isso." A gente espera com certeza é a morte, é o que a gente não quer, mas sempre acontece.

Aí eu vivi oito anos com a esposa. Dos oito pros nove, aí Deus tirou ela. Aí eu fiquei um ano solteiro, com as crianças pequena, aí eu resolvi casar de novo: "Eu vou ter que casar, senão como é que eu faço? Com esses meninos tudo pequeno, na casa da vó." Era custoso, eu ia lá pra ver eles, eles tava lá em Mineiros e eu trabalhava aqui em uma fazenda. Eu ia lá pra ver eles, eles ficava chorando pra vim comigo, aquilo eu saía embuchado. Aí quando deu um ano e dois meses eu fui lá pra ver eles, achei eles muito sofrido, com a vó e tia judiando. Eu falei: "Bom, o negócio é o seguinte: eu vou pro serviço, quando se diz, no que vier uma pessoa que topar ajudar a criar esse meninos, eu vou explicar pra ela como que é a situação e aí nós vamos acabar vivendo juntos. Se ela tiver algum filho também, eu vou, ajudo a criar os dela e ela me ajuda a criar os meu." Aí me casei de novo e hoje nós tá com 28 anos que nós vévi juntos. Graças a Deus nós vévi bem, ela é muita trabalhadeira. Nós se gosta bastante, me ajudou a criar os meninos, não foi má com meus filhos de jeito nenhum. Ela foi uma ótima mãe, uma boa madrasta. Ela sofreu muito. Hoje ela vive muita sofrida com os filhos, que os filhos importa muito pouco, mas isso é natural. Difícil ter um pai que um filho que ajuda o pai.

Hoje eu já tô, como se diz? Velho, cansado já, aborrecido, né? Mas é... como se diz? Enquanto tiver de lutar eu tô lutando. Aí eu tenho dois anos que eu tô no grupo da Melhor Idade, tô sentindo bem, um povo amigo, tô satisfeito. Ainda me deram aquele cargo do som aí, então vai indo. Eu gosto muito de bater uma violinha, lá de vez em quando acontece.

Então, na minha infância, eu fui muito sofrido, lutei muito com gado, posei muito em baixeiro molhado. Nos primeiros trabalho meu, nas viagem, eu não tinha boa tráia, eu sofria muito com tráia ruim. Hoje eu tenho minha tráia. Sinto saudade, aquela paixão, vejo meus trem lá guardado, eu lembro de antes. Minha peiteira tá lá, dependurada, tá apodrecendo, esse ano eu até falei: "Quando começar as água outra vez, vou arrumar um couro e vou dar uma arrumada na minha tráia e deixar ela mais uns tempos arrumada".

Mas as coisas é o seguinte: a gente vai fazendo uma carpintaria na cidade mesmo, porque fazenda hoje é o seguinte: além da idade, tem que trabalhar de carteira assinada, eu aposentei por invalideza, então não posso assinar a carteira. E os patrão não quer também mais idoso na fazenda, porque aguenta muito pouco, trabalha uns dois, três anos, já tem que sair. Aí pra eles já não é vantagem, então quer uma pessoa mais jovem que aguenta mais

serviço. Hoje por exemplo, você vai pra fazenda eles falam: "Você tem que tirar leite de quatro vaca e olhar meus quatro capado que eu tenho." Ah! Mas quando você chega lá, tem uma cerca pra arrumar, ele põe uns 20 capado pra engorda, você tem que cuidar. Ele compra mais um gado e você tem que olhar, aí ele resolve achar você bom pra tirar leite, aí põe umas 20 vaca aqui pra tirar leite. Aí vai aumentando, aumenta serviço, levantava seis horas e tem que levantar quatro. E por assim por diante, vai aumentando a mão-de-obra, mas o salário não aumenta, né?

Teve uma época que eu tive lá perto da divisa do Amazonas e eu tinha uma roça ali e essa roça deu bastante feijão, plantei ali feijão, foi eu e meu companheiro. Tá velhinho hoje. Os primeiros passos da carpintaria foi ele que me ensinou. Aí eu fui um dia ali e empanei mais um cara aqui e ele falou: "Lá pro lado do Rio das Mortes você acha umas terras barata." Então, naquela influência de melhorar a vida, fui pra lá pra comprar umas terra e foi a pior viagem que eu fiz, pior viagem que eu fiz, que lá até correr de bororo lá, foi preciso de eu correr. Tinha muito bororo naquela época sabe? E eu fui pra lá e figuei na fazenda cuidando dos trem do patrão, e ele arrumou uma confusão com um funcionário dele e foi preciso dele ir pra Cuiabá resolver. Foi preciso de eu que emprestar um pouco de dinheiro pra ele. Então naquela época, é vinte mil, naquela época era vinte conto. Hoje é vinte mil reais, então eu emprestei pra ele 15 conto, 15 mil cruzeiro, assim, que eu levei pra comprar as terras lá. Ele já tinha uma terra, então eu ia comprar uma terra vizinha dele, ele disse que me ajudava. Naquela época, ele queria os vinte mil e eu não dei, dei só os 15, se eu empresto pra ele tudo, eu nem vir embora eu não podia. Eu já tava lá em Paranatinga. Aí eu emprestei 15 mil cruzeiro pra ele, pra ele poder pagar a despesa que ele fez com o rapaz lá. E aí o que acontece, ele foi me pagando de 500 em 500, quando ele dava muito era mil. Até que ele pagou tudo, mas foi pagando nesse jeito, sabe? Ele deu uma quebradeira danada, aí descontrolou e ele tinha muito dinheiro, mas era pra lá. Mas com esse problema... E foi assim dessa maneira até que eu recebi tudo, mas acabei com dinheiro e não fiz nada. Ele gueria mandar o funcionário dele embora sem direito a nada, e eles tinha um danado de um contrato. O rapaz foi lá em Cuiabá e ferrou ele, e aí a justiça foi lá atrás dele, levou ele, ele ficou preso lá uns três dias. Depois ele pagou a fiança, falou que ia pagar o rapaz, que ia acertar tudo direitinho, aí acabou.

Nessa imbruiada, eu fui pra lá pra voltar com 60 dias, fiquei seis meses alongado pra lá. Vixi! Lá é um lugar custoso demais. De Rondonópolis à Paranatinga, nós foi em um caminhão que levava tambor de óleo pra abastecer posto lá. Foi encravando, pousando nas estrada, nós ficou pousando três noite pra chegar. Não tinha estrada, tudo aberto na mão, aquele sertãozão danado, tudo era custoso. O caminhão não tinha porta, passava dentro do rio, era aquela mão-de-obra, aquela coisa sofrido, eu falei: "Não, viajar a cavalo é muito melhor que esses caminhão de vocês, muito mais fácil" Nós viajava daqui pra Presidente Prudente não tinha essa mão-de-obra não. A mão-de-obra é que nós pousava nos matos. Mas era bom aquela farra da boa, companheiragem.

Nessas ida pra Presidente Prudente, levei muita boiada ali, era bom demais. Era uma farra, nós fazia catira nas pousada, nas barracas onde nós dormia, nós dormia nas fazenda. Tinha uns catingueiro bom, levava viola nas bruacas. Quando era de tarde que nós jantava e já colocava a catira e vamos embora. Nós cantava, as meninas das fazenda vinham pra perto de nós e nós metia o pau. Eu lembro de muita coisa, mas como diz? Hoje a gente já perdeu o repertório. Mas aí tinha um rapaz, que cantava assim:

Morena bonita de muita finança seu jeito moreno é de confiança vai nascendo a rosa que o vento balança no galho mais alto que ninguém arcança ama um e ama outro pensando que não me ofende mas esse nosso amor parecendo uma (...) que abaixa e suspende minha viola repicando no coração das morena.

Minha cama é de pena e meu lençol de piedade Travesseiro de suspiro e fronha de matar saudade menina me dá um abraço pra mim é uma atividade.

Aí nós cantava a noite toda até às 11 horas. Aí nós ia dormir que nós tinha que sair de madrugada. Aí nós jantava ali pras oito, acabava de arrumar a cozinha: "Vamos fazer uma catirinha aqui? Cantar umas moda?" e nós: "Vamos uai." Aí nós cantava uma moda de viola ali, fazia umas catira, aí ia dormir. Aí cedo era aquele tinino. Arrumando, aí nós já tomava um café também, já tocava aqueles gado na estrada também. Era o dia inteirinho aquele negócio, passo a passo até chegar no outro pouso. Aquilo era farra boa, um contava causo, um contava piada, daquela menina que ficou lá atrás, aquelas coisa. E assim por diante que nós ia rodando, então naquela época, daquele tempo, era uma vida boa, divestida.

Agora o povo fala que as coisas tá difícil, mas não tá não. Hoje tá bem mais fácil, hoje tudo você faz dinheiro, sabe? E tem muita coisa que você ganha, que antes não ganhava, hoje tem cesta-base, tem plano de saúde, naquela época era tudo no dinheiro. Farmacêutico era muito difícil, o povo tratava mais com raizada, casca de pau. Hoje nós tem médico na cidade, nos posto, pra tudo quanto é lado, nós tem a facilidade. Antigamente era só no lombo do burro, de a pé. Hoje o veículo mais ruim que tem é a bicicleta, no instantinho você vai ali do outro lado e volta. Chega onde quiser. Você não pode comprar um carro à vista, compra no consórcio, vai pagando ele de pouco. Vai ficando velho, você troca ele, tem seguro, pra segurar o carro.

Mas de modo que minha agenda foi assim, sofrida sabe, desde menino sempre lutando, trabalhando, mas agradeço muito meus pais. Ele não me deu estudo, foi o que eu clamo deles, mas eles também não teve... Eu também, por exemplo, não dei estudo suficiente pros meus filhos, porque eu não tive. Na época de eles estudar também, eu não tinha, mas hoje facilitou mais. E aí essas poucas palavras que eu dediquei, deu pelo menos uma página do livro.

Nós era em seis irmão. Meu pai chama Rodolfo Leodato, minha mãe chama Ana Dutra de Oliveira. Já todos falecidos. Eu, por exemplo, eu nasci numa chácara ali, aí da chácara, eu vim pra cidade. Meu pai morreu na chácara, minha mãe já morreu em Portelândia e aí da chácara eu vim pra cá. Aí daqui eu andei pra muitos lugar, mas eu sou filho daqui, sou nascido e criado aqui.

Eu faço muita coisa da marcenaria, mas por causa das ferramentas, eu não tenho. E pra dar aquela montada, então pra mim fazer na mão, é mais mão-de-obra. Agora na parte de carpinteiro, eu mexo com travamento, faço mata burro, porteira, curral, eu monto tronco, eu mexo com ponte. Eu fazia, por exemplo, um guarda-roupa, eu já fiz um, mas eu ia lá pra marcenaria pra acabar. Alguma cadeira, assim, eu faço, não sendo muita refinada pra acabar, por exemplo, essas aí tudo eu que fiz. Banquinho mais simples, tamborete, a gente monta aqui mesmo, mas quando é um trem mais acabado, tem um acabamento mais rústico, aí eu levo pra marcenaria.

Eu passei a sofrer da coluna e depois sofri um acidente, perdi uma vista. Aí com isso começou a prejudicar muito aqui na garganta. Aí chega torceu a coluna, aí deu um problema na coluna e deu uma hérnia de disco, foi com que me aposentou, porque pela vista ele não me aposentava. Eu fui amolar uma enxó e eu creio que ele era uma peça fina. E eu creio que ela já estava estourada, aí quando eu trisquei a enxó na máquina, ela já tava funcionando, tava ligado. Quando eu trisquei a enxó na máquina, arrebentou, aí já veio um pedaço em mim, já me cortou tudo, arrebentou o olhos, quebrou os dentes tudo. Cortou a garganta, foi violenta a pancada. Aí arrancou esse pedaço de osso aqui em cima, deu uma dor danada. Aí já correu

comigo pro hospital, quando foi seis horas, eu tava saindo pra Goiânia. Aí cheguei em Goiânia esgotando um derradeiro sangue, mas aí eu consegui a mando de Deus mais uma vida pra mim, que eu fiquei três dias na UTI. A minha esposa passou um sufoco danado comigo lá. Mas graças a Deus, porque ela tem essa disposição, essa força de vontade, ela foi e me acompanhou até na última hora lá, mas com a graça de Deus eu escapei e tô aí lutando mais ela, pelejando.

Criei os meninos que tava tudo pequeno na época ainda, agora tá tudo casado. Ela tem um filho que eu ajudei criar, mas ela tem mais, ela tem mais quatro, mas já tinha esparramado. Com ela só tinha um, o mais novo dela tava junto com ela ainda, aí foi criado junto, no amor, combina, nunca teve intriga, graças a Deus. Nós conseguiu juntar, deu certo, tá com 28 anos juntos graças a Deus.

É assim, aconteceu assim, por essa forma, passou isso e isso.

Mas hoje o repertório tava meio pouco, mas eu acho que dá pra você fazer. Dá pro gasto. Eu tenho saudade da minha infância, da minha luta, que eu fazia, por exemplo, mexia muito com gado, domei muita tropa. Aquilo pra mim, eu tinha muita satisfação de correr atrás de uma bezerra e laçar ela por precisão, eu não gostava de correr à toa, quando a gente montava o bicho saía pulando. Aquilo tudo pra mim era farra, tudo era diversão. Quando eu sabia que tinha um animal meio enfuzado numa fazenda, eu ia pra lá, chegava lá, eles falava: "Você quer experimentar ele?" Eu: "Quero, eu vou dar uma volta nele, pra mim ver qual é de nós dois o que aguenta o outro." E eu graças a Deus, eu sempre dei sorte, vitorioso, sempre saía com vantagem, nunca levei desvantagem não. Só uma vez, a única desvantagem que eu tive uma vez, foi com um burro chamado Cuiudo. Aí eu montei nele e ele disparou comigo, nós deu um pouco de pau, aí eu vi que o negócio não ia ficar muito bom, derrubei ele, dei uma cacetada na cabeça dele. Aí ele caiu em riba da minha perna, não deu tempo de pular fora, mas não machucou. Aí eu trouxe ele pra trás, ele é meio pirracento. Quando ele entrou no curral, ele tornou a pular comigo e eu tornei a bater nele e ele caiu comigo em riba de um colchete e quebrou minha perna. Aí estralou assim, estralou a perna, ele viu que não ia dar jeito comigo, eu era muito pirracento também. Aí ele caiu comigo em riba de um colchete, foi a única desvantagem que eu levei. É que não deu pra mim pular fora e tava muito pesado comigo. O burro ele não cai, ele não cai com a gente, mas aquele burro era muito pirracento. Ele viu que não tinha jeito, era um burrão danado de grande, isso foi ali na fazenda São Vicente barreando com o Alto Garças ali. Ela fica meio a direita, tem um corguinho ali com o nome de Pontena.

Mas eu tenho saudade do meu tempo de infância, da minha luta, de gado, dos companheiro, mas é como diz? Aquilo é uma infância que não volta mais, se já foi, acabou. Hoje nem tá tendo aquele traquejo de boiada, aquelas comitiva que viajava com bruaca. Hoje já é tudo mais fácil. Antigamente tinha aqueles burro de cargueiro, era dois cozinheiro, eles punha aquela bruaca trelada em cima da tropa, carregava lenha, ali nós carregava viola, tráia de dormir, tudo naquelas bruaca. Aquilo nós vivia, todo dia descia aquilo, botava de novo, pousava numa fazenda, saía cedo. Quando dava conta do almoço, descia a tráia, arrumava o almoço pra nós, nós chegava e almoçava. Aí ajudava a montar a comitiva, aí arreava a tropa de novo, quando era de tarde descia a bruaca de novo, aí pousava. Aí ia fazer a janta pra nós. Aí no outro dia nós arreava a tropa cedo de novo.

Tinha umas bruaca que ia carregar corda, pra fazer curral de corda na estrada, naquela época era difícil, não tinha corredor, fazenda muita longe da outra. Quando nós pousava numa fazenda e demorava alcançar outra, tinha que pousar no meio da estrada e tinha que fazer curral de corda. Aí colocava a boiada lá dentro. Aí ficava uma turma acordada e outra dormindo. Aí quando era uma hora da madrugada, aí aqueles outros que tava em pé ia dormir e levantava aqueles outros pra rondar o gado. Aí ficava na expectativa, se sair o boi tava cuidando. Ficava ali uns três, quatro companheiro pra cuidar e os outros ia dormir, isso chama

ronda viva. Quando não tinha jeito, não tinha jeito de fazer curral de corda, nós pousava todo mundo de ronda viva. Aí aquela farra danada, aí nós ia cantar, tocar viola e inventar moda, curtir as treta, fazer marvadeza com os outros na brincadeira. Um ia armar rede, saía, nós ia lá e desatava o nó da corda, ia sentar, a rede caia com ele, mas não tinha nada ruindade não, era só brincadeira mesmo.

Eu gostaria de deixar para as pessoas que vão ler esse livro, deixar bastante a honestidade e a pessoa ser sincera com os negócio, tratar e cumprir, nunca desfazer dos outros que nós não tem ninguém melhor que o outro. A única coisa que pode ser é na força, às vezes você pega um peso que eu não pego. Você pode às vezes ter mais bens do que eu, mais dinheiro. Então isso, você é melhor que eu, mas sobre na irmandade, não tem ninguém melhor que o outro. Nós somos todos igual e uma coisa que não deve ter, é orgulho um do outro. A pessoa quanto mais orgulhoso, mais ele padece. Se caso um dia ele adoecer, Deus castiga ele.

Uma coisa que eu acho muito ruim é uma pessoa falar assim: "Fulano é ruim pra pagar, fulano não cumpre trato." Então sempre falo isso pra minha família, detalhe pra minha família, você só não é obrigado a tratar, mas se você fez o compromisso, você tem que cumprir. Às vezes na hora você não consegue pagar no dia, na hora. Mas você vai lá, dá uma conversada com a pessoa, fala: "Fulano eu vou te pagar tal dia, eu honro meus compromisso, mas agora eu não posso, eu vim cá te avisar pra você não fazer compromisso com o dinheiro, porque agora eu não posso, eu recebendo outro dinheiro lá, eu venho trazer pra você." Nunca pensar em dar o cano. Tem que trabalhar em cima da honestidade, nunca desejar o que é o dos outros, não pode ter inveja do que uma pessoa pissói.

Então de modos que é isso aí, eu deixo essa homenagem pros meninos, pra quem pegar o livro e ler, é procurar sempre trabalhar na honestidade, não ter inveja de um ou de outro. Procurar muita amizade. Porque tem hora que vale mais uma amizade na praça que dinheiro na caixa. Porque às vezes você tem o dinheiro e não acha o objeto pra comprar, porque já aconteceu comigo e você sendo meu amigo, talvez você me arruma, me empresta. Então essa parte aí.

Eu gostaria que você seja feliz com seu trabalho. Que essas mensagem, alguma coisa seja aproveitada. É muito prazer e felicidade e deixo aqui meu abraço com muita saudade.

#### PEDRO PORFÍRIO SOBRINHO

Eu aqui eu assisti muita coisa, né? Aqui eu assisti a Revolução Morbeck versus o Carvalhinho, que era dois chefe disputando o poderio de região. Você sabe como que é! A minha primeira professora foi a mulher do Morbeck, professora Arlinda Pessoa Morbeck e depois a outra professora foi Petrolina da Costa. Essa deve ta aí com uns 90 anos por aí.

Nós era em 19 irmãos, de um pai e uma mãe só. Meu pai era João Porfírio Berigo. Minha mãe, Ernestina Francisca Berigo. E nós era 14 homem e cinco mulheres. Foi criado tudo aqui. Vivos, nós temos ainda cinco. Lembro um pouco dos nomes, era Pedro, Osvaldo, João, Juarez, Neuracir, Deusdete, Antônio, Elcí, José. Das mulher: Amélia, Darci, Doraci, Elza e Maria.

Da infância eu lembro de muita coisa. Nós tomava banho, começava lá em cima do rio. Nós descia de câmara de ar dali até lá no praia. Não era só nós não, tinha os meninos do Benedito Nunes, que era o Gabriel, o Tonico, o Miguel e outros mais. Descia ali, descia pelo Boiadeiro, nós tinha uma brincadeira. Tinha que alcançar o outro na água, nadando e bater na

cabeça e dali já saía correndo atrás do outro. Eu lembro ali no Boiadeiro tinha um Cabo, Cabo Ribeiro, era aposentado da polícia militar. E nós tomando banho lá eu encontrei uma cobra grande no Boiadeiro e tinha muito coval em cima da água, assim, quando eu vi tava de frente com a cobra, quando vi ela eu falei: "Vixi! Vou mergulhar que ela passa por cima." Mergulhei e ela mergulhou também. Nós encontrou lá embaixo, eu vim pra cima, ela veio também. Aí ela revolveu passar, passou e passou aqui no meu ombro, pesada. Ali naquela luta vai lá e vem aqui, eu machuquei esse dedo aqui, não sei se foi a unha, só sei que deu uma esfoladinha assim, mas quando eu saí lá fora da luta eu: "Vixi! A cobra me pegou." Vim embora, aí chegando ali, naquela esquina onde funcionava a *Cemat*, faz tempo e ali eu vinha chorando, eu era pequeno, aí o cara perguntou: "O que que foi Pedro?" Eu: "Uma cobra me mordeu." Ele: "Vem cá, deixa eu ver." Aí eu fui lá e mostrei pra ele: "Toma vergonha rapaz, que cobra? Isso foi um esfoladinho que você deu em outra coisa." Aí eu sarei na hora e voltei e fui tomar banhar de novo.

Eu lembro de muita coisa. Naquela época da revolução Morbeck versus Carvalhinho eu era muito, muito levado. Minha mãe me levou lá na dona Arlinda. Ela era professora, só que era particular. Aí ela falou: "Dona Arlinda, eu vim pra senhora dá uma lição pra esse menino, ele tá me dando trabalho demais, ele precisa estudar." Aí ela falou: "Eu cobro cinco reais por mês." Aí ela falou: "Tá, você pode ensinar." Aí ela deu pra mim comprar um lápis, eu lembro até a marca do lápis, Von Faber. Aí eu fui, ela falou: "Vai lá na loja do Carvalhinho comprar." Aí eu fui lá comprar. Cheguei lá comprei uma Cartilha da Infância, cujo autor era Felisberto de Carvalho. Aí comprei a cartilha, o lápis, e trouxe pra ela. Ela pegou e falou: "É essa mesmo Pedro, você vai estudar. As primeiras letras vão ser essas aqui. É cinco letras primeiro, são as vogais. Muito bem." Aí abriu a cartilha, aí mostrou "A, E, I, O, U." Aí tinha um gurizinhos, cada um com um pauzinho carregando o "A", o "E", o "I", o "O" e o "U." Ela falou: "Qual dessas letras que é a mais pesadas?" Eu: "Eu não sei." Não tinha noção, três anos, mas a cartilha eu já comprei em 1930. Aí ela falou: "É o 'O.' Mais pesado é o 'O.' Você veja bem aí, as crianças cada um vai levando uma letra, o 'O' precisa de quatro criancinha. O 'O' tem o círculo fechado, por isso que ele é o mais pesado." Aí ficou nisso, a letra mais pesada no alfabeto é o 'O.' Aí eu empolguei e no outro dia, eu procurei um rapaz, mais novo que eu, mas estudou com a professora Nila, estudou no Colégio dos Padres. E aí ele não soube. Eu: "Ah! Você não sabe nada."

Eu fiz só o segundo grau. A professora Arlinda foi a primeira professora de Alto Araguaia. Ela era jornalista, formada lá pela Bahia, ela era baiana, eu sei que naquele tempo era governador do estado Pedro Celestino Corrêa da Costa e Mário Corrêa da Costa era irmão dele. O Mário, com a revolução do Getúlio, deixou de ser governador porque Getúlio nomeou o Pedro Celestino que era da mesma política dele. O Mário era de outro, ele dava apoio pro Carvalhinho. O Pedro Celestino dava apoio pro Morbeck.

Aí o Mário mandou trazer um caminhão aqui de água, caminhão 29. Teve que passar por Campo Grande, Três Lagoas pra chegar aqui, porque não vinha por aqui, que a tropa do Morbeck prendia e tomava. O Morbeck descobriu que eles vinham e mandou daqui o Zé Pé Grande, que era um chefe de confiança do Morbeck, morava ali onde mora o Cleodon. E, então eles foram lá pra Lagoa, Lagoa do Sapo, descendo, eles ficaram na margem direita da Lagoa. Tinha uma estradinha, que vinha lá de Taquari pra vim pra cá, era umas coisinha muito porcaria, mas vinha pra ir pra Guiratinga. Lá eles cercaram o caminhão, era selva, o capim era alto. Eles deitou lá e pra tomar o caminhão, mas eles já vinha sabendo, já vinha prevenido.

Quando chegou, que eles levantou, já recebeu bala, aí morreu o Zé Pé Grande e mais dois. Olha eles era doze, os outros correram, né? E caíram no pântano, lá no Sapo. Aí foi luta de fuzil, carabina. Lá ficou nove, dentro da mata, dentro da pindaíba. E aí eles ficou lá até

acabar de escurecer. Na hora que escureceu, viu que não tinha ninguém, saíram e vieram embora a pé, e na onde os três morreram nasceu uma arvorezinha, chama Pingo do Cerrado.

Penduraram os três ali de cabeça pra baixo. Os que correram, teve um que tropeçou num cupim e rebentou o pé, mas ele mesmo assim, continuou correndo e veio embora. E aí passou tempo, quando eu fui nomeado fiscal de renda do estado, eu fui fiscalizar o Eupídes Ribeiro aqui no Araguainha. E lá na hora do almoço ele tava levantando o gado dele. Aí apareceu aqueles peão, e aí eu vi que tinha um Pedro lá que tinha um dedo em cima do dedão do pé. Eu falei: "Uai, o que é isso aí?" Ele: "Ah! Seu Pedro, isso aqui é o lucro da revolução do Morbeck e do Carvalhinho. Eu tava numa turma pra tombar um caminhão de bala e armamento do Carvalhinho lá na Lagoa do Sapo, ao invés de nós atacar, nós foi atacado."

Aí quando Getúlio ganhou a reeleição pra presidente da República, começou a perseguir esse tipo de jagunço, de matança de disputa de poderes de região. Meu pai saiu corrido daqui, porque meu pai era um jagunço do Morbeck, meu pai, o João Segundo, Quintinho e Antônio Magalhães, apelidado como Antônio Moage. Quem comandava essa turma era o Ondino Rodrigues. Eu lembro direitinho, o Major Castro apoiava o Carvalhinho e lá na casa do Major Castro, ali onde tava o Fernando, chamava Casa das Mangueiras. Depois que eu saí da Dona Arlinda, eu fui pro mestre Ângelo, fiquei muito tempo com ele, depois veio o internato dos padre e das irmã. Ali nos padres, chegou a ter 300, 250 alunos, interno de Jataí, Rio Verde, de Guiratinga, Poxoréo, tudo quanto era lugar.

Nós morava ali na 24 de fevereiro, ficamos ali mais ou menos uns 25 anos. Sobre meu pai, foi o seguinte: todo mundo correu, porque aí não tinha proteção mais. Meu pai foi parar em Camapuã, o João Segundo correu também, o Quintinho correu também. Aí aquela tropa de jagunço sumiu tudo. Isso, Getúlio chamava de Captura. Polícia no Brasil inteiro caçando esses jagunços, Carvalhinho, Morbeck, todo mundo. Lá pro lado do Taquari, a polícia matou uns três. Aí meu pai ficou pra lá, ficou, ficou, quando cessou, ele voltou. Foi quando nós passamos lá beirando a Lagoa a cavalo, nós vinha de Camapuã a cavalo, e minha mãe já tava gestante, e tinha os meninos pequeno, e não tinha como minha mãe ir. E aí ficou esperando o Barroca, que era uns dos motorista do caminhãozinho pra trazer minha mãe. E ele veio a cavalo com meu pai, e quando nós chegamos na beira da Lagoa ele falou: "Vou te mostrar uma coisa que aconteceu aqui." Quando chegou assim, aquelas ossada no chão, aqueles ossos de cabeça, aí meu pai falou: "Olha, só sobrou o pé do Zé Pé Grande." Um pezão moço. Aí nós viemos pra cá e ficamos até hoje. O jagunçada do Major Carlos, era Mané Sapo, Mané Gago, João Cuiabano, João Emiliano, era uns oito. Do lado do Ondino era João Porfírio, João Alves Ferreira, Quintinho Monteiro Magalhães, Antônio Moage, Zé Pé Grande.

Eu era criança. De vez em quando, depois da revolução, eu minha mãe fomos lá na Usina, fomos comprar leite. Quando nós já ia embora, escutou um estouro, pertinho lá, e veio aquela catinga e veio aquele mau cheiro terrível, aí minha mãe: "Uai dona, que negócio é esse? Que mal cheiro é esse?" Ela falou: "Ah! Dona Ernestina, aqui quase todo dia acontece isso." Aí ela levou a gente lá fora, minha mãe saiu e eu fui junto. Aí mostrou lá tinha um corpo boiando. Ela falou que sempre parava os corpos ali, uns passava, outros não. Uns estouravam.

Antônio Novo, esse já foi bem depois da revolução. Roubaram uns cavalo dele, ele tinha uma olaria e foram alcançar o cara lá no Taquari. Foi um genro dele com ele. Pegaram o cara, foram chegando meteram a carabina na cara do ladrão. Aí o ladrão falou: "Uai, mas pra me prender precisa ter aquele tanto de gente?" Quando Antônio virou a cabeça pra olhar, o ladrão meteu um tiro bem na cabeça dele. Ele caiu. O genro montou na garupa do cavalo e vazou.

Eu lembro de bastante coisa, ali onde era a farmácia *Rosam*, tinha um mata-burro. Rapaz, devia medir uns 20 metros porque ali era um atoleiro danado, era alto. Na beirada da ponte do boiadeiro, tinha o posto fiscal. Quando eu fui nomeado fiscal eu trabalhei lá.

Tinha um chamado Troca-Tiro. Ele quando chegava lá, ele começava a buzinar de longe, tinha que suspender o pau pra ele passar. Todos guarda tinha medo dele, porque o nome já era Troca-Tiro. E eu também tinha medo dele, quando eu fui nomeado eu fiquei com medo também. Aí queria acabar com aquilo. Vou ficar ali esperando, ele veio, veio, veio, buzinando, até que quase bateu naquele pau. Ele: "Uai, não vai abrir isso aqui não?" Eu: "Não, vai abrir não. Você tem ordem aí pra abrir isso aí? Você tem que ter autorização?" Ele: "Não." Eu: "Então espera aí, que nós vamos revistar aí." Vimos os registros, desceu todo mundo, revistamos. Ele "Ah! Mas nós não tem nada, nós precisa viajar." Aí liberei: "A estrada tá aí, pode ir embora. Troca-Tiro é só você não trocar mais tiro por aqui, pode ir".

O pessoal do Morbeck prendeu ele aqui, e levou lá pra Usina, pra metralhar ele lá. Já caia dentro do rio, lá embaixo. Quando eles manobrou o fuzil, ele com as mãos amarrada pra trás. Quando ele escutou a manobra do fuzil, pulou lá dentro, pulou e rodou embaixo, a água joga você numa areinha que tem lá embaixo, e a água levou ele sentado na areia, ele ficou lá esfregando o braço no outro, desamarrou. Ele subiu e foi parar lá na chácara antiga que era do Seu Rodolfo. Lá achou meu vô e ele pro meu avô: "Porfírio você gosta do Morbeck, não gosta?" Ele: "Pois é, você fala pra ele, que eu mandei falar pra ele, que quando ele for fazer ponte no rio Araguaia, mandar tirar a aroeira que eu não sou aroeira não, mas tô indo embora" e vazou.

Ali no rio Araguaia tem um lugar lá chamado "morredor." Ali nunca entrou um sujeito que não conhecia que não morresse. Era um rebojo. Uma vez chegou o professor Aristóteles aqui, bom de água, nadava com a mão fechada, ninguém nadava com ele. E aí ele ficou sabendo disso, do rebojo, ele falou pra nós no colégio, na hora da aula: "Diz que aqui tem um tal de "morredor", que a gente entra lá e não volta no mesmo lugar? Eu vou mostrar pra vocês que eu volto." Eu falei: "Não professor, você vai morrer lá." Ele falou: "Não, eu volto." E foi, chegou lá, nadou, nadou, nadou, quando ele viu que não voltava mesmo, deixou a água levar ele e ele voltou. Saiu, mas assim, não daqui onde ele falou que saía. Mas era desse jeito, mas agora se mudou. Se já sumiu o "morredor" eu não sei, mas que morreu muita gente lá, morreu.

Eu nunca casei, eu sou solteiro até hoje. Morei com a primeira mulher uns vinte e tantos ou trinta anos, aí ela morreu. Agora eu moro com essa, agora, já tem... Quantos anos mulher, que nós tá juntos? Isso, onze anos. Só tive uma filha, tem outro menino, diz que é meu filho, mas eu ainda tô na dúvida, tá fazendo aí o DNA.

Quando guri, eu era carreiro, tropeiro, carregador de carga. Tropeiro que levava oito, dez burro com carga, chamava cangalha e bruaca. Você enche de um lado, enche do outro e sobe: esse é o tropeiro. Outro dia mesmo, tinha um velho conversando, eu falei que eu fui tropeiro. Aí ele falou assim pra mim: "Vou ver se o senhor foi tropeiro mesmo." Porque também ele era velho. Falei: "Pode procurar." Ele: "Como é que chama aquele negócio que joga em cima do cargueiro assim?" Falei: "Arrocho." Ele: "Você foi tropeiro." Eu fui fiscal de renda do estado de Mato Grosso, fiquei lá trinta e oito anos e meio. Sou aposentado hoje pelo estado. Fiscalizei no Mato Grosso do Sul, Mato Grosso.

Moço eu vi foi muita gente que morreu matado. Ali na *Rosam*, bem em frente ali, tinha um jagunço do salgueiro, que trazia sal do Corrente, o salgueiro também tinha uma jagunçada, mas matava muita gente também. Aí matou um tenente preto que veio de Cuiabá e deixou lá, o tenente já tava inchado e falou que aquele tenente era pra urubu comer, porque era pra dar exemplo. Aí o Pedro Celestino mandou pra cá um sargento por nome José Rodrigues, aí o sargento chegou aqui e tava aquele boato: o urubu vai comer o tenente preto.

Aí o sargento mandou falar pro salgueiro que no outro dia, ele ia enterrar o sargento preto e foi sozinho lá, pegou o corpo do tenente preto, nem sei do que, se foi de carro de boi, se arrumou algum carro. Eu era muito criança, eu não lembro, você sabe como é que é, né? Aí enterrou, não sei se foi nesse cemitério, ou lá do da Santa Rita, sei que enterrou. Bom,

enterrou, acabou o boato, quietou. Três dias depois o cara que tinha matado o sargento preto veio numa mula de lá pra cá, o sargento tava morando, perto ali do restaurante *Pantanal*. Aí ele passou lá dando tiro, pegou uma 38, chapeuzão preto foi lá no praia, deu água pra mula de mentira e voltou de lá pra cá com dois revólver. Na hora que ele foi passar na porta do sargento, o sargento saiu de lá, pegou na reta da mula, deu um tiro, pegou bem na testa dele, jogou o chapéu e ele caiu de costa e a mula vazou.

Aí tinha um cara chamado Martins Caminhão, chamava assim porque carregava longe um engradado de cerveja cheia nas costas. Aí mandaram o Martins falar: "Vai lá e fala pro salgueiro que o peão de confiança dele tá morto aqui na porta do sargento, tem que mandar enterrar porque se ele não mandar enterrar, eu não vou deixar urubu comer ele não, eu vou enterrar." Pois não veio ninguém, ele enterrou.

Ali onde é o hospital do Wilson, eu era guri. Nós ia brincar ali dentro das trincheiras, fundas. Enchia uns imbornado de cartucho vazio de carabina, de fuzil. Aí enchia. Diamante tinha demais, essa briga começou lá em Poxoréo, no Garimpo das Pombas. Então eles começaram lá por isso, a maior parte dos garimpeiros lá, era maranhense ou nordestino. Eles vinham pra cá. Dava diamante demais, era muito garimpeiro, então eles começaram essa briga, os garimpeiro entre si, por causa do garimpo. Aí o Morbeck que era baiano, deu apoio aos baianos e o Carvalhinho deu apoio ao lado onde tinha muito maranhense e lá começou lá essa briga. Naquela época, o povo perguntava: "Como que o Morbeck e o Carvalhinho sustentou essa revolução?" É muito fácil: Ananias Davi, Antônio Afonso de Melo e outros fazendeiros mais, do lado de Santa Rita. Do lado de Goiás, tinha Manoel Rocha, os Vieira, Nicomedes, José Bernardes, Antônio Bernardes, tudo dava tudo apoio pra essa gente. O que não mandava jagunçada, dava arroz, feijão, dava boi gordo, vaca gorda, tudo. Facilitava a tropa, o José Morbeck era compadre do Davi, oferecia ajuda e tudo era do baixo do pano, mas recebia. Passava carregamento pro Morbeck, pro Carvalhinho porque senão, não dava conta. Era uma jagunçada querendo comer, dormir.

Eu não lembro quanto tempo durou essa briga, logo que surgiu a revolução lá do Rio Grande do Sul, aí acabou. Getúlio entrou e caçou a jagunçada. Eu lembro de uma história, que lá do lado do Sul veio um fulano, um tal de Paiva. Ele fez uns trem pra lá e veio corrido pra cá, e trazia um guri na garupa. Aí chegou ali no Rio Sucuri, ele ia atravessar uma ponte que tinha, e lá tinha um tal de Correntino. Correntino era uma cruza de paraguaio com brasileiro, e esse Correntino vivia só de matar. E aí o pessoal que vinha atrás do Paiva não alcançou o Paiva, e ele ficou pra trás. E a tropa dos parentes do cara que ele tinha matado pra lá no Sul pegou o Correntino pra matar o Paiva. Aí falaram: "Fica de olho que o Paiva vai passar aqui." Aí o Correntino ficou sabendo, ele colocou gente pra desconfiar e veio, né? Aí ele foi lá pra ponte, chegou lá, ele entrincheirou atrás duma moita lá e ficou. O Paiva ia passando, ele atirou, matou o menino, matou o menino. Meu avô vinha da roça pra casa dele, tinha que passar na ponte, chegou lá o Correntino tava arrastando o menino pra jogar no Rio Sucuri, aí ele falou pro meu avô: "Porfírio, eu fui matar um desgraçado rapaz aqui, errei e matei essa criança, agora eu vou jogar no rio." Meu avô: "Não moço, enterra esse menino, coitado." Ele: "Não, eu vou jogar." Jogou no Sucuri. Meu avô ficou com aquilo na cabeça, ficou com muita dó da criança e falou: "Não, eu vou avisar o João Paz amanhã cedo." Quando ele ia indo avisar o João Paz, eles tavam acabando de enterrar o Correntino. Deixaram uma pinga em cima do enterro e falaram: "Bebe pinga Correntino desgraçado, você gosta de matar é menino, né?" Mataram ele.

Tinha um cabra chamado Bolacha que morava numa fazenda. Ninguém sabia o nome dele, chamava de Bolacha. Eu vi ele só uma vez. Vi ele tava com uma chuvinha assim, caindo, e o foguinho que ele fazia aceso lá. Ele chegava nas fazenda e vinha na porta. Ele não entrava na casa, chegava e falava: "Ô patroa, me dá um pouquinho de arroz, um pouquinho de feijão, um pouquinho de sal, pra mim fazer uma comidinha, que eu tô com muita fome." E

todo mundo dava, as mulheres dava os trem pra ele cozinhar e ele colocava o fogo lá e podia chover a noite inteira que o fogo dele não apagava. Não sei se isso é lenda, mas que ele existiu, existiu. Todo mundo conhecia ele, mas esses fazendeiro ficaram com medo e falaram: "Vamos matar o Bolacha, porque o Bolacha tem contato com os índios, uma hora os índio vem e mata nós tudo e nós matando ele, nós sossega." Aí mandaram matar o Bolacha. Combinaram tudo e no outro dia chegou lá, ele tinha saído de noite. Aí alcançaram ele, aqueles garruchão tudo enfiado pra matar ele e não saía tiro, não saía tiro. Aí tinha um cara como o nome de Domiciano, ele tinha um facaozão assim na cintura, passou o facão no pescoço dele, degolou ele e matou. Isso aí eu não vi, mas gente morta eu vi demais.

Guiratinga era Lajeado, o nome de Guiratinga. O Pedro Celestino que era o governador essa época, mas lá não podia ir nenhum soldado que os garimpeiros matava tudo. Esses caminhãozinho que passava aqui pra ir em Cuiabá gastava um mês, dois mês pra voltar. Aí o Pedro Celestino enjoou daquilo. Mandar soldado pra eles matava tudo. Aí deram jeito.

Eu tenho saudades só da minha infância. Quando nós veio pra cá. Eu e meu pai voltamos lá pra pegar um gado que tinha ficado pra trás. Isso em Canapoã. Aí naquele tempo não tinha estrada, se aproveitava os trieiro. Aí na estrada com meu pai, aí meu pai distraiu, né? Nós perdemos e não acertava de jeito nenhum. Aí quando já tava de tarde, três e meia, quatro horas, a gente viu um foguinho. E nós foi chegando lá e viu dois caras morto, encostado na parede do ranchinho, um grudado no outro pelas costas e aquele mosqueteiro e aquele mal cheiro. Meu pai não falou nadinha pra mim. Bateu lá na casa, aí saiu uma menina, uma pretinha. Meu pai falou: "Cadê o dono da casa minha filha?" Ela falou: "Foi lá no Camapuã atrás do delegado lá, esses dois homem se mataram aqui e tá pra lá, deve chegar amanhã ou depois." Aí meu pai falou: "Uai, por que esses homem brigou?" Aí ela falou: "Esse que tá aí pregado nas costas desse outro, veio pra tomar a mulher desse outro, aí brigaram aqui." Naquele tempo tinha uns punhal, o cabo deles parecia com cabeça de alho, eles brigaram ali e foi furando um ao outro, e morreram. Meu pai falou pra ela, pra essa menina: "Cadê essa mulher?" Ela: "Tá aqui dentro." Ele: "Chama ela lá, quero falar com ela." Aí moço, saiu uma preta das mais feia do mundo, o cabelo dela parecia um arapuã, feia, mas feia, o cabelo dela nunca tinha visto pente na vida. E aí o meu pai procurou pra essa preta feia: "E aqui? Como é que eu vou? Eu tô perdido aqui." Ela: "Você pega esse trieiro aqui, que você sai na fazenda do Fulano lá." Tava pertinho ali.

Eu tenho mais uma coisa pra te contar também, eu fui eleito Juiz de Paz. Então, eu era muito novo, eu acho que não tinha 22 anos quando eu fui eleito Juiz de Paz. Aí eu encontrava dificuldade. Bom, tinha um Alan Ferreira de Carvalho, ele estudou farmácia, não sei se formou, mas era farmacêutico. Todo mundo foi me dar os parabéns lá, o Alan chegou e falou: "Pedro eu vim dar meus pêsames." Eu: "Mas por quê? Não morreu ninguém, nem meus parente, nem nada, todo mundo me dando parabéns e você meus pêsames?" Ele: "Pedro, eu sou seu amigo, só que você é muito bonzinho assim, mas seu espírito é buliçoso." Aí eu fiquei calado, aí: "Ô Pedro, é brincadeira, eu vim te dar os parabéns, mas eu vou te falar, seu espírito é custoso."

Aí rapaz, tinha uma tal de Dita aqui, tinha um casão de palha, ela mexia com cabaré, mas uma mulher boa, até gostava da Dita. Aí aqui chegou um tal de Chicão, daqueles garimpeiro matador, bravo. Mas eu não tô sabendo de nada. Aí à noite, eu tô dormindo lá, chega a Dita lá: "Pedro, Pedro." Levantei: "Que que foi Dona Dita?" A Dita: "Pedro vai lá dar um jeito no Chicão lá, já bateu em Fulano, bateu em Ciclano, bateu na mulher, não deixa o povo em paz, o homem tá uma fera." Eu: "Dita, isso é com os delegados, não é comigo." Ela: "Mas eu já fui lá, o delegado tem medo dele, os polícia tem medo dele, não vai lá de jeito nenhum, já fui lá duas vez." Aí fui, cheguei na hora que ele estava quebrando os trem. Cheguei: "Opa, que negócio é esse aí Chicão?" Nem conhecia ele, de jeito nenhum, falei: "Chicão, eu sou o juiz aqui do Alto Araguaia." Ele: "Você é o juiz?" "Sou, me chamo Pedro

Porfírio e você tá preso, vou te levar pra cadeia." Ele falou: "Pedro, eu vou aceitar a prisão, porque você é muito novo pra me prender." Falei: "Então vamos embora." Nós saímos. Ali na praça onde é a igreja matriz, ali tinha um lampião e lá em frente tinha outro, pra clarear. Aí paramos, o Chicão falou pra mim: "Pedro, você tá armado?" Falei que não e não tava mesmo. Ele: "Então para aí, toma aí." Ele pegou um punhal, pegou na bainha e me deu: "Como é que você prende um homem armado?" Aí me deu aquilo rapaz, coloquei nas mãos e vamos embora. Andamos uns dez metros, eu pensei que era muita coisa, sujeito de consciência boa, não me matou porque não quis, não foi embora porque não quis, porque ele me mostra aquele trem, eu ia correr dele, né? Aí eu parei: "Chicão vem cá, se eu te soltar aqui, você vai dormir?" Ele: "Vou." Eu: "Você não vai aborrecer mais ninguém?" Ele: "Não. Pedro se você me soltar aqui, eu obedeço e vou dormir, é como se minha mãe me desse uma ordem." Eu falei: "Então vai dormir." Aí foi embora, fiquei com o punhal dele. Aí passou uns quatro, cinco dias, aí eu figuei pensando naquilo, pensando, pensando, mandei chamar ele. Ele veio lá em casa: "Chicão, mandei te chamar aqui, pra te entregar seu punhal, você me obedeceu direitinho, tudo, achei que você é um homem de consciência boa, você já matou, se você já bateu, fica pra lá. Tá aqui seu punhal." Ele pegou o punhal, ficou quieto, quieto, quieto, quieto, falou pra mim: "Pedro, de hoje em diante, eu não faço mais uma bagunça no Araguaia, pra te ajudar, porque você foi muito homem comigo, muito homem. Então vou deixar aqui pra você, o meu apoio com sua pessoa, se você encontrar qualquer dificuldade me chama porque eu vou ser seu jagunço." Eu: "Olha Chicão, eu nunca pensei nessa coisas, eu nunca tive jagunço e jamais eu vou ter jagunço." Ele falou: "Pedro, você me aceita como seu amigo?" Eu: "Como amigo tudo bem, mas como jagunço não, nunca tive essa ideia."

Eu fui vereador três vezes aqui. Eu fui vereador quando não ganhava nenhum centavo. Aqui toda vida teve rolo, toda vida. Meus irmãos brigavam demais também, não tiveram educação suficiente. Eu com 14 anos tive um revólver que meu pai me deu, até hoje eu tenho ele. A primeira onça que eu matei, eu tinha 14 anos, lá no Gato Preto. Aqueles revólver antigo, 38. Primeira onça que eu matei foi com ele. Lá no Gato Preto, aonde minha mãe recebeu uma terra ali, lá eu matei, com 14 anos tinha 15 testemunha, mas eu matei de medo. Aí foi assim: eu comecei a levar cargueiro lá pros garimpeiro, eu tinha nove anos de idade. Então eu ia com cargueiro, eu ia levar arroz, feijão, sal, açúcar que era de barro, então eu levava esses trem. Eu fui crescendo, crescendo, quando eu tava com 14 anos meu pai me deu esse revólver, com um caixa de bala, porque todo mundo andava armado e lá as manadas de queixadas e de onças era muito. Ele me deu o revólver, mas ficou um dia inteiro rezando na minha cabeça, eu já tava enjoado com aquilo: "Olha, homem é desse jeito, que aquilo, que aquilo outro. Eu tô te falando isso porque eu fui jagunço, fui isso, fui aquilo, fui aquilo outro e não quero que meus filhos siga essa carreira." Graças a Deus eu nunca precisei atirar em ninguém.

Olha, eu cheguei aqui com três anos e eu moro aqui até hoje. Aqui fui fiscal, eu fui chefe de fiscalização em Rondonópolis. Fui preso em 73, me desfilaram comigo aqui, preso, algemado no carro do exército. Cinquenta soldado pra me prender. Por inveja.

Agenor Neto, nasceu ali no Santa Rita e nós morava naquela casinha, ali na avenida 24 de Fevereiro. Ali, a mãe dele luz a ele, meia-noite. Quando foi cinco horas da manhã a mãe dele, Gerosina, morreu no parto. A velha Rita levou ele no lençol, lembro até hoje, branquinho que só: "Ernestina cria o meu filho, que a mãe dele acabou de morrer." Minha mãe falou pra parteira, Maria do Leocádia: "Dona Maria dá banho nesse menino aí, e veste roupa nele." Deram banho nele e eu lembro até hoje, eu tava acordado. Minha mãe deu o primeiro mamar pra ele e criou ele até um ano e seis meses. Aí foi entregar pra vó, porque minha mãe engravidou outra vez, não podia dar mamar. Aí não quiseram receber e falaram: "Dona Ernestina, esse menino é seu filho." Aí quando ele completou sete anos o avô veio

pegar. Aí era aquele turmão lá em casa. Minha mãe chorou, mas entregou. Ele ficou como irmão lá em casa, e irmão mesmo.

Aí veio a política, eu era da UDN e tinha uma turma de adversário e ele foi criando ambição pra ser prefeito. E eu toda vida fui presidente da UDN, desde quando surgiu, tudo que foi partido que passou por aí, eu fui presidente. A União Democrática Nacional e do lado dos adversário era PSD (Partido Social Democrático). Aí ele implicou, mas virou contra mim igual os irmãos Pedro Celestino e o Mário Corrêa. Ficou, ficou, eu não sabia por que, mas o Agenor não gostava de mim e eu não sabia por que. Não tinha feito nada, minha mãe que tinha criado aquele indivíduo rapaz, que negócio é esse?

Aí vai, vai, vai e eu era delegado de fazenda lá em Rondonópolis, eu que comandava aquela região ali tudo, a fiscalização era tudo na minha mão. Tá, aí eu tava em Campo Grande e lá tinha um oficial do exército meu amigo. O comandante da 9º Região recebeu uma carta daqui de Alto Araguaia assinada por tantas pessoas, e o cabeça era o Agenor Bino. Dizia que eu era maconheiro, dizendo que eu tinha plantinha de maconha na Ariranha, que eu era aquilo, que eu era isso. Aí falei que eu não sabia que que estava acontecendo. E esse colega meu falou pro oficial que eu era homem de bem que eu não mexia com isso. Aí fui almoçar, voltei, chegou um soldado do exército: "O Tenente mandou chamar o senhor lá na delegacia de polícia." Eu falei: "O que que foi?" Ele: "Não sei, você vem comigo." Então tá bom, fui, cheguei lá, ele falou: "Você tá preso." Me prendeu, me algemaram, aí me puseram no carro, na caçamba dura igual vida de pobre, desfilou tudo quanto foi beco comigo, fazer o que, né? Aí esse tenente falou: "Você ficar preso seis meses sem contato com ninguém." Não me deu nem escova de dente, nada, nada, nada. Bom, desfilou, desfilou, quando foi de tarde, foi pro Taquari, chegou lá na casa do Seu Ari: "Olha seu Ari, nós vamos ocupar essa casa aqui pra prender uns presos perigoso." Prendeu eu, o Wilson, o Torrese, mais dois irmão, pousamos. Aí rapaz, eu sem nada, sem tomar banho, sem nada. O Antônio Teodoro vinha da fazenda dele, aqui do Prata, passou lá em casa.

O Antônio Teodoro era amigo meu de muitos anos, porque ele me conheceu desde menino e meu pai foi açougueiro e eu também fui açougueiro, e ele vendia trem fiado pro meu pai. Aí meu pai já tava de idade, não tava aguentando mais. Parou. E o Antônio veio pra vender 600 porco gordo pro meu pai. Meu pai não quis mais. Eu falei: "Eu quero." Meu pai: "Mas não sei como, porque você não tem dinheiro." Ele falou: "Não, vou te vender, depois você me paga." Aí foi embora, mas na outra semana ele veio e trouxe um caminhãozinho de porco pequeno, ele trouxe uns 18 porco e soltou ali aonde é a farmácia *Rosam*, era um varjão ali. Aí peguei um dinheiro emprestado pra comprar um milho pra tratar dos porco, comprei milho, espiga, jogava lá e os bicho comia. E comecei a matar porco, fazia linguiça, eu mesmo, minha mãe me ensinava e eu fazia. Eu era bem novo, nem vereador eu tinha sido, aí eu peguei e fui pra Guiratinga. Paguei tudo e ele foi trazendo os porcos. Eu fui açougueiro dez anos, comprei carne no Goiás, no Mato Grosso inteiro. E você pode procurar, eu não deixei de pagar nenhum centavo. Vendi tudo e paguei.

Aí Antônio Teodoro foi alcançar eles lá no Chapadão do Céu lá, alcançou, queria falar com o chefe, aí o chefe perguntou: "Você é amigo do Pedro Porfirio?" Ele falou que era e disse: "Quando eu vejo um homem igual ele, preso, sem saber por que. Porque eu nunca vi fazer nada de errado." E ele ficou calado. Aí tava um calorão moço, eu tava já agoniado com isso. Parou de baixo de uma árvore lá e mandou chamar um irmão meu e falou miséria pra ele, falou pro outro, xingou. Aí mandou me chamar: "Então o senhor que é o Pedro Porfirio?" Eu: "Sim senhor." Ele: "Plantador de maconha?" Eu falei: "Não senhor, nunca mexi com isso." Ele: "Mas você é invasor de fazenda." Falei: "Não, não sou invasor de fazenda não, sou brasileiro nato, nasci em Coxim, bem no centro de Mato Grosso e conheço a história de Ariranha. Ariranha é toda devoluta, então, sendo do estado é minha também. Lá tá cheio de posseiro, então eu também sou."

Aí ele começou a falar muito desaforo pra mim. Aí eu: "Tenente, minha vó falava pra mim, que depois da onça morta, o cachorro mais ruim é o que mais morde nela." Aí ele: "O que que você quer dizer com isso?" Eu falei: "Uai, eu quero dizer o seguinte: que lá no campo de batalha, eu não ia suportar isso, duma coisa que eu nunca fiz, você tá me dando chá disso." Aí ele maneirou na barra, aí eu falei pra ele o seguinte: "A tropa que foi lá na minha posse, chegou na serra, que chama Serra Preta, carregaram meu facão, meus enxadão, meu machado, minhas foices, meu barraco, minha lona, tudo isso. E eu fui criado pobre, bem pobre, mas minhas mãe ensinava pra nós, quando não tivesse essas coisas, pedisse, mas não roubasse." E eu fiquei sem essas coisas, ele falou pra mim assim: "O senhor é capaz de provar isso?" Eu falei: "Uai, só olhar lá no inquérito. Eu achava muito melhor o senhor dar um tiro aqui na testa que era só um, não precisava dar dois e eu não tava ouvindo o que eu ouvi." Aí me deixou, falou: "Tira esse homem daqui, nós não pode conversar muito tempo."

Aí chegou lá em Três Lagoas, já de noite, me pôs numa cela lá, falou: "Vai ficar aí seis meses." Eu falei: "Poderia ficar aqui até seis anos, depende do que eu fiz." Deixou lá. Quando foi quatro horas da madrugada chegou dois jatinho de Brasília. Desceu aqui, os homens todo cheio de estrela, chegou lá: "Qual é a cela do Pedro Porfírio?" Mostraram, pegou a chave, mostrou o cartão, abriu a cela: "Seu Pedro, você tá liberdade, tá só o senhor?" Eu falei: "Não senhor, tem mais quatro companheiro." Pegou as chave da cela, abriu, liberou. Aí eles perguntaram: "Como que vocês querem ir embora? De carro, de avião, de que?" Eu: "Que é isso, sou pobre, vou de ônibus." Fomos na rodoviária, pagou passagem e deu 50 reais pra cada e mandou a polícia cobrir a gente.

Cheguei aqui tava até o secretário da fazenda pra dar a posse de novo. Tudo por de mentira do Agenorzinho e mais quatro. Cacildo Hugueney, que era deputado, Carlos Irigaray Filho que era chefão forte. Aí o João Figueiredo mandou um ofício e me entregaram. Era me convidando pra ter uma conversa com ele, que eu fosse em Brasília e aí eu fui. Cheguei lá, fui muito bem recebido e tudo e ele: "Pedro, quero saber da sua vida, desde quando você nasceu." Aí contei tudinho. Ele: "Você é o que hoje?" Eu: "Hoje eu sou presidente da ARENA, sou delegado de fazenda lá em Rondonópolis, tenho tanto anos de fiscalização no estado de Mato Grosso." Contei tudo. Então aí ele falou pra mim: "Você leva isso aqui, qualquer coisa, eu seja ou não o chefe, você comunica aqui, qualquer coisa." Daí pra cá foi um sossego.

Quem era governador aqui era um escolhido pelo Garrastazu, o Figueiredo. Ele veio, assumiu o governo de Mato Grosso, aí pegou uma lista de todos os fiscais do estado inteiro. O primeiro delegado que ele nomeou foi eu, delegado de fazenda de Rondonópolis, uma das cidades mais importante do estado. Aí foi essa comissão lá pedir a minha exoneração lá de Rondonópolis, aí eles recebeu eles tudo. Aí perguntou: "Mas por que que vocês querem que eu tiro o Pedro Porfirio lá da delegacia de Rondonópolis, o que que ele fez de errado?" Aí falaram: "Não doutor, ele não é formado." Aí ele: "Quem sabe que ele não é formado sou eu, e ele foi o primeiro delegado que eu nomeei, é cargo da minha confiança." Ele falou: "Eu não posso fazer isso, ele vai continuar, e tem mais uma coisa, se o outro governador que vai me assumir daqui quatro anos, me ouvir, ele vai continuar delegado de fazenda." Aí eles foi embora, aí fiquei. Aí o Garcia foi eleito, continuei. Tudo por causa de política.

Eu era um delegado e era presidente ainda da UDN e o secretário chamava Demóstenes Martins, era um baixinho de Campo Grande, todo mundo tinha medo dele. Aí o Garcia era a candidato a governador e o Pedro Pedrossian também. Tinha a convenção pra votar a candidato a governador do estado, era lá em Campo Grande e daqui foi eu, e de Alto Garças tinha dois delegado: Oscar Soares e Sebastião. Aí vieram aqui, eu fui com eles, num *jipinho* velho, uma poeira desgraçada, chegamos e a convenção era no outro dia. O Demóstenes Martins me chamou lá no escritório. Cheguei lá, tinha uma mesa com um pacote, 200 mil cruzeiro. Ele: "Pedro, você sabe que eu sou seu chefe." Eu: "Sim senhor, como secretário de fazenda, eu recebo suas ordem, mas Doutor Demóstenes, eu gosto de receber

dinheiro, sabendo de onde veio, a origem. Eu não fiz nada aqui pra receber esse dinheiro, proveniente de que você tá me dando dinheiro." Ele: "Esse dinheiro é pra você votar no Pedro Pedrossian." Eu falei: "Doutor, infelizmente eu não posso, porque tem dois anos que o Garcia Neto perguntou pra mim, se ele fosse candidato a governador do estado, eu como delegado de fazenda, se eu votasse pra ele, eu prometi que votava, agora se ele tiver só um voto, vai ser o meu." Ele: "Ah! Mas palavra, isso já foi." Eu: "Pois é, mas a minha vai valer toda vida." Ele: "Mas você sabe que eu sou seu chefe!" Eu: "Sei e respeito, respeito a sua chefia, cumpro suas regras, mas aqui hoje, nós somos colegas, meu compromisso foi muito antes." Aí ficou nisso.

Meu pai não foi menor que nenhum desses que tem nome aí. E eu como fui vereador, eu venho pleiteando pra por na rua 24 de Fevereiro o nome do meu pai. Porque ele morou ali 50 anos naquela rua. Criou 19 filhos de uma mãe só, foi jagunço do Morbeck. Hoje é uma profissão aceita, porque hoje é um segurança. A presidente da República, Dilma, no dia da posse dela, eu presenciei mais de cinco segurança, só mudou o nome. Major Carlos Hugueney, nunca foi militar que eu saiba, nunca foi polícia civil, nunca foi nada como que ele adquiriu essa homenagem de Major? Major, major do Major Carlos é título de valentia, de bravura. Coronel Ondino Rodriguez Lima, o mesmo, título de valentia e bravura, eu conheci todos eles como jagunço. No entanto, todos eles têm homenagem e pro meu pai sempre negado, pelos prefeitos que foi passando e pelos vereadores. Agora por último, eu fui falar com o Maia Neto, né? O Maia Neto não me deu resposta, sai falando. E sou mal-educado, mas nem tanto, não podia nem responder uma pergunta? Porque sempre eu votei nele, mas na última eleição eu não votei por causa disso. O Finega foi eleito vereador e o Gustavo também. O Finega ficou sabendo dessa passagem, ele falou comigo: "Olha Pedro, já conversei com você, eu e o Gustavo nós vamos entrar com requerimento, pedindo pra pôr o nome do seu pai em um prédio que tá saindo, lá no Boiadeiro." Prédio apoio ao turista. Eu falei que tudo bem, qualquer lugar, até num poste. É questão de paixão. Porque no inferno tem o lugar reservado pra quem não defende o que é seu. Eu sempre defendo meu pai. Hoje é segurança. Eu pedi no dia da abertura me dê dois minutos, só pra falar isso que eu falei aqui agora.

Alto Araguaia teve pessoas importantes que fundaram o município. No bairro da Gabiroba, morava o Carlos e a Maria Leocádia da família Justinho. Têm muitos outros em Santa Rita também, têm muitos fundadores que eu conheci naquela época.

Pra você ver, hoje eu me lembro ainda de muita coisa. Lá no salgueiro é que era a cidade, quando eu era guri lá era uma cidade. Saía daqui pra comprar açúcar, comprar café, comprar carne, comprar essas coisas, era lá. Todo ano e lá matava gente demais, né? Na época da guerra.

Lá na Santa Rita, por exemplo, eu sei as pessoas de importância, que ajudaram a crescer Santa Rita, eu conheci Nicomedes Vieira de Resende, conheci o Manoel Rocha, conheci o Bernades. Eu conheci muita gente, Joaquim Vieira, esse pessoal eu tudo conheci, Zeca Ferreira. A casa dele ainda tá lá na beira do córgo, casa de pedra. Mas é isso.

# SEBASTIANA ANTÔNIA ALMEIDA FERREIRA

Nome completo é Sebastiana Antônia de Almeida Ferreira. Nasci lá daquele lado lá, em Santa Rita. Vim pra cá pro Araguaia era bebê. Tô aqui até hoje, nunca saí, nem pretendo. **Sou de 1960**, tenho três filhos, a mais velha tem 34, a outra tem 32 e outro 28. Neto tinha seis, agora só tem quatro. Morreu dois, morreram afogado lá naquela coisa da prefeitura que abriu lá na Vila. Abriu uma valeta lá e eles fugiram e foram lá e morreram. Eles eram pequenininho, um de quatro e o outro de seis. Eles viram os meninos banhando, passou por lá,

e menino não pode ver água, viu água quer entrar. Entraram e morreu os dois afogado. Eram filhos do meu menino mais novo, eu quase morri na época. Tem já uns três anos isso.

Eu não cheguei a casar não, a minha vida foi assim: Eu fui criada com vó, minha mãe me teve, com onze meses ela me entregou pra minha vó e depois ela nunca mais me pegou. Com 13 anos eu saí de casa, amiguei, tive as duas menina com o primeiro marido. Depois separamos, arrumei outro, tive um menino. Depois que o menino tava com 12 anos, nós separou, depois eu voltei com o primeiro marido, quando eu tava já com 15 anos separado, nós voltamos. Aí nós casamos, casei na igreja Assembleia, porque eu era da igreja e hoje já tem 16 anos de casado. Se juntar tudo dá 37 anos de casado.

Mas foi uma vida sofrida. Hoje eu não reclamo não, mas eu já tive uma vida muita sofrida, muita sofrida. Eu não vivia em cidade, era em fazenda, era carpindo, era plantando, era colhendo, sabe? A fazenda era ali pela Ariranha, ia pra cidade e voltava pra fazenda, era um vai e vem, não tinha sossego não. Eu não tinha casa não, não tinha onde morar. Meus avós tinha, mas eu não tinha. Aí nós arrumava uma fazenda pra trabalhar, ali nós ficava uns tempo, saía daquela ia pra outra, e daquela ia pra outra. A vida era aquela. Aí depois que eu voltei que eu casei com meu marido, que é o pai das duas menina, aí nós fomos pra um acampamento aqui.

Aí nós fomos, aí eu fiquei dez anos no acampamento, trabalhando do mesmo jeito, carpindo roçando, plantando, mexendo com vaca, tirando leite. Levantava cinco horas da manhã pra tirar leite pra entregar às oito horas, às vezes sozinha. Meu marido saía pra trabalhar, porque não tinha como manter ali, um tem que sair e o outro ficar. Aí meu marido saía e eu que tinha que tirar leite, eu que tinha que arrumar cerca, eu que tinha que arrumar tudo. Tudo que tinha que resolver ali dentro do acampamento era eu. Quando ele saía na época de safra, ele ficava três, quatro meses fora, aí eu ficava sozinha. Acabava a safra, aí ele retornava pra lá. Fazia pra poder manter nós lá, porque só no acampamento não dava pra manter, porque não tinha renda. Aí depois que eu vendi o acampamento, porque eu já não tava mais bem de saúde, aí eu não queria ficar ali, porque minha pressão só subia, só subia. Carro nós não tinha, nem tem hoje. Aí como que eu ia ficar num lugar daquele sem carro, e minha pressão alta. Aí eu vim pra cidade e ele continuou. Aí até que nós vendemos o acampamento e compramos uma casa aqui no bairro Vila Aeroporto. Aí compramos outra lá perto da chácara dos padres e até hoje nós mora lá.

Mas já tive vida muito difícil. Passar fome, socar arroz no pilão, carregar lenha na cabeça. Eu tive vida difícil, eu não tive vida fácil não. Não tenho arrependimento de trabalhar daquele tanto não. Pior é ficar parada, entrevada, ficar em casa, pensando em coisa que não deve. Eu quero é continuar trabalhando, quero ficar parada não, que seja um serviço mais maneiro, mas parada não.

Só que eu conheço a dona Francisca é uns 26, 27 anos, por aí, que eu conheço. É vai, volta, vai e vem, vai, fica um ano fora, um pouco vai lá e Tiana volta pra trás. Tiana tá cansada. Trabalhei no *Palace Hotel* um ano e quatro meses.

Criei dois netos também. Os dois mais velho, da minha menina do meio, eu que criei. Quando voltou pra ela, já tava com 13 anos. Pelas minhas condições, esses meninos não tão atrasado na escola não. Morava na fazenda, era difícil levar na escola, era uma luta muito grande, mas tão na escola, tão bem. Esse negócio de morar no mato, não ter condições, acaba atrasando eles um pouco, mas tão bem.

Essa vida de pobre não é fácil, o pobre só vévi porque ele é teimoso. Ele vê os outro viver e teima pra viver, mas não é porque tem condição de viver, é teimosia. O pobre vévi de teimoso é porque ele pensa: "Não, o rico tá vivendo eu vou viver também." Mas é de teimosia, porque ele não dá conta não.

Mas graças a Deus, até hoje eu nunca fui presa, nunca fui em delegacia, meus filhos também não, graças a Deus. Pode ser preto, feio, mas tem honestidade, graças a Deus. Coisa

de falar, roubou, pegou, Deus me livre, nunca levei e nem vou levar. Vou morrer sem dever isso pra Deus. Porque nem vontade disso eu tenho, nem de ficar em porta de delegacia.

Minha filha Romilda é mais custosa. Já foi presa várias vezes, mas porque é perdida na cachaça, é perdida nas drogas, é bruta, não sabe conversar com ninguém. Aí quando ela não tá assim, ela é até boa pra conversar, mas ela bebeu, ela fumou, aí acabou. Aí fica sem educação comigo, com o pai, com todo mundo. Hoje a gente conseguiu um tratamento para ela, tá em Mineiros, tá lá tratando em clínica, quero que ela fica lá uns nove meses. Deu trabalho viu, você deita, não consegue dormir, você pensa: Será que tá vivo? Será que tá morto? Você não consegue dormir. Você ver um filho no mundo, pra lá, três, quatro dias sem dar notícia, passava ano sem pôr o pé dentro de casa. Ficava sabendo notícia pelos outros. Eu corri muito atrás, no tempo que ela era mais nova, eu corria muito atrás. Depois que ela pegou a idade dela de maior, eu falei: "Bom, se você quer ser assim, assim você vai ficar, eu não posso ficar correndo atrás, porque eu tenho mais o que fazer." Se eu parasse o meu serviço pra cuidar dela, nós ia passar fome. Ela já foi presa, ficou trancada, mas não, assim, matar, briga já foi, mas matar não. Ela sempre foi assim, bruta, muita bruta, muito sem educação, mas graças a Deus roubar e matar, essas coisa, não. Ela é usuária. Então a pessoa que usa fica um pouco meia agressiva, sem educação. Lá em casa nós só não apanhava dela, porque eu falava: "Eu não vou apanhar de você, eu sou sua mãe, você não é minha mãe, você tem que entender que eu sou sua mãe e você não é a minha. Agora quem tem que te bater é eu, não é você não." Ela nunca me bateu não, eu nunca abaixei pra ela, mas se abaixasse, ela batia, mas era por causa que ela usava droga, mas sem droga ela é uma pessoa normal.

Agora aos 34 é a primeira vez que vai pra clínica. Espero que vai e volta e que não volta mais pra esse mundo da droga não, porque a gente já tá cansado. Todo dia nós esperava um chegar, vim falar assim: "Morreu" ou "Outro matou." Era assim, a gente não esperava notícia boa. Agora hoje não, depois que ela tá na clinica, eu deito e durmo despreocupada porque eu sei que ela ta lá. Mãe é bicho besta, quer viver atrás, o pai às vezes desmanzela, ele larga a mão, ele fala: "Ah, já lavei minhas mãos, fica pra lá, não quer nada, já pelejei, já fiz tudo que eu tinha que fazer." A mãe não, mesmo ela estando ali, doída, ofendida, mas ela tá em cima, ela não deixa, mesmo se o filho às vezes xingou, maltratou, mas ela tá em cima, ela vai ajudar.

Minha casa nunca fica vazia, vazia de tudo, só eu e meu marido só, nunca ficou. Porque assim, eu criei meus filhos e depois veio os netos. Depois veio a minha sogra, ela ficou doente e eu tive que cuidar até morrer, veio pra dentro de casa. Quando sai um, vem outro, a gente não tem coragem de falar não. Vem nora, vem genro, vem filha, vem neto. Agora mesmo ia ficar só eu mais ele, mas já tem uma neta ficando mais nós. Às vezes uma briga lá com o marido, corre lá pra dentro de casa. Eu fico com dó, eu trago lá pra dentro de casa. Oriento mas trago pra dentro de casa.

Minha sogra foi morar comigo, começou a ficar doente porque ela bebia muito. Aí ela foi morar mais eu, ela morou comigo mais ou menos uns cinco anos. Aí deu trombose, aí tinha problema de coração, aí veio a diabete, as pernas apodreceu, não podia amputar por causa do diabete que era muito alto, o coração dela não aguentava. Aí quando tava quase fazendo cinco anos que ela tava morando comigo ela faleceu, que ela não suportou mais a doença. A trombose é igual a um câncer, ela vem comendo aí ela não andou mais. Depois começou a cortar a fala, ela não falava mais. Foi oito meses no final, eu sofri com ela porque eu não dormia direito, meia hora, cinco minuto que eu dormia, levava pro hospital, tirava do hospital. Começou a dar mau cheiro e o hospital não aceitava mais ela. Fiquei dedicando oito meses só a ela. O povo ia visitar ela tampava o nariz, ver isso doía.

Então, eu não tenho orgulho de ninguém, eu não tenho nojo de ninguém, não tem ninguém mais ruim ou melhor que os outro, pra mim todo mundo é igual. Não gosto de

fofoca, intriga, você me falou aqui, aqui vai ficar. Eu não levo nem lá pra casa. Se eu escutei aqui, aqui tem que ficar. Não gosto de mentira. Eu detesto a mentira.

Com 14 anos eu tive um aborto, aí depois veio os filhos. A mais velha eu tive com 18. De fazenda, eu até hoje eu gosto, pra falar a verdade pra você, eu gosto é de fazenda, eu adoro fazenda, pra passear, ficar semana, tirar leite, fazer queijo, eu adoro. Fazenda tem que levantar cedo, e pra mim não tem preferência não, eu posso levantar cedo. Eu gosto muito de tirar leite, fazer queijo, de tá por ali, olhando quintal, mexendo com uma coisa e outra, eu gosto. Mexer com plantação, colher arroz, minha menina não sabe que que é cortar arroz com cutelo. É maravilhoso você ver um monjolo, o barulho dele, bom demais.

Hoje não, tá tudo mais fácil, hoje tem máquina, você vai lá e compra tudo pronto já. Arroz tá tudo limpo, antigamente não era assim não, você levantava aí cinco horas da manhã e ia ali até oito, nove horas pra rancar feijão no tempo de um frio. Se rancar no calor dibuia tudo. Eu já levantei quatro horas da manhã pra rancar feijão. Quantas e quantas vezes eu já peguei cozinha de peão que tinha que por comida na vasilha, pôr na cabeça e andar quase dois quilômetros com comida na cabeça, pra levar comida lá na roça pra peão. Eu não tive vida fácil.

Hoje eu não tenho estudo, porque eu morava mais no mato, eu nunca tive a oportunidade de ficar socada na cidade pra estudar. Quando falava que ia estudar, a minha vó já arrumava uma fazenda pra mudar, já não dava. Aí quando foi época de estudar, arrumava marido, marido pobre tinha que ir pra fazenda. Na cidade antigamente não tinha essas firmas, essas coisas não, era roçar pasto, era carpir roça, essas coisas. Então não era fácil. Eu fui roçar até no Rio das Mortes, lá foi onde que nós plantamos roça. Tivemos que vender tudo, o que tinha colhido, o material tudo, vendemos tudo pra poder voltar pra trás. Agora, que lucro tem essa andada? Fala pra mim, qual é o lucro que tem? Nem chinelo pra pôr no pé não tinha, nem uma roupa não tinha, antigamente tinha aqueles saco, fardo de açúcra. Cortava a manga aqui, cortava de cá, fazia a gola aqui e entrava pra dentro. Pronto uai, não tem como. Dois vestido desse, vestia um hoje, amanhã lavava esse, vestia aquele e lavava o outro. Pra vim pra cidade, aquela roupa que você tinha, a melhorzinha, você não podia usar em casa, se usasse, como que você vinha embora? Ia vim com aqueles vestido de saco? Teve época que nós vinha pouco na cidade, passava ano sem vim na cidade. No acampamento aqui passava três meses sem vim aqui na rua.

Hoje eu fico olhando, sabe? A vida das pessoa tá tão fácil. Hoje tem firma, tem tudo e o povo reclama, só reclama que não tem dinheiro porque a vida tá difícil. Vida difícil, nós já passamos. Antigamente era muito difícil e o povo ainda achava que tava era bom. O povo estuda, hoje chega na casa fala: "Que que tem pra comer?" A gente fala: "Tem isso." Aí fala: "Ah não, quero isso não, já enjoei disso." Quem dera que às vezes nós falasse que já tinha enjoado daquilo. Às vezes nem tinha, nem tinha, ia enjoar de que? Ainda reclamam que é ruim, hoje eles não sabe quanto custa uma sandália, não sabe quanto custa uma roupa. Não quer usar roupa. Fala: "Ai não vó, essa roupa aí tá brega, nem saio ali na rua que os outro vai rir de mim." E eu que vestia vestido de saco de açúcra. Dormia em cama de vara, colchão de palha de arroz com capim. Fazia a cama assim, colocava quatro furquia, punha uma travessa, punha a cara em cima. Pegava aqueles saco de estopa, enchia aqueles saco ali, abria, enchia de capim, de paia de arroz e fazia colchão jogava lá em cima das vara, tava pronta a cama. Morava em casa que só era de pau, dormia olhando pro lado de fora. Você via o pessoal passando lá fora, olhando pelos buraco a noite. Dormia ali, não tinha parede, não tinha nada. No tempo do frio aí barreava de barro, arrumava bosta de vaca punha no barro pra não rachar. Dormia de roupa tudo pra mosquito não morder. Hoje não, qualquer coisinha não dorme. Já sofri, morei em casa de palha de bacuri. Trabalhava em fazenda dos outros, isso não dá camisa pra ninguém não. Patrão de fazenda vai ficando rico e você mais pobre.

Já sofri muito, hoje minha mão tá tudo cheia de calo, era enxada, foice, de socar arroz no pilão. Vou pra fazenda trabalhar pros outro mais não, já tenho meu barraco lá em casa que dá pra mim esconder debaixo dele. Eu vou ficar debaixo dele até o dia que Deus me chamar. Nem calçado no pé nós não tinha. Hoje você põe uma cama pra menino dormir, reclama, fala que tá dura, que não quer dormir, quantas a gente chorava por um colchão desse? Vou comprar uma sandália pra minha neta, tem que buscar ela, se comprar e levar, não tá bom não. Ainda tem que trazer ela pra escolher pra ver qual que quer, não pode ser qualquer uma não, tem que ser o que tá na moda. Eu sou simples, eu sou simples graças a Deus eu sou simples. Se tiver arroz e feijão, eu como arroz e feijão. Se tiver arroz puro, eu como arroz puro. Se tiver só arroz e ovo, eu como, não reclamo. Porque a vida que eu passei pra trás é muito mais pior do que a vida de hoje, muito mais pior.

Hoje as mulher tem filho cesárea guarda 40 dias, 45 dias. Eu não, guardei nem 20, porque eu cheguei lá, eu já fui lavar roupa, já fui socar arroz no pilão, já fui cozinhar pra peão e tudo. Não tinha quem fazia, eu tinha que fazer. Carregava lata de água na cabeça, balde de roupa cabeça. Ia longe lavar no rio. Hoje tem água encanada, tem máquina, tem tanquinho e o povo ainda reclama.

Antigamente não tinha nem escova pra esfregar roupa, esfregava é com sabugo queimado. Sapecava o sabugo no fogo e ia. Hoje o povo não sabe o que é levar uma roupa na cabeça, o povo não sabe o que que é nada e ainda reclama. Passava roupa pros outro em ferro de brasa, pra não deixar os filho passar fome. Aquela Emília ali, do Nestor. Lavei foi é muita roupa pra eles. A roupa do Nestor era só o linho. Era muito difícil. Eu fiquei uns três anos lavando e passando pra eles. Colocava madeira queimando dentro do ferro, colocava sabugo.

Antigamente não tinha fogão a gás, era fogão a lenha. Eu vim pissuir fogão a gás, vixi, eu já tinha tudo meus filho, já tava tudo grandão. Era tudo na lenha. Hoje eu falo pra você, tá tudo mais fácil, compra tudo pronto e ainda reclama. Não levou a vida que a gente levou, não conheceu a vida da gente pra trás. Os meninos lá de casa ri de chorar de eu contar. Eles falam: "Vó, eu vou falar uma coisa pra senhora, essa vida da senhora eu não queria não, eu preferiria morrer." Eu falo que não, que eu prefiro viver e ainda tem mais coisa pra eu ver, pra frente. Andar de carro de boi, cavalo, quantas vezes, hoje os meninos não sabe o que que é carro de boi, os meus não conhece, os meus foi conhecer, quando eu levei na Trindade. Eu falava antes, eles não sabia não.

Pra você ver, você sabe que que é pôr o arroz na panela, fazer o almoço e falar: "Hoje almoça, amanhã não janta." Eu já passei por isso na vida também. Hoje tudo tá mais fácil. Eu entendo, eu sei entender, mas os mais novo não entende. Aquele que foi criado no berço de ouro não sabe.

Antigamente se falava jovem de ir numa festa dessas aí, a vó já falava que a gente tava indo pro cabaré. Apanhava. Hoje se você bater em um menino, o conselho já tá na porta. Dá um tapa num menino, o conselho tá na porta. Eu bato nos lá de casa e espero o conselho. Pode vir, eu tenho educação, se eles vierem me impedir eu falo: "Então vocês leva e cria, eu fui criado assim, hora que tiver roubando e fazendo coisa errada, não vem devolver não, vocês é que são culpado, tão dando apoio uai." Eu não fui criada assim, é por isso tá essa bandideira desse jeito. Tudo que faz conselho tá lá. Eu bato, se menino vier falar que vai me denunciar no conselho eu já falo: "Então você pode pegar o bucho de vocês e acompanhar o conselho, porque aqui em casa é do meu jeito", eu não fui criada desse jeito.

Hoje as coisas é tudo mais fácil, tudo é fácil. Você fala pra mim: "Você vem lá do bairro Vila Aeroporto, vai lá trabalhar, trabalha o dia inteiro. Depois você sobe o morro, depois você desce, no outro dia você sobe, não tá cansada não?" Eu falo: "Cansar cansa, mas se você for entregar o corpo tudo pra canseira e pra tudo que ele tá pedindo, você nunca vai fazer nada. Você nunca vai fazer nada se você se entregar, se incutir que você tá cansada, vai continuar cansada. Se você incutir que você tá doente, vai continuar doente." Tem que falar:

"Não, eu não tô doente, eu tô é sadio." Fala que não tá muito boa de saúde, porque doente é aquele que tá prostrado, que não anda. Mas enquanto estiver andando, pelejando... Se a gente se entregar pra doença... Eu já fiquei 22 dias de cama, eu levantava da cama pra ir pro banheiro e voltar pra cama de novo. Eu não aceitava falar que eu tava doente, tava era igual aqueles cachorro velho, seco da rua, parecendo um capa, sequinha, tudo que comia vomitava, tudo que comia vomitava. Não me entreguei, tive que levantar.

Hoje eu tenho pressão alta, tenho colesterol, tenho diabete, tenho reumatismo, mas pra você ver, eu mexo o dia inteiro, eu vou, eu venho, eu vou, eu venho. Eu chego lá em casa se tiver mais serviço em casa, eu faço mais serviço, brigo com menino. Se falar que tem que ir em tal lugar, eu ainda vou, ando a pé, vou e volto, vou e volto. Não tem esse negócio de pegar moto táxi não. Eu ando na rua inteirinha e subo a Vila de a pé e vou embora. Pego minha sombrinha, abro ela, vazo e vou embora. Agora o povo anda de carro, de moto táxi e reclama: "Ah, tô cansado." Cansado do quê? Eu queria saber do quê. Eu não reclamo, se eu reclamar é porque eu tô sentindo alguma coisa. Minha pressão é alta, o povo fala: "Ah, você vai dar um enfarte aí na rua." Uai, se morrer, morreu. Um dia vai morrer, não precisa ter medo da morte não. Ela vem de todo jeito, um dia ela vem.

Eu morei ali na fazenda Manoel Caetano. A Ana, sogra do Amilton José, era mulher desse Manoel Caetano. Hoje lá é o acampamento. Eu morava lá na sede, tem um porão embaixo, em cima é a casa, toda de tábua. Dizem que lá era assombrado, que o velho batia a espora e andava na casa, que o velho aparecia, que o velho de todo jeito aparecia pra todo mundo. Dormia eu e Deus naquela sede, eu nunca vi nada, nada. A casa era velha, caindo, dizem que tapera é o lugar ideal pra ver assombração, eu nunca vi nada, nada. Eu morei lá, nessa fazenda mais de três anos. A bica passava dentro da área. Nunca vi nada, nada, nem conversa de gente. Dizem a água da bica parava no caminho, nunca vi. Eu tinha vontade de ver a água parar, falavam que ela parava e caia de novo, a água parava e caia de novo. Eu tirei horas pra olhar na bica de noite, pra ver a água parar e cair de novo. Vi nada. Nunca vi assombração não, tenho medo é do vivo aí, o ladrão. Esse eu tenho medo. Antigamente eu tinha medo de assombração, mas depois eu entrei na conclusão de que o morto não volta não. Pra que ter medo do morto? Ele já morreu. Não vou duvidar, pode até existir, mas eu não acredito não.

A única coisa que poderia falar assim pro meus netos, pro povo, é que valoriza mais as coisa. Valorizar. Não reclamar tanto. Às vezes tem uma coisa que às vezes não tá muito bem, mas não reclama, pede a Deus pra aquilo. Hoje a gente tá bem, mas você pode prestar atenção que tem gente pior do que a gente. Tem muita gente ainda passando fome. Tem gente que tá precisando de um remédio, precisando às vezes de uma palavra. Valorizar mais, prestar atenção no que fala, porque às vezes a gente fala uma coisa que acaba ofendendo uma pessoa. Eu não sou de ofender ninguém, hoje eu sou mais de calar do que de falar. Pelo sofrimento que a gente já passou hoje a gente tem que ser mais humilde, mais educado. Valorizar mais as pessoas, conversar com as pessoas mais com educação. A gente tem que saber conversar, hoje o que falta mesmo nas pessoas, é amor. Não tem amor, amor que não tem, o que falta mais nas pessoas é amor. Eu aprendi isso, amar as pessoas de fora como se fosse meu parente. A gente tem que amar as pessoas igual a gente mesmo. O que eu peço hoje pras pessoas é amar. Hoje um mata o outro por causa de uma simples conversinha já mata, isso é falta de união, de amor. Esse mundo nosso tá muito sem amor. Pra você ver que falta de amor, tem gente que tá dormindo quietinho lá debaixo, tem gente que vai lá e põe fogo naquele coitado. Isso aí é falta de amor. Se eu tiver falando errado, me desculpa, mas é a verdade, é falta de amor. Se todo mundo tivesse amor, isso não acontecia. Hoje cada dia tá mais esquisito, cada dia que passa o povo tá mais rebelde.

Hoje você vai numa festa, quando você pensa que tá na festa, não tá mais, porque só tem briga, diz que foi pra festa, mas não, foi pra brigar. Falta de amor. Hoje é mãe vai tendo

os filhos e deixando nos lixos, dando pros outros, hoje é pai estuprando filho. Isso é falta de amor. Minha filha foi queimada, jogaram álcool e pôs fogo, depois ela foi esfaqueada. Por quê? Por falta de amor. Eu fui ver depois de uns três meses que ela foi queimada, porque ela nem falava comigo. Por isso que falo pra você, que hoje o povo tão sem amor. Hoje eu agradeço cada momento da minha vida, cada momento da vida da minha filha, cada momento da vida de cada um, eu agradeço a Deus cada dia. Peço, põe amor no coração das pessoas, põe assim, mais carinho. Porque esse mundo tá desumano demais, um mata, um espanca, um bate, outro esfaqueia, outro rouba. Isso tudo é falta de amor. Inclusive de amor próprio, a pessoa tem que amar a si próprio também. É preto, é branco, é amarelo, é doente, é de tudo quanto é jeito, não adianta, nós somos uma família só. Não adianta, ninguém pode querer ser mais que ninguém, não adianta ter orgulho de alguém. Faz isso não, tem que ser humilde, hoje a gente pode tá bem, mas amanhã quem sabe? Pode tá pior. A gente tem que aprender amar.

Minha mãe não vai na minha casa. Quando ela vai é um aniversário, é alguma coisa. Ela passa seis, oito meses sem me ver. Minha mãe só lembra que ela tem uma filha, eu sou filha única, só lembra que eu existo quando ela tá doente, mas que eu não reparo também não, sabe por quê? Eu não fui criada com ela, ela não tem aquele amor comigo. Ela me deixou com a vó pra frequentar zona. Ela casou muito nova, com 15 anos de idade. Aí ficou grávida de mim, com onze meses que ela morava com meu pai, ela separou. Aí separou e me deu pra minha vó. Eu tinha onze meses na época, ela saiu de casa e ela não quis me carregar. Se minha vó não me pegasse, ela daria pra outras família, aí minha vó pegou. Mas depois ela teve outro irmão, de homem casado, aí ela não queria assumir o irmão, ia jogar dentro do rio Araguaia. Só não jogou o menino porque a vó tomou dela, porque ela ia jogar o menino mesmo. Aí eu ele fomos criados juntos, juntos na mesma casa. Aí passados mais um tempo, ela teve mais dois. Mas esses dois ela criou, mas eles morreram. Perdi minha vó, perdi meu avô que era meus pais. Ela não liga, liga quando tá precisando, porque ela não acha outra pessoa que faça pra ela, mas eu to lá, não desprezo, eu dou amor, não vingo, porque Deus não quer vingança. Eu fui conhecer minha mãe, quando falaram: "Ela é sua mãe." Eu tinha onze anos. Mas eu vou lá, esses dias mesmo eu faltei dois dias de serviço, eu fui pra Mineiros com ela, ela caiu. Nós achou que ela tinha quebrado a perna, mas não tinha, voltei. Depois o médico pediu pra ir na outra semana, tornei a voltar a outra semana. Mas tá bom, pra mim tá bom, eu não reclamo não. Aceito do jeito que ela é, ruim ou bom, eu tenho que aceitar. Eu aceito ela todo dia, todo momento da minha vida. Eu continuo amando ela do mesmo jeito. Eu não vou discutir com ninguém. Eu não desejo o mal pra ninguém.

É ter amor pelo outros, é compreensão, é saber tratar as pessoas.

### VILMA FRANCISCA DA SILVA

Meu nome completo é Vilma Francisca da Silva, eu sou do município de Mineiros. Mas eu fui criada mesmo foi nas roça. Eu só vim conhecer cidade quando foi pra mim dá os nomes pra casar. A gente quando ia casar no civil, a gente ia lá 15 dias antes e dava os nomes no civil, pra poder a gente casar. Então, aí que eu fui conhecer cidade, antes eu não conhecia, vivia na roça. Então minha vida foi muito difícil, sabe? Eu perdi meu pai, eu tava com cinco a sete anos de idade, eu perdi meu pai. Aí a minha mãe pegou, em vez de criar nós, ela pegou e foi embora. Diz que veio aqui na Ponte Branca pra cumprir uma promessa e essa promessa dela durou dez anos pra ela voltar. Sumiu no mundo que nós não sabia nem notícia dela, e nós fiquemos com os outros. Ela me deixou com um moço chamado Tião Alves. Esse Tião Alves,

ele é tio daquela Aparecida Monte Verde, aí então eu fiquei lá. Aí passou um tio meu lá que era casado com a minha tia, passou lá e eu peguei e fui-me embora com ele, sabe? Porque eu não quis ficar lá com eles.

Aí eu fiquei lá, fiquei criada lá. Eu não sei contar pra você porque, nem porque não. Eu sei que eu fui muita judiada, eu fui muita judiada, eu apanhei muito, muito. Uma coisa que eu nunca dei fé se ela fez, não chegou ao meu conhecimento, era redicar comida, de alguma coisa de comer. Porque assim, tudo que eles comia, eu comia também, então isso aí eu não tenho lembrança, mas em serviço, em tapa, em calúnia, em palavrão, em bordoada, sabe? Eu sofri muito Leandro, muito, muito mesmo. Eu tava com idade de sete anos quando fui pra lá. Pra você ver, eu era tão pequena que antigamente usava aquelas calça de algodão, roupa de algodão, calça de algodão. Tinha um pano chamado de seriguia, tinha outra chamada mescla, então, era a roupa que os povo trabalhava. Nesse tempo não existia nem essas escova que tem hoje, a gente esfregava roupa com sabugo. Eu era pequena, eu não dava conta de pegar a calça do meu padrasto, que era meu criador, pra bater, eu não dava conta de bater. Quando eu pegava pra bater, eu ia junto sabe, sabe? Eu ia junto com a roupa, aí ela cansou de pegar aquelas calça e bater nas minhas costas. Porque eu não dava conta de lavar direitinho, ela pegava e esfregava na minha cara assim, esfregava, batia nas minhas costas.

Então eu fui muita judiada, eu tenho um irmão que saiu de casa hoje. Ele veio sábado pra cá, ele mora em Mineiros. Ele veio passear aqui, ele foi hoje cedo. Só tá tendo só nós dois, só nós dois. Nós era quatro. Eu sou de 1944. Ficou só nós dois, minha irmã já morreu, a minha irmã caçula morreu, então sobrou eu mais esse irmão. Eu tenho outra irmã que é desaparecida desde 1962. Nunca mais nós vimos ela, nós não sabe se ela é morta, se é viva porque ela é meia retardada. Então ela sumiu, nós não sabe endereço nenhum dela, ontem a minha sobrinha veio aqui, pra entrar no site do *Ratinho*, pra ver se consegue achar. Ou que acha viva ou morta. Mas queremos alguém que dá notícia.

Aí então foi assim Leandro, o primeiro calçado que eu coloquei no meu pé, foi do meu suor, do meu suor. Nós ia numa roça, rancava mandioca, não sei se você conheceu ou já ouviu a falar numa tal de bruaca, cangaia, aí faz arreio pra colocar no animal. A gente enchia de mandioca e trazia pra casa. Eu ralava na mão, ralava na mão, torcido no pano no saco, torcia, amarrava no pau assim, punha massa e torcia e torrava farinha no tachinho. Todo dia até fazer duas lata de farinha pra mim poder vender, pra poder comprar sapato pra colocar no meu pé.

Então roupa era aquela calamidade. Cama? A gente dormia em um couro que o couro ficava lisinho mesmo assim, o pelo ficava igual essa mesa aqui. Não tinha colchão. Então a vida da gente, quando eu fui criada foi muita doída.

Aí eu fiquei moça, aí começaram a me arrumar namorado. Aí arrumou um namorado que eu não queria, arrumou um velho, a caçula dele era da minha idade. Aí ela queria que eu casasse com ele. Aí eu não quis e ela andou me dando uns pescoção. Pra mim casar com ele, mas eu não quis. Aí apareceu um homem, que é o pai desses filho que eu tenho, aí ela fez eu casar. De qualquer maneira eu tinha que sair de dentro de casa, ou casada, ou solteira eu tinha que sair de dentro de casa. Aí naquele tempo, uma moça sair solteira dentro de casa era um

abismo, tinha medo de sair solteira. Eu fui obrigada a casar com esse pai dos filho meu. Quando eu nasci, ele tinha 21 anos e seis meses quando eu nasci. Mas eu casei com ele assim mesmo. Eu vivi com ele 13 anos. Eu fiz tudo, pra mim conseguir conviver com ele, eu fiz o máximo pra mim viver com ele. Mas aí eu não suportei mais. Ele não era mau pra mim, entende? Mas também ele ciumava demais, muito ciumento.

Eu passei muita fome, quando eu tava grávida do meu menino que eu tenho. Eu passei tanta fome, tanta fome, que eu comia abacate pêco debaixo do pé. Eu levantava de noite, bebia sarmora de sal poder aguentar, e eu barrigudona desse menino.

Eu tenho cinco filhos, mas eu sou mãe de quinze filhos. Onze de tempo e quatro fora de tempo, mas só escapou cinco, sabe? Mas eu tenho mais quatro adotivo. Morreu uma e ficou três, mas eu criei mais quatro. Aí foi indo, eu não aguentei mais sofrer com ele. A pobreza era demais da conta, muita pobreza, muita, muita mesmo. E filho você já viu. Cada ano vinha um. Aí não deu pra suportar mais e nós separou. Os filhos acha que eu separei mais o pai deles, porque sempre os filho fica revoltado, acha que eu separei com o pai que acha que eu tava bandulerando, mas não foi, eu nunca fiz isso, eu nunca fiz. Aí a nós separemos. Eu fui viver minha vida. Eu vivi cinco anos sozinha. Aí depois eu arrumei um outro homem pra viver comigo, ele foi covarde comigo, aí separei. Aí fiquei solteira de novo, aí eu criei meus filho sozinha, com a força e a graça de Deus, cozinhando em cozinha dos outro. Eu sofri muito, a gente sabe que quem trabalha assim, passa muita humilhação, era obrigado a ver o patrão falar alguma coisa com você e você era obrigado a engolir por causa dos filho, porque você pensava assim: "Eu vou sair e os filhos? O que que eu vou dar pros filhos comer amanhã?" Eu com quatro filho pequeno. O pai nunca deu uma camisa pra me ajudar, eu mandava eles passear com o pai, final de semana, logo eles voltava: "Meu pai falou que o arroz dele tá pouco e nós lá o arroz dele acaba." Eu falava: "Tá bom meus filho, o arroz da mamãe nunca vai acabar, nunca acabou e nunca vai acabar, sempre eu vou ter arroz pra vocês comer "

Aí então depois de passar um tempo, eu mudei pra aqui, em 80. Foi no mês de maio. Aí eu fiquei, mora daqui, mora por ali. Porque eu não tinha casa, eu sofri por causa de aluguel de casa, aluga uma casa, muda daqui, muda dali, muda pra culá. Aí depois disso é que passados uns anos, eu conheci e fui morar com Seu Pedro e tem 28 anos que a gente mora junto. Os filhos adotivos que eu te falei, é dele, porque ele é viúvo. Aí então depois que eu fiquei com ele que minha vida melhorou, depois que a gente passou a viver junto. Ele também tinha perdido a mulher já tava com um ano três meses. Depois que a gente foi melhorando.

Então é desse jeito. A minha vida não foi fácil não, eu trabalhei até limpando cisterna. E eu entrei dentro de cisterna que tinha até jaracuçu dentro da cisterna, sabe? Eu morava na Araguainha, quando eu casei eu morei foi lá. Então minha vida não foi muito fácil, não foi muito fácil. O meu irmão sofreu tanto também. Com licença da palavra, o criador dele pôs pimenta no butão dele e no pipiu dele. Um tal de Joãozinho Calça de Couro, judiou dele. Ele ficou o dia inteirinho dentro do córgo, o dia inteirinho dentro do córgo. Depois ele casou, teve família. O que que acontece? Ele não deu aquele valor adequado que precisava dar pros

filhos. Mas é porque ele não teve aquele aconchego com gente, um carinho pra ele. Acho que isso revoltou ele. Porque eu, com toda a ruindade que minha tia, irmã da minha mãe fez, eu tive um lar e ele não. Ele ficava uma semana aqui, uma semana pra ali. Aí um mês pra culá e outro mês pra culá, sabe? Ele foi criado assim, ele não teve um lar, então eu acho que é por isso que ele ficou assim, mais revoltado, né?

Eu penso assim, dói a vida da gente. Muitos filhos criado sem pai, às vezes dá sorte, mas a maioria não. Por isso que eu peguei os filhos do Pedro e eu não judiei. Pelo que eu sofri, eu não ia fazer o que eu passei com eles. O sofrimento da gente serviu um pouco de lição pra gente.

Essa minha tia morreu tem sete anos, não fiquei de mal com ela não. Quando ela fez essas coisas, eu era pequena e ela fazia essas maldades. Aí depois que eu fui ficando maiorzinha, ela foi fazendo também. Porque tinha esse negócio de padrasto querer abusar de enteado, isso é desde o começo do mundo. Aí ele queria abusar de mim e aí eu não aceitei. Aí ela começou a achar que eu tava querendo, aí que ela ficou mais brava, aí que ela aumentou mais. Mas eu nunca fiquei de mal com ela. Ela adoeceu, eu fui pra lá, cuidei dela, eu sai daqui pra ir ver ela lá em Mineiros, pra ver ela se ela tava boa. Eu com tudo isso que eu passei, com tudo isso que eu passei, eu ainda tive uma coisa boa, porque eu tenho o coração muito bom. Uma coisa que eu não sei é guardar ódio, às vezes você me faz uma coisa, nesse momento eu fico nervosa, mas passa, tá tudo bem, pronto, acabou, sabe? Eu não sou daquela de ficar com aquele rancor, com aquela vingança não, isso graças a Deus, Deus fez uma coisa muita boa pra mim.

Meus netos é pouco, eu tenho uns 17 neto e tenho cinco bisneto. Até casar meus filhos moraram comigo, até cada um pegar seu destino, toda vida graças a Deus. Até hoje eu cuido. Eles são tudo assim, eles vêm muito aqui. Eles não perdem o costume.

Deixa eu contar outra coisa: eu tenho um filho, esse mais velho tá com a perna quebrada. A gente fica assim pensando, como de um pai só, de uma mãe só, sai pessoas diferente? Ele saiu de dentro de casa ele tinha 16 anos, o João Batista. E ele não tem vergonha, cara de pau, fala que ele saiu de dentro casa com nove anos. Ele fala pra todo mundo que ele saiu de casa com nove anos, que ele foi criado no mundo, que ele é isso, que ele é aquilo outro. Aí ele tava aqui em casa com a perna quebrada, ele ficou aqui em casa dois meses aqui. Aí o que acontece, ele fica com a televisão, a luz ligada, televisão ligada, ventilador até uma hora da manhã, sabe? Eu faço almoço, aí quando eu terminava de arrumar a cozinha tudo, aí ele: "Mãe põe um pouquinho de cumê pra mim." Agora da saúde que eu tô, sabe? Eu gastei com ele toda vez que ele ia pra Rondonópolis, eu arrumava dinheiro, tinha ou não tinha, eu arrumava pra ele ir. Aí quando foi dia primeiro do ano, ele foi lá no banco, pegou um dinheiro, e eu sustentando ele aqui de tudo. Aí a luz tinha chegado e a nossa luz chegou muito alta, nós nunca paguemos aqui mais que quarenta e cinco, aí a luz veio oitenta e dois. Aí eu fui, peguei, falei: "Não meu filho, para com esse negócio de televisão, de ventilador, você não tem condição de ajudar a gente financeiramente, então ajuda nós na economia, né?" Aí eu tinha comprado uma máquina de lavar, eu até guardei a máquina. Aí ele

foi lá no banco e pegou o dinheiro e ao invés dele ajudar, me desse quarenta conto que ele comprou de cerveja, porque ele é alcoólico, ele podia ter me dado que eu só inteirava os quarenta dois pra pagar a luz. Não, comprou cerveja e eu que se lasquei, né? Aí quando foi agora, o Pedro pediu pra ele, o Pedro pediu, não brigou, pediu só, e gente velho não aguenta barulho, televisão do lado. Aí o Pedro pediu pra ele: "Filho, ajuda nós meu filho, vai dormir, ajuda nós. Já que você não pode ajudar nós com dinheiro, ajuda nós na economia." Ele desligou a televisão, desligou a luz e ficou, ficou, ficou, aí ele levantou: "Fecha a porta aqui, amanhã eu mando pegar meus trem." Ele foi pra casa de um amigo, aí lá ele não deu certo lá também, mas é por ele, é ele. Aí foi, alugou uma quitinete, ele ta lá parecendo um mendigo, cozinhando na latinha, põe álcool e põe a panela em riba e cozinha. Eu fui lá e ele falou: "Não, pode deixar, precisa não, eu sei me virar." Machucou a perna. Então eu tenho sofrido, eu tenho sofrido, sabe? Ele tem a aposentadoria. Você fica com o coração na mão.

Então minha vida não foi fácil, hoje eu tô na glória, hoje graças a Deus eu tô na glória. Deus me livre se a minha vida continuasse igual era, mas como Deus é bom, maravilhoso, na velhice deu uma paz pra gente, né? Não tô mais com paz, por causa desse filho que tá desse jeito. Eu tenho uma filha, ela mora ali em cima, ai como eu sofri com essa filha. O marido dela era ruim demais pra ela, batia nela Leandro, batia, batia, batia nela dela mijar sangue. E ela não largava, não largava, ela dormia pro mato. Olha, ele judiou dela tudo que ele pode judiar, ele judiou. Só largou na hora que ele quis largar, enquanto ele não quis largar, ela não largou. Aí graças a Deus separou, agora tá bem.

Aí também tem uma neta minha, minha neta a mais velha, acima da mais velha, a gente ama tudo igual, mas essa neta, era minha paixão, era a minha paixão. Ela morreu com 23 anos, deixou um filho, até hoje eu não gosto de falar, até hoje. Ela deu uma hemorragia interna. Ela tava com cisto, foi de uma vez. Ela tava trabalhando cedo, ela levantou, tomou banho e aí começou a sentir dor. Já foi caindo lá dentro do banheiro, o marido dela pegou ela, já pôs no carro, levou no P.A. Ficou o dia inteiro lá, quando foi operar ela, a barriga dela já tava cheinha de sangue. Morreu na mesa de operação. Ela morou muito tempo comigo. Eu sofri muito quando minha neta morreu. Tudo é desgosto, tudo é sofrimento.

Se eu pudesse deixar um conselho pros meus neto é: primeira coisa ser fiel, a gente tem que ser fiel em tudo, a gente nunca deve ser infiel. E segunda ser humilde, ser direito com seus negócios, em tudo, por tudo, a pessoa tem que ser direito. Não mexer com as coisa alheia. A fidelidade diz tudo. Ter fidelidade pela mãe, pelo pai, pelo irmão, pela sua esposa, então a primeira coisa é ser fiel. O adultério é muito ruim, tem que ter fidelidade, não só ao marido, fidelidade à família, fidelidade ao seu irmão, sua irmã, tudo, tudo, tudo, por tudo. A sua esposa, seu amigo, a sua amiga, ao seu companheiro, você tem que ter fidelidade. Então toda vida, eu fui fiel, disso Deus não vai tirar meu trono por infidelidade, porque toda vida eu fui fiel e ainda cobro fidelidade dos meus filhos e do meu marido, eu cobro a fidelidade. Então isso eu falo, ser bom, ser caridoso, ser calmo, isso tudo é uma coisa muita boa que a gente deve prestar à população, ao mundo. As pessoas pode falar muita coisa, mas ninguém

pode falar que em mim vê mentira, ninguém vê infidelidade comigo. Se eu devo, eu pago. Se eu não puder te pagar tudo, eu te pago de pouco.

O grupo da Melhor Idade, minha vizinha sempre me chamava pra ir, a Ilda Ferreira Silva, ela sempre me chamava pra ir. Aí eu tava aqui mais meu velho, meio derrubado porque nós tinha perdido a filha, aí ela chamava: "Vamos, vamos lá, vamos." E eu não queria ir e ela chamando, até que um dia eu resolvi ir com ela. Aí cheguei lá, fiquei por ali, meia perdida, né? Aí tá, fiquei ali meio mais ou menos tá. Aí na outra semana eu não fui, depois eu fui de novo, aí eu chamei o Pedro pra ir: "Não meu velho, vamos lá, lá é bom, chega lá você conversa com as pessoas, você vai conversando, você fica mais entrosado." Aí ele começou a ir também. Hoje pra mim lá, o Grupo da Melhor Idade é minha família, eu acho bom. Hoje é minha família, eu acho bom, eu não tenho que queixar de ninguém lá, são todos pessoas boa. Eles têm atenção com a gente, e aí meu velho foi, gostou também, aí pronto não parou. Aí a Doralice fala assim: "Você tem marido, agora você vai emprestar pra dançar pra quem não tem." Então é muito bom o grupo da Melhor Idade. Lá muitas pessoas eu já ouvi contar, que chegou lá, dando testemunho que tava com depressão, foi pra lá e foi curado. Hoje eu vou pra lá, eu leio a bíblia, eu não achei lugar nenhum que não podia dançar, lugar nenhum não tem que diz que não pode dançar, é um hobby. Deus gosta de alegria.

Você vê pessoa que anda direito na cadeia? Não, ninguém vai na cadeia andando direito. Como que ia prender eu, você e outro aí? Nós não fez nada, mas se não andar direito, aí sim. Por isso que eu falo.

A vida é assim mesmo, eu falo assim: "Eu não quero ficar em cima de uma cama, eu não quero que Deus deixe eu em riba de uma cama, sofrendo, cansando." Assim, cansa a gente, cansa os outro, a família vai cansando. A gente por causa de doença, você vai ficando infomiguenta. Quando a gente fica doente pouco dia, a gente fica com uma febre ou com uma gripe, com uma coisa que você não pode fazer as coisas, você já fica nervoso, imagina ficar em riba de uma cama, sem poder fazer nada? Deus me livre. Eu sempre eu peço a Deus pra não deixar eu chegar a esse ponto não.

Então hoje eu vivo bem com Pedro, graças a Deus. A gente vévi bem, já tem esse tanto de ano junto, se Deus deixar chegar aos 30 anos juntos. Já é uma bênção, é uma vitória.

Eu tenho saudade é da minha juventude, quando trabalhava muito, com saúde. Saudade quando eu tinha meus filhos tudo pequeno, assim, tudo em casa. Eu tenho muita saudade da minha vó que eu gostava muito da minha vó. A minha vó pra mim era tudo. Duas pessoas que não acaba a saudade é da minha vó e da minha neta.

Saudade da mocidade da gente, quando a gente era jovem. A gente era sadio, andava, brincava, fazia tudo. Então a gente tem saudade. Eu não tive infância, foi daquele jeito que eu te falei.

Eu não tive a oportunidade de estudar, então a gente foi criado assim, sem estudo. Então eu vim estudar foi agora, agora que eu vim aprender ler um pouquinho, que sei, sei hoje, foi agora depois de velha. Então quando eu casei e tive o primeiro filho, eu sofri demais no parto. Aí o primeiro morreu com um ano e nove mês, eu tinha ficado com o outro neném.

Com um mês que o outro tinha morrido, o outro morreu, eu fiquei sem nenhum. Aquilo pra mim foi um baque, porque quem tinha dois e não ter nenhum. Com um mês um morre depois do outro, pra mim então foi um baque muito grande. Mas como diz aquele dizer: como Deus tinha um plano na minha vida, ele me segurou, me sustentou. Porque não foi fácil pra mim, de jeito nenhum. Eu morei assim, muito em casa velha, sabe? Casa estrangulada, eu morei na beira do Araguainha no rancho, que eu fiquei vigiada de onça a noite inteirinha. Eu barriguda do primeiro filho e a onça rodeou nós a noite inteirinha.

Lá no Araguainha, nós tinha um cumpadi chamado Zé Borges e ele tinha ido esperar paca. Ele tava beirando a capoeira assim, lá pertinho de casa e ele chegou lá em casa, lá nesse barraco no rancho e tinha um cara gritando lá pra onde, ninguém sabia de onde vinha. Aí ele pegou e respondeu dois grito. Aí o cara chegou e ele falou que tava tirando gueroba e ficou perdido e tava gritando pra achar onde tinha gente. E foi embora, tomou um café com nós, e foi embora. Aí nós deitemos, quando nós deitou, nós escutou um barulho, que eu não sei contar pra você como é que foi. Olha, galo cantava, vaca berrava, cavalo rinchava, jumento urrava e aquele barulho, sabe? Um trem mais horrível do mundo. E não foi só eu que escutei, aquele povo lá daquela feira do Araguainha assim, tudo escutou esse barulho. Foi aquele pisero e eu tava barriguda desse menino mais velho e eu corri. Meu marido falou pra eu não correr, e eu corri. Saí correndo pra casa da minha cunhada, minha cunhada morava bem na entrada da cidade do Araguainha, e eu corri pra lá. Aí meu marido falou: "Não tem jeito, eu não vou ficar aqui sozinho." Aí correu também e eu barriguda na frente, saí em riba de um potrinho de uma égua e essa égua correu atrás de mim. Tava todo mundo assombrado com aquele barulhão esquisito, tudo dentro de um tempo só, tudo num tempo só. Aí eu fiquei assombradinha com aquilo lá. Aí passou, eu fiquei muitos dia fora de lá, porque eu não queria voltar pra lá de jeito nenhum. Nós tinha ganhado esse lugar lá, pra nós fazer uma chácara. Aí passou uns dias, nós voltou. Aí uma hora, de dia, de dia, não foi de noite. Era dião, nós tinha acabado de almoçar, nós tava sentando lá na cama, aí levantou aquele barulho, outra vez, do mesmo jeito, o mesmo barulho e aquele barulho esquisito, assim. Aí o Francisco falou assim: "Agora nós vai pegar esse trem, agora nós vamos ver que bicho é esse, agora nós pega esse bicho." Aí ele saiu por aqui, eu saí por ali, encontremo aqui, e não achemo o trem. Nós não viu nada, nada, nada. Desocupei o barraco de novo, vazei. Eu passei muito medo, aquilo eu ia no outro mundo, eu ia no outro mundo de tanto medo. Não é folclore não, é causo que eu vi lá. Foi em 1961 isso aí.

Pois é, tem também essa decepção que eu passei com a minha menina, filha do Pedro, minha de criação. Essa morreu matada pelo marido, com 23 anos. A gente tem muita revolta com a lei, porque ele tá no mundo. Porque acontece um trem desse e eles não vão atrás. A gente desanima ir atrás, dar parte. Esse povo da Lei é tão irresponsável, nunca mais tivemos notícia. Ele tá aí no mundo, agora ele tá aí pra fazer mais alguma judiação com mais algum pai de família, né? É desse jeito. Eu mais o Pedro fiquemos aqui dentro de casa, numa situação, que ficamos tão atado, tão desolados. Não é fácil não, não e fácil de jeito nenhum. Você criar um filho, pra gente ver uma vida acabar desse jeito, morrer esfaqueada. E o infeliz

solto por aí, não e fácil não. O que a gente queria era só justiça, eu quero que paga na justiça, ele tem que pagar sofrendo lá, fechado, preso, assim que ele tem que pagar. Ele tem que ficar lá, acabando o dia dele fechado. Ele tem que pagar pelo que fez.

Outra coisa, lá no grupo eu já fiz três concurso de dança, ganhei todos, ganhei todos os três. Concurso de valsa. Eu ganhei em Mineiros também, que teve lá. Aqui no paroquial que teve também concurso de dança eu ganhei também. Aí agora eu fui fazer lá no Grupo da Melhor Idade, ganhei em primeiro lugar de dança. E também eu já fui princesa da Melhor Idade. Hoje eu canto, participo do Coral da Melhor Idade, né? Adoro cantar Moreninha Linda. Eu gosto muito de cantar, eu sinto muito prazer de cantar no Coral. Podia ser mais divulgado. Sexta-feira nós fez apresentação da feira, cantamos aqui na feira. O prefeito anunciou a gente, a gente foi muito bem aplaudido. Isso levanta o astral da gente. Entusiasma a gente.

Aí hoje então eu vivo há 28 anos que eu vivo com ele. E a gente vévi graças a Deus, muito bem, então espero que somente a morte nós separe, e que assim eu espero.

Eu sou de onze de maio de 1944. Pois é meu filho, já fui até candeeira de boi, andar na frente de boi, guiando boi. Eu lavei muita roupa lá no córgo chamado Bisca, lavava roupa. Os botoado ficava chupando os dedos da gente, é um peixe muito feio, ficava chupando os dedo da gente, trabalhava lavando roupa pro outros. Trabalhei muito, muito mesmo, minha vida não foi fácil não, nem um pouquinho. Eu tinha tudo pra fazer a coisa que não era bom, mas eu só fiz o que era bom. Eu não falei, mas você pode por lá, eu amo muito meus filhos, sabe? Tanto meus filhos, quanto os adotivo. É tudo pra mim.

Eu queria que meus filhos me visitassem mais, tem uma que mora aqui perto e não vem aqui tem mais de mês. Eu não acho que eles me amam conforme eu merecia ser amada. Tem uma que mora em Rondonópolis, passa é ano sem vim aqui. Meus filhos adotivo, eles tem mais atenção comigo do que meus próprios filhos. Se quiser fazer as coisas pra gente, faz enquanto a gente tem vida, porque depois que morre não adianta.

É isso que eu te falei, agora que a gente tá vivendo mais tranquilo. Parece que aquele tempo a gente não vivia, só trabalhava, era uma serviceira danada, eu trabalhava demais. Eu chegava em casa, quando meus filho pequeno, eu chegava a noite demais e eles tava dormindo, eu saía cedo eles tava dormindo, né?

Hoje graças a Deus, eu tenho o prazer de falar dos meus filhos, porque nenhum deles mexe com o alheio, graças a Deus. Eles não me deram esse trabalho, não me deram esse trabalho. Porque menino quando é menino, vai na sua casa pega um trenzinho, vai na casa do outro e pega um trenzinho, o roubo começa desde pititico. Começa com um carretel, uma latinha, um carrinho, uma garrafinha bonitinha, um vidrinho bonitinho, por aí que começa. Esse trabalho eles não me deram não, porque eu não deixava, porque eu visitar os outros, que eu saía, eu olhava se eles carregavam alguma coisa. Só carregava se desse. Então, até hoje, nesse ponto, meus filhos são honesto, sobre mexer com os trem dos outros, meus filhos são honesto, graças a Deus.

Outra coisa que eu não te falei, eu tenho uma filha. Essa minha caçula que tá morando em Taquari, foi por causa de um estupro que eu tive. Esse filho meu, o caçula, já tava com

oito anos, eu não tomava remédio. Eu fui trabalhar na casa da irmã minha, pra fazer farinha. Aí o patrão dela me fez o favor de me estuprar e essa menina veio. Eu fiquei grávida dessa menina, ela hoje tem 32 anos. Aí eu vim embora pra cá e era muito difícil, eu trabalhava lá no Bosco. Aí eu pagava uma mulher pra cuidar dela pra mim, aí essa mulher ficou cuidando dessa menina, eu dava as coisa pra ela. Aí quando foi um dia, um tio meu chama Manezinho e esse irmão meu que mora em Mineiros, falou assim: "Eu te pago tanto, pra você cozinhar lá na roça." Eles pegaram uma invernada pra bater pro Joaquim Rodrigues, eles me ofereceram o dobro do que eu ganhava. Eu ganhava dois salário aqui, fui pra lá ganhando quatro, pra cozinhar pra eles. Aí eu ia levar a menina. Aí a mulher falou: "Não, não leva não, espera um pouco, nós vamos pro rancho e depois você organiza lá e você leva." Eu deixei, deixei uns trem pra ela pra cuidar da menina. Aí fui embora pra fazenda. Com dez dias eu voltei pra cá, eles tinha mudado, mudou e carregou minha menina.

Eu cacei essa menina, pra todo lado e nem notícia desse povo. Sabe quando some, sai assim e não deixa endereço? Como você vai atrás sem endereço? E a gente era muito tapado também, né? E eu não achava essa menina, sabe quando eu fui achar ela? Ela já tinha 13 anos, eu achei lá em Cuiabá, lá que eu vim conseguir achar ela. Aí ela não me quis, ela não me quis não. A mulher pôs tudo quanto é trem na cabeça dela, falando que eu não prestava, que o dinheiro que tinha eu ia comprar pinga, que as irmã dela era tudo biscate, que eu era isso, que eu era égua, que eu era puta. Tudo quanto é trem feio que você pensar, ela falou que eu era. Falou que as minhas meninas era tudo quanto é coisa também. Aí essa menina ficou revoltada comigo. Aí eu falei: "Filha, a hora que você quiser vim pra casa da mãe..." Eu ia brigar com essa menina? Ela com 13 anos? Eu não podia amarrar ela.

Muita gente fala que eu dei a menina, mas ninguém sabe da vida dos outros não. Ninguém sabe da situação dos outros, ninguém sabe da vida de ninguém, né? Hoje tenho até contato com ela, mas ela não tem aquele aconchego comigo, mas eu não tiro a razão dela não.

Eu nunca gostei de fuzuê, às vezes a família chamam pras coisas, mas eu não gosto de fuzuê e eles acham que eu sou metida, que eu sou mais que os outros, que eu sou exibida. Eu nunca fui mais do que ninguém, eu gosto das coisas certas. Hoje a gente até tem mais contato, eles já tem eu em outra qualidade, em outra aparência. É ruim a pessoa olhar pra você com olhar de maldade, de pouco causo. É muito ruim, mas hoje tá melhor.

Uma coisa que nós devemos ter sempre é a honestidade, a sinceridade. A pessoa tem que ser honesta, sincera, a honestidade cabe em todos os lugar. A pessoa tem que ser fiel. Depois que eu passei por muitas coisas, eu passei a ser evangélica, passei 20 anos na igreja. A gente passa por algumas coisas na vida que a gente vai esfriando, ficando mais calma. Decepção eu tive muita.

Eu quero é isso da minha família, que ela seja fiel, honesta e sincera e ser fiel a Deus. Tem um poema aqui que eu queria ler:

> Quem tem amor, tem saudade. Quem tem saudade, chora.

Quem chora, se desabafa. Quem padece, ama.

Não é verdade? Se você padece é porque você ama. A melhor coisa que tem é amar e ser amado, senão for isso é muito ruim.

Mas é isso. Depois da gente de idade é que a gente vai descobrindo as coisas. Depois de idade que eu fui aprender a escrever meu nome, a bordar, a fazer pisqui. Engraçado isso, quando a gente era nova que a gente devia ter essas oportunidades, a gente não teve, por ser criada só lá pro mato. Eu fui conhecer currutela quando foi pra assinar os nomes pra casar. Nunca tinha visto cidade. Meu serviço às vezes era vigiar passarinho na roça, vigiava gritando com passarinho até a colheita, era muito sofrimento nesse tempo que nós foi criado. O monjolo lá de casa, era eu. Eu era o monjolo lá de casa. Eu socava arroz pra nós lá em casa, e pros peão. Mas bicho que come é o tal de garimpeiro, ô bicho que come.

Pois é, muita decepção, muita decepção eu passei. É a vida, né? Eu amo muito família. Eu gosto demais da minha família, inclusive eu queria que eles gostasse de mim o tanto que eu gosto deles. Eu queria que eles me amasse assim como eu amo eles. Só falta o amor dos meus filhos. Espero que esse livro faça sucesso, a Cora Coralina, seu livro só fez sucesso depois que ela morreu.

### ZENI SANTOS FOROGINE

Meu nome é Zeni Santos Forogine, sou de 1949 de 28 de abril. Uma netinha vai nascer agora que é a filha do meu menino que vive aqui. E tenho mais dois netos. Uma no Rio Grande do Sul que casou, e uma no Paraná, que minha menina que faleceu que é a mãe deles. Tenho dois filhos, dois e um aborto, seria três, duas meninas e um menino. Então minha menina já faleceu, vai fazer quatro anos. E agora o Tiago agora também tá desenganado, com problema de rim. A menina deu infarto, ela tinha problema no coração, morreu com 34 anos, nova demais, vai fazer quatro anos isso.

Assim, minha vida, pra te falar a verdade... Eu vivo, me faço de alegre, faço de tudo, me esforço, me ajudo, choro. Eu faço de tudo pros outros. Porque eu tava tomando remédio da depressão. Eu tava tomando remédio controlado, eu tava indo na psicóloga. Aí eu arrumei serviço ali no espetinho, hoje eu sou outra pessoa, entendeu? Apesar de tudo que aconteceu, desde minha infância.

Eu não ganho muito ali, mas já ajuda. Eu sou aposentada. Eu nasci na roça, lá na roça mesmo, lá no interior, bem no interior, bem lá no pé da serra. Nós era em oito irmão. Lá no interior do Rio Grande do Sul, no pé da serra. Eu me lembro, e com sete anos já, eu ia pra roça com meu pai. Ir na escola, eu só fui dois anos. O que eu aprendi, eu aprendi sozinha e prestando atenção. Matemática eu aprendi praticamente sozinha também. Na época da roça, os pais quase não levava a gente na escola. Eu me lembro que eu era bem menininha, mas eu me lembro. Nós ia roçar, derrubar mato, pegava machado, foice, cerrote, derrubava mato, depois queimava, depois plantava e depois pegava a enxada, ia carpindo, depois colhia. Aí quando eu tive meus 12 anos, porque eu era sempre a que mais trabalhava com meu pai. Eu tinha irmão mais velho, mas ele era muito doente e ele não podia fazer essas coisas, então era

eu. Então pegava carroça, boi, levantava de madrugada. Quando era quatro e meia, tinha que tá de pé. Fazia fogo no fogão a lenha, deixava a água esquentando pro café, aí ia aprumar o pasto pra dar comida pro gado, pro porco, pra galinha, pro boi, pra vaca. Aí a gente ia pra roça.

Um belo dia, pai falou: "Hoje nós vamos colher um milho, eu vou na frente, depois você vai com a carroça com os boi." Eu tinha 11 anos nessa época. Eu carregava tudo sozinha, eu era forte pra trabalhar. Eu tava carregando um cesto assim, de 60 quilo no meu ombro, quando eu coloquei o pé no alto da carroça, aí o pé escorregou, caí, dei o cotovelo naquele ferro da roda, quebrei os dois braços de uma vez. Eu até hoje eu tô com sequela. Eu fiquei um tempo sem trabalhar, na época não levava a gente no médico. Aí chamou um senhor lá, fez o que fez e ficou por isso mesmo. Sarei, continuei trabalhando. Nunca deixei de trabalhar. Fiquei só um tempinho parada. Não podia nem vestir roupa direito, por causa dos braços.

Mas o tempo passou e eu continuei a luta. Aí foi crescendo, lá é uma região muito fria, meu pai pobre por demais. Nós morava em casa de chão batido, não tinha nada no chão. Na cozinha e no quarto a parede era daquelas tábuas de pinheiro que chamavam costaneiro. Nós era muito pobre. Nós era em oito, minha mãe fritava um ovo, pra nós comer em oito. Minha mãe ficava sem comer pra dar nós, tadinha da minha mãe. Passamos muito frio, muito frio, a gente ia pra roça descalço. A gente ia semear trigo, a sementinha de trigo de madrugada, escuro, cantando, congelava tudo, não sentia as mãos, os braços, nada.

A gente entrava sete porteira pra chegar na roça, a gente ia cantando "Menino da Porteira". Aí o tempo foi passando e o sofrimento aumentando também. No domingo a gente ia cedo pra igreja. O pai pegava a carroça, os boi e nós tudo pra ir pra igreja. Minha mãe sentava no canto do banco, meu pai do outro canto e nós no meio tudinho ali, quietinho, sem mexer.

Não tinha chuveiro quente, não tinha água encanada, não tinha uma geladeira, não tinha um fogão a gás, não tinha sofá, não tinha móveis, não tinha nada. Só tinha um fogão a lenha, uma mesinha de madeira, essas coisinhas mínimas assim, tinha uma gamela, era feita na mão. Nós banhava lá fora numa água gelada, gelada, não tomava banho todo dia não.

Eu fiquei até meus 49 anos lá na roça, eu morei lá, eu nasci e me criei no mesmo lugar. Minha mãe mora até hoje lá. Depois eu com 23 anos eu casei. Aí que ficou mais triste pra mim, aí o sofrimento foi maior ainda. O pai dos meus filhos não era muito daquelas pessoas de pegar na frente sabe? Sempre tive que ser eu. Esse meu menino, sempre foi doente, desde pequeno, então aquele pouquinho que a gente tinha, nós teve que vender, pra levar ele nos médico. Muitas vezes na semana a gente ia pro hospital, passava mal. Aí chegou uma época que ele não tinha mais nada. Passei fome, dormi no chão no hospital, passei frio, sofri muito. Eu tinha que levantar quatro horas da manhã, trabalhava lá em casa, plantava até o sol esquentar. Aí saía do dia e ia trabalhar nos vizinhos, pra poder comprar comida e remédio.

E vi que não ia dar com ele, ele me bateu um dia. Aí o Tiago era pequeno. Aí eu falei: "Quando o Tiago completar 18 anos, eu vou embora." Ele riu de mim, me chamou de palhaça. Falei: "Se eu for palhaça um dia eu posso trabalhar no seu circo." E foi o que eu fiz. Aí falei pra minha mãe: "Eu vou sair, eu vou embora, o Tiago tá com quase 18 anos, eu vou embora." A mãe perguntou pra onde que eu ia, eu falei que não sabia, não sei.

Aí peguei e vim embora pro Paraná. Pra começar, eu não conhecia a cidade, não sabia o que era cidade, ouvia falar, mas não sabia. Não sabia o que era uma sinaleira, não sabia o que era atravessar uma rua, o que era ir e vim, nunca tinha ido numa cidade. Não sabia o que que era uma geladeira, o que era um chuveiro dentro de casa, banheiro dentro de casa, não sabia nada disso. Eu tava com 49 anos. Minhas irmãs a mesma coisa.

A vida foi desse jeito, a gente fazia de tudo, a gente batia feijão no minguá, batia no cacete, o trigo a mesma coisa. Aí veio a soja, a gente começou a plantar soja. O pai chamava

Abrelino, a mãe Albina. Meu vô veio da Itália, os dois vôs. Pai e mãe eram primos, primos primeiros. Aí na soja, se chover bastante, perde. Então muitas vezes ficamos noites colhendo aquela soja pra não perder, porque chovia pedra. A noite inteira daquele jeito, ô vida sofrida, não gosto nem de lembrar. Depois começamos a colocar lona plástica, aí facilitou.

A gente abria as estrada lá, tudo de picão, aqui fala outro nome, nós lá fala picão. Aí foi indo desse jeito, nunca comprei um sapato novo. Vestido bonito, bão mesmo, nunca. Usava aquele chapéu grande de palha, a gente mesmo fazia. Aí veio o tecido "volta ao mundo", aí ficou melhor, ficou mais prático. Até que um dia eu resolvi, um dia eu falei: "Eu vou conhecer a cidade, quero ver se eu tenho uma vida melhor, pelo menos ter um chuveiro dentro de casa, uma geladeira." Era um sonho.

Aí eu casei, tive os filhos. Aí outra tristeza, não tinha dinheiro pra comprar sapato pra eles pobrezinho, sofria também. Eu cortava a minha roupa, tirava um pedaço, ia tirando de uma e outra e ia juntando e fazendo roupinha pra eles. Quando eles começou a ir pra escola, eu não podia comprar refrigerante, essas coisas, eu fazia suco em casa pra eles levar.

A minha menina que faleceu, eu nunca dei um vestido novo pra ela, nem um sapato, nunca tive condições de comprar nada. Nem no dia que ela foi enterrada eu tive condições. Ela já tinha casado já.

Eu saí de lá e falei que ia passear, nem falei pro meu marido que eu vinha. Só falei pra minha mãe que se eu achasse um serviço, eu ficava. Sem conhecer nada eu fui, minha mãe me deu um dinheirinho, pedi benção pra ela e vim. Falei pra minha mãe que se eu achasse serviço eu não voltava mais. Ela: "Pra lá onde?" Eu falei: "Eu não sei."

Vim, o dinheiro tava acabando, o que minha mãe tinha me dado. O Tiago completou 18 anos na semana que eu tinha vindo. Eu tinha que tomar uma atitude, pra começar eu fiquei um pouco na casa da minha menina. Aí saí pra procurar trabalho, tinha um senhor lá que me chamou pra trabalhar numa boate, mas eu não sabia o que que era. Precisa de uma pessoa pra cozinhar e limpar. Eu era tão inocente que não sabia que era a boate. Ele falou: "É casa de mulher." Mas eu não sabia o que que era casa de mulher, eu pensava que era mulheres que morava lá. Tava precisando, eu fui lá ver. Cheguei lá, limpei tudo, aí elas falaram: "Aqui é Zona, você não sabe?" Eu falei: "Não." Aí elas foi explicar tudinho, eu falei: "Então não, então eu não posso ficar aqui, aqui não é lugar pra mim." Elas falaram: "Não, mas você pode vir de manhã, você limpa, você faz a comida, lava as louça, você não precisa fazer mais nada." Eu tava precisando, fiquei. Pra você ver, faz uma ideia, eu comecei a trabalhar numa boate, o que que a vida faz com a gente. Tinha um senhor que todo dia ele ia lá cobrar, vidro, todo dia tinha coisa quebrada, as meninas ficava na parte de cima dormindo, e eu ficava na parte de baixo. Ele me achou um dia chorando, porque eu sabia que não era meu lugar. Mas eu não tinha onde ter meu pão, tinha que pagar aluguel. Aí um belo dia ele me indagou e eu contei pra ele tudinho, falei que não queria estar lá. Ele falou: "Eu preciso de uma pessoa pra trabalhar pra mim, só que eu não posso pagar muito." Ele falou que era dono de uma vidraçaria e falou pra eu passar lá, pra conversar. Eu lembro que era 12 de outubro, dia das crianças, foi em 2000.

Eu fiquei na boate uns três meses, chorava lá, tinha vergonha, é um lugar triste de estar. Tinha um menino de Foz do Iguaçu, eu nunca esqueci daquele menino, muito simpático. Ele também perguntou por que eu chorava. Eu contei a história pra ele, já tava querendo escurecer e tava chovendo demais. Aí ele chorou comigo e falou: "Não chora." Saí de onde eu tava pra isso? Aí ele me levou embora, me deu carona, atravessou a cidade e me levou e falou: "A partir de hoje, eu vou achar um namorada decente, vou casar, quero que Deus me abençoe e peço que a senhora me abençoe, pra mim ter um lar honrado. Eu nunca mais vou por os pés nesses lugar." Eu falei: "Que Deus te abençoe meu filho." Ele saiu chorando e falou que nunca mais ia em zona atrás de mulher, do tanto que o coração dele tava doendo de me ver daquele jeito, que eu tinha sido um exemplo pra ele. Depois nunca mais vi.

Aí fui lá nessa vidraçaria no outro dia e o patrão tava me esperando lá na frente, ele falou: "É aqui, nós pode pagar pouquinho, mas daí você vem só três vez na semana, na parte da tarde." Na época 60 reais era dinheiro. Aí eu comecei meio período, só que no primeiro dia eu quase desmaiei pra fazer o teste. Não sabia o que era cidade, mercado, essas coisas, não sabia nada, de cidade eu não sabia nada, shopping até hoje eu não entrei. Aí ele falou: "Vamos fazer um testezinho pra ver se você sabe fazer um chimarrão, um café." Eu falei que tava nervosa, mas que ia fazer o possível dos impossível porque eu queria sair de lá de onde eu tinha vindo, não queria voltar. Aí eu fui fazer o chimarrão, deu certo, fiz um café deu certo também. Aí eles gostaram, gostaram também da minha pessoa, da minha humildade, eu sempre fui humilde, simples. Aí eles falaram pra eu voltar no outro dia pra começar, fiquei lá nove anos. Pagava certinho, carteira assinada e tudo, e eles ainda me ajudava no mercado.

Quando a minha menina ficou doente, eles contrataram outra e me pagaram o mês que fiquei cuidando dela. Então eu falo que lá eu tenho mais uma família. Aí eu fui um dia ajudar meu patrão pegar uma vara de ferro, que era serviço de homem, mas não tinha homem lá, ele soltou o lado dele, aí caiu do meu lado e caiu no meu braço, aí machucou de novo. Dessa última batida paralisou um pouco o dedo.

Aí passou o tempo, minha filha faleceu, eu fiquei um tempo sozinha, eu vi que eu não ia dar conta, depressão me pegou. Tava há mais de dois anos sem saber notícia dele. Tentava ligar, ninguém sabia. Aí um dia eu falei: "Hoje eu vou sair no mundo." Liguei num número que tinha lá e deu aqui na Coimbra daqui, de Alto Araguaia. Aí eu perguntei se alguém conhecia o Tiago Forogine, eles falaram que sim, mas que não trabalhava mais lá, está na Agrenco. Eu perguntei do número dele, eles não sabiam. Aí falaram que ia atrás do cunhado dele que trabalhava no correio. Aí ele mesmo me ligou, ele não sabia que a irmã dele tinha falecido. Ele tinha vido pra cá procurando vida melhor pra ele também e foi aonde ele se ajeitou, só que agora coitadinho tá doente, muito doente. Aí lá eu ia morrer sozinha, pensei no meu filho. Aí ligamos pra ele, falei que queria sair de lá, aí ele falou: "Quer vim pra cá?" Eu falei: "Eu quero." Aí a esposa dele ligou pra mim e falou: "Sogra, o Tiago já alugou a casa pra senhora vim pra cá morar com a gente." Aí eu queria visitar minha mãe antes de vir pra cá, mas não dava, a casa tava alugada. Paguei minhas continha tudo e vim. Agora eu tenho minhas coisinhas, agora eu tô contente, minha vida renovou. Sinto falta da minha filha, sinto dos meus neto, preocupada com meu filho, mas tô contente. Tenho minhas coisas, um conforto, graças a Deus eu tô tranquila. Posso dizer que eu sou feliz agora, uma palavra que eu nunca falei na minha vida, nunca tinha dito que eu era feliz. Tem 10 anos que eu sou aposentada, mas só agora que deu uma melhoradinha.

Tudo aqui eu comprei suando direto, nunca parei de trabalhar. Quando eu saí da firma de vidro, eu fui limpar uma comunidade de uma igreja, não é uma igreja matriz, era uma comunidade, eu ia limpar lá três vezes na semana. Eles pagavam bem, mas tinha que catar folha no meio de brita, tinha que catar na mão, comia tudo a unha, chegava sair sangue da beirada da unha. Assim, restaurante, pizzaria, shopping, eu nunca fui, nunca fui nesses lugares ainda não. Tô tomando meu remedinho de pressão, um calmante, mas graças a Deus tô bem.

Já fez dois anos em dezembro que eu tô no espetinho. Ali foi uma família que me acolheu em Alto Araguaia, eu fui acolhida naquela família. Eles me chamou pra mim trabalhar ali e eles gostaram do meu trabalho, eu gostei deles, fui muito bem acolhida. Os cliente me ama e eu amo eles também. Eu faço o máximo para tratar bem cliente, porque eu gosto também de ser bem atendida. Eu não gosto de jeito nenhum de magoar ninguém. Desejo sempre o bem, porque eu sofri muito, eu sofri demais na minha vida. Até dizer hoje que eu tô no paraíso, porque aqui em Alto Araguaia eu fui muito bem acolhida, as pessoas me tratam bem, tudo me considera, tudo me trata bem.

Eu tenho saudade de sentar no colo da minha mãe, muito mesmo, de cortar o cabelinho dela, que sempre fui eu. A minha mãe tá com quase 90 anos. Eu tenho muito

saudade também daquelas porteiras, de andar naqueles carros de boi, de ver aquela roça, de ver aquela estrada que nós andava. Sofria, mas era um lugar tranquilo, tomar água da fonte, tirar leite da vaca, isso eu tenho saudades, andar a cavalo, eu já andei muito a cavalo.

Primeira foto que eu tirei foi com 18 anos. Mas é isso, trabalhei bastante e quero continuar trabalhando até os 90.

#### ZILDA MARIA DE REZENDE

Eu, Zilda Maria de Rezende, primogênita de nove irmãos, nasci dia 19 de dezembro de 1940, filha de Olivério Venâncio de Rezende e Eugênia (Genita) Teodoro de Rezende.

Nasci na fazenda "Barraca", do meu avô Teodoro Carrijo Rodrigues e Ana Severino Rodrigues (Niquinha) em Alto Araguaia-MT, sobre as mãos da parteira Aninha e as da minha vó.

Vivi nessa fazenda até os sete anos de idade. Aos dez anos estudei na fazenda Paredão, em Ribeirão Claro, município de Alto Araguaia. Minha primeira professora foi Ruth Maria Ferreira, em 1950. No ano de 1956, estudei na escola Maria Auxiliadora, com a professora Irmã Luzia Carrijo. Logo depois fomos morar no Itiquira, fomos transportados em dois carros de boi. A família sentiu a mudança, todos choraram, deixamos minha avó Niquinha, o avô Teodoro e todos meus tios. Lá em Itiquira moraram outros tios, como a tia Liberata, viúva do tio Joaquiim Teodoro (irmão da mamãe). Esse tio faleceu e esse foi o motivo de nossa mudança, pois meu pai achou que deveria ajudar a irmã viúva a cuidar dos filhos (Lió, Isamira, Esmeralda, José Teodoro) onde ficamos cinco anos.

Vivemos muitos anos em Itiquira, numa fazenda que meu pai comprou, a "Olho d'água". Onde cresci e me obrigaram a casar com um primo de primeiro grau o Lourival José da Silva, justamente porque eu era apaixonada por um negro chamado Ramiro. Tive com o Lourival quatro filhas (Zilma, Zélia, Maria Eugênia e Eva). Sendo que Zélia veio a falecer com um ano e nove meses, de crupe.

Em 1971, com meu marido e minhas filhas de 11, seis e sete anos, mudamos para Alto Araguaia, morando no bairro boiadeiro. Lugar onde meu marido trabalhava de carroceiro e eu aprendi corte e costura e comecei a costurar pra fora. Meu marido começou a trabalhar com o irmão Manoel na casa de material de construção "Casa Silva".

Infelizmente, um dia, de chuva, como de costume, após o trabalho ao tomar banho no rio boiadeiro, no ano de 1974, Lourival sofreu um acidente, caindo de mau jeito no rio, quebrou a coluna e a medula, ficando paralítico por quinze anos.

Nesse tempo, nossa família desestruturou porque faltou o esteio da casa. Mas, mesmo assim, conseguimos superar tudo. Conseguimos educar muito bem nossas filhas, as quais estudaram, se formaram, casaram-se e tornaram-se pessoas de bem, tiveram filhos e netos. Passei minha adolescência trabalhando na roça, com meu pai, minha irmã Maura e o mano Almides que era menorzinho.

Eu e Maura trabalhávamos e Almides só brincava. Maura tinha pressa de ir para a roça, pegava o feijão e despejava em buraco de tatu. Papai só descobriu depois que nasciam os pés de feijão. Como Almides era muito pequeno, papai só ralhava. Mamãe ficava em casa com os menorzinhos.

Depois de 13 anos de vida papai e o vizinhos da fazenda faziam mutirão para carpir a roça, tempo de limpar os milhos ou arroz. Nas semanas das festas eu e Mauro ficávamos ansiosos que chegasse o fim da semana para nos divertir. Nós íamos na festa dançava a noite

toda, como era bom quando nós avistávamos os peões chegando para a janta e o baile e a comida era feita nos tachos de fornalha, fogão de lenha na coza do monjolo, isto era em nossa roça.

Quando chegava a noite estávamos todas prontas para festa. Dançávamos a noite toda em barraca de palhas de bacuri verdinha, cheirosas e assim era nossa vida. Quando era nos outros vizinhos e tios e primos.

E eu eternamente apaixonada olhando para o meu negro, minha mãe não podia ver que brigava, mas o papai gostava muito dele, sempre ele ia em nossa casa para negociar de porcos a bezerros, como eu o queria bem! Namorava só de olhar, pois mamãe não podia ver.

Meu nego chegava em um cavalo "azalão", muito gordo e bem areado, usava terno branco, todo elegante. Assim chegando o dia de fazer a festa "traição" lá no tio Olávio, sextafeira a noite depois que todos dormiam, chegava a turma toda com seus instrumentos; sanfona, violão, pandeiro. Cantávamos, soltava fogos, acordava o meu tio assustado, mas feliz, com a ajuda que ia receber sua roça, contava com papai até umas horas depois que todos iam dormir para acordar cedo para o trabalho. Mamãe, tia Olga, tio Arminda, tia Siberata e sempre Dona Sebastiana do senhor Azebre colocando fogo na fornalha para fritar almôndega, "bacoré" com frango e carne de panela, grande de ferro, 30 litros com tutu de feijão.

Assim, quando éramos todos crescidos era aquela moçada, eu Zilda, Maura, Almides, éramos maiores. Alzerinda Maria tinha mesma altura, depois vira Adair, José Ana que era paparicada por todos nós, era a nossa bonequinha, depois sem nos esperar, veio Sebastião que era mais paparicado ainda mais por todos nós, principalmente papai. Papai chegava do trabalho e ia para o paiol descascar milho e debulhar. Sebastião que tinha pouco mais de ano, ficava bagunçando, conversava os dois como gente grande.

Quando chegava a quaresma ficávamos com pressa que passasse os 40 dias, pois viria o Baile de aleluia, pois aí viria alguma surpresa. O Judas ia aparecer na casa de alguém, ficávamos na expectativa. Amanhecia o dia, quando a pessoa abria a porta, o Judas estava lá esperando. Judas era um boneco de cabeça de cabaça, cabelo, pelego, calça velha. Aí ia pro baile. Brincávamos, orávamos.

Lá pelo mês de julho, mês de agosto, nos tempos das cana madura, o papai falava assim: "Vamos todo mundo pra roça, carregar o carro de cana, por as canas no carro, que os peão já estão lá cortando". Aí nós já íamos agasalhar as canas no carro. Aí o papai ajudando, o Almir na guia dos bois, vigiando os bois pra não rodar. Ele pegava, e colocava todo mundo em cima das cana, no carro de boi. O carro cantava, ia doze bois, seis juntas de boi. Aí chegava em casa, todo mundo subia em cima do carro, areião que era. Bordado, Sombreiro, Calçado, Malhado, eram os nomes dos bois.

Chegávamos lá no circo do engenho. Descarregava o carro, papai ia chanfrando as canas na frente, nós íamos colocando no engenho de pau que ele fazia as duas moendas, ele colocava a gente pra tocar aquele friso, era tudo feito a mão, aí vai a gente colocar essas canas perto do engenho, pra amanhã de madrugada levantar todo mundo, era aquela moçada, minha mãe tava na frente. Aí mexia no coxo, o engenho era tocado a cavalo, rodeando a balança do engenho, chegava a afundar, onde o cavalo pisava, de tanto rodear. O Antonio, o Manoelzinho, cumpadi Manoel, o Reis, o Sebastião, o Sanforozo, mulacando o engenho, um dum lado, outro doutro e enchia um mundo de um coxo de aroeira grandão e as taxas, eram três taxas de cobre, cabia muita coisa. Enchia as três taxas de cobre de garapa e esse coxo, e ainda muitas latas, pra hora que for apurar aqueles que estavam no taxo, ia reformando, tira aquele, pões outras garapas, a fornalha era um mundão, compridona. Umas toras grande pra queimar lá dentro.

Dali virava o melado, o melado ele colocava em outros gamelão, pra ficar ali, pra açucarar, depois daquele açucarado, aquele melado, despejava em forma de tábua, e ali virava o açúcar, aquele melado que caia era sujeira, mas tudo parava em um outro coxo. Aquele

açúcar açucarado ficava lá dentro, passava três dias, ele colocava barro preto por cima daquelas formas, e aí aquele barro ia escorrendo, ia vazando aquele melado. Ele punha em outro coxo muito grande, pra ele azedar. Aí ele ponhava abacaxi pra azedar, virava um formento, dava até uns bichos. Aí ele tinha o alambique, ele e nós colocávamos aquele formento dentro da panela e em cima tinha um capeiro, que vinha aquele cano e ali tinha a panela que fervia e aquele suor que pingava era a pinga, a pinga saía e caia num garrafão.

Então essa pinga servia pra servir os convidados da festa, da traição do Judas, ali fazia licor, vendia também. Quando chegava os tempos, aquela forma que punha barro nela, o açúcar ficava branquinho, ele punha na carreta pra secar em picadinhos, aí ficava aquelas pedras. Nós muito danados, fugimos fomos pro circo do engenho, tinha bastante garrafa de pinga, nós pegávamos aquelas pedras de açúcar e molhávamos na pinga e ficávamos chupando aquelas pedras, aí sentimos meio mal, ficávamos tontos, mas fiquei quieta e meu irmãozinho mais novo, o Almides, ficou tonto e caiu, desmaiou. Aí depois veio a surra, mamãe pegou cada uma de nós e surra.

Quando saímos cantávamos uma música assim:

Ai que moça bonita, tão faceira e catita! Ai que moça bonita, tão faceira e catita! Que moça bonita que linda pintura chumbada de ouro a sua dentadura.

As mulheres andam procurando onda nova pra inventar. Usava meias compridas depois deram de encurtar. Encurtaram tanto as meias que deixaram de usar.

Hoje percebo que vivemos uma história de superação muito grande, pois apesar de tudo, a nossa família sobreviveu. Cuidei do meu marido até o último momento e também de minhas filhas.

Hoje encontrei uma outra pessoa; Walquir Vieira Campos, com quem vivo feliz há vinte anos. Temos nossa casinha, nossas ocupações. Nunca paramos de trabalhar. Eu ainda costuro, cuido da casa e participo do grupo da melhor idade, que me faz um bem enorme. Hoje sou realmente feliz!

# JOSÉ BENTO VIANA

Meu nome é José Bento Viana. Sou 21 de março de 1933. Eu era de Caiapônia, era chamado lá de Rio Bonito, aí mudaram pra Caiapônia. De lá nós viemos pra Mineiros, nós ficamos morando em Mineiros uns dois anos.

Naquele tempo o povo tinha uma ilusão assim, de falar sobre feitiço. Então minha mãe adoeceu lá em Caiapônia e aí nós foi morar numa fazenda. Meu pai fez uma casa pra nós lá na beira do rio, perto pra puxar um o rego d'água, era pequena. Eu tinha uns cinco anos e pouquinho. Então fez a casa e pôs a água pra passar dentro de casa, na cozinha, pra mãe mexer com a água ali e tal. Pra ajudar a fazer um cumêzinho pra minha mãe, porque minha mãe ficava de muleta, coitada. Então o que eu fazia? Eu temperava a panela com todo sacrifício, punha aquela água e tal e ficava ali assuntando, dentro de casa, sem sair.

Aí um dia de tarde eu inventei de sair, falei: "Mãe, eu vou ali buscar uma lenha ali de fora, que a lenha aqui tá acabando". Aí a porta da cozinha era uma prancha, dessa mais ou menos doze centímetros grossura, e aquela prancha eu passei pra lá e escorregou pra dentro e

eu fiquei do lado de fora. "Mãe o que que eu faço? Mãe que que eu faço? Eu vou lá aonde que tá meu pai". E ela: "Não vai não meu filho, você vai cair dentro do rio". Na época nós tinha que passar numa pinguela e lá eu fiquei. Aí ela falou: "Calma filho, vem cá, eu vou ajudar aqui, vamos ver, vamos mexer aqui". Aí nós foi mexendo, ela com aquela bengala lá e puxando e eu também com uma forcinha de menino. Aí abriu um tantinho e eu passei pra dentro aí fechamos aquela porta.

Naquela noite, um pouquinho da noite assim, quando escurecia apareceu um bicho lá, um gato pintado, não era onça pintada não, pulou lá na porta da sala. Aí a mãe falou: "Olha um bicho ali, deixa eu chuchar um pau nele". Aí ela chuchou a bengala nesse bicho. Menino de Deus esse bicho deu um turrado feio lá e zunhou essa porta pra entrar pra dentro pra pegar nós e nós foi lá pro quarto e lá ficamos quietinho. Aí passou, escureceu um pouquinho, o bicho tá lá e nós tá lá quieto dentro de casa. Aí madrugadinha nós viu que saiu aquele bicho, aí de manhã cedinho passou os pião da fazenda lá que mexia com os gado e perguntaram: "Como é que ta aí dona Maria?" Ela: "Olha tá tudo bem, mas não tá muito bem não porque apareceu um bicho aqui e eu chuchei a vara nele aqui e ele zunhou a porta tudo, olha aí pra vocês vê". Aí eles falaram: "Vixi dona Maria, é onça. Olha, a senhora fica quieta aí, nós vai voltar lá na fazenda, pegar os cachorro e nós vem pra matar ela e ela tá aqui por perto mesmo sondando vocês aí".

Aí voltaram lá na fazenda, trouxe os cachorros e sortou eles lá e botou eles pra cheirar a porta lá e já saiu. Numa distancinha como daqui lá pra igreja assim, já acuou esse bicho lá. Aí chegaram lá e mataram aquele trem lá e trouxeram: "Olha aí dona Maria, olha o bicho que queria comer vocês aí, olha o tamanho do bicho". Uma onça pintada que era um mundo rapaz. Aí falaram: "Nós vamos chegar lá e vamos falar pro Seu Getúlio vim pegar vocês aqui e levar pra lá, senão esses bicho vai vim aqui e vai comer vocês aqui". Aí falaram pro meu pai, meu pai veio e um colega dele falou: "Olha Getúlio, você vai fazer o seguinte, você pega o carro de boi amanhã cedo, você vai pousar lá com sua família, você vem, pega o carro amanhã cedo, pega sua mudança lá, vem pra cá. Vocês vai morar naquela casinha lá, aí você fica aí até o tempo que você quiser, no dia que você quiser ir embora, você vai, mas você vem morar aqui perto de nós que aqui nós fica olhando ela e o menino". Aí sim, fez, foi. Pegou o carro e fomos embora pra lá, aí lá ficamos.

Nisso chegou uma senhora, baiana, por nome de Térta, muita falada no Mato Grosso essa Térta. Ela chegou, nós tava lá na fazenda e pra ela todo mundo era cumadi. Aí viu minha mãe doente daquele jeito e falou pra minha mãe: "Ê cumadi, mas o pessoal descarregou a mão feia em você hein cumadi". Minha mãe sem saber e a Térta: "Pois é cumadi, descarregaram a mão em você, pra matar você cumadi" e falou "Mas não vai matar não, eu vou te curar você, eu vou te curar você". Aí pregou uma benção na minha mãe lá, banhou ela e ficou uma semana com minha mãe lá na fazenda. Você acredita que nessa semana que ela ficou lá com minha mãe, ela já encostou a bengala e já começou a andar devagarzinho, andando na casa tudo e tal, nós já vimos que ela tava ficando boa. Ela falou pra minha mãe: "Olha cumadi, eu vou lá pro Mineiros, vou ficar lá uns dois mês, você vai lá pro Mineiros, fica lá, onde você tiver, manda me avisar que eu vou lá tratar de você". Aí assim fez, nós fomos pro Mineiros, lá pra casa do Seu Mané Francisco, aí nós ficou lá e com seis dias que nós tava lá a Térta foi lá, passou remédio pra minha mãe, benzeu e falou: "Olha cumadi, você vai fazer pra mim um negócio seguinte, vai aparecer um bicho no seu corpo, esse bicho ele vai chiar muitos dias aí, deve começar chiar de amanhã em diante, mas você vai fazer o seguinte: não precisa ter medo não, esse é o bicho que eles puseram em você, mas vai sair, tá dentro do seu corpo, você fica com esse trem aí que ele vai sair de você na cama, fica olhando na cama todo dia cedo que ele vai sair". Aí quando foi lá um belo dia, apareceu um bichão desse tamanho assim, cascudo, danado, a mãe pegou, pôs dentro de um vidro, e falou: "Ah danado, é você mesmo que eu tava esperando". Aí sumiu esse bicho, ela jogou água abaixo e a minha mãe ficou boa, pegou a trabalhar e tal e aí foi numa chácara desse Mané Francisco que é parente do meu pai, distante assim mais ou menos uns quatro quilômetros da cidade. Então aí meu pai falou: "Olha padrinho, nós vamos pra lá, vamos morar nessa sua fazenda". Ele deixou, nós fomos.

Um dia meu pai comprou uma casa de palha pra nós, moramos uns dez anos nessa casa, eu inteirei meus sete anos nessa casa aí. Aí fui ficando por aqui e tal, comecei a estudar. Depois passamos a estudar no colégio dos padres, minha vó trabalhava lá. Nesse meio tempo meu pai foi dar uma viagem no Lajeado, como era chamado naquele tempo, foi com um motorista e ele conversando lá, tinha uns parente e ele teve um sonho com uma pedra de diamante num poço e foi pra lá. Aí tinha um colega dele que tinha um carro de boi, eles combinaram o dia que ele ia passar. Meu pai arrumou os trem, ele chegou de tarde, carregou esse carro, entramos lá dentro e lá se fomos. Saímos daqui e fomos pousar lá em Bonito, na cabeceira do Araguainha. No outro dia fomos e pousamos na Casa de Pedra que tem até hoje, do João Cajando. Passamos dentro de um córgo que molhou quase dois metros e apareceu muito peixe, minha mãe falou assim: "Vamos pegar peixe pra nós fazer janta". Enchemos o carro de boi, aqueles peixe frito, bom demais. Aí pousamos em muito lugar até chegar em Guiratinga, antigo Lajeado. Aí nós chegamos numa fazenda e tinha uma tia nossa chamada Dermina, ficamos morando perto dela. Aí apareceu daqui uma senhora, cumadi da minha mãe, por nome de Raimunda, mãe do Jairo e da Jaeza, Jaeza Doida. Deu uma sarna nela rapaz e ela foi lá pra casa, minha mãe pelejou e deu banho, deu remédio, e quando ela foi embora, aquela sarna pegou em nós. Aí ensinaram minha mãe, tinha que pegar folha do mercurinho do cerrado, pegava um punhado de folha, fervia e fazia um banho. Eu banhei naquilo e passavam a bucha e virara uma piniqueira danada no corpo, mas aí foi bom, foi dois banho e saramos tudo.

Lá em Guiratinga, meu pai pegou uma lenha pra fazer um serviço pra uma senhora chamada Brancha, era desse pessoal de Dourados e aí então ela deu o serviço, 100 metros de lenha, meu pai pegou, foi um dinheiro bom. Aí ele começou a cortar lenha, piando, rachando e eu e minha mãe ficava pegando e amontoando as lenhas.

Um dia a gente tava quase acabando, faltando uns meio metro de lenha pra acabar ele falou: "Olha, vou ver se eu consigo pegar um pintado pra nós jantar ele". Aí fomos jogamos a linha e nada e nada de peixe e quando nós olhou nós tava circulado pelos bororo, cercou nós, aí ficamos com medo mas eles tranquilizaram, precisava ter medo não, mas cercando achamos que ia matar a gente. O pai falou que tava tentando pegar peixe, mas não conseguia. Aí eles falaram: "Vamo pegar peixe pra cumadi comer". Subiram pra cima no rio esses bororo e quando vieram de lá mas com cada pintado rapaz, aí deu uns dois lá pra nós: "Isso aqui nós vamo levar pra fazer bucururu lá no Lajeado".

Sei que daquilo ali nós moramos lá uns quatro anos, aí nós viemos aqui pro Alto Garças, nesse intervalo eu morando lá em Guiratinga. Lá tinha um tocador de sanfona chamado Lídio Mendonça, ele era baiano, ele foi pra Guiratinga e o pessoal queria fazer um carnaval lá e tal, e ele tinha uma sanfona e ele pegou o carnaval pra tocar. Arrumou mais um senhor por nome de Durval e um outro lá, um banjista e eu fui bater caixa. Eu muito criança, menino novo, larguei de mão daquilo: "Não, vou mexer com isso agora não, deixa eu melhorar mais, deixa eu crescer mais". Aí quando eu peguei uma idade boa, aí eu peguei e fui tocar mais o Lídio, andamos e muito de avião nesse mundo, era um teco-tecozinho, nós fazia aqui pra Ponte Branca, naquelas currutela de garimpo lá, Poxoréu, no Coité, naqueles lugar tudo nós tocou. Aí nós veio pro Alto Garças um três anos, minha mãe comprou uma terrinha perto de Alto Garça e nós viemos pra aí. Aí nós moramos nessa fazendinha ali, aí ficamos uns quatro anos lá, eu fui tocar uma roça no Paraíso, da Dona Severina. Depois eu fiquei foi mais é tocando na banda, foi muitos anos. Mas no resumido é isso.

### ALZIRA MARCOLINO DE CARVALHO

Me chamo Alzira Marcolino de Carvalho e eu nasci em 12 de junho de 1937. E acho assim, antigamente faltava as coisas, não tinha luz, mas tinha mais diálogo também, com os pais, com irmãos, era tradição, fazíamos fogueira de São João, São Pedro, Santo Antônio. A gente brincava muito, não tinha o que tem hoje, as facilidades, a internet, o computador, telefone.

Nós éramos em três irmãos, filhos de João Pernambuco. Então tinha mais diálogo, a gente fazia rodas de histórias, era muito divertido, era muito bom, não tinha o que tem hoje, mas o que não tem hoje, tinha antigamente, isso é, as pessoas conversavam mais, hoje é tudo diferente.

Noite de lua cheia a gente sentava com os vizinhos pra contar história, ia até tarde da noite conversando, contando história. As crianças hoje entra lá pro computador e não quer saber de pessoa idosa nada. Antes a gente dava atenção pra pessoa idosa.

Nas escolas tinha quase todo domingo piquenique, as professoras levava a gente pra brincar, nadar no rio. A gente nadava no Boiadeiro, no Araguaia, tudo no nado, sem câmara de ar.

Tive quatro filhos e criei a Fátima, que é filha do meu irmão. Meus filhos chamam Marquito, Mauri, Sandoval e o Mauro que Deus levou. Eu casei em 1958 e fiquei viúva em 1998, 40 anos casada com o Sandoval Carneiro de Carvalho, pessoal chamava ele de Sandú.

Era bom demais, antes tinha só um radinho de cabeceira, a pilha, nem a energia não era. Faltava muita luz, ficava sem luz uns 15 dias, teve vez de ficar três meses sem luz, quando a luz voltou a gente nem tava importando, já tava acostumado, acendia lampião, acendia vela, as portas das casas ficavam cheia de cadeira, cheia de gente contando causo.

Minha mãe e meu pai contavam muita história, muita piada. Em 72, minha irmã sempre morou perto e mudou pra Rosário Oeste, nossa, mas a gente achou ruim demais, foi vizinha muito tempo, agora tá tão distante.

O Marquito conta uma boa do tio Manuel, ele queria ir num baile em Guiratinga, e meu pai não deixou e não deu dinheiro pra ele, porque ele era muito danado e naquele tempo não tinha água encanada era só poço, cisterna, ele abriu a cisterna, pegou uma pedra, subiu numa laranjeira com a pedra e lá de cima gritou: "Eu vou suicidar" e jogou a pedra dentro da cisterna fez aquele barulhão e aí vai vizinho atrás de corda, pega pau pra ver se tirava ele lá de dentro, aí minha mãe falou assim: "Mas João, ele pulou, por que que você não deu o dinheiro pro menino João?" e Manuel lá de cima: "Tá em tempo ainda". Ele tentou suicidar três vezes, na quarta ele conseguiu, tinha 19 anos, foi em 1947. Meu pai morreu ainda 10 anos depois, ele morreu em 1957.

Outra que ele conta é que o Maurão tava dormindo e ouviu um caboco dando cavalo de pau aqui na frente de casa, acordou bravo pegou e falou: "Vou dar um tiro nesse povo, povo sem educação", aí meu pai falou: "Larga disso Mauro, deixa quieto". Aí Maurão foi lá fora e voltou de cabeça baixa. O pai perguntou: "Uai, que que foi? Não deu tiro não?" e o Maurão falou: "Era o Marquito pai".

Tenho nove netos. A Fátima eu cuido desde os dois anos. Arrumei a malinha dela e trouxe ela pra cá. Agora ela mora aqui do lado.

Os conselhos pros neto eu diria que eles têm que estudar bastante pra ser alguém na vida, queria que eles fizessem catequese também, só um que começou fazer primeira comunhão, nem que seja no sábado. Então eu dou muito conselho pra eles pra estudar, tem o Miguel que é inteligente, mas tem que ficar em cima, porque senão não estuda, fala: "Graças a

Deus que amanhã é sábado" aí a gente pergunta por que, ele fala: "Porque amanhã não tem aula, dá pra dormir até mais tarde", mas é muito inteligente, caderno organizado, mas se deixar, ele falta aula, não faz tarefa.

Nessa rua aqui, as casas era tudo de pau, tinha poucas casas aqui, aqui tudo era mato. Meu marido gostava de jogar muito baralho, mas eu casei sabendo, não importava não. Jogava nos domingos, tinha que vez que amanhecia, jogava apostado, a finada Dinair do Cacildão muitas vezes jogava também, canastra. Era bastante dinheiro que eles apostavam. Ele trabalhou em muita coisa, eletricista da prefeitura, faleceu ele tava no INDEA, na fiscalização.

Teve época que eu vendia cosméticos, roupa. Quando eu era solteira eu trabalhava no cartório, eu fazia título de eleitor, era grandão o título na época, ficava os dados da pessoa, a data de nascimento, e a foto. Agora mudou tudo, trabalhei dois anos lá, fazia muito título, o meu mesmo eu que fiz, agora é um papelzinho pequeno.

Sou pensionista hoje. Os meninos brigavam bastante quando era pequeno, a diferença de idade é tudo de um ano, eu por mim teria mais filho, mas não pude ter mais. Minha irmã teve seis filhos, quatro homens e duas meninas. Então juntava essa meninada tudo aqui em casa, outra hora juntava tudo na casa dela, aí era fogo.

Eu tenho muito orgulho dos meus pais, foram muito trabalhadores, caridosos, honestos. Minha mãe chamava Maria Rodrigues da Silva e meu pai chamava João Marcolino da Silva, ele veio de Guiratinga pra cá e montou uma loja e eu com sete já ajudava ele. Ele foi político também, quando ele morreu ele era presidente da UDN antiga. Ele sempre trabalhou com comércio, mercearia. Tinha muita amizade aqui, era muito caridoso, ele ajudava muito pobre. Aqui não tinha funerária e quando não tinha como enterrar, meu pai fazia, meu pai pagava tudo, já teve vez do velório ser na nossa casa. Nunca vi meus pais brigarem, a vida conjugal deles era muito boa, meu pai era mais velho que minha mãe 17 anos, ela não tinha ciúme, não tinha essas coisas de não confiar no outro, meu pai era mais nervoso, mas minha mãe era calma e hoje a gente vê tanta briga com os casais.

Eu já recebi muita graça. Uma vez eu tinha acabado de rezar o terço e o Sandú tava viajando, meu esposo. Minha mãe morava comigo junto com o Zé, meu irmão. Isso foi em 14 de julho de 1967, eu acabei de rezar o terço e tinha um quadro da Nossa Senhora das Graças. Aí tinha a perinha eu apertei e apaguei a luz e do lado da santa saiu aquela fumaça, tampou o quarto, fumaça de incenso da igreja, que eu gosto muito. Eu falava pra minha mãe pra gente sentar bem na frente da igreja, pra participar melhor da missa e ficava mais perto do incenso da igreja, aí a gente só sentava no banco da frente. E nesse dia parece que a Nossa Senhora veio agradecer as orações com essa fumaça, tampou o quarto de fumaça de incenso e eu tava de camisola, tava frio, mês de julho, eu joguei uma toalha e chamei meu irmão: "Vamos ver se não tem gente pondo fogo em redor da casa". Abrimos tudo a casa, não tinha nada, nada, era meia-noite. Não tinha nem fogão a gás por aqui, todos que tinha era fogão caipira e eu ainda fui lá no fogão pra ver se tinha fogo, mas antes eu tinha lavado o fogão pra sair aquele cheiro, não tinha nada de fogo no fogão. Olhei debaixo das camas achando que os meninos tinha colocado fogo nos colchão, mas parece que foi a santa mesmo que veio agradecer sabendo que eu gosto de incenso. Disso muita gente ficou admirada, naquela noite eu não dormi, cedo eu corri na igreja, era o Padre Martins que tava aí, eu contei pra ele e ele: "Não é nada ruim não minha filha, você tava rezando. Marca o dia do mês, do ano e vamos ver que que vai acontecer". Não figuei satisfeita ainda não e fui lá nas irmãs, as irmãs falaram: "Isso é bom demais, foi bom demais você vir contar pra gente, compartilhar essa graça com a gente." Aí uma aluna que tava de lado assim, disse assim: "Ah não, não foi bom não, quebrou o encanto". Eu podia ter ficado mais no quarto, rezado mais, figuei na porta, acordei meu irmão, minha mãe me tranquilizou. Sempre que eu tô rezando no meu quarto eu lembro, a gente sente o cheiro da fumaça do incenso, mas não vê. De vez em quando eu ainda sinto o cheiro no meu quarto. Os padres falam que é muito bom, que é a presença de Deus na minha família.

Tenho saudade de tudo de antes, dos teatros também, que os professores proporcionavam, adoro teatro, hoje a gente nem vê mais porque tem televisão. Todo feriado tinha teatro na escola. A gente brincava de pular corda, maré, betes. Tenho saudade das colegas do tempo de infância, foi bom demais e a gente vivia feliz, ia pro rio, mas falava pra mãe que ia arear as vasilhas, a gente aproveitava e ficava nadando, aproveitamos bastante.

# MANOEL BORGES DE ANICÉZIO

Me chamo Manoel Borges de Anicézio e sou de 17 de julho de 1937. Eu sou analfabeto, eu assino o nome só, não tive um mês de escola, só na fazenda, naquele tempo era difícil, pra formar uma pessoa era muito difícil, pra você ver, aquele Seu João Dias do cartório, o pai dele mandou ele pra Belo Horizonte pra estudar, ele ficou foi 15 anos lá pra formar, as coisas eram mais difíceis. Hoje você estuda, tá novinho e já forma, tá resumido.

Eu vou te contar uma história, história acontecida. Do casamento do seu avô, esse homem era inteligente demais, mas inteligente demais da conta, se ele tivesse um estudo bom mesmo... Eu falava pra ele: "Onecídio, se você tivesse estudado pra ser um advogado, não tinha quem ganhasse de você". Quando ele tentava fazer uma coisa ele fazia mesmo, e dava certo, ele enxergava longe. Eu e ele combinava muito.

Quando foi pra ele casar com a Francisca, que era uma das moça mais bonita da região, a rapaziada brigava por causa dela. E o Onecídio veio lá do Goiás e falou: "Não, essa aqui é minha". Ele era metido a bravo. Naquele tempo o namoro não era como é hoje, era difícil. Ele namorou com ela, e o Seu Fidêncio, que era o pai dela, acho ele um rapaz bom, ficou gostando dele. Seu Onecídio pediu o casamento, eles aceitaram, marcou o casamento, foi um festão, eu lembro, eu era pequenininho, mas eu lembro, festão mesmo, naquele tempo o povo tinha união, juntava os vizinho na fazenda. Passou a festa, o Seu Fidêncio era muito controlado, tinha muito gado, aí ele pegou o gado da Francisca, separou, fechou o curral, chamou o Onecídio lá: "Ó, esse gado é da Francisca, agora é seu e dela, agora você toma conta, se quiser por outra marca...". Naquele tempo, sempre que a gente casava, a gente chamava o sogro de tio. Então o Onecídio falou: "Tio Fidêncio, vamos deixar separado nesse pasto aqui, eu vô ali no Araguaia buscar comprador, vou vender tudo, não vou deixar nem uma novilha". Aí o velho ficou de uma vida pra outra: "Meu Deus do céu, criar essas coisas, com amor, pra filha, agora o rapaz não dá valor, vai vender tudo". Mas também não impediu, não perguntou por que, vai vender, vai vender, é homem, né? Aí o Onecídio viu que ele ficou contrariado com aquilo e falou: "Tio, eu vou vender, mas eu vou aplicar esse dinheiro bem aplicado, eu vou pro Jataí aprender a arte dentária, que eu tenho muita vontade e a Francisca vai ficar aqui na fazenda com o senhor e a dona Maria". Quando foi no outro dia o comprador veio e comprou tudo, gado bom demais e ele pegou aquele dinherão. Aí o Fidêncio falou pra dona Maria: "Nunca mais nós vamos ver o Onecídio, nunca mais, nossa filha não tem nada agora, ele tá com o capital tudo dela". Foi embora, o Onecídio largou ela aqui, e foi embora, foi pra lá e ele muito inteligente, e não sei bem ao certo, não tenho lembrança, mas ele não ficou um ano lá, praticou, comprou um gabinete, bem usado, porque naquele tempo era muito

caro, comprou tava com o dinheiro e trouxe esse gabinete. Quando ele chegou mostrou pro tio Fidêncio: "Tio, olha o dinheiro das vacas, tá tudo empregado aí no gabinete".

Aí o Fidêncio falou pra ele: "Tá bom uai, você acha que tá certo...". O Onecídio tinha um cavalo preto, pretinho, lembro até hoje, a Francisca também tinha um animal e a condução naquela época era cavalo e carro de boi e ele falou: "Agora, eu vou pegar a Francisca e vou fazer um cargueiro com esse gabinete e nós vamos lá no tio Manoel Carrijo". Ficava embaixo da Serra Preta, mas ele muito inteligente, já tinha tudo bolado, chegou lá e falou: "Tio Manoel, sou dentista, não sou formado, mas sou prático, faço de tudo, garantido, sei o que eu tô fazendo e o senhor vai me ajudar: Vai nos vizinho aí do senhor, fala que tem um sobrinho seu aqui que trabalha com a arte dentária". Lá não tinha e esse povo pra ir no Araguaia, era quatro dias de cavalo, o povo tava sofrendo com os dentes tudo estragado e não tinha condições de ir lá. Às vezes, muitos tinham condição de pagar, mas pra descolar 10 dias longe, não tinham, pessoal era muito atrasado naquele tempo. E o velho saiu, de vizinho em vizinho falando do sobrinho, e juntou um povão, moço. Ele não vencia o serviço, era muita gente, ele falava, trabalhava o dia inteiro, dia inteirinho, biturando dente, extraindo e fazendo bituração, fazendo ponte, dentadura e não foi nada não, ele ganhou foi é muito dinheiro. Se não tivesse dinheiro ele recebia vaca, recebia capado, combinava e ele recebia tudo, o povo foi é muito. Quando ele veio de lá do tio, ele já comprou um gabinete melhor, novo e construiu ali onde é o hotel hoje, um canto pra ele trabalhar, mas muito bem feito, ele era muito caprichoso e ficou muntado. Nesse meio de tempo, o finado Fidêncio adoece, acabou falecendo e ele já tinha um capital bom que ele comprou a fazenda Nevada, comprou as partes quase toda, dos cunhado, das cunhada e os meninos dele tem até hoje, pra você ver, inteligência do homem. Quem sabe o seu Fidêncio não tá vendo né? Se a tal morte for a tal vida, quem sabe ele tá vendo. Onecídio fez isso tudo e venceu e comprou a fazenda, e foi um dinheiro bem apissuído, que os meninos tem ela até hoje.

Eu trabalhei naquela fazenda do lado dele foi é muitos anos, batendo aquelas capoeira. Quando ele comprou era um matagal, uma capoeirona, as invernada tinha acabado tudo. Ele fazia uns mutirãozão e pagava os homem bem, tinha vez da gente começar com 60 homem e quando terminava tava com uns 12, ia saindo, os caboco ia saindo, não aguentava não, só os que era acostumado a trabalhar mesmo, porque com ele tinha que trabalhar, ele falava: "Ó, eu quero o serviço é assim, assim e assim. O companheiro que não fazer do meu gosto, nós acerta e pronto". Tinha que fazer do gosto dele, eu começava do começo e ia até o fim, eu era acostumado a trabalhar, precisava e gostava. Tudo quanto era mutirão ele só me avisava e eu ia. Ele me pagava dobrado, por dia, naquele tempo o ordenado era cinco mil reis por dia, ele pagava dez, mas era muito serviço também. Hoje os meninos tão com ela, morreu novo, mas ele era um homem inteligente demais.

Nós era vizinho meio longe, nós foi criado meio junto. Nós era em oito irmãos, cinco mulher e três homens, o mais velho ainda é vivo, mora ali no Goiás. Era Enedino, Izonel morreu matado, Izilha, Gerônima, Izaura, Luzia e Maria Abadia. Meu pai chamava Joaquim Borges de Anicézio e minha mãe Maria Severina de Anicézio. Naquele tempo o povo tinha união, eu tenho saudade daquele tempo, parece que o povo tinha mais consideração pelas pessoas. Hoje modificou muito. A gente foi criado em outro ritmo eu não acostumo com esse ritmo do povo de hoje, mas eles falam que tá certo né? Naquele tempo, quando eu casei, você não tinha liberdade de chegar na moça. Tinha que ficar era distante, hoje o rapaz namora a moça, na primeira vez que namora ele já sai com ela. Pra você ver como que as coisas mudam. Era criação, era tudo diferente.

Naquela época eu ficava só em fazenda, aí depois eu fiquei 20 anos de caminhoneiro. Tive um problema, tive que operar de coração, aí o médico me proibiu, não podia pegar peso e morrer, aí larguei mão, mas eu gostava de viajar, ver coisas diferentes. Queria ir muito na

Bahia, mas nunca fui, mas Minas eu andei muito, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, vixi, andei demais nesse mundo aí. Eu era empregado.

Uma vez, o finado Nicanor, irmão do seu Onecídio, tinha um armazém na beira da estrada que vai pro Alto Garças, e um dia o Onecídio chega lá numa motocicleta, ele era muito levado e o Nicanor perguntou pra que ele tinha comprado aquele trem, comprasse um carro. O Onecídio: "Carro eu já tenho, deu vontade de comprar esse trem, sentir o ronco do bicho, monta aqui, vamos dar uma volta". O bicho era homem, de barba na cara e era igual um gurizão: "Entra aqui pra você sentir a sensação". Nicanor: "Não, não vou não, eu te conheço, você vai judiar comigo". Ele: "Não moço, eu vou devagarzinho, eu sei que você nunca andou uai, junta nessas arça aqui e põe esse capacete, senão você não aguenta o vento". Ele foi engambelando o velho e o Nicanor: "Olha Onecídio, eu vou, mas você vai devagar". Ele montou na garupa, aí a mulher dele finada Maria falou: "Nicanor, não vai Nicanor, você conhece o Onecídio, não vai, ele vai judiar com você, você vai confiar nele? Ele é levado". Mas não, quis experimentar. Ele até saiu devagar, mas tinha uma retona perto desse armazém e na mesma horinha sumiram e não voltava. A finada Maria incomodada falou: "Ah, já estrumbicaro tudo, aquele Onecídio foi fazer bonito e aconteceu qualquer coisa". De repente apontaram lá, foram lá em Alto Garças e voltaram, mas o prazo foi pouquinho, não foi muitos minutos não, foi negócio de meia hora não. O seu Onecídio encostou rindo e falou: "Olha Maria, agora é você, quer dar uma volta?" Ela: "De jeito nenhum que eu monto na garupa desse trem". Ele: "Nós fomos lá em Alto Garças porque senão não dava pra ele apreciar. Saímos agui só um pouquinho e já tava guase lá, aí nós acabou de chegar". Ela: "Deus me livre, não sei onde o Nicanor tava com a ideia de andar nesse trem". Moço, estrada de terra, a motocicleta já é baixinha, e o trem tem uma potência danada, foram e voltaram e não aconteceu nada.

Uma vez o Onecídio tava aprendendo a pilotar avião. Queria aprender, foi pro campo lá pro areia branca, pra pista lá, foi lá e o colega dele que era piloto. Essa colega foi ensinando ele. Onecídio falou pra ele: "Você me dá as instrução e deixa comigo, o resto eu faço." Entraram dentro desse avião e foram embora. Levantou ele, quando tava de uma altura lá, o bicho veio de ponta cabeça, caiu. Moço, ele não morreram por sorte, não sei como não machucaram, o avião virou um bagaço, bateu em cima de umas árvore, caiu pro chão, pintou o sarambéco e eles não teve nada, uns arranhadinho de nada. Aí ele falou: "Eu errei, era pra eu puxar pra ele subir eu apertei pra ele descer". O avião acabou. Ela era muito inteligente e levado.

Os mutirão que ele fazia, explica pro companheiro como que era, ia lá no serviço, mostrava como que era, o jeito da roçada, perguntava se fumava, se fumasse ele falava: "Você tem o direito de fumar, fazer o cigarro, acender ele e voltar pra foice, trabalhar. Você não tem direito de ficar puxando fumaça de cigarro vinte minutos parado, porque senão é prejuízo pra mim". Ele tinha prática com serviço, se não fosse do jeito que ele queria acertava e mandava embora. Tinha uns que aguentava dois dias e ia embora. Era muito serviço.

Eu tive cinco filhos, seis com o que eu criei. Legítimo mesmo é cinco, duas mulher e três homens.

Buriti é uma currutelinha, e pra chegar lá era muito difícil de chegar, tinha que dar uma volta grande. E uma estrada no meio da serra fazia falta demais pro povo, aí ele falou: "Eu vou em Cuiabá, se o governador quiser me ajudar, eu vou cortar essa serra. Eu conversei com um engenheiro aí e ele me disse que não tem condições de cortar, mas eu sou capaz de fazer esse serviço garantido". Pra você ver a cabeça do homem e ele não era engenheiro. Aí foi em Cuiabá, conversou com ele e ele falou: "O engenheiro já me contou dessa serra, mas ele disse que não tem condições de fazer". O Onecídio: "Tem, tem jeito de fazer, eu não sou engenheiro e sou capaz de cortar ela e garantir de subir caminhão lá". O governador ficou meio assim. O Onecídio falou: "Eu só quero que o senhor libera as máquinas, os funcionários

que é acostumado a trabalhar com elas e o engenheiro também, mas o engenheiro é só pra acompanhar, não é pra dar parpito não, quem vai dar parpite aqui é eu aqui ó, Onecídio Manoel de Rezende, eu que vou dar o parpito, porque ele disse que não tem condições, eu vou mostrar pra ele se tem ou não tem". Aí o governador falou: "Tá liberado então, se o senhor acha que tem, pode me avisar a hora que eu mando as máquinas, os operadores e o engenheiro". Ele foi lá avisou o pessoal que ia cortar a serra. Começou aquele trem lá, menino velho. Quem ia lá e olhava, falava: "Aqui não. O Onecídio é inteligente, mas aqui não vai ter jeito". Ele falava: "Não tem o que moço, isso aqui é fácil, não tem jeito pra quem não tem cabeça." Tá lá hoje. Já passou por lá? Pois é, fez e tá feita mesmo, passa caminhão e tudo. O engenheiro falou que não dava. Antes não tinha estrada lá, era só uns trierinho que subia, subia puxando o cavalo, não passava carro de jeito nenhum, aquilo ali era um abismo dos mais feio. Pois ele cortou e quando ele já tava numa certa altura, deu numa pedrona lá, botou bomba e broca e foi rebentando a pedra até passar os carros. Fez e ficou feita. Muita gente que conheceu quando tava fazendo e fala: "Homem como aquele, não pinta outro não". Se aquele homem tivesse estudo de engenheiro, ninguém ganhava dele não, era muito inteligente. Tá até hoje. Além dela ser comprida, tinha muita pedra grande. O povo achou bom demais porque não ia carro lá, aquilo ali foi uma vida pro povo. A estrada que tinha passava lá na lagoa dos veado, estrada de carro de boi, era a que o povo usava, mas levava dez dias de lá aqui, cortando a serra pode o povo passar direito, antes de cortar o povo sofreu muito, depois foi uma benção pro povo, pra todo mundo, inclusive valorizou as terras, favoreceu pro pessoal. Eu não cheguei a trabalhar no corte não, mas ele me levava lá só pra mim ver, os operários tava tudo lá. E ele ficava em cima, caboco ia entrar de um jeito, ele falava: "Para aí companheiro, não é desse jeito não, você tá fazendo serviço errado aí, pera aí, deixa eu te explicar como que você tem que fazer." Explicava e fazia. Uma serra daquela ali não é brincadeira não, facilitasse caia com máquina e tudo lá embaixo uai, não sobrava nada.

Vivi 33 anos com a mulher e não deu certo. Depois da família tudo criado, casado, saí, deixei ela com a casinha. Hoje o menino que eu criei ele tá morando comigo, ele tá construindo uma casa pra ele lá no Goiás, já tem família também, já tem um filho. Comecei a criar ele com três anos e meio. Eu tinha muita dó dele, ele era magrinho, criei, hoje ele tá com 23 anos, menino inteligente, nunca me deu trabalho, mexe com computação, ele gosta de viajar. Ele dá aula de computação, Vinícius Ribeiro. Computador é com ele mesmo. Ele é danado, de celular pra cima é com ele, internet esses trem, o povo embanana ele vai lá e arruma.

Saudade eu tenho do tempo de quando a gente era novo. Eu graças a Deus eu não tenho arrependimento de nada. Amizade eu tenho bastante, não tenho inimigo, não tenho nada, mas também não devo nada. Eu falo pros meus meninos: "O dia que eu morrer, se aparecer conta, vocês não precisa pagar, porque eu não devo". Não devo pra ninguém. Adoeci, tinha algumas coisas, acabei tudo com doença, mas não arrependi, foi bem, graças a Deus tô vivo até hoje, já operei duas vezes de coração.

Essa sua invenção de fazer esse livro é uma coisa muito boa, porque fica pra eternidade e queria dizer é que as pessoas precisam ter mais amizade. Não fico guardando mágoa de ninguém, guardo não, de jeito nenhum. A pessoa tem que conviver bem com todo mundo, porque eu penso que a pessoa que vévi assim, cheio de confusão, criando inimizade, eu não tenho isso comigo, graças a Deus, nunca guardei mágoa, faz é mal pra pessoa.

Os filhos tão tudo por conta graças a Deus. Eu arrumei umas duas companheira depois, mas também não deu certo, eu quero é sossego na minha vida, quero caçar sarna pra coçar não. A idade não permite mais a gente arrumar família não. Os meus filhos são muito bons comigo, eu criei eles e eles agora tratam de mim.

Esses tempos são meio difíceis, mas a gente tem que acostumar, porque aquele tempo de antes não volta, então a gente tem que conformar.

# PEDRO BARBOSA DE MELO

Eu nasci no município de Paranaíba, município de Mato Grosso do Sul. Nasci dia 15 de julho 1935. Me chamo Pedro Barbosa de Melo, mais conhecido como Pedro Barrilheiro. Foi uma vida sofrida, porque naquela época não existia nada, sem meio de transporte, de comunicação, era uma vida sofrida.

Meu pai e eu vinha de lá onde a gente morava até aqui, dava uns 140 quilômetros, ia no lombo de um animal pra fazer compra, de ano em ano. Meu pai chamava José Severiano de Melo, minha mãe Osória Paz Barbosa, era de família grande, tradicional da nossa região. Nossa família ela tem gente espalhada no Brasil inteiro. Nós éramos em 13 irmãos, 15, mas dois faleceram.

Eu tinha um irmão que morava em Camapuã, ele morava lá e tinha uma loja muito grande lá e eu fui pra lá com 11 anos de idade. Ele me pôs na escola, mas eu nunca gostei de estudar, fiquei sete anos na escola e não saí do segundo ano primário. Eu tava fazendo muita arte lá, muita danura, aí meu irmão me mandou pra Campo Grande e na época era muito difícil, me entregou pra uns parente, mas não dava recurso pra mim, eu tinha que trabalhar pra ganhar um pão caçulinha e um pastel. Estudava na capelinha São José e trabalhava carregando marmita, onze marmita e ia levar na parte do almoço e a tarde ia recolher. Então minha vida era muito sofrida, ficava na casa de uma mulher chamada Corina, amante do meu pai. Os parente descobriu ela lá e eu ficava na pensão dela e eu dormia lá, ganhava roupa lavada, eu que passava. E tinha esse trabalho de carregar marmita e ajudava a limpar a casa, pra ganhar comida, a dormida e a roupa lavada. Aí tava muito difícil, eu fui pra Camapuã, abandonei a escola. Cheguei lá, meu irmão perguntou por que eu voltei, eu falei: "Uai, meu calçado acabou, minha roupa tudo ruim, não tenho quem me ajuda, tá muito difícil lá, quero ir embora pra fazenda."

Aí eu vim, num lombo de um cavalo, fiquei na casa do Sebastião Dentista, ele tratava do pessoal nas fazenda, ficava muito tempo nas fazenda tratando do povo, ele tinha um gabinete, aí eu vim com ele embora. Chegou lá na região nossa, e tinha uma fazenda na região do Baús, era de um ministro do exército, fui pra lá trabalhar nessa fazenda na olaria. Aí me puseram pra mexer com gado, e o cara que administrava fazenda chamava Dr. Braulim, e o gerente geral era um general do exército, chamava General Ari, esse gostava demais de mim, e ele tinha um casal de filho, aí ele viu aquela minha danura, minha esperteza. Aí o gerente lá do gado chamava Júlio Corrêa, casado com uma prima segunda minha, e ele era meio acomodado e eu muito esperto, danado. Aí mandou o Júlio embora, eu tinha 16 anos de idade e me pôs pra administrar o gado, duas mil cabeça de gado, oitenta égua e uns cavalo de raça. Aí o general do exército que administrava a fazenda inteira do ministro, falou: "Pedrinho, eu quero levar você pro Rio de Janeiro, pra você estudar junto com meus filhos. Você topa?" Eu falei que topava, até arrepiei agora de lembrar. Fomos na casa da minha mãe, arriei dois cavalos e fomos, ele andava só esquipado, era duas horas de viagem. Chegamos lá, uma casa velha, de capim, não existia telha, era de palha, mas era assoalhada de madeira, as paredes de tábua, mas em relação dos outros era uma casa até boa. Chamei minha mãe, falei que tinha um senhor querendo falar com ela, ela era meio sistemática, o povo daquela época era chulo, pegado praticamente no laço, ninguém estudava, não sabia nem fazer o 'O', só se sentasse na areia. Aí ele contou a história, que queria me levar pro Rio pra estudar com os filhos dele. A

velha falou: "Mas é de jeito nenhum, não deixo meu filho, não, não vai". Tinha 16 anos na época. Naquela época a gente não sabia muito das coisas, então eu não sabia se era bom ou ruim. Nem lembro se eu tinha muita vontade, não tinha aquela ganância de sair pra cidade grande. Mas não deixou de jeito nenhum. Tive essa oportunidade, mas não deu certo.

Fui pro exército, fiquei um tempo lá, foi aonde eu peguei mais um pouco de conhecimento de vida, aprendi a dirigir lá, fui trabalhar com caminhão do exército lá, tirei um tempo e voltei. Aí arrumei casamento com a mulher, Dolores Martins de Melo, conhecida como Dona Antônia. Eu tinha 22 anos e ela 16 anos, aí mudamos pra cá, pro Araguaia, em 1958. Casamos em 1957. Aí moramos dois anos aqui, não deu certo, voltamos pra fazenda de novo. Trabalhamos lá, o pai dela era bem situado lá, tinha um bom gado, tinha bananal lá, tinha camionete, carro de boi, cafezal. Era um velho muito trabalhador, Seu José Martins de Oliveira, a sogra chamava Maria Paes de Oliveira, que era minha prima primeira. Ficamos lá, o pai dela vendeu a fazenda aí voltamos pra cá outra vez.

Em 1962 voltamos. A água que a gente banhava e bebia aqui, era de um poço nestesiano na beira do rio, era um poço. Cada dono de casa tinha um poço. Pra banhar, a gente pegava um balde, furava e colocava um cano com chuveiro, abria e banhava, se quisesse mornar a aguar, mornava, então puxava a corda e entrava debaixo. Não tinha nem calçamento direito aqui. Eu comecei a trabalhar de arrancar pedra, os alicerces das casas, era feito de pedra, hoje já faz de tijolo, então arrancava pedra pra fazer alicerce, eu e um colega meu chamado José Martins, finado, arrancava pedra aqui. Depois das pedras eu fui trabalhar na olaria, fazer tijolo, fiquei lá bastante tempo. Depois dos tijolo aí que eu fui trabalhar de trator, foi um dos primeiros trator que apareceu aqui na cidade, de um parente meu, Agenor Bino Neto, casado com uma sobrinha minha. Os trator só tinha os arado, não tinha grade. A gente gradeava a terra pra plantar. Fui depois pra uma máquina de arroz, era maquinista. Eu conhecia a máquina de limpar arroz do tempo de exército. Trabalhei cinco anos nessa máquina de arroz.

Depois fui trabalhar com o Agenorzinho, viajava pra Uberlândia de caminhão, pra Goiânia, Ponte Branca, Ribeirãozinho, Araguainha, Taquari, essa região toda, porque o Agenorzinho que fornecia essas cidades todas, de material de construção pra cima, tudo, a gente trazia, ele tinha uns quatro caminhão. Eu levava mercadoria pra essas cidades, comprava arroz, feijão, capado gordo. O povo fazia o pedido e a gente entregava e essa rotina, toda vida. Depois dele eu fui trabalhar com Pedrão Rodrigues, caminhão de novo. Dois anos e pouco, puxando carga de São Paulo pra Cuiabá, descarregava em Cuiabá e pegava frete. Era só terra, asfalto era só até Itumbiara.

Aí fui trabalhar com o Antônio de Abreu, ele tinha um posto de gasolina no centro da cidade, eu buscava gasolina pra ele, num caminhão *Mercedes*, eu ia pra Goiânia buscar. Carregava e vinha embora, daí ele mudou daqui pra Barra do Garças.

Aí sim fui mexer com boteco, sabe desde quando nós estamos aqui, nessa casa? Desde 1972. Antes era um armazém, eu tinha de tudo, vendia de agulha, prego de toda qualidade que você pensar, de tachinha de tudo que você pedir eu tinha aqui. Vendia arroz, feijão, manteiga, óleo de litro, de 20 litros, arroz de 60 Kg, sal, era um mercadão. Vendia arame liso, farpado, ganhei um dinheiro bom, muito dinheiro, tinha muito crédito. Aqui em casa era cinco, seis caminhão descarregando um atrás do outro, tinha um movimento muito bom, juntava viajante fazendo pedido. Mas se eu for contando minha vida, a gente vai ficar dois dias. Eu entrei depois numas encrenca de fazenda, e o dinheiro que eu tinha, eu emprestava dinheiro até pra banco, pro povo, bolso e gaveta cheio de dinheiro, mas não aplicava, tive oportunidade de ser um grande fazendeiro, comércio dos maior, mas não tive cabeça. Mas tô com muita saúde, tenho um casal de filho, graças a Deus. Minha filha chama Marlene, trabalha no Fórum e meu filho chama Rui, é escrivão lá.

Eu tive umas terras lá na nossa região, aqui eu não cheguei a ter terra não, eu não tive grilo, eu cuidava de uma fazenda e ela tinha sete mil hectares, me pôs lá pra não deixar o povo entrar e grilar. Eu morei lá nove anos lá, aí depois de nove anos ele queria me jogar fora, tirar igual cachorro. O povo era lá de São Paulo, arrumaram advogado pra me tirar sem direito a nada, um parente meu que era advogado e hoje é desembargador, o Gerson, levou dois anos, mas eu ganhei na lei trabalhista. Aí arrumaram pistoleiro pra me matar, queriam que eu saísse de qualquer jeito, aí fizemos acordo com eles.

O Dimas que foi casado com a Ilda, sua vó, tinha muito gado, comprei esse lugar aqui dele, tô aqui até hoje. Do Onecídio tem uma história boa dele, sou muito admirador dele, foi um dos que começou a mostrar o rumo pra verdade pra Alto Araguaia. Naquela época, ninguém pagava energia nem água. Aí ele impôs que o povo tinha que pagar energia. Ele chegou a subir em cima de casa pra cortar a ligação de energia do povo que não pagava, o povo mandava ele descer debaixo de arma de fogo e ele não descia, cortava. Eu vi ele cortando uma luz bem aqui no Altino ali, bem na esquina, eles não queria deixar, ele subiu lá em cima da casa, mandou o alicate, deu um choque nele, derrubou ele lá de cima, ele caiu no chão, rebuchou tudo, bateu a roupa, levantou do chão, subiu de novo na escada lá em cima e torou na raça. Abriu a serra também lá em Buriti, que ninguém teve coragem, nem engenheiro, ele abriu. O primeiro caminhão que desceu lá, foi eu. Fui buscar um caminhão de porco gordo do Cacildão. O finado Onecídio tava lá, o Joãozão tava lá, eles tava ainda terminando a serra, eu fui descendo, descendo. De volta o caminhão não deu conta de subir não, tava pesado, aí a patrola terminou de levar.

Saudade eu tenho um pouco de quando eu era jovem, era uma vida gostosa, não tinha preguiça, tudo tava bom, tenho saudade dessa época. Eu diria pro pessoal que a gente pra viver é muito fácil, você tem que conviver bem com as pessoas, trabalhar pra você ter uma vida boa. Eu adoro meus filhos, meus netos, tudo gosta de mim.

# MANOEL ANTÔNIO DE SOUZA

Me chamo Manoel Antônio de Souza e sou de 13 de junho de 1932. Nós era em três irmãos, morreu um esses tempos, ficou dois. Minha mãe teve dez filhos, morreu tudo. Uma irmã nossa deu sarampo, morreu moça ainda. Um chamava João Francisco e o outro chamava José.

Morei em fazenda, já morei ali no Goiás, perto da Babilônia.

Já ouviu falar do finado Jairão? Era daqui não, baita de um homão, cabelo sapecado, cor de fogo. Ele veio de lá corrido, ele chegou aqui só calçado com um par de bota. Ele falou: "Lá na minha terra eu só uso bota. Lá eu tenho terra, tem gado, uma lambreta, mas eu não posso ir lá". Saiu de lá corrido. A mãe dele toda vida mandava uns 600 conto pra ele. Bão de proza que só se vendo. Conversa alto e grosso, falava daqui escutava lá no praia. Esse homem pegava esse litro de 51, destampava, levava na boca e bebia tudo e não ficava nem vermelho, parecia que não tinha bebido nada. Mas foi embora nesse mundo, acho que já morreu. Ele tinha uma cachorra e ela não saía de perto dele. Ele tava corrido da polícia e foi esconder lá em cima, naquelas mangueiras, na saída pra Taquari, cavou um buraco, entrou dentro e botou um ramo por cima, aí deram parte dele, aí falaram: "Ele tem uma cachorrinha que não desgruda dele". Aí a polícia foi, procurando e avistou a cachorrinha e o ramo em cima do desbarrancado. Aí a cachorra começou a latir brabo contra os policiais, aí descobriram ele. Ele gritou: "Pode chegar, porque meu revólver não tem nenhuma bala, se tivesse eu derrubava vocês dois, pode chegar, tô sem bala". Chegaram e deram prisão pra ele. E ele se entregou:

"Eu me entrego, mas porque meu revólver não tem bala, se tivesse eu não me entregava não". Prenderam ele, passou um mês ele tava trabalhando de carcereiro, ajudando lá.

Uma vez eu peguei um arroz do meu cunhado pra bater, duas pilha de arroz, tudo garrucho preto. Reunimos a colheita, uma pilha de oito metros e outra de dez. Tinha muita batata e cana, nós dois batendo e ele apontou lá, caçando tatu. Conheceu a conversa e foi chegando, veio, desligou a lanterna. Ficou, ficou e aí de novo, viu a conversa alta, aí ele resolveu chegar, a barraca de bater arroz era grande. Ele posava dentro do mato. Deu mês no mato, comendo casca de pau. Ele falava: "Tem que saber viver". Aí ele falou que tinha chegado porque conheceu a voz minha, que eu falava alto, mas que se não fosse ele não chegava.

Minha mulher foi mãe de onze filhos, fora os que morreram. Estudei mas a tal de ideia é muito ruim. Aprendi a escrever meu nome, mas esqueci. Essa casa aqui foi meu filho de criação que fez, chama Vanderlei, tá morando em Rio Verde. De vez em quando eu tomo uma pinguinha, mas muito pouco. Eu fiz uma cirurgia de hérnia e nunca mais trabalhei.

Esse povo mais novo anda não acreditando mais nos velhos, a gente fala com eles, às vezes conta um causo, e eles não acredita. Ali mesmo mora um homem Joaquim Pixéca, bom de fazer rapadura, a gente conta os causo, acha que a gente tá conversando fiado, não acredita não. Hoje a gente conta pros filhos. Aquele tempo que era tempo bom, hoje tão tudo folgado, não sofreu, não sabe que que isso. Naquele tempo a gente colhia roça era com carro de boi. Hoje é tudo na máquina e ainda reclamam. Quem fazia carro de boi bom aqui era o Joaquim Piano.

Saudade eu tenho de trabalhar forte como antes, o que eu faço hoje é carpir algum quintal, mas começo e quando é de tarde tá tudo doído, mas também do tanto que eu trabalhei, derrubando roça, derrubando no machado, batendo invernada, carreando, amansando bicho brabo.